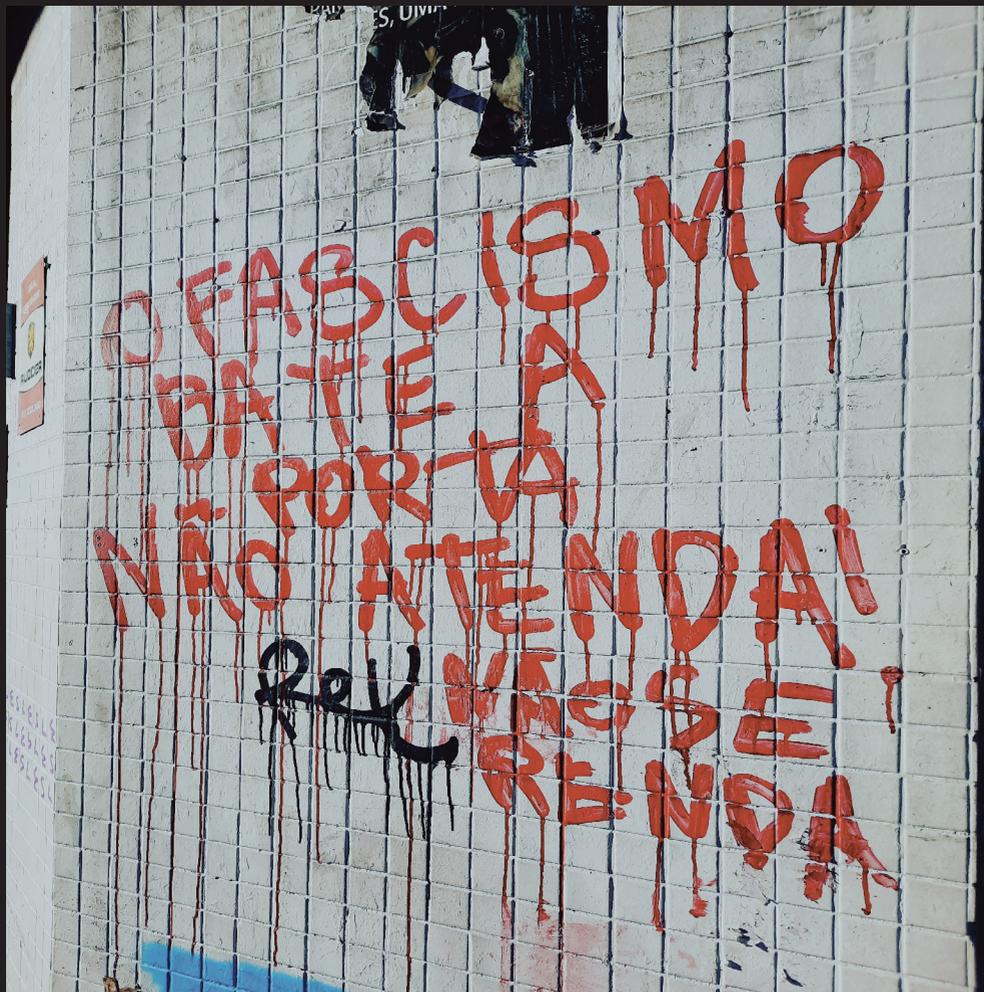


Fabio Dal Molin
(organizador)

INTERFACES



**As ciências sociais e os textos de
Sigmund Freud**

INTERFACES

**As ciências sociais e os
textos de Sigmund Freud**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe do Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

LUCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Campus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL



Fabio Dal Molin
(Organizador)

INTERFACES

As ciências sociais e os textos de Sigmund Freud



Rio Grande
2022

© Fabio Dal Molin

2022

Designer da capa: Fabio Dal Molin
Formatação da capa: Murilo Borges
Formatação e diagramação: Cinthia Pereira
Revisão ortográfica e linguística: Elizabeth Gama

Ficha catalográfica

I61 Interfaces: as Ciências Sociais e os textos de Sigmund Freud [Recurso Eletrônico] / Organizador Fabio Dal Molin. – Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2022.
298 p. : il.

Modo de acesso: <http://repositorio.furg.br>
ISBN 978-65-5754-146-3 (eletrônico)

1. Psicologia 2. Sociologia 3. Psicanálise I. Dal Molin, Fabio II. Título.

CDU 159.9

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

Este livro é dedicado a:
Tania Mara Galli Fonseca e Sérgio Antônio Carlos,
in memoriam

.....

AGRADECIMENTOS

A todos e todas que participam das intervenções do LEXPARTE, em especial aos que ajudam a compor esta obra radicalmente livre e democrática e a todos e todas que defendem a Universidade Pública em toda sua plenitude

.....

“Por baixo dessa máscara não há só
carne, há uma ideia. E ideias são à
prova de balas”
V. de Vingança, por Alan Moore

.....
SUMÁRIO

Apresentação	13
Fabio Dal Molin	
Lara Roberta Rodrigues Facioli	
Prefácio	23
Sander Machado	
1. A Bateria de Helena	26
Fabio Dal Molin	
1.1 Meu o(outro)	29
1.2 A massa	31
1.3 As fronteiras da conclusão	33
2. Liberdade de expressão, discurso religioso e mal-estar na cultura	35
Marcelo Alves Lima	
Mariana Salles Kehl	
3. (Des)aproximações entre Freud e o Marxismo	48
Isadora Garcia de Goes	
3.1 Afinal, é possível aproximar Freud e Marx?	58
4. A gramática do político e seu estatuto nas obras sociológicas de Sigmund Freud	64
Leonardo Roman Ultramari	
4.1 Notas de uma ausência	64
4.2 Sobre a fundação da cultura em Freud: o parricídio como um ato político	67

4.3 O político no encontro agonístico entre o sujeito e a cultura: o fenômeno da identificação	71
4.4 Considerações finais ou por que o político é (im)possível	74
5. Sobre as raízes do nazismo	78
Abrão Slavutzky	
6. Negação, angústia e confusão: o mal-estar da sociedade contemporânea influenciado por momento psíquico complexo	81
Valter Monteiro	
7. Freud e a Prisão do Hipercubo: diálogos multidimensionais	92
André Luis Corrêa da Silva	
7.1 Introdução ou a bricolage das múltiplas dimensões do hipercubo social	92
7.1.1 A dimensão para os diálogos com a cultura e a invisibilidade	96
7.1.2 A dimensão do pai primevo e o gozo individual e coletivo	99
<i>Anel De Giges (Fábio Brazza, 2017)</i>	
7.1.3 A dimensão para o anel de Giges e o gozo individual sem limites	108
7.1.4 A dimensão do terror cósmico: anti-gozo e mito lovecraftiano	116
7.1.5 A dimensão cyber e a quimera de Freud	122
7.1.6 Conclusão ou a ordem possível do mundo psicodélico	127
8. Cruzamentos de guerra: psicanálise e literatura	131
Wagner Coriolano de Abreu	
9. A vitória de Freud (textos sociológicos)	139
Vitória Fabia Garcia Alves	
Introdução	139
9.1 Considerações sobre a guerra e a morte	140

9.2 Psicologia das massas e a análise do eu	141
9.3 Futuro de uma ilusão	143
9.4 Mal-estar na cultura	145
Conclusão	146
10. O pluralismo psicanalítico é agonístico	148
Murilo Paiotti Dias	
10.1 Psicanálise ou pluralismo? Sim, por favor!	149
10.2 Psicanálise, democracias e pluralismo radical	150
10.3 Psicanálise, União Soviética e Marxismo	153
10.3.1 Psicanálise, nazismo e a política da apolítica	156
10.3.2 A herança freudiana no Pluralismo Agonístico de Chantal Mouffe	159
Conclusão	163
11. O mal-estar na graduação: Freud e Nietzsche	166
Benjamin Dias Pacce	
11.1 O mal-estar na civilização	166
11.2 Contribuição de Nietzsche	168
11.3 O Mal-Estar Na Graduação	169
12. Falas e papos sobre psicanálise	173
Leticia Lemos	
13. Negacionismo – a verdade não é importante	184
Vanessa Barbosa da Conceição	
13.1 Sobre a negação na psicanálise	184
13.2 Movimento Negacionista	186
13.2.1 Princípio do negacionismo no Brasil	187
13.2.2 Negacionismo no Brasil na atualidade	188
13.2.3 Reflexões sobre o negacionismo a partir do texto psicologia das massas e análise do eu	189
13.3 Alma Coletiva	190
13.3.1 Meio virtual como potencializador	191
13.4 A verdade não é importante	192

14. Fantasma – uma palavra no caminho	195
Laura Suzana de Souza Benites	
Marta Regina de Leão D'Agord	
14.1 Fantasma	196
14.1.1 Derivação	197
15. Mal-estar no cis-tema de gênero: transgeneridade e sofrimento em A garota dinamarquesa	204
Raquel dos Santos Moraes	
Lucas Zafalon Garcia	
15.1 A garota dinamarquesa entre a psicanálise e a Teoria Queer	204
15.1.1 Sexualidade e cultura em tensão: o paradigma freudiano	208
15.1.2 Da sexualidade fluida à sexualidade domesticada: crítica do cis-tema de gênero	213
15.2 Adentrando a análise do filme A garota dinamarquesa	219
15.2.1 A redescoberta de si: afirmando-se Lili Elbe	220
15.2.2 O confronto com o outro: reafirmando-se Lili Elbe ...	225
Considerações finais	229
16. Fenômeno Bolsonarista	233
Gloria Gean Santos da Silva	
17. Reminiscências do neoliberalismo no outro	236
Andrew Oliveira de Oliveira	
18. Violência justificada	251
Marcia Mendonça de Lima	
18.1 A angústia existencial	255
18.2 O Mito	256
18.3 Sábios são eles, os loucos!	258

19. “O caos reina” e o livro termina	261
Fabio Dal Molin	
Parte 1: O filme começa com culpa, pânico e desamparo	261
Parte 2: A posição do sujeito do desamparo e a onipotência do terapeuta	264
Parte 3: O Éden e o início de () encontro forçado com um falso e imaginário objeto	265
Parte 4: “As mulheres são a igreja de satã” e o terrível encontro com o objeto	267
Parte 5: O terror do clímax	268
Parte 6: E o texto termina	268
 20. Interfaces que não são moles	 271
Luís Carlos Petry	
Rudá Ricci	

.....

.....

APRESENTAÇÃO

Fabio Dal Molin*
Lara Roberta Rodrigues Facioli**

Mas, não será a ideologia também o processo inverso de não reparar na necessidade de aprendê-la erroneamente como uma contingência insignificante (desde o tratamento psicanalítico, no qual uma das principais formas de resistência do analisando é sua insistência em que seu sintomático ato falho verbal foi um mero lapso, sem nenhuma significação, até o campo da economia, no qual o procedimento ideológico por excelência consiste em reduzir a crise a uma ocorrência externa e, em última instância, contingente, deixando

* Psicólogo, Psicanalista (APPOA) Mestre em Psicologia Social, Doutor em Sociologia e Pós-doutorado Jr (CNPQ) em Educação pela UFRGS. Professor Associado da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), criador e coordenador do LEXPARTE (Laboratório de Extensão e Pesquisa em Psicanálise e Arte). Coordenador do projeto “As Interfaces entre a Psicanálise e as Ciências Sociais e a Psicanálise: os textos de Sigmund Freud” que dá origem a este livro. Fundador do coletivo de psicanalistas anarquistas Infameliars.

** Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Sociologia Digital (CNPq) e integro e Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR. Membro do LEXPARTE e coordenadora adjunta deste projeto.

assim de levar em conta a lógica inerente do sistema que a gerou)? (Zizek, 2010, p. 08)

A fundação da psicanálise guarda estreitos vínculos com as discussões acerca das relações sociais e da cultura, dado o fato de Freud ter percebido desde o início, e de maneira pioneira, que a moral repressiva de sua época levava os pacientes a produzir sintomas. O preço da civilização, nos termos do pensador, era a neurose. Após os horrores da primeira guerra mundial, Freud passou a pensar com mais profundidade as vicissitudes da agressividade, do ódio e da formação de massas, quando produziu a teoria das pulsões, da pulsão de morte e seus chamados textos sociológicos *A moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna; Considerações atuais sobre guerra e morte*, *“Totem e tabu”*, *“Psicologia das Massas e a análise do Eu; O mal-estar na cultura; O homem Moisés e a religião monoteísta*. Nesse período, Freud teve dificuldades financeiras causadas pela primeira guerra; a convocação para os campos de batalha de seus pacientes e amigos; livros queimados pelos nazistas; irmãos e irmãs levados a campos de concentração e por fim, foi condenado ao exílio na Inglaterra, até o final da vida. A famosa tópica, “id”, “ego” e “superego” representa instâncias conscientes e inconscientes em interface com o coletivo e com costumes impostos pelas regulações sociais. Na obra *A psicologia das Massas* (1920), Freud afirma que toda psicologia é uma psicologia social.

Isso posto, o projeto que dá origem a este livro, intitulado *Interfaces: as ciências sociais e os textos de Sigmund Freud*, surge da inquietação de seus coordenadores e dos anseios de um grupo de estudantes e pesquisadores em promover um estudo coletivo das obras do autor, de forma a estimular um diálogo frutífero entre as duas áreas de conhecimento: as Ciências Sociais, especificamente a Sociologia e a Antropologia, e a Psicanálise. Como contribuição para a psicanálise, a percepção aprofundada das relações sociais, do contexto político e econômico atual parece fundamental na composição dos aparatos psíquicos dos sujeitos. Já para as Ciências

Sociais, os mecanismos psicanalíticos apresentados para a composição do desejo, das emoções e da subjetividade não devem ficar de fora da crítica social reflexiva e do esforço de entendimento de fenômenos coletivos autoritários, violentos e fascistas.

O atual contexto em vivemos da sociedade brasileira, suas recentes transformações sociais, políticas e econômicas, que se localizam, fundamentalmente, na última década e se intensificam no contexto da epidemia da Covid 19, tem apontado, na esfera pública de discussão sobre os problemas nacionais, para uma centralidade de figuras do campo da psicanálise e da psicologia enquanto analistas sociais. Historicamente, as relações entre a Sociologia e a Psicanálise se estabelecem ora como aproximações e ora como afastamentos e, em pese as críticas ao repertório de compreensão do sujeito do arsenal epistemológico psicanalítico, a psicanálise aparece como um marco fundamental para a teoria social, de desestabilização da narrativa racional da modernidade e do sujeito moderno.

Além disso, a psicanálise segue se constituindo na qualidade de ferramenta analítica a ser mobilizada para compreensão da subjetividade, dos efeitos de processos de normalização e do advento e consolidação de governos e personalidades autoritárias e violentas. Trata-se, de nosso ponto de vista, de ferramenta da teoria social que, em diálogo com as Ciências Sociais e com a Sociologia, pode servir para a observação do contexto brasileiro recente, principalmente, de um campo político que se assemelha, em larga medida ao fascismo, caracterizado pelo que Hannah Arendt chamou de banalidade do mal (1958).

No campo da teoria social, a força da psicanálise como um dos descentramentos do sujeito, que coloca em xeque o projeto de racionalidade ocidental, é apontada por autores como Stuart Hall, em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2003). O advento do inconsciente em Freud e seu desdobramento na teoria lacaniana evidencia que diferentemente da perspectiva do sujeito cartesiano, positivista e racional, o sujeito descentrado é aquele que não domina

suas ações ou seus pensamentos pela consciência. Ou seja, trata-se do sujeito que se apresenta cindido, dividido por um sentimento de falta, de desejo, de gozo e que se constitui e se fragiliza na relação com sua alteridade. Este outro (ou Grande Outro) da cultura representa, em tais condições, a situação formadora e desafiadora que, continuamente, interpela o sujeito acerca de suas vontades, ações e de seu desejo.

Nesse sentido, este projeto, coordenado pelos professores Fabio Dal Molin e Lara Facioli, ambos docentes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), respectivamente das áreas de Psicologia e Sociologia, teve como objetivo realizar um diálogo possível entre os campos de conhecimento psicanalítico e da teoria social, principalmente, da Sociologia, de forma a compreender, em que tais campos se intersectam na compreensão dos processos históricos e também do contexto em que vivemos.

Partindo das chamadas obras sociais freudianas – *Totem e tabu* (1913); *A psicologia das massas e a análise do eu* (1921); *O futuro de uma ilusão* (1927); *O mal-estar na cultura* (1930) e *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939) – e de alguns de seus desdobramentos no campo do pensamento psicanalítico, bem como em meio à teoria social que o sucede, intentamos produzir uma interface entre a Psicanálise e as ciências sociais.

Trata-se um pontapé inicial de leituras psicanalíticas que culminaram, tanto numa abordagem de teorias contemporâneas, quanto na compreensão do fenômeno recente de visibilidade dos conhecimentos *psis* e psicanalíticos como ferramentas de compreensão da realidade brasileira.

Aspectos de uma interface possível

Em 1956, um dos maiores representantes do pensamento social brasileiro, Florestan Fernandes, proferiu uma palestra em comemoração ao centenário de Sigmund Freud, em evento promovido pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Em sua fala, o sociólogo buscou estabelecer

algumas aproximações entre a Psicanálise e a Sociologia, fundamentalmente, no sentido de apontar as contribuições da teoria freudiana para o pensamento sociológico, no que toca à forma como a organização social propicia a construção da personalidade e a identificação dos indivíduos com coletivos e instituições. Nas palavras de Florestan:

Na cura de moléstias mentais, o psicanalista enfrenta, de fato, uma situação muito parecida com a do sociólogo que se defronte com problemas práticos: trata-se de introduzir alterações em um sistema estrutural e funcionalmente organizado, submetido a padrões próprios de equilíbrio dinâmico, de modo a pôr em atividade construtiva certas potencialidades de poder “adaptativo” conhecido. (FERNANDES, 1956, p. 130.)

Da mesma forma, as vinculações entre psicanálise e marxismo, se constroem já na primeira metade do século XX em meio aos questionamentos da teoria social ao economicismo do pensamento de Karl Marx a respeito da consolidação do sistema capitalista e de processos exploratórios. As questões caminhavam no sentido de buscar compreender se não haveria um aspecto afetivo dos processos exploratórios, para além de uma dominação em termos materiais e econômicos. Dessa forma, o conceito de alienação ganha força também entre psicanalistas, pois abriria a chave de indagação sobre os afetos e a esfera da cultura. A pergunta que se buscava responder, em larga medida, é como ocorre esta suposta complacência por parte dos oprimidos em relação aos próprios processos de opressão.

Como representantes significativos desse momento epistemológico que relaciona o marxismo com a psicanálise, temos autores da Escola De Frankfurt, dentre eles, as figuras de Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse, sendo o Freudismo o eixo central constituinte, que permite a teoria crítica construir seu arcabouço teórico para compreensão da realidade.

Na segunda metade do século XX, o desenvolvimento das teorias pós-estruturalistas, dos chamados saberes subalternos ou da sociologia e da filosofia da diferença abarcam a psicanálise como eixo fundamental de compreensão da construção das identidades, de processos de identificação e das relações sociais. Tal fato aloca, de forma enfática, o campo da psicanálise como aquele a que se refere parte significativa da teoria social do século XX, na construção de seus arcabouços de análise.

Como parte dos estudos decoloniais temos a figura central do Psiquiatra Frantz Fanon analisando, em suas obras *Pele Negra, Máscaras Brancas* e *Os condenados da Terra* os efeitos psíquicos dos processos de colonização, que se convertem em doenças emocionais e também motoras.

Ainda no campo dos estudos da diferença, temos a forte influência da psicanálise para a Teoria Queer e os estudos de Gênero. Apesar da crítica que autoras como Gayle Rubin e Judith Butler tecem às obras de Freud e também de Lacan, é importante reforçar a relevância da psicanálise como chave analítica daquele contexto para refletir sobre a constituição das identidades de gênero e sobre a sexualidade, em oposição, por exemplo, a sexologia, proposta hegemônica de entendimento da sexualidade em finais do XIX e início do século XX.

Como aponta autores como Richard Miskolci, ao mapear o campo da teoria queer e colocar a psicanálise como eixo fundamental de diálogo e influência:

Em contraste com a sexologia de seu tempo, Sigmund Freud criou a Psicanálise com uma proposta de compreensão universalizante da sexualidade baseada na mobilidade multiforme do desejo sexual e na bissexualidade como potencial em qualquer pessoa. Este argumento antiminorizante, no entanto, só se tornou palatável ao ser articulado a uma teoria que via no interesse por indivíduos do mesmo sexo apenas uma fase no caminho para a vida adulta, compreendida como sinônimo de heterossexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 166)

Em que pese as críticas, Freud não parecia preocupado, ao contrário dos sexólogos da época, em classificar, caracterizar nem julgar “perversos” ou “invertidos”, pois seu foco era o custo psíquico (neurose) cobrado pela “normalidade sexual” e pelos processos civilizatórios (RUBIN, 2003, p. 183).

No mesmo solo de produção da segunda metade do século XX, das chamadas teorias pós-estruturalistas, situamos como iniciativa de compreensão da sociedade, num viés psicológico e social que busca abarcar a subjetividade e as chamadas máquinas desejantes produzidas pelo sistema capitalista, as teorias de Deleuze e Guattari. Os autores constroem o que será, possivelmente, a crítica mais enfática, direcionada ao pensamento psicanalítico, principalmente, freudiano e lacaniano, por meio da obra, *O anti-Édipo – capitalismo e esquizofrenia*. Em linhas gerais, como argumento central da crítica, os autores apontam que o complexo de Édipo, mais do que explicar o desejo e a fundação do sujeito, pode ser entendido como parte de um mecanismo de captura das subjetividades. Ao vincular o desejo com a família edípica, a psicanálise naturalizaria como ponto de partida do desejo, aquilo que precisa ser desmontado para deixar de ser entendido como falta e sim como potência de acontecer, o complexo de Édipo.

Mesmo que essa breve recuperação de caráter teórico sobre o peso da psicanálise para as discussões da teoria social, percebemos, nos últimos anos, no contexto brasileiro, o avanço tanto de figuras do campo da psicanálise dedicadas à compreensão do contexto social e político vivenciado por nós. O surgimento da epidemia da COVID 19, no ano de 2020, intensificou uma série de discursos a respeito da necessidade de refletirmos sobre saúde mental, sobre o isolamento, sobre a relação com o vírus e também sobre a presença intensa das tecnologias digitais em nosso cotidiano.

Figuras como Maria Rita Kehl, Maria Homem, Vladimir Safatle, Christian Dunker, Suely Rolnik se construíram, por meio da mobilização do arsenal psicanalítico, no cenário público e mesmo político conforme referências da discussão

sobre os efeitos do contexto atual em nossa subjetividade. Soma-se a isso, uma série de novas páginas criadas nas redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, que tem como objetivo refletir, por meio de imagens, memes, vídeos e textos, sobre subjetividades, afetos, desejo, saúde mental.

Dessa forma, tanto a psicanálise quanto a própria psicologia têm sido colocadas, nos últimos anos, na qualidade de ferramentas fundamentais na compreensão do contexto em que vivemos, processo que se intensifica com o avanço da epidemia e com as transformações subjetivas trazidas por meio da consolidação dos usos das tecnologias digitais.

É em meio a essa necessidade de estimular reflexões sobre o momento em que vivemos, compreendendo a relação histórica entre esses dois campos de conhecimento (Psicologia e Sociologia ou Psicanálise e Sociologia), que nos propusemos a nos debruçar sobre a obra de Freud. Exatamente por compreendê-la no seu limiar entre uma análise Sociológica e Psicanalítica da realidade social.

Por meio das leituras dessas obras de Freud, podemos jogar luz a ideia de que nossas ações e comportamentos não obedecem a razão ou a consciência e compõem, da mesma forma, um cenário cultural, social e civilizacional que pode incorrer, quando nos interpelam, em sintomas, mal-estares e conflitos. Freud nos ajuda a refletir sobre a ascensão do fascismo e do autoritarismo em nós, sobre o fenômeno autoritário e genocida que figura em nosso contexto político e que encontra eco em hordas coletivas que se expressam via redes sociais; auxilia-nos a pensar também sobre os efeitos que o mundo conectado tem sobre nossa construção subjetiva e como fenômenos psíquicos e sociais constroem e podem destruir processos democráticos.

Este livro é resultado do semestre de leituras e discussões em um projeto de extensão que contou com a participação de cerca de 50 estudantes e pesquisadores de diversas regiões do país. Todos os textos abordam as obras de Freud em sua interface com o campo da própria psicanálise, com as Ciências Sociais, as Artes, a Literatura, para mencionar

alguns exemplos da diversidade temática que compõem a publicação. Da mesma forma, é importante mencionar a heterogeneidade formativa dos autores aqui reunidos, tanto no que diz respeito às suas áreas de atuação, quanto no que toca ao nível educacional. Os ensaios publicados foram escritos por doutores, mestres, graduados ou graduandos e estudantes do ensino médio. O projeto foi realizado na plataforma zoom e transmitido e gravado pelo canal LEXPARTELab no Youtube¹.

Consideramos que o livro é um convite à reflexão acerca das obras de Freud e a como o autor disponibiliza ferramentas para refletirmos sobre o mundo social e o contexto em que estamos inseridos. Esperamos que a leitura estimule a pensarmos esta interface, entre Ciências Sociais e Psicanálise, como centro de resistências e rupturas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREUD, Sigmund **Totem e tabu** (1913) Porto Alegre, L&PM, 2013
- _____. *A psicologia das massas e a análise do eu* (1921) Porto Alegre, L&PM, 2013
- _____. **O futuro de uma ilusão** (1927) Porto Alegre, L&PM, 2010
- _____. **O mal-estar na cultura** (1930) Porto Alegre, L&PM, 2015
- _____. **O homem Moisés e a religião monoteísta** (1939) Porto Alegre, L&PM, 2014
- _____. **Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte, Autêntica, 2019
- FERNANDES, Florestan. **Psicanálise e sociologia**. Revista de Antropologia, p. 129-142, 1956.
- FANON, Frantz **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008
- ROUDINESCO, Elizabeth **Freud, uma vida para nosso tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2016
- RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo**. In: Políticas do Sexo. São Paulo: Editora Ubu, 2018.

¹ Os leitores e leitoras podem acompanhar os encontros pela playlist https://youtube.com/playlist?list=PLidjUcl7A5nLGB8AHhc1ZReCTjFpxw65_

SAFATLE, Vladimir **Maneiras de transformar mundos**: Lacan, política e emancipação. -- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ZIZEK, Slavoj **Um mapa da ideologia** Rio de Janeiro, Contraponto, 1996

_____. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo, Boitempo, 2010

Insira o Título da parte (Estilo: Cabeçalho 1)

.....

.....

PREFÁCIO

Essas *Interfaces*, de fato, possuem muitas caras e foram escritas por muitas mãos. Inclusive, o recorte em ciências *sociais e psicanálise* – pela via dos textos freudianos – é, por vezes, amarrado por meio das artes e da filosofia. Deparamo-nos, até mesmo, com textos que transitam entre ficção e ciência ou, melhor dizendo, formam uma espécie de ficção científica, ao pé da letra. Vale lembrar que, com Lacan, a verdade possui estrutura de ficção.

A diversidade, como indicado, é a marca crucial deste livro, tanto no que se refere aos temas quanto aos estilos que, de forma um tanto vertiginosa, abrem muitas janelas e provocam um descentramento insistente no leitor. A este respeito, de imediato, vem ao espírito o filme de Hitchcock, *Vertigo*. Sua tradução para nossa língua portuguesa, *Um corpo que cai*, entrega algo para além de um *spoiler*. Estabelece uma relação precisa entre vertigem e queda. Na vertigem das páginas que se seguem, também há algo que cai, mas de forma antecipada. Despenca de seu lugar certo discurso acadêmico em sua relação com o saber. O sintoma imediato dessa queda, no nível dessa produção, é o fato de que os textos, em sua maioria, são escritos de modo ensaístico.

Mais ainda, ensaios nos quais é preciso realmente entregar algo. A autoria é coisa séria na medida em que exige uma tomada de posição. Em outras palavras, o curso de extensão, do qual derivou este livro, convoca seus participantes a assumirem a palavra ativa pela via dos debates e da escrita. Essa última, presta contas ao público do trabalho ali realizado, isto é, no espaço da universidade pública.

Portanto, não se trata apenas daquilo que se recebeu por meio de um curso de extensão, mas de apresentar efetivamente um trabalho. Isso, infelizmente, não é a regra do jogo, seja nas instituições psicanalíticas, seja nas universitárias.

Outro traço fundamental desse livro é o trabalho coletivo. Toda compilação, em alguma medida, possui esse caráter. Contudo, livros de psicanálise (mesmo que em suas interfaces com os mais diversos campos) costumam ser escritos por aqueles que já passaram por certos rituais iniciáticos das tribos psicanalíticas, pois o meio não costuma suportar algo diverso disso. Este livro explode com essa tradição. Melhor, é um livro que profana certas tradições. Profanar é retirar dos céus e trazer ao uso comum, ao público.

Aquilo que o meio não costuma suportar, nosso generoso professor e psicanalista, Dr. Fabio Dal Molin, não só suporta, mas é o suporte, cria suportes, dá voz. Esse curso de extensão realizado online proporcionou a circulação de ideias e não do vírus nesse período crítico para educação, particularmente, no cenário da atual distopia brasileira.

Relançar a psicanálise nos debates sociais em nossa contemporaneidade não é um gesto qualquer. É um gesto amoroso. Além de ético e político, evidentemente. Ou ainda, é colocar-se para sonhar (este já um outro projeto do professor, Dr. Fabio).

Nesses tempos distópicos, o livro *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, está presente em meus pensamentos com frequência. Trata-se de um livro sobre a função dos livros no laço social. Em razão daquilo que podem produzir (ideias), os livros estão proibidos e o corpo de bombeiros, de modo irônico, tornou-se uma espécie de polícia responsável por localizar e incinerar os livros. Em resposta, um grupo de resistência decora as narrativas para mantê-las vivas. Os sujeitos se tornam, eles próprios, livros.

Essa lembrança de *Fahrenheit 451* me colocou a seguinte pergunta: um livro em PDF pode ser queimado? Deletado? A possibilidade de circulação e de insistência desse formato, não por acaso, ressoa como uma escolha interessante,

em diferentes níveis, no momento atual. O principal, suas possibilidades de distribuição.

Além disso, um dos motivos pelos quais esse livro também merece ser lido é por sua coragem, visto que “dá nome aos bois” e ao seu coletivo. Cada autor diz aquilo que tinha para dizer, sem muitos rodeios, concordemos ou não com eles. Portanto, é um livro que não sofre de covardia moral e isso lhe dá um raro frescor.

Não irei comentar aqui cada um dos textos, penso que não é essa a função de um prefácio e isto estaria para além da economia dessas poucas linhas. Contudo, meu desejo seria o de poder debater de perto com os autores, astronautas, seja para levantar algumas críticas, comentar os efeitos da leitura despertados ou compartilhar minha admiração por certas articulações surpreendentes.

Para finalizar, para que o leitor possa ir direto ao que interessa, concluo dizendo que não se trata de um livro revolucionário. Não é inédito em seu escopo, nem em sua forma. Também não o é no sentido em que é bom que não o seja: por vezes, a revolução se revira em voltas, volta ao mesmo lugar. Isto porque gira em torno de um centro, sua trilha é de circunvolução. A subversão, por sua vez, é aquilo que faz cair um centro. Vertigem, queda.

Sander Machado

Porto Alegre, 30.07.21

.....

.....

1. A BATERIA DE HELENA

Fabio Dal Molin*

O ser-humano tornou-se uma espécie de Deus-protético, por assim dizer, verdadeiramente grandioso, quando emprega todos os seus órgãos auxiliares, mas estes não cresceram com ele e, ocasionalmente, ainda lhe dão muito trabalho. (FREUD, 2010 p. 340).

Helena cancelou sua consulta de domingo ao meio-dia por compromissos assumidos de última hora em seu trabalho (ela é garçõete em um restaurante de um centro comercial de alta circulação).

Na terça-feira, enviou-me uma mensagem no *Whatsapp*, pedindo um novo horário ainda naquela semana, e a encaixei na quinta, 17h. Eu a acolhi através de um projeto de extensão da Universidade e sua demanda inicial foi pela morte do pai, que ocorrera quatro dias antes de começarmos nossas sessões. Helena costuma falar com os olhos marejados de lágrimas, sofre de muita angústia, foi diagnosticada com depressão, gasta

* Psicólogo, Psicanalista (APPOA) Mestre em Psicologia Social, Doutor em Sociologia e Pós-doutorado Jr (CNPQ) em Educação pela UFRGS. Professor Associado da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), criador e coordenador do LEXPARTE (Laboratório de Extensão e Pesquisa em Psicanálise e Arte). Coordenador do projeto "As Interfaces entre a Psicanálise e as Ciências Sociais e a Psicanálise: os textos de Sigmund Freud" que dá origem a este livro. Fundador do coletivo de psicanalistas anarquistas Infameliarees.

parte considerável do seu minguado salário com 3 ou 4 medicações e enfrenta muitos problemas com a família e especialmente com o trabalho. Naquela quinta-feira sombria, Helena chorou tanto que seu piercing rompeu um vaso do nariz e o sangue misturou-se às suas lágrimas abundantes. No meio da sessão, que aconteceu por chamada de vídeo do *Whatsapp*, eu recebi uma mensagem que dizia “o *xphone* de Helena está com a bateria fraca e a chamada pode ser interrompida a qualquer momento”. Algo de estranhamente familiar (*unheimlich*) me assaltou, e de imediato pensei, num lampejo chistoso, que Freud, em algum lugar do *Mal estar na Cultura* (2010) sublinha que a energia psíquica não dispõe uma fonte inesgotável, como as baterias dos smartphones, cujo componente químico principal é o Lítio, o mesmo elemento químico presente em um dos fármacos prescritos para Helena que, naquele dia, dava sinais claros de esgotamento mental nas suas relações de trabalho e havia obtido um atestado médico que a permitia ficar em casa por 14 dias, negociando com sua chefe imaginária e comigo o uso de tal documento. Estamos no Brasil de 2022, a legislação trabalhista precariza a intermitência e a precarização, e Helena circula por empregos sem carteira assinada, ou seja, sem direito a férias, o atestado médico é seu único resguardo de um repouso sem riscos de demissão.

Neste ano de pandemia, com atendimentos sendo realizados através de *smartphones*, não é incomum que surjam ligações telefônicas ou notificações de aplicativos, mas nenhuma ainda havia me provocado esta sensação incômoda, infamiliar, estranhamente familiar, que trouxe para o campo da revelação a complexidade inerente aos atendimentos online, que é sua natureza metapsicológica.

Freud inventou a clínica psicanalítica a partir da máquina-corpo das histéricas, que engendrou um sistema de prazer e desprazer bipartido entre uma máquina consciente e relacional e um sistema operacional oculto, o inconsciente.

Como explica o “Projeto de uma psicologia para neurologistas”, um texto de interface entre a neurociência e a psicologia, nosso aparelho psíquico se compõe de um mundo

“interno” e um “mundo externo” em uma brutal dialética entre energias destruidoras, prazerosas e protetoras; neurônios que excitam e absorvem energia e engendram um “eu” que resiste. O sintoma é uma estratégia que o “eu” negocia para escapar à aniquilação, a terrível sensação de estrangulamento; Das terapias elétricas, térmicas, psicossomáticas até a hipnose, o Freud médico ainda guardava relações estreitas com o corpo cadavérico, até que a escuta de seus pacientes o vai conduzindo por vias tortuosas pelos sonhos, os atos falhos, os chistes, os *sinthomas*.

A primeira ideia relativa ao sintoma histérico dizia respeito ao gânglio, ao relé, ao *no break*. O aparelho psíquico é um órgão protético invisível, e Freud vai situar as pulsões justamente nessa interface, nem corpo nem alma, nem dentro nem fora.

Ao retornarmos ao caso que aconteceu na sessão com Helena, verificamos: o *drive* (expressão que guarda sentidos na psicanálise e na informática) do seu aparelho detectou o nível baixo da carga da bateria e, ao “saber” da chamada, automaticamente, informou o interlocutor da possibilidade de sua interrupção. É óbvio que o *software* já avisa automaticamente ao usuário a situação da carga. O curioso aqui é que ele comunica tal situação a quem está do outro lado da linha, provavelmente sem o proprietário saber.

Os aparelhos celulares, como os computadores, possuem componentes físicos, que chamamos *hardware*, e virtuais, que chamamos *software*. Entre os componentes físicos estão placas de silício, telas de vidro ou cristal, condutores de platina ou paládio, baterias de Lítio, a energia elétrica que circula por eles e produz ondas eletromagnéticas e calor, os cabos elétricos e de sinal de internet, satélites, antenas, ondas de *wi-fi*. Entre os aparatos físicos e invisíveis e o usuário está o que chamamos de interface amigável, ou seja, a tela, o som e o teclado, e um imenso complexo de linguagens matemáticas, códigos de programação lógicos e infra lógicos, sistemas operacionais, na sua grande maioria invisíveis, intangível. Nos dias de hoje, os mecanismos lógicos e infra lógicos

são quase que completamente automáticos e determinam quase todos nossos modos de interação sem termos noção exata de como isso opera e com um nível de personalização consciente limitado. Não temos aqui mais uma gota no oceano das definições de inconsciente?

1.1 Meu (o)outro

Perdi meu aparelho celular na rua durante um traslado de bicicleta até minha academia, algo que causou grande mal-estar, afinal, de pronto percebi que boa parte de minha vida social e econômica está naquele pequeno objeto: aplicativos de compra de roupas, eletrodomésticos e livros, conta bancária, redes sociais, e-mail e, principalmente, *Whatsapp*. Antes da pandemia toda minha prática era presencial e estava localizada na clínica escola da FURG. Com minha mudança para Santo Antônio da Patrulha eu planejei obter uma nova clientela em Porto Alegre. Mesmo nos dias atuais eu jamais imaginaria atender virtualmente, então encaminhei todos meus pacientes. Veio a pandemia e, subitamente, fui atingido pela sensação de desamparo: meu analista telefonou, dizendo que não atenderia mais presencialmente e eu estava sem pacientes, em isolamento, com as aulas na Universidade também paralisadas.

Relutei seis meses para reiniciar minha análise e outros três até os primeiros analisantes serem encaminhados ou me procurarem. Aquilo que minha antecipação neurótica temia não se realizou, o processo de transição ao chamado “virtual” foi tranquilo e natural. Hoje metade de minha clientela não está em Porto Alegre, inclusive um de meus pacientes está na Alemanha e outro, cuja profissão demanda viagens, cada semana habita em uma cidade diferente. Todos ocupam o mesmo aplicativo. Após constatar a perda de meu, minha primeira reação ao chegar em casa foi abrir meu notebook e trocar todas as minhas senhas dos aplicativos de compras, enquanto planejava imediatamente adquirir um novo aparelho e ir em busca dos contatos perdidos. Em um golpe de intuição digitei no Google “localizar celular” e ele me conduziu a um link

onde, usando minha senha, pude localizar o aparelho em uma tela que dizia sua marca, o mapa das proximidades de onde eu o havia perdido, seu nível de bateria e uma série de opções de controle à distância onde eu podia trocar o código de acesso, fazê-lo tocar e apagar informações.

A sensação de infamiliaridade veio intensa, afinal, lembrei que já havia recebido um e-mail com um relatório do *Google maps* de todos os lugares onde tinha passado ao longo de um ano, e a tela agora mostrava um circuito com minha residência, academia, supermercado, restaurante, levando à exata localização de meu aparelho, que havia se deslocado na direção oposta de onde eu o usara pela última vez. Alguém o havia achado na rua e provavelmente ele não me seria devolvido. Subi na bicicleta e fui correndo à loja mais próxima para adquirir um novo, já pensando em como recuperar novamente minha agenda. Novamente a infamiliaridade quase me congelou: ao ligar meu celular novo e configurar a conta do *Google* com senha, em poucos minutos aconteceu o milagre: meu antigo aparelho desceu da nuvem em sua total integralidade. Recuperei meus aplicativos, mensagens, preferências, contatos, fotos, até mesmo minha tela de fundo. Era a metempsicose, ou transmissão da alma, que os romanos chamavam de *anima* porque dá ânimo à carcaça física, que é oriunda das mariposas que saiam da boca de cadáveres, chamadas de *Psiché* pelo povo mediterrâneo que hoje chamamos “gregos”.

Na imaginação grega, aquela criatura viva que falava, ria, se emocionava, sofria, e, após morrer, perdia tudo isso e esse “tudo isso” ganharia status de uma entidade etérea invisível e intangível, mas guardaria a substância de seu ser vivente. Nossos aparelhos celulares, sem seus sistemas operacionais e aplicativos, não apenas guardam as assinaturas de nossas interações, mas também interagem a partir desses padrões mesmo quando não os estamos comandando. O inconsciente é linguagem, e a linguagem é binária, como 0-1, ou os pólos negativo e positivo de uma bateria de Lítio (cujo sal derivado equilibra a BIPOLARIDADE).

Enquanto eu atendia Helena, e ela me falava de suas angústias, dores e dissabores, nossos aparelhos e seus aplicativos provavelmente registravam uma assinatura algorítmica de nossas sessões, de nosso vínculo transferencial. Ali acontecia uma análise no mundo especular, um esquema ótico algorítmico, tanto que meu telefone avisou que o dela estava ficando esgotado, quando era disso que ela estava me falando.

1.2 A massa

Ainda pensando nas interfaces entre aparelhos, fui assaltado por uma nova sensação de infamiliaridade oriunda da frase emblemática de Freud logo no início da sua “Psicologia das massas” “a psicologia individual” é também uma psicologia social” (2010, p. 35). Penso que ele desenvolve esse raciocínio ao longo de *O mal-estar na cultura* (2015), quando faz a diferença entre o mundo externo e o supereu, sendo este último uma espécie de avatar da lei social, um simulacro dela em nós, uma espécie de interface entre o aparelho psíquico e a sociedade. Ora, nesse processo de escutar uma pessoa por mensagem de voz ou de vídeo, nossas falas e nossa imagem primeiro são convertidas em sinais eletromagnéticos, codificadas em um *software*, e diluídas em uma longa rede de servidores, cabos, satélites em uma floresta de algoritmos. Nosso “eu digital” se dissolve em um oceano cibernético para novamente ser agrupado no ato da fala. Nessa posição de conexão estamos inevitavelmente fundidos a um coletivo.

Atualmente, o mundo comporta 6 bilhões de pessoas, usando algum serviço conectado à internet, e, até 2023, seremos 7 bilhões. Pois os dados não identificados dessas redes (mapas e fluxos de postagens) imagens de câmeras de vigilância, GPS, buscas em plataformas como *Google*, *Amazon*, *Instagram*, lojas virtuais etc. alimentam gigantescos bancos de dados e são transformados em capital e gerenciados por inteligência artificial.

O Brasil é o segundo país do planeta em tempo de conexão, em uma média de nove horas por dia por habitante,

sendo que 133 milhões de brasileiros seguem perfis políticos nas redes sociais.

Freud escreveu *O futuro de uma ilusão* (2010) como uma espécie de diálogo imaginário com seu interlocutor Oscar Pfizer, que logo em seguida o respondeu, em sua obra subsequente, o icônico *Mal-Estar na Cultura* (2015) Freud faz a tréplica em quase todo o livro, a partir do que Pfizer chamou de “sentimento oceânico”, partilhado por todas as pessoas vinculadas à religião, uma espécie de mente coletiva, solidária e empática. Freud, que havia comparado a religião a sua teoria das massas e ao hipnotismo, reage com estranheza a tal formulação. Afinal, a psicanálise foi criada justamente dando conta da complexidade do aparelho psíquico para além da classificação nosográfica e brotou da idiosincrasia das pulsões agressivas e libidinais, do “eu” cujos limites não são bem delimitados:

Esse Eu aparece para nós como autônomo, unitário, bem-posicionado em relação a todo o resto. Que essa aparência seja um engodo, que o Eu, pelo contrário, sem fronteira nítida, tenha continuidade para dentro em uma entidade anímica inconsciente que chamamos de Isso, ao qual, por assim dizer, serve de fachada, isso foi o que somente nos foi ensinado pela investigação psicanalítica, que nos deve ainda muitas informações sobre a relação do Eu com o Isso. Mas, ao menos para fora, o Eu parece manter linhas de fronteira claras e nítidas. Apenas em um estado, na verdade, em um estado extraordinário, que, no entanto, não podemos condenar como doentio, isso é diferente. No auge do enamoramento, a fronteira entre o Eu e o objeto ameaça se sobrepor (FREUD, 2015, p. 58).

No mundo dos algoritmos nosso “eu” aparece aos outros como uma imagem de perfil com nosso nome, nossas fotos,

referências e nosso modo de agir, que, da mesma forma que Freud imaginava do pensamento inconsciente, opera nas 24 horas do dia mesmo quando não estamos conscientemente conectados aos aparelhos físicos. Além disso, não temos acesso direto ou livre a quase nada que constitui nosso avatar: padrões de *layout*, regras de compartilhamento e visibilização, exibição de publicidade ou sequer quais de nossos amigos leem o que escrevemos. Na internet, as fronteiras do eu virtual não são bem delimitadas.

1.3 As fronteiras da conclusão

Afinal, posso concluir nossa rede de inquietações cibernéticas e algorítmicas com o aforismo lacaniano mais famoso (ou um deles): o inconsciente está estruturado como uma linguagem, podendo ser pensada como a linguagem de programação, como Lacan anuncia no “Seminário livro 2: o eu na técnica de Freud e na clínica psicanalítica” (2010). O que é o inconsciente se não a linguagem por trás da fala e da língua? O que é o sujeito senão um significante para outro significante? A provocação aqui é que uma análise “à distância” é atravessada por selvas algorítmicas, que são nada além de linguagem de máquina, e a maior parte de nossas ações está para além da visão da tela.

Quando entramos em uma situação psicanalítica de transferência algo semelhante acontece, também em um mundo virtual de codificações linguísticas, daquilo que falamos e que também fala por nós. Conforme o reclame da bateria de Helena, a demanda de análise brota naquilo que nos faz analistas: a teoria psicanalítica e como ela entra embaixo de nossa pele, aquilo que antecede nossa vida, de nossos pacientes e nosso encontro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e a análise do eu**: Porto Alegre, L&PM, 2013

_____. **O futuro de uma ilusão**: Porto Alegre, L&PM, 2010

_____. **O mal-estar na cultura:** Porto Alegre, L&PM, 2010

_____. **Projeto para uma Psicologia Científica.** In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. I.* Rio de Janeiro, Imago, 1996

LACAN, Jacques O seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica: Rio de Janeiro, Zahar, 2010

.....

.....

2. LIBERDADE DE EXPRESSÃO, DISCURSO RELIGIOSO E MAL-ESTAR NA CULTURA

Marcelo Alves Lima*
Mariana Salles Kehl**

Em maio de 2012, na cidade do Rio de Janeiro, milhares de pessoas participaram do evento designado como “Marcha para Jesus”. Na cobertura realizada pelo principal telejornal do país, em horário nobre, ao pastor responsável pela realização do evento é franqueado espaço de destaque, ainda que breve. Não se fala de Jesus, não se fala da marcha propriamente. Seu discurso limita-se a afirmar que: “a liberdade de expressão e a liberdade religiosa são cláusulas fundamentais da Constituição Brasileira”¹. Em outra edição desse mesmo evento, que teve lugar um ano antes na cidade de São Paulo, o mesmo pastor criticou duramente a decisão do Superior Tribunal Federal (STF) relativa ao entendimento desta corte no que se referia à “Marcha da Maconha”, realizada em várias cidades e cuja proposta

* Antropólogo; graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Especialista em envelhecimento e Saúde do Idoso pela Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ e doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Psicanalista; Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Eberhard Karls Universität Tübingen; Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Universidad Autónoma de Madrid; Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-Rio e Visiting Research Fellow na Brown University e Humboldt-Universität zu Berlin.

¹ Cf. Jornal Nacional, edição de 19 de maio de 2012.

era publicizar a discussão sobre a descriminalização das drogas, de que esta estaria protegida pelo direito à liberdade de expressão. Sobre essa decisão, vociferou em meio a ovação do público: *"Amanhã se alguém quiser fazer marcha em favor da pedofilia, vai poder! Em favor do crack, em favor da cocaína, vai poder! E nós, como povo de Deus, e igreja, dizemos não!"*²

Quase dez anos depois, o que se vê não são marchas a favor da pedofilia ou do crack, mas reencontramos esse mesmo personagem, agora, aliado às lideranças que estão no poder – articulando diferentes declarações na imprensa, nas mídias sociais e em eventos políticos – ainda em nome do povo de Deus e da Igreja. Durante as manifestações do dia 7 de setembro de 2021, por exemplo, disse, referindo-se ao STF e ao ministro Alexandre de Moraes, em especial:

A liberdade de expressão que o senhor Alexandre de Moraes está impedindo a augusta liberdade de expressão, mas ele está privado da liberdade pessoal, ele não pode mais andar nas ruas, ele não tem como se locomover. Anota aí: não me pergunte quando e nem me pergunte como, mas Deus vai derrubar essa gente³.

O fato de que líderes religiosos direcionem seu discurso de cunho teológico para o campo dos direitos e liberdades – amalgamando narrativas de uma “angústia cosmológica”, isto é, um prenúncio de perigo associado ao medo generalizado de uma suposta degradação do mundo que se seguiria à degradação moral do homem – a uma “angústia cívica”, medo da degradação da pureza moral, das leis e seus agentes, não é novo. Muito já se discutiu e, certamente, ainda há o que se debater – principalmente naquilo que concerne à laicidade estatal.

² Cf. reportagem de Ricardo Galhardo, publicado pelo portal iG em 23-06-2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/173-noticias/noticias-2011/44626-marcha-para-jesus-vira-atocontra-a-uniao-homoafetiva>

³ Cf. Jornal Amazonas1, publicado em 07/09/2021. Disponível em: <https://amazonas1.com.br/bolsonaro-diz-que-paciencia-do-povo-com-alexandre-de-moraes-esgotou/>

Entretanto, não é esse o ponto que gostaríamos de desenvolver aqui, mas sim os desafios com os quais se confrontam os Estados “ocidentais modernos”: os de criar e manter um quadro normativo com parâmetros que permitam simultaneamente preservar a liberdade de expressão, proteger a democracia e a dignidade de minorias sociais; e suprimir as ameaças vindas das chamadas *fake news* e dos discursos de ódio. Para tanto, gostaríamos de abordar tais impasses tomando como base o direito à liberdade de expressão e a concepção freudiana de “mal-estar na Cultura”.

A liberdade de expressão é um valor central defendido pelas democracias liberais, incluído, portanto, entre os direitos fundamentais. Esta vale *per se*, mas também pelo que torna possível: a própria democracia e as condições de efetividade dos demais direitos. Não é, no entanto, algo simples. Trata-se de um direito individual de quem enuncia o discurso, porém, conforma-se igualmente como um direito de qualquer indivíduo ao acesso livre e confiável às informações necessárias e fundamentais para a existência coletiva e para a participação na vida pública. Envolve, igualmente, o direito à não exposição inoportuna e indevida aos danos causados por discursos que, de algum modo, são ofensivos ou falseadores. Em certas circunstâncias seu valor instrumental supõe, portanto, algum tipo de restrição. Quando se trata da proteção de interesses públicos mais amplos, como a segurança nacional, ou é orientado para proteger interesses privados, tais como a intimidade das pessoas ou direitos de autor, não há consideráveis querelas, tornando sua aceitação mais evidente, uma vez que não se trataria de um direito absoluto. Contudo, quando envolve questões políticas em sentido amplo, toda sua complexidade vem à tona e quaisquer restrições devem ser contempladas como objeto de extensa e cuidadosa discussão.

Nas democracias liberais, a fundamentação normativa dessa liberdade deriva, em grande parte, do utilitarismo, em especial de Stuart Mill. Para os utilitaristas, toda e qualquer expressão tem de ser protegida, pois a exposição das ideias à confrontação pública, em uma espécie de “mercado de ideias”,

seria a única forma de garantir que prevalecerá não a “verdade”, mas o melhor arranjo de ideias possíveis à luz da razão. Embutida nessa concepção, a melhor defesa contra conteúdos perniciosos ou falsos não seria a sua supressão do debate, mas, ao contrário, sua exposição à crítica. Deriva daí que restrições à liberdade de expressão somente se justificariam em casos excepcionais, relacionados à garantia do livre intercâmbio de ideias, sempre atentando-se a questões formais e neutras quanto ao seu conteúdo, ou seja, tais restrições não podem favorecer ou desfavorecer *a priori* nenhuma perspectiva particular. Ficam fora do abrigo da liberdade de expressão, nesta concepção, por exemplo, o que o direito constitucional norte-americano chama de *fight-words*, isto é, expressões cujo objetivo não é alimentar o debate, mas sim convocar adversários para o conflito, como bem reproduzem os discursos de ódio, desde que fique caracterizado que estas visem a produzir mais danos que alimentar discussões legítimas.

Inserida nesse arcabouço, a Constituição Federal Brasileira garante o direito à liberdade de expressão. Contudo, também reconhece, a exemplo dos tratados internacionais, que não se trata de um direito absoluto, pois este tem de ser ponderado em relação a outros direitos fundamentais, caso a caso. Atualmente, no Brasil, dois casos fornecem os parâmetros mais importantes para esse debate.

No primeiro caso, em 2003, o STF julgou um *habeas corpus* em favor de Siegfried Ellwanger, escritor e editor, condenado com base na legislação antirracismo por “escrever e divulgar obras literárias com conteúdo antissemita, racista e discriminatório”⁴. Ao solicitar o *habeas corpus*, a defesa baseou-se em uma leitura literal da lei, argumentando que os judeus não constituiriam uma raça, logo, não caberia a compreensão de um crime de racismo. O STF negou o pedido, argumentando que raça é uma construção histórica e social,

⁴Crime de racismo e antissemitismo: um julgamento histórico do STF: (Habeas Corpus nº 82.424/RS) / [relator: Ministro Moreira Alves]. Imprensa: Brasília, Brasília Jurídica, 2004.

e não um dado biológico, e assim, mesmo que a lei tenha sido elaborada tendo em vista a discriminação contra os negros, é extensível a qualquer forma de discriminação praticada contra grupos historicamente formados que partilhem uma mesma identidade cultural e étnica. A maioria dos ministros votou pela limitação da liberdade de expressão, neste caso, em favor do princípio da dignidade da pessoa humana.

No segundo caso, em 2011, diversos municípios proibiram a realização da supracitada “Marcha da Maconha”. O principal argumento das autoridades locais era que, sendo o consumo de drogas considerado crime, a realização da marcha não poderia ser permitida pois faria “apologia de fato criminoso”, o que é considerado ilegal. A Procuradoria Geral da República levou a questão ao STF contra-argumentando que essa interpretação violaria o princípio fundamental da liberdade de expressão. Os ministros entenderam que o objetivo da marcha é uma discussão democrática em relação à política de drogas e não uma defesa de seu uso. Segundo o relato, o ministro Celso de Mello:

[...] a mera proposta de descriminalização de determinado ilícito penal não se confunde com o ato de incitação à prática do delito, nem com o de apologia de fato criminoso, eis que o debate sobre a abolição penal de determinadas condutas puníveis pode (e deve) ser realizado de forma racional, com respeito entre interlocutores, ainda que a idéia, para a maioria, possa ser eventualmente considerada estranha, extravagante, inaceitável ou, até mesmo, perigosa.⁵

O ministro Ayres Britto, em seu voto, afirmou ainda que:

⁵ Supremo Tribunal Federal: Inteiro Teor do Acórdão da Arguição de descumprimento de preceito fundamental 187, Distrito Federal. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=5956195>

A liberdade de expressão é a maior expressão da liberdade, que é tonificada quando exercitada gregariamente, conjuntamente, porque a dignidade da pessoa humana não se exaure no gozo de direitos rigorosamente individuais, mas de direitos que são direitos coletivamente experimentados.⁶

Esses dois casos estabeleceram balizas importantes para os limites da liberdade de expressão. Por um lado, sua defesa foi ancorada no debate público deliberativo – “racional e com respeito entre os interlocutores” e, por outro lado, foi estabelecido que a liberdade de expressão não pode ser invocada para retirar do alcance da lei a prática de crimes e a violação de direitos e garantias fundamentais. Essas demarcações poderiam, por si só, ser suficientes para pacificar o debate, no entanto, o que se vê hoje é a liberdade de expressão no centro das disputas políticas ao mesmo tempo que os instrumentos legais se mostram insuficientes para coibir *fake news* e discursos de ódio, em especial nas redes sociais. Argumentamos aqui que essa insuficiência se deve, sobretudo, ao fato de seus instrumentos terem sido pensados para um debate público conduzido por agentes racionais, conscientes e orientados para o diálogo e pela busca do consenso, o que não corresponde à realidade política atual. Sugerimos também que uma concepção de matriz religiosa dificulta a compreensão do papel da lei e do funcionamento do judiciário.

Talal Assad, ao discutir o caso das caricaturas de Maomé publicadas no jornal conservador *Jyllands-Posten*, na Dinamarca, em 2005, resgata o uso da liberdade de expressão nessa polêmica como evidência da existência de um “choque entre culturas”, entre Ocidente e Oriente, e também como prova de uma suposta incompatibilidade entre imigrantes muçulmanos e as sociedades europeias liberais. Ao analisar as proibições e proteções que regem o direito à liberdade de expressão nas democracias liberais, Assad põe em questão

⁶ Ibidem.

os limites da laicidade nessas sociedades, ao mesmo tempo que sinaliza a concepção laica liberal do ser humano, como sujeito de liberdades e direito estando articulado e expresso em termos de propriedade. Em tais democracias, a liberdade é defendida como uma forma inalienável de propriedade, uma capacidade inata e natural de todo indivíduo. Assim, o direito de escolher livremente como dispor de tudo o mais que possui: corpo, os sentimentos, a palavra e, obviamente, os bens e a força de trabalho, é a substância do princípio abstrato de liberdade. Seu correlato é um sujeito proprietário de si mesmo, com capacidade de escolher livre e conscientemente na esfera pública (como cidadão) e no mercado (como consumidor e produtor). Ao reconstruir os termos presentes na polêmica das caricaturas, na perspectiva dos atores muçulmanos, Asad chama a atenção para a categoria de *sedução*, virtualmente ausente na perspectiva ocidental, mas fundamental no islã.

Nas sociedades liberais, a violação do corpo de uma pessoa, seja para fins sexuais ou instrumentais, contra sua vontade, é um crime grave, porém, não se pune a sedução – a manipulação do desejo de outra pessoa pelo uso de palavras ou imagens. Paralelamente, o discurso comercial é apenas parcialmente protegido pelo direito à liberdade de expressão. Propagandas enganosas são coibidas, não por seu efeito de “sedução”, mas sim quando veiculam informações falsas que comprometem a confiança necessária para o funcionamento do mercado. Com exceção, é claro, da publicidade infantil. Uma das objeções à proteção contra a sedução é que, esta, constituir-se-ia como um tipo de paternalismo impróprio em uma sociedade comprometida com a responsabilidade moral individual. Adotar tal proteção significaria assumir, de certa forma, que os cidadãos adultos não são capazes de julgar por si próprios nem são habilitados para se defender autonomamente, o que seria equipará-los a crianças.

Já para os teólogos e juristas muçulmanos, segundo Asad, todas as formas de sedução devem ser proibidas, pois são perigosas para os indivíduos – visto que supõem perda de autocontrole – e também uma ameaça à ordem social, pois,

minando a confiança pode-se levar à irrupção de violência e conflitos sociais. Aceita-se, com isso, a restrição à liberdade de expressão como forma de proteção e prevenção e, assim, reconhece-se os riscos de discursos mal-intencionados. Ao contrário do que foi amplamente noticiado pelo lado “ocidental”, os argumentos da maior parte dos muçulmanos residentes na Europa, contrários à publicação das caricaturas, não foi formulado em torno da ideia de blasfêmia, uma questão de crença e fé, mas sim a partir de uma tradição jurídica e teológica que avalia os discursos pelos seus danos morais potenciais. Sua resposta preferencial não foi a conclamação por líderes religiosos de algum tipo de perseguição a ser recompensada em outra vida, mas sim o boicote aos produtos dinamarqueses e suecos (um exercício individual de livre escolha). Como efeito de denegação e projeção, ao apontar o fundamentalismo religioso como mote exclusivo das reações dos muçulmanos e a violência como única resposta, a imprensa ocidental negava a distância que existe entre o sujeito de direito, tal qual idealizado pela filosofia política normativa – racional, autossuficiente e orientado para o bem comum – e seu cidadão de carne e osso, opacos para si mesmos, capazes de abrigar atos de racismo e violência discursiva sob o manto da liberdade de expressão.

Outra dificuldade que esse arcabouço legal liberal encontra ao tratar das *fake news* e do discurso de ódio está relacionado exatamente com a presença de uma leitura fundamentalista da lei e uma aplicação mecanicista do direito, que está mais intrinsecamente relacionado com o discurso religioso do que com a atuação concreta do judiciário. Nos exemplos que iniciam este texto, o pastor em questão deriva de forma *imediate* da interpretação do STF (o reconhecimento do direito à livre expressão da “Marcha da Maconha”) uma permissão futura para a *defesa* de outras drogas, desconsiderando a dimensão processual e interpretativa do funcionamento do judiciário. Sua fala parte do que seria uma interpretação literal e mecânica do texto da lei: uma lei e uma consequência automática e necessária que dela deriva, sem nenhum tipo

de mediação nem de interpretação. As dimensões subjetivas, um ponto relevante para se avaliar quando se está diante de discursos de ódio e *fight-words*, são simplesmente apagadas. A lei se reduz a “pode e vai acontecer” e a “não pode e não vai acontecer”. Mesmo a mera sugestão de uma possível responsabilização *a posteriori* pelo discurso enunciado, converte-se nesse quadro em sinônimo de censura prévia. O efeito de qualquer restrição à liberdade de expressão é compreendido como uma “mordaça”, pois o que se vê aí não é uma lei justificada racionalmente, mas sim o mandamento de um pai autoritário. “Anota aí: não me pergunte quando e nem me pergunte como, mas Deus vai derrubar essa gente [...]”

Acompanhando as notícias recentes, o que temos visto, então, não é uma discussão técnica sobre aplicação da lei, mas sim uma invocação simbólica da Constituição e de um direito substantivo à liberdade de expressão, assim como ataques ao suposto autoritarismo dos ministros do STF. Cotidianamente, diversos atores vociferam, “isto é, contra a Constituição”, “aquilo está fora da Constituição”, a “Constituição autoriza”, a “Constituição proíbe”, mas ninguém descreve os fios e nexos que conectam a lei aos fatos citados.

Propomos, aqui, uma aproximação de tais questões à obra freudiana a partir das ideias de mal-estar e agressividade. A busca pelo consenso através do diálogo natural e com respeito mútuo não é uma condição inata, mas faz parte do pacto civilizatório. Como em qualquer pacto, os indivíduos chegam a algum acordo, geralmente renunciando a algo. E sabemos que nesse “ceder” por uma contrapartida, algo se produz, nomeadamente frustrações que se colocam para os próprios indivíduos “signatários”. Pode-se dizer que a defesa da liberdade de expressão, nos termos encontrados nas disputas políticas de hoje, seriam uma expressão dessa luta ambivalente contra a Cultura – da qual também não se pode prescindir. Conforme escreve Freud (1930), ecoando a tradição política contratualista, de Hobbes a Locke, “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (p. 119), e no cenário no qual nos apoiamos,

a segurança e proteção se encontrariam na lei, na Constituição e, a contrapartida estaria nos sacrifícios, em especial relacionados ao livre exercício da sexualidade e da agressividade de cada sujeito em suas interlocuções no registro social.

De outro lado, a postura autoritária, igualmente pensada por Freud, subsidia a ideia de lei como mandamento. Podemos pensar em “dois aspectos” do processo civilizador: a organização social e o universo das representações coletivas. O primeiro decorre da imperatividade da associação entre indivíduos para, assim, superar a enorme desproporção entre seus recursos individuais e a hostilidade das forças da natureza. Já as representações coletivas ajudariam a lidar com a ideia de morte, com nossa impotência diante da natureza e, principalmente, com a regulação das relações entre os homens e entre os homens e as coisas. Se Eros e Ananké (amor e necessidade) são, de certa forma, pilares da civilização, sua estrutura decorre do atravessamento do Complexo de Édipo, pois é dali que se originam, segundo Freud, a política, o direito, a moral e a religião. Todas essas dimensões da vida social cobram seu preço na forma de limitações à satisfação das pulsões individuais, eis aí o “mal-estar na civilização”.

Para Freud, a tensão crescente entre o indivíduo e a civilização encontra uma expressão na neurose, sendo essa também o resultado dos conflitos e frustrações impostas às pulsões pela Cultura. Uma vez recalçadas, a libido, energia das pulsões, pode se transformar em sintoma e sua parcela agressiva (vinculada à pulsão de morte) pode se voltar contra o próprio indivíduo, na forma de sentimento de culpa, ou pode ser dirigida de modo não-ligado, isto é, sem representação e significação, para o exterior, engendrando violência. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que as exigências pulsionais operam como engrenagens na construção dos fenômenos culturais, configurando-se numa contínua tentativa de um equilíbrio dinâmico (intrincação pulsional) e econômico entre o prazer e o desprazer. Constantemente a civilização tem de ser defendida de impulsos humanos antissociais e anticulturais, acionando, quando preciso, seus melhores recursos sublimatórios.

A civilização, de modo geral, recalca e/ou sublima tanto as pulsões de vida quanto as de morte; e podemos ver que, mais do que no recalçamento das primeiras, é na neutralização das segundas, no que consiste o maior desafio da cultura. Agressividade em seu registro em ato não é sublimação nem recalçamento, pelo contrário, é pura satisfação pulsional sem qualquer elaboração, e o monopólio da violência por parte do Estado constitui a tentativa mais engenhosa de sua domesticação.

Partindo da concepção da psicologia individual como de certa forma análoga a psicologia social, Freud estuda os fenômenos de massa a partir da economia subjetiva dos indivíduos que o compõem. Os fenômenos que ocorrem no indivíduo quando este se associa a uma multidão se resumem, especialmente, para o que aqui nos interessa, na suspensão de certas inibições e no retorno de tendências agressivas em geral latentes no comportamento civilizado. A massa produz uma intensificação dos afetos, uma diminuição da capacidade de discriminar intelectualmente, e frequentemente é um desafio às engrenagens do monopólio da violência por parte do Estado.

No fenômeno de massa, a relação com o líder é o fundamento da relação dos membros entre si. A constatação de que o investimento afetivo de outras pessoas restringe o narcisismo de cada sujeito direciona à análise da identificação e à introdução do conceito de ideal do eu. A intensificação das ligações afetivas entre a massa e o líder surge, então, como o processo pelo qual um objeto é colocado no lugar do ideal do eu, enquanto na identificação, o objeto se instala no próprio eu. Essas considerações permitem definir a massa como um grupo de indivíduos, cujo ideal do eu se orienta pelo mesmo objeto.

A formação da massa é, assim, redutível a uma barganha de investimentos libidinais, o que permite abandonar a hipótese de que a coesão do grupo se deve a uma espécie de solidariedade mecânica ou ímpeto gregário especial. Para Freud, o homem é um animal de horda e não de rebanho. A massa seria, dessa forma, uma atualização da horda primitiva, na qual o amor que o chefe supostamente confere por igual

a todos os membros, é uma idealização carregada de ambiguidades das relações entre o pai da horda e seus filhos. Essa ambiguidade, amor e ódio, só aceita mandamentos, comando e obediência são a única linguagem possível, pois, ao se submeterem ao chefe, os indivíduos expiam uma parcela da culpa advinda do parricídio por existirem como seres de civilização. Não há espaço para discussão e negociação da interpretação.

Os grupos assim estruturados são avessos à renúncia pulsional. Um dos aspectos da rejeição à renúncia diz respeito justamente à fala. Esta é um bem social de distribuição desigual e que sustenta desigualdades de poder e acesso ao usufruto pleno da vida social e seus benefícios. A liberdade de expressão invocada de modo mecânico é a expressão da vontade de insubmissão a qualquer limitação da capacidade de fala em nome de um bem coletivo. Logo, temos a recusa na submissão da fala às condições que tornam possível o diálogo: regras discursivas e o respeito à alteridade, por exemplo, que atuam para reduzir o potencial da fala de dar vazão à agressividade e ser usada como instrumento de poder (discursos de ódio), o diálogo se torna embate e o outro deixa de ser interlocutor e passa a ser inimigo. As ambiguidades na defesa da liberdade de expressão, tal qual encontradas nos exemplos que iniciam este texto, ou seja, sua invocação como proteção a discursos homofóbicos, de um lado e de outro, contraditoriamente, sua condenação quando serve de proteção ao debate normativo relativo à discriminação da maconha, são exemplos da dissolução da relação forma/conteúdo do direito ocidental moderno – no qual a liberdade de expressão é a garantia de uma arena neutra e de regras imparciais de debate, na qual a Lei não discrimina ou privilegia conteúdos *a priori*. Em seu lugar emerge uma arena de embates e sedução, em que o conteúdo define amigos e inimigos e tensiona a valência das renúncias pulsionais.

A distribuição desigual dos benefícios e ônus da vida em sociedade, em detrimento da maioria e em prol de uma minoria detentora do poder se estabelece e mantém a ordem e a dominação

de acordo com seus interesses, fazendo dos sentimentos de injustiça uma presença constante e potencialmente mobilizadora. Cabe à religião, em parte, manter esse potencial sob controle. Seu papel vai além do aplacamento da angústia em relação à morte e ao desamparo. Ao prometer uma vida futura, na qual um pai benevolente garante a justa aplicação dos mandamentos – corrigindo, assim, as injustiças terrenas ao mesmo tempo que oferece proteção contra todos os males. A religião se torna um ator político quando antecipa essa promessa de uma vida após a morte para o tempo presente, e quando empresta sua linguagem para discutir direitos e deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Asad, Talal. **Libertad de expresión, blasfemia y confrontación de civilizaciones**. Casa Arabe, Madrid, 2012.

Freud, Sigmund. (1927) **O futuro de uma ilusão**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930). **O mal-estar na civilização**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

.....

.....

3. (DES)APROXIMAÇÕES ENTRE FREUD E O MARXISMO

Isadora Garcia de Goes*

Marx, Engels e Freud são grandes autores que possuem uma vasta obra e são fundadores de dois campos das ciências sociais/humanas. Suas duas descobertas fundamentais bastante imprevisíveis – a saber, o materialismo histórico de Marx e o inconsciente de Freud – desestruturaram o universo dos valores culturais do século XIX (Fernandes, 2001).

O objetivo do presente trabalho é expor algumas reflexões suscitadas pelos debates que acompanhei e participei durante a disciplina, refletindo sobre possíveis interlocuções, assim como desafios entre a Psicanálise Freudiana e o Marxismo. Ressalto que esses dois campos do conhecimento são muito vastos e minha intenção aqui é fazer apenas um pequeno recorte sobre o assunto.

Além de postular acerca da vida psíquica interna, Freud fez análises profundas da sociedade, cultura e religião e a ligação desses com o psiquismo, através do método psicanalítico. Podemos ver essas análises em obras como *Psicologia das massas e análise do eu* (2014), *Totem e tabu* (2013), *Futuro de uma ilusão* (2010), entre outras.

* Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Tratando especificamente do tema sociedade, massas, relação indivíduo-sociedade – pontos essenciais para compararmos com as teorias de Marx – Freud retoma LeBon em *Psicologia das massas e análise do eu* (2014). LeBon foi um autor que acreditava que a revolução social representava o triunfo dos instintos da barbárie primitiva, além de defender o derramamento de sangue contra multidões e o empreendimento de lutas de extermínio sem piedade. Em seus escritos sobre as massas, ele afirma que as massas são impulsivas, mutáveis, irritáveis, sugestionáveis, irracionais, obedientes e querem ser oprimidas, além de serem carentes de líderes. Freud não expressou uma postura crítica a essa concepção de LeBon, retomando essa concepção; dessa forma, a crítica reacionária às massas contamina por dentro o discurso freudiano através de LeBon, o que diz muito sobre o posicionamento político de Freud, e é esse posicionamento político o principal obstáculo para uma aproximação mais franca e produtiva com Marx (HILÁRIO, 2014).

Após retomar LeBon, Freud se inquieta com a simples explicação do efeito de sugestão do líder, visando justamente entender a própria natureza dessa sugestão e porque ela atua dessa forma nos indivíduos da massa. Freud traz então uma contribuição de sua psicanálise para encaixar nesse quebra-cabeça: o conceito de libido. A libido seria então a energia relacionada a tudo que podemos chamar de amor, e essas relações amorosas (libidinais) são constituintes da psique das massas:

[...] a massa evidentemente é mantida coesa por meio de um poder qualquer. Mas a que poder se poderia atribuir esse feito senão a eros, que tudo mantém coeso no mundo? [...] quando o indivíduo na massa renuncia à sua singularidade e se deixa sugerir pelos outros [...] talvez o faça ‘por amor a eles’” (FREUD, 2014, p. 77)

Hilário (2014) traz que há um ponto no mesmo livro em que Freud esboça, mesmo que rapidamente, a questão da crítica ideológica:

O líder ou a ideia condutora também poderiam se tornar negativos, por assim dizer; o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia atuar da mesma maneira unificadora que a afeição positiva e produzir ligações emocionais semelhantes. Também cabe perguntar se o líder é realmente indispensável para a essência da massa, e outras coisas mais.” (FREUD, 2014, p. 91)

Há aqui possibilidades interessantes entre a ideologia de Marx e os laços libidinais entre os integrantes da massa de Freud. Se trata da exposição de certo funcionamento libidinal da ideologia, ou seja, as ideias não são meros construtos teóricos propagandeados politicamente a fim de iludir as massas, mas sim algo a mais, que incide sobre o psiquismo dos indivíduos com capacidade de conduzi-los de um determinado modo a uma determinada direção. É possível que não se trate apenas do líder unindo a massa através da sugestão, mas sim a dinâmica própria de uma massa que além de se conectar por sua posição econômica na forma social do capitalismo, também se conecta por determinadas modalidades de laços libidinais, juntamente com a atuação da ideologia. (HILÁRIO, 2014)

Freud prossegue sua análise falando dos tipos de massas, mais especificamente as massas artificiais. Ao desenvolver esse raciocínio, ele cita a Igreja e o Exército, em que se emprega uma coação externa para que elas não se dissolvam e não haja modificações em sua estrutura. Além disso, as pessoas geralmente não são questionadas se querem ou não entrar nesse grupo, ou seja, não há liberdade de escolha; sair de tal grupo quase sempre é perseguido ou punido de alguma forma.

E tanto na Igreja quanto no Exército, tudo depende da ilusão de que o líder ama a todos da mesma forma. O líder

então ocupa um papel fundamental para a coesão da massa, e a perda dele (pode ser uma perda de confiança) significaria pânico e o fim das ligações emocionais entre os indivíduos da massa.

A partir disso, talvez seja possível pensar uma aproximação entre Freud e Marx, pensando que a classe trabalhadora seria uma massa artificial, pois também enxergamos coações externas para que ela siga fazendo o que faz (através da ideologia); sabemos que, pelo menos na grande maioria das vezes, não se escolhe ser classe trabalhadora; e também sabemos que quem não trabalha não têm valor para a sociedade capitalista (como pessoas em situação de rua, por exemplo). Além disso, pensamos que esse lugar de líder também pode ser ocupado por um ideal-de-eu, como um ideal capitalista de sucesso e riqueza, um dos pilares para manter a classe trabalhadora coesa e cumprindo as funções que servem à ideologia dominante.

Freud (2014) afirma que opor-se ao grupo equivale a se separar dele, perder o seu amor, e por isso a oposição é tão temida, além do fato de que o rebanho rejeita tudo que é novo e incomum. Pensamos que aqui também é possível realizar uma aproximação teórica, pois a ideologia capitalista também poderia operar individualmente e também no grupo, fazendo com que essa massa rejeite qualquer pensamento que não a endosse.

Em sua obra *O Futuro de uma Ilusão* (2010), Freud explora a origem da cultura, como ela se estrutura e retoma mais profundamente o assunto da religião, elaborando uma hipótese de sua origem. Ele afirma que a cultura foi inicialmente criada em busca de proteção dos seres humanos dos perigos da natureza. Segundo ele, a cultura abrange por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para a satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si e, em especial, a divisão dos bens acessíveis (p. 22).

Freud (2010) afirma que a independência entre essas duas facetas se dá, em primeiro lugar, porque as relações mútuas

entre os homens são fortemente influenciadas pela medida de satisfação dos impulsos possibilitada pelos bens existentes. Em segundo lugar, porque o próprio indivíduo pode se relacionar com os outros, ao se utilizar da força do trabalho dele ou ao tomá-lo como um objeto sexual, na condição de bens, o que pode ser aproximado da concepção de mercadoria para Marx (2011), que explora essa inversão de valor, que humaniza os bens de consumo e transforma em bens de consumo os humanos. Entretanto, Freud, diferentemente de Marx, não apresenta uma explicação para esse fenômeno e nem o explora no livro. Em terceiro lugar porque todo ser humano é potencialmente um inimigo da cultura devido à opressão que sofre quando renuncia aos seus impulsos para que a vida comum seja possível.

Portanto, a cultura é defendida contra o indivíduo através de suas instituições, disposições e mandamentos, que não apenas estabelecem a divisão de bens na sociedade, como também protegem dos homens hostis tudo aquilo que serve para dominar a natureza e para a produção de bens. Aqui podemos fazer outro paralelo com Marx e Engels (1999) esses meios de opressão podem ser explicados pelo aparato de manutenção da ideologia da classe dominante burguesa, detentora desses meios de produção e de dominação da natureza, que está presente em todos os âmbitos da sociedade e tem como principal mecanismo o Estado e o Direito Civil, que aparecem na forma de poder apaziguador e regulador da civilização, que tomaria aqui a forma da cultura. Todas essas criações humanas são frágeis e podem ser utilizadas para o extermínio de seus criadores. Para Freud, não é possível dispensar da cultura a coerção ao trabalho e a dominação de uma minoria sobre as massas: primeiro porque todo indivíduo tem tendências antissociais e anticulturais; segundo porque as massas são insensatas, indolentes e não gostam de renunciar aos seus impulsos e não são facilmente persuadidas a isso (FREUD, 2010). Aqui podemos ver uma aproximação de Freud com concepções liberais, o que o distancia do posicionamento político de Marx (HILÁRIO, 2014)

Freud (2010) dá o nome de “patrimônio psíquico da cultura” aos meios que servem para proteger a cultura, que exercem coerção, e aos meios que recompensam e reconciliam os homens com a cultura por seus sacrifícios feitos em nome dela. Entre eles está o Superego, que é uma instância do aparelho psíquico formada a partir da interiorização dos mandamentos da cultura. Entretanto, indivíduos intensamente oprimidos por outras classes da sociedade não interiorizam as proibições culturais através do Superego, ao contrário, viram inimigos da cultura e empenham-se em destruir e até abolir os pressupostos da cultura, o que Marx chamaria de uma atitude revolucionária. Mas há também aqueles que se identificam com a classe que a domina e enxergam seus ideais nos seus senhores. Freud, entretanto, não dá nome à classe oprimida e à classe opressora e nem as caracteriza. É possível inferir, através do materialismo histórico-dialético, que as interiorizações e identificações são feitas a partir de ideias da realidade que são produzidas pela ideologia dominante em um contexto de luta de classes e que esta é de tamanha dominância que nós, seres humanos, temos uma instância psíquica a seu serviço.

Mesmo com a criação da cultura, a natureza ainda permanece ameaçadora, cruel e implacável, nos colocando face a face com nosso desamparo e fragilidade. Em *O Futuro de uma Ilusão* (2010) Freud declara que um dos poucos momentos em que admira a humanidade é quando diante de alguma catástrofe ela “[...] esquece as dissensões da cultura, todas as dificuldades e hostilidades internas, e se recorda da grande tarefa comum de sua conservação diante da prepotência da natureza.” (p. 34).

Uma das catástrofes que enfrentamos hoje é a pandemia causada pelo coronavírus, e, lendo esses trechos de Freud acerca do poder implacável da natureza, é impossível não lembrar da trágica pandemia de COVID-19, especialmente em nosso país, que no mês de abril contabiliza mais de 400 mil mortes e é o segundo país do mundo em número de mortes (SAMPAIO, 2021). É possível questionar se o que Freud alega como uma impressão agradável da humanidade se aplicaria

ao Brasil. Realmente esquecemos nossas dificuldades internas e nos unimos na tarefa comum de conservação diante da ameaça de uma doença?

A dimensão cultural e social dita que rumos a sociedade toma em relação a uma ameaça natural, a saber, o coronavírus. A pandemia no Brasil é marcada pela conduta negacionista do governo Bolsonaro, expressa em diversas falas de desinformação à população, contrariando o discurso da ciência e órgãos oficiais de saúde como a Organização Mundial da Saúde; é possível relacionar esse cenário com o conceito de pós-verdade (ARRUDA, 2021). Bolsonaro também diversas vezes atrelou a crise econômica e o desemprego às medidas de prevenção ao coronavírus, como o lockdown e distanciamento social (UOL, 2021); além de decisões como a recomendação do uso de medicamentos com ineficácia comprovada contra a COVID-19 e as onze recusas do governo brasileiro em comprar lotes de vacina (GUEDES, 2021).

Nesse ano de pandemia, além das mortes pelo COVID, outras mazelas afetam a população: a fome atinge a 19 milhões de brasileiros e mais de 116 milhões vivem com insegurança alimentar (DAMASCENO, 2021), e segundo o IBGE (2020) a taxa de desemprego é de 13,9% no quarto trimestre de 2020. Concomitantemente, o número de bilionários brasileiros cresceu em 2021, e diversos grandes empresários criticaram as medidas de combate à pandemia, afirmando que o estrago à economia seria pior do que a morte das pessoas (UOL, 2020). Assim, a desigualdade social foi acentuada pela pandemia (NUNES, 2021; ALPINO, 2020, WERNECK, CARVALHO, 2020).

Se Freud vivesse o Brasil do governo Bolsonaro em 2021, talvez ele não afirmasse que aqui houve realmente um esquecimento das dificuldades internas em prol de um bem comum. Ou talvez afirmasse e seria considerado um otimista – ou um negacionista. De qualquer forma, aqui há claramente uma dimensão política a ser considerada, a saber, a dimensão da luta de classes, tão explorada por Marx e Engels (1999). Ao ler *O Futuro de uma Ilusão* (2010), a impressão que eu tenho é que Freud toca algumas vezes no tema de luta de classes,

divisão de bens e revolução, na minha visão, de uma forma um tanto rasa, apresentando algumas afirmações, porém sem esmiuçá-las e explicá-las muito. Pode ser que sua intenção fosse apenas tocar brevemente no assunto, para não “se comprometer muito”. Ainda assim, alguns trechos me causaram um incômodo, no sentido de que gostaria que ele explicasse e fundamentasse melhor algumas afirmações, como as citações abaixo:

“A cultura, portanto, precisa ser defendida contra o indivíduo, e as suas disposições, instituições e mandamentos se colocam a serviço dessa tarefa; não apenas objetivam estabelecer certa divisão de bens, mas também mantê-la, e precisam, inclusive, proteger dos arroubos **hostis** dos homens tudo aquilo que serve para dominar a natureza e para a produção de bens.” (p. 22-23, grifo nosso)

Aqui parece que Freud comunica que há hostilidade em colocar-se contra a divisão de bens tal qual ela está em uma sociedade capitalista, como se já não existisse hostilidade na própria divisão de bens estabelecida pela cultura.

“É de se acreditar que teria de ser possível uma nova regulação das relações humanas que fizesse secar as fontes do descontentamento com a cultura, na medida em que esta renunciasse à coerção e à repressão dos impulsos, de modo que os homens, sem serem perturbados por disputas interiores, pudessem se dedicar à obtenção de bens e ao seu usufruto. Seria a Idade do Ouro, ficando apenas a pergunta se tal estado pode se tornar realidade.” (p. 23, grifo nosso)

Essa citação me parece aludir a um cenário da possibilidade de a cultura não se organizar em um modo de produção capitalista, e Freud demonstra certa incredulidade nessa possível alternativa à realidade. “[...] os homens não são

espontaneamente inclinados ao trabalho e que argumentos nada podem contra suas paixões.” (p. 24-25)

Aqui eu realmente queria poder conversar com Freud. Por que ele afirma isso? Pois, se pensarmos em Marx, quem produz valor é a classe trabalhadora, visto que apenas o trabalho gera o mais-valor, e não a burguesia (MARX, 2011). Poderíamos dizer, então, que quem não é inclinado ao trabalho é a burguesia, ao contrário da classe trabalhadora?

“Por isso, quero assegurar expressamente que não tenho interesse em julgar o grande experimento cultural que está sendo feito atualmente na vasta nação situada entre a Europa e a Ásia. Não possuo o conhecimento de causa nem a capacidade para julgar sua exequibilidade, examinar a adequação dos métodos empregados ou medir a extensão do inevitável abismo entre as intenções e a sua realização.” (p. 26)

Freud sequer dá nome aos bois, tamanho seu receio em falar de experiências socialistas. Em vez de falar se referir ao nome da nação, União Soviética, como era em 1927 quando Freud escrevia *O Futuro de uma Ilusão*, ele prefere escrever “vasta nação situada entre a Europa e a Ásia”. Logo em seguida afirma não possuir conhecimento de causa ou capacidade para julgar essa experiência; no entanto, imediatamente ele afirma que há um inevitável abismo entre suas intenções e a sua realização. Se Freud sequer se julga capaz de julgar essa experiência, por que ele afirma tão categoricamente que existe esse “abismo entre as intenções e a sua realização”?

O passo seguinte é distinguir entre privações que atingem a todos e aquelas que não atingem a todos, mas apenas grupos, classes ou mesmo indivíduos [...]. Quanto às limitações que se aplicam apenas a classes determinadas da sociedade, nos deparamos com condições graves e jamais ignoradas. É de se esperar que essas classes desfavorecidas invejem as vantagens das privilegiadas e façam de tudo para se livrar de seu próprio acréscimo de privações. Quando isso

não for possível, uma medida constante de descontentamento se imporá dentro dessa cultura, o que pode levar a rebeliões perigosas. Se, porém, uma cultura não conseguiu ir além do ponto de que a satisfação de certo número de seus membros tenha como pressuposto a opressão de outros, talvez a maioria – e esse é o caso de todas as culturas atuais –, é compreensível que esses oprimidos desenvolvam uma hostilidade intensa contra a cultura que por meio de seu trabalho eles mesmos possibilitam, mas de cujos bens lhes cabe uma cota muito pequena. Não se deve, pois, esperar uma interiorização das proibições culturais entre os oprimidos; pelo contrário, eles não estão dispostos a reconhecer essas proibições, antes estão empenhados em destruir a própria cultura e, eventualmente, até em abolir os seus pressupostos. [...] Não é preciso dizer que uma cultura que deixa insatisfeito um número tão grande de membros e os incita à rebelião não tem perspectivas de se conservar perpetuamente, nem o merece. (p. 30-31)

Aqui Freud se refere de forma sutil a um movimento revolucionário por parte da classe oprimida, afirmando que eles estariam dispostos a destruir a cultura. Aqui fico com a dúvida se ele se refere a destruição de uma cultura em si ou de uma cultura específica, a cultura do modo capitalista de produção. A última frase desse trecho parece dar um tom diferente da parte de Freud em relação às outras citações, quando ele afirma que uma cultura que deixa tantos insatisfeitos talvez nem mereça se estipular como tal. É uma parte um tanto surpreendente considerando o que ele afirmou anteriormente.

As teorias de Freud claramente não exploram o ponto tão explorado por Marx, o da luta de classes. Entender que a civilização serve para proteger a sociedade das mazelas da natureza é válido, mas e quando a própria forma que a cultura é organizada, a saber, o modo capitalista de produção, expõe grande parte de sua população à morte, ao sofrimento e à doença? Seria esse ponto, o de homens subordinando outros homens, parte constituinte da cultura *em si* ou parte constituinte do *modo de produção capitalista*? Ou parte da cultura branca europeia, a estudada por Freud?

Para Freud, a pulsão de destruição é constituinte da psique, inevitável à cultura. Porém, afirmar isso significa o mesmo que afirmar que o nível de destruição que experienciamos em nossa sociedade hoje é realmente o máximo que podemos fazer como sociedade? Poderíamos organizar a sociedade de uma forma a conviver sim com essa pulsão, mas não no nível tão destrutivo, violento e desigual como é na nossa sociedade capitalista brasileira? São algumas reflexões que me incomodam, por vezes, ao fazer a leitura de Freud.

Podemos considerar que Freud (2010) entende a religião como a máxima alienação dos indivíduos, a chamando de “a neurose obsessiva universal da humanidade” o que vai parcialmente de encontro com a visão de Marx. O último considera também a religião como uma alienação, mas pensa que ela não é a forma fundamental da alienação, mas sim uma parte da alienação real, que é a do trabalho. Para Marx a elaboração materialista da alienação é o fetichismo da mercadoria (MARX, 2011), que foi abordado de maneira semelhante por Freud no mesmo livro. Entretanto, há mais pontos de convergência, ambos concordam que a criação de divindades se trata da humanização da natureza e Marx também afirma que a promessa de recompensa e punição na vida após a morte serve de instrumento de dominação, porém esse instrumento faz parte da ideologia dominante, através do qual a classe trabalhadora oprimida se resigna em sua sina com esperança do cumprimento dessa promessa.

3.1 Afinal, é possível aproximar Freud e Marx?

Para falar de interlocuções entre marxismo e psicanálise freudiana, é preciso lembrar que não se trata de um todo harmônico (Freud de um lado com uma teoria dos indivíduos e Marx de outro com uma teoria da sociedade), mas de uma superposição que dificulta uma compatibilidade: Marx tinha sua própria teoria do psiquismo, enquanto Freud também tinha a sua acerca da civilização e da estrutura social. (TUPINAMBÁ, 2019)

A obra de Marx centra-se na política, história e economia em uma esfera macrossocial. Mas Marx também escreve sobre a individualidade, no quesito da constituição e reprodução social dos indivíduos no capitalismo, e se opõe ao individualismo, ou seja, à ideologia burguesa, caracterizada pela satisfação pessoal através do consumismo. Para Marx, nenhuma mudança relevante nas determinações sociais do mundo pode surgir a partir de uma transformação exclusivamente individualista. Nesse sentido, a perspectiva marxista desafia Freud e os psicanalistas a provar que as transformações apresentadas pela clínica e teoria analítica não visam apenas adequar os indivíduos à ideologia burguesa (TUPINAMBÁ, 2019).

Freud, ao investigar o aparelho psíquico, nunca desconsiderou o papel da cultura, dos costumes e da família na gênese e manutenção da individualidade, mas ao postular sua teoria da libido essas relações se tornam suscetíveis de distorção, pois envolvem enamoramento e paixão. Por conta disso, Freud desafia Marx e os revolucionários a mostrarem que sua compreensão do mundo e sua visão estratégica não passam de expectativas fantasiosas de harmonia e bem-estar social.

De acordo com Althusser, o marxismo e a psicanálise possuem objetos de estudo diferentes, sendo o primeiro a crítica do *homo economicus* e o segundo a do *homo psicologicus*, sendo, por isso, de campos conceitualmente distintos. No entanto, de acordo com Althusser, tanto a psicanálise quanto o marxismo seriam discursos materialistas, que buscam conhecer a realidade por caminhos irredutíveis à experiência individual, e ambos os discursos são dialéticos, em que o sujeito está em relação prática com o objeto, em um mundo que visa apreender conceitualmente e transformar. Apesar de seus objetos de estudo diferentes (o inconsciente para Freud e a economia política, para Marx), as duas teorias seriam “ciências conflituosas”, cujos objetos de investigação incluem aspectos da própria ciência que os investiga. E esse seria também o motivo pelo qual apresentam histórias institucionais parecidas, constantemente se dividindo e criando

instituições, imersas em debates internos e revisões teóricas. (ALTHUSSER, 1993).

É válido expor aqui também outros desafios entre os dois campos, que partem do posicionamento dos próprios autores em relação a esse assunto. Marx, na verdade, não conheceu Freud, pois morreu em 1883, quase vinte anos antes da obra *Interpretação dos Sonhos* ser escrita pelo psicanalista. Mas Freud teve um certo contato e já se manifestou algumas vezes sobre o marxismo, e, segundo Hilário (2014) Freud comete erros de avaliação nessas manifestações, pois ele limita-se a determinados pressupostos equivocados das interpretações de Marx, a saber, as ditas por Adler e Reich, e não as do próprio Marx. Configura-se assim o que o autor chama de “sombra marxiana”, que ronda o discurso de Freud acerca do marxismo, pois esse diálogo entre Freud e o marxismo é sempre mediado pelas interpretações de terceiros. E isso para Hilário (2014) é errante, não porque as interpretações de terceiros sejam errantes em si e se colocam como causa do descompasso, mas porque Freud não vai a Marx, não problematiza a partir dele suas críticas.

Mas para além das manifestações de Freud como “sombra marxiana”, o elemento decisivo que o distancia de Marx era efetivamente seu posicionamento político. Freud era um “liberal da velha escola”, e ele mesmo se autodenominava liberal, dizendo a mais sincera verdade. (HILÁRIO, 2014)

Aqui compreende-se esse posicionamento político a partir de Losurdo (2006), a saber, não como o pensamento liberal em sua abstrata pureza, mas o liberalismo, ou seja, o movimento e as sociedades liberais em sua concretização.

E é sobretudo no tratamento para com as massas que Freud demonstra todo o seu liberalismo:

[...] tampouco se pode prescindir da dominação de uma minoria sobre a massa, pois as massas são indolentes e insensatas, não gostam de renunciar aos impulsos, não podem ser persuadidas com argumentos da inevitabilidade dessa renúncia e seus indivíduos

se fortalecem mutuamente na tolerância aos desregramentos que praticam. Apenas através da influência de indivíduos exemplares que as massas reconheçam como seus líderes é que elas podem ser movidas ao trabalho e às renúncias de que depende a continuidade da cultura.” (p. 24, 2010)

Há uma tarefa atual da produção de uma crítica capaz de dar conta da atualidade a partir das contribuições marxianas e freudianas. Muito mais do que o encontro entre teorias mais ou menos acabadas, se trata da produção de uma teoria social crítica em cuja matriz estão Freud e Marx. Ou seja, é preciso realizar uma crítica radical capaz de, por um lado, desvencilhar Marx do marxismo e, por outro, recuperar Freud para além do liberalismo. (HILÁRIO, 2014)

Concluo que existem muitos desafios nessa interlocução, devido à diferença de época em que foram elaboradas as teorias, o que impossibilitou Marx de escrever sobre a psicanálise e ocasionou que apenas Freud se manifestou sobre o marxismo (e ainda o fez de forma problemática). A influência das manifestações de Freud induz os psicanalistas a fazerem o mesmo tipo de avaliação acerca do marxismo e afasta ainda mais a possibilidade de intersecções entre marxismo e psicanálise.

No entanto, apesar de cada campo possuir objetos de investigação diferentes, acredito que é possível realizar algumas aproximações teóricas entre os dois autores. Abordei nesse ensaio apenas parte da teoria do materialismo histórico-dialético e alguns aspectos das obras de Freud, entretanto identifico a possibilidade de explorar mais diálogos na vastidão de produções de cada autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPINO, Tais de Moura Ariza *et al.* **COVID-19 e (in)segurança alimentar e nutricional: ações do Governo Federal brasileiro na pandemia frente aos desmontes orçamentários e institucionais. Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00161320, 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Écrits sur la psychanalyse**. Paris: STOK/IMEC, 1993.

DAMASCENO, Victoria. **Fome atinge 19 milhões de brasileiros durante a pandemia em 2020**. *Folha*, São Paulo, 5 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/fome-atinge-19-milhoes-de-brasileiros-durante-a-pandemia-em-2020.shtml>>. Acesso em: 1 de maio de 2021.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O manifesto comunista**. 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

FERNANDES, Sérgio Augusto Franco. **A complexa relação entre a Psicanálise e o Marxismo**. *Olhar*, 94-97, 2001.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

_____. **Totem e Tabu**: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos. Porto Alegre: L&PM, 2013.

_____. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2010

GUEDES, Octavio. CPI da Covid: Governo Bolsonaro recusou 11 vezes ofertas para compras de vacina. **G1**, São Paulo, 27 de abril de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>>. Acesso em: 1 de maio de 2021.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **A sombra marxiana em Freud, ou o descompasso constitutivo de um encontro**. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. 3, p. 540-551, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desemprego**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 1 maio 2021.

LOSURDO, Domenico. **Contra-História do Liberalismo**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

SAMPAIO, Lucas. **Ranking da Covid: como o Brasil se compara a outros países em mortes**, casos e vacinas aplicadas. **G1**, São Paulo, 29 de abril de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/29/ranking-da-covid-como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-casos-e-vacinas-aplicadas.ghtml>>. Acesso em: 1 de maio de 2021.

MADERO, Havan, **Giraffas**: empresários criticam medidas de combate à pandemia. UOL, São Paulo, 24 de março de 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/24/empresarios-coronavirus-o-que-dizem-criticas.htm>>. Acesso em: 1 de maio de 2021.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Educação antirracista para crianças pequenas: ideias para começar um novo mundo. **Zero-a-Seis**, v. 23, n. Especial, p. 58-76, 2021.

Sem provas, Bolsonaro atribui perda de empregos a medidas restritivas. UOL, São Paulo, 28 de abril de 2021. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/28/bolsonaro-desemprego-lockdown-medidas-restritivas.htm>>. Acesso em: 1 de maio de 2021.

TUPINAMBÁ, Gabriel. **Depois da não-relação**: pensar a compossibilidade entre psicanálise e marxismo após 2017. Teoría y crítica de la psicología, n. 13, p. 185-205, 2019.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. **A pandemia de COVID-19 no Brasil**: crônica de uma crise sanitária anunciada. 2020.

.....

.....

4. A GRAMÁTICA DO POLÍTICO E SEU ESTATUTO NAS OBRAS SOCIOLÓGICAS DE SIGMUND FREUD

Leonardo Roman Ultramari*

4.1 Notas De Uma ausência

Jacques Lacan, em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, descreve a situação em que

“a dualidade etnográfica da natureza e da cultura está em vias de ser substituída por uma concepção ternária – natureza, sociedade e cultura – da condição humana, na qual é bem possível que o último termo se reduziu à linguagem, ou seja, àquilo que distingue essencialmente a sociedade humana das sociedades naturais” (LACAN, 1957/1998, p. 499).

* Graduando do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde atuou como bolsista voluntário nos projetos de ensino “As origens da Psicanálise nas tragédias Édipo de Sófocles e Hamlet de William Shakespeare” e “Psicanálise, Palavra e Poética”. Além disso, atuou como bolsista de extensão e cultura no projeto “DAC Live Streaming”. Durante o estágio obrigatório em Psicologia Social, atuou no Dispositivo Clínico Espaço de Expressão, do Grupo de Estudos em Saúde Coletiva dos Ecossistemas Costeiros e Marítimos (GESCEM). Atualmente, é integrante da linha de pesquisa “Artes musicais: processos criativos e subjetividade” e dos projetos de pesquisa “Espaço de Expressão em Tempos de Pandemia”, vinculado ao GESCEM, e “A psicopatologia da vida cotidiana: DSM, CID e psicanálise”. Interessa-se, especialmente, pelos campos da Psicanálise, da Psicologia Social e dos Estudos do Discurso.

Essa situação, associada, na obra lacaniana, a um momento de reformulação dos fundamentos epistemológicos da teoria psicanalítica, busca demarcar-se em relação aquilo que, em Freud, possibilitou reunir e unificar as esferas do social (entendido em sentido estrito) e do cultural (compreendendo aquilo que se refere à função simbólica) de tal modo que a própria linguagem foi entendida como uma “criação intelectual”, ao lado da canção popular, do folclore e de outras manifestações da vida em sociedade (FREUD, 1921/2020b). Redução, portanto, dos fenômenos sociais à esfera da cultura, para a qual faltava especificação. Isso se deve ao fato de que Freud não possuía, à época, o aparato conceitual para distinguir, na sua metapsicologia, a esfera própria da materialidade dos fenômenos linguístico-discursivos, coisa que aparece somente com Ferdinand de Saussure (1916/2012), o corte que este operou, o nascimento da linguística moderna e, posteriormente, do método estruturalista.

Nesse sentido, a impossibilidade de adequação de uma concepção ternária, nos moldes de Lacan, à teoria freudiana é patente, na medida em que há, nesta, uma certa homologia entre os estatutos da cultura e da língua. No entanto, abstraindo, daquilo que Lacan atribuiu à função simbólica, sua materialidade na forma do discursivo – que, pelo menos propriamente dita, de fato não encontra lugar na teoria de Freud –, resta-nos a função *do* simbólico: o laço social, o lugar de um terceiro, o político.

Desse modo, na tentativa de produzir uma reflexão sobre o estatuto do político na teoria freudiana que não o reduzisse aquilo que se depreende do conceito de cultura, isto é, de evitar, precisamente, a absorção dessa esfera pela dualidade etnográfica de que fala Lacan (1957/1998), vemos que não se pode concretizar senão pela autonomização, ainda que relativa, desse campo. Especificação de uma gramática, demarcação que depende, igualmente, da função do político enquanto matriz do laço social.

Sabemos os efeitos de reduções como aquela. O projeto de uma Psicologia Social fundada sobre o neopositivismo

e sua exploração progressiva de uma semântica de base idealista e universal efetuou, durante a maior parte do século XX, a exclusão, do seu escopo, de categorias como a das massas, da ideologia e da história – isto é, na concepção desta como aquela que se refere à luta de classes –, sob a justificativa de que tais categorias se configurariam como “demagógicas”, não-consensuais e, desse modo, de descrição demasiadamente instável (PÉCHEUX, 1975/2014). Apelo, portanto, à neutralidade e à universalidade da produção do conhecimento, sancionando *a posteriori* o silenciamento dos efeitos desta no modo de produção das formas de vida e, reciprocamente, do lugar do político na produção do conhecimento. De acordo com Farr (1998), tal exclusão – a do terceiro, da função simbólica, do político, desse lugar de mediação –, pode ser historicamente associada, no campo da Psicologia Social, aos trabalhos de F. H. Allport (1924), que levaram à transformação desse campo em uma ciência comportamental e experimental, bem como ao individualismo metodológico que essa transformação implica. Jesus (2013), por sua vez, aproxima tal exclusão do crescimento do interesse da Psicologia Social por grupos menores, mudança motivada pela necessidade de inclusão das práticas e do saber psicológico no ambiente organizacional. Ainda segundo essa autora, foram as Ciências Sociais que se preocuparam em abarcar e dar continuidade à produção do conhecimento sobre temas como o das massas (JESUS, 2013). Marcou-se, assim, um certo distanciamento entre a Psicologia Social e as Ciências Sociais, as quais se aproximaram, nesse mesmo movimento, da Psicanálise.

Esta, por sua vez, desde Freud esteve concernida com a natureza e a forma dessa relação entre o indivíduo e a sociedade, ao ponto de rejeitar terminantemente a separação entre essas esferas (FREUD, 1921/2020b; GUIMARÃES; CELES, 2007; SAFATLE, 2015). Preocupou-se, inclusive, com fenômenos próprios do político, mesmo concebendo esses fenômenos como caminhos através dos quais se pudesse compreender aquilo que diz da ordem do psíquico (GUIMARÃES; CELES, 2007). Para além disso, autoras/es como Miriam

Debieux Rosa (2004) e Eugéne Enriquez (2005) fundamentam e defendem a pertinência da Psicanálise na compreensão dos fenômenos sociais e políticos, bem como a potência das produções que se estabelecem nas interfaces entre a Psicanálise e as Ciências Sociais. Diante disso, a exclusão de que falávamos ganha, pela sua sistematicidade, os contornos sintomáticos de um silenciamento mais abrangente, pois ao excluir o político de seu campo, a Psicologia Social efetua um movimento de viés, acima de tudo, político (GADET *et al.*, 1982/2015).

A partir dessas considerações, o presente artigo busca explorar o argumento de uma autonomização do político em relação ao cultural na obra de Sigmund Freud, discernindo sua gramática própria, bem como compreender o estatuto daquela esfera como lugar de encontro interconstitutivo do individual e do cultural. Tomaram-se, assim, como base desta análise, alguns dos textos freudianos que se convencionou chamar de “sociológicos” (FREUD, 1913/2012, 1915/2020a, 1921/2020b, 1927/2020c, 1930/2020d).

4.2 Sobre a fundação da cultura em Freud: o parricídio como um ato político

A esfera própria do político¹, neste trabalho, foi compreendida tanto como o que “sempre se refere à organização prática do poder” (FERRETTI, 2011, p. 70), quanto como as *formas*, os *modos* de inscrição, reconhecimento e participação do indivíduo no interior da coletividade. Diz, portanto e em última instância, daquilo que acima denominamos como a função *do* simbólico, o laço social, a relação do sujeito com a autoridade simbólica pela qual ele se constitui (HERZOG, 2004), aquilo que toca e transpassa a singularidade e a clínica.

Nesse sentido, que a obra de Freud tenha um estatuto político, que ele tenha se ocupado de temas correlatos a esse,

¹ Do ponto de vista etimológico, *politikós* se referia, na obra de Aristóteles (2006), às formas de governança da pólis grega e à busca de uma prática que primasse pelo bem da cidade. No nosso caso, optou-se pela expressão adjetiva substantivada, para preservar o seu caráter de função.

ou que pelo menos suas considerações impliquem reflexões sobre a política, parece bem estabelecido, e isso o demonstram diversos trabalhos (OLIVEIRA, 2002; ROSA, 2004; ENRIQUEZ, 2005; FERRETTI, 2011; HUR, 2011; CUNHA, 2012; SAFATLE, 2015; INDURSKI, 2020). No entanto, ele próprio não se debruçou diretamente ou explicitamente sobre esse tema (GOLDENBERG, 2006), e considerações sobre a esfera do político aparecem apenas lateralmente em sua obra. Isso é precisamente o que se percebe quando nos deparamos com o conceito de cultura², em relação ao qual a situação é, no entanto, bem diferente. Em *O futuro de uma ilusão*, ele afirma:

“A cultura humana [...] mostra ao observador, como se sabe, dois lados. Em um deles ela abrange todo o saber e a capacidade que os seres humanos adquiriram para dominar as forças da natureza e extrair desta seus bens para a satisfação das necessidades humanas; e no outro, todos os dispositivos necessários para regular as relações dos seres humanos entre si, e especialmente a distribuição dos bens acessíveis” (FREUD, 1927/2020c, p. 234, grifo nosso).

Como vemos, uma ideia embrionária e, assim, extremamente parcial do que seria a esfera do político interfere lateralmente no conceito de cultura. Compreender a dimensão do político apenas nesses termos (conforme destaque) implicaria na necessidade de uma crítica da formulação freudiana, a qual ensaiaria, pela unificação dessas categorias (da ordem do sujeito com a produção e do sujeito com o discurso), aquela redução do político ao cultural de que falamos acima. Diante disso, precisamos aceitar, a partir daqui, que a separação entre essas esferas não pode ser absoluta, visto que, como Freud afirma a seguir, as duas orientações

² Para uma apreciação das razões que levaram Freud a postular uma relação de identidade entre cultura (*Kultur*) e civilização (*Zivilisation*), remetemos o leitor ao texto *Para ler o mal-estar*, de Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares (2020).

da cultura não são independentes uma da outra” (FREUD, 1927/2020c, p. 234).

No mito freudiano da fundação da cultura, *Totem e tabu* (FREUD, 1913/2012), veremos como essas distinções se tornam ainda mais nebulosas, sem que, no entanto, não possamos extrair dele pistas importantes. Nesse texto, o autor descreve a passagem de uma organização social pautada na subserviência a um pai primordial para uma fundada na culpa, na Lei moral e no contrato entre irmãos. Naquela primeira forma de organização, o pai guardaria para si, possessiva e violentamente, todas as fêmeas, e expulsaria da horda todos os machos à medida que crescessem. Logo, a passagem para uma segunda forma de organização se daria pela união dos membros expulsos e, conseqüentemente, pelo assassinato do pai primordial:

“Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente. [...] O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais. Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos” (FREUD, 1913/2012, p. 141).

Um primeiro ponto a ser exposto é o caráter transformativo que essa passagem de uma forma de organização a outra possui. Algo foi transformado, e esse processo mudou o curso da história da humanidade. Lá onde antes havia uma certa “espontaneidade” e natureza – é o que Freud (1913/2012) busca demonstrar –, passou a existir restrição, ritual e o tabu.

Cabe ressaltar, nesse sentido, que diferentes autores pensam diferentemente a natureza dos efeitos desse acontecimento descrito por Freud, sem que, no entanto, não possamos aproximá-los em suas concordâncias. Ferretti (2011), por exemplo, atribui a essa passagem o momento da instauração

da Lei; Enriquez (2005) e Oliveira (2002), da fundação do vínculo e do laço social; Indurski (2020) da criação da cultura; Hur (2011) de inscrição dos fundamentos da sociedade e da constituição das interdições sociais. Birman (2003, 2010) e Cunha (2012), por outro lado, propõem que pensemos nesse mito como o da fundação de uma comunidade política, abordagem que, do nosso ponto de vista, parece abarcar satisfatoriamente as demais e, ao mesmo tempo, direcionar a discussão para o que se pretende explorar neste artigo. Birman (2010) questiona, inclusive, as abordagens que evitaram, mesmo que negativamente, a compreensão desse ensaio, enquanto problematização do político, vendo nele apenas uma dissertação sobre a moral e a religião.

Temos, assim, na leitura desses autores e na sua confrontação com as palavras de Freud (1913/2012), uma separação entre dois momentos: o do acontecimento do parricídio, a cisão com uma certa forma de organização “primitiva”, não-simbolizável e, desse modo, garantida apenas pelo uso da força do pai primevo – poderíamos caracterizar esse momento de desestabilização como o da *ruptura*; e aquele que podemos denominar como o momento da *fundação*, isto é, de reformulação de uma estrutura – para mantermo-nos nessa metáfora dialética –, de constituição do *ethos* cultural comunitário, baseado no comum acordo de renúncia pulsional entre membros que, a partir daí, se veem como irmãos (FREUD, 1913/2012).

Podemos depreender disso que a instauração de uma comunidade política é apenas o produto final do parricídio, não aquilo que este precisa se constituir para, a partir de então, fundar a cultura. Isso significa que, para que o parricídio funde a Lei moral, a culpa ou, mais amplamente, a cultura, ele o precisa fazer, num sentido bem determinado, “de fora”. Dito de outro modo, e enunciando o ponto fundamental: por estar concernido com o exercício do poder ou da força (mais especificamente: com a sua subversão), com a organização e com os modos de laço social, o acontecimento do parricídio é um ato político, e a cultura, a Lei, a interdição, ou o que quer

que seja tido como subproduto desse ato fundante, deve ser concebido como tal, isto é, como um efeito.

4.3 O político no encontro agonístico entre o sujeito e a cultura: o fenômeno da identificação

Um caminho alternativo para a compreensão da especificidade do político na obra freudiana pode se dar pelo recurso ao conceito de identificação. Esse conceito já aparece em *Totem e Tabu*, para estabelecer o modo como a identificação com a força do pai primevo seria o fundamento do mútuo reconhecimento fraterno entre os membros da horda: “No ato de devorá-lo [o pai primordial] eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força” (FREUD, 1913/2012, p. 141).

A identificação, entretanto, viria a ter um desenvolvimento crucial em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (FREUD, 1921/2020b). Nesse texto, além de reiterar que a identificação é a mais antiga forma de ligação libidinal de um indivíduo com outro, o autor especifica os três modos da identificação: (1) aquele da histeria, em que há o desejo de substituição, na tríade edípica, da mãe, e “o sintoma exprime o amor de objeto pelo pai” (FREUD, 1921/2020b, p. 180); (2) outra na qual o sintoma é o mesmo do objeto amado, e o Eu toma para si, através do sintoma, as características desse objeto; e (3), aquele em que a identificação por meio do sintoma abstrai o objeto, e se torna “o índice de um lugar de coincidência dos dois Eus, lugar esse que deve ser mantido recalcado” (FREUD, 1921/2020b, p. 181). Nessa perspectiva, Guimarães e Celes (2007) postulam, a partir da análise do conceito de identificação, o estatuto metapsicológico do social na obra de Freud. Com a compreensão da identificação “como mediação entre o psíquico e o social” (GUIMARÃES; CELES, 2007, p. 345), a alteridade passa a ser constitutiva da experiência subjetiva individual. O social, desse modo, aparece como uma instância de subjetivação, que através dos processos de identificação, ora com um lugar de objeto, ora com um lugar de desejo, produz a relação do sujeito com o mundo e consigo.

É essencial ressaltar um elemento comum, que perpassa todas essas modalidades da identificação. É o fato de que ela sempre se dá em relação a um traço único, um sintoma, e não em relação ao todo, à imagem completa daquele (a) que se toma por modelo. Essa forma de identificação em relação a um sintoma, além de ensaiar a tese fundamental da crítica freudiana da cultura – isto é, a ideia de que os esforços e as renúncias aos quais o indivíduo se submeteu para o surgimento e a manutenção da vida em sociedade foram insuficientes para lhe garantir uma vida mais “feliz” (FREUD, 1930/2020d) –, expõe a outra face dessa insuficiência: o fato de que o sujeito (e especificamos: o sujeito do inconsciente) sempre será irreduzível à cultura, sempre haverá um hiato entre aquilo que a cultura demanda do indivíduo (na forma da instância psíquica do Supereu) e aquilo que ele pode de fato entregar.

Nesse encontro, nessa agonística, se revela a desilusão de que fala Freud (1915/2020a) em *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte*. Desilusão porque, como ele constata, “não existe nenhuma ‘extirpação’ do mal” (p. 107): tudo aquilo que se condena na cultura permanece vivo na atemporalidade do inconsciente. A guerra, esse simulacro geopolítico e hipostasiado da condição humana que perturbou seriamente a Freud, o fez por escancarar a inexorabilidade da violência na relação entre o individual e o cultural – por demonstrar que ela é constitutiva, se não na vida “primordial”, em que o pai da horda matava, possuía ou expulsava os seus iguais, na vida dita “civilizada”, em que para ser possível, a cultura demanda a todos um igual sacrifício de suas moções pulsionais mais profundas.

É desse sacrifício, bem como da impossibilidade de sua completude, que advém o mal-estar. Em *O mal-estar na cultura*, Freud (1930/2020d) aborda os modos como, na busca incansável por formas de vida mais adequadas à felicidade, a humanidade pouco conquistou, e esse pouco acabou por gerar novos sofrimentos. Estes, então, nos ameaçam de todos os lados: do nosso próprio corpo, do mundo ao nosso redor e das nossas relações uns com os outros. No entanto, nessa obra, Freud (1930/2020d) irá demonstrar que mesmo diante

de sua miséria, mesmo com a sucessão de fracassos na busca pela felicidade, a humanidade sempre esteve preocupada com sua própria transformação – e podemos remeter tal asserção ao que discutimos sobre o parricídio.

Aqui começamos a perceber as nuances do que propomos ao início. Se Lacan (1957/1998) pôde atribuir à função simbólica uma terceira esfera, Freud fez o mesmo em relação ao político, mesmo que sem sabê-lo. A dualidade natureza-cultura não abarca a totalidade dos processos sociais, precisamente porque, mesmo em Freud, há nessa dualidade um hiato. Hiato este que não se dá senão sob a forma da agonística: do embate, da dialética e da transformação.

As demandas impostas pela cultura, sua interpelação do sujeito pela via da identificação, como visto, é marcada pela falta. Falta essa que é lugar do desejo, lugar de retorno da singularidade e, assim, de confrontação incessante com a precariedade das relações na cultura. É a esse hiato que pensamos a possibilidade de sobrepor a categoria do político em Freud. Espaço de barganha, de inadequação, de dissonância em relação às demandas do Supereu. Mas também, e talvez precisamente por isso, de criação, de resistência, de sustentação do desejo e de sua singularidade irreduzível. Em suma: espaço de transforma-atividade.

Desse modo, se a identificação, essa primeira forma de ligação libidinal de um indivíduo com outro, é concebida como um índice potencial do estatuto metapsicológico do social em Freud (GUIMARÃES; CELES, 2007), esse estatuto só o pode ser na medida em que se constrói na base de uma indeterminação. E mais do que isso: só o pode ser enquanto campo de um antagonismo. A esfera do político como propomos entender aqui, isto é, compreendida como um espaço interconstitutivo do individual e do cultural, ganha seus contornos a partir das considerações acima expressas. Esse espaço, que diz de uma indeterminação, funciona nos tensionamentos sempre presentes da relação do indivíduo com a cultura, interpellando aquele e questionando esta, e tem sua materialidade constituída pelo fenômeno da identificação – e, mais especificamente, pela *incompletude* da identificação.

4.4 Considerações finais ou por que o político é (im)possível

A discussão estabelecida neste artigo explorou a possibilidade de uma autonomização da esfera do político relativamente àquela da cultura. Sabendo-se parcial, baseou-se no argumento de que o ato fundante da cultura para Freud (1913/2012) não tratava de um ato cultural propriamente dito, mas de um ato político. O exame do conceito de identificação, a partir disso, possibilitou que pensássemos nesse fenômeno como pertencente a essa esfera nova, diferenciada, mesmo que apenas relativamente, do cultural. Compreendemos Freud, desse modo, não apenas como um crítico da cultura, mas também, e talvez precisamente por isso, como um pensador da transformação da cultura e, assim, do político.

A gramática própria da esfera do político, do modo como podemos apreender a partir do exame de algumas das obras sociológicas de Freud, está predicada no lugar de encontro interconstitutivo do individual e do cultural, encontro que é marcado pela incompletude. Um ato político funda a cultura, e a relação do sujeito com o poder, esse poder sem corpo de que fala Safatle (2015), passa, a partir de então, a ser marcada pela falta, pelo não-todo, pela impossibilidade e, logo, pela transforma-atividade.

Alguns pontos não puderam ser incluídos nessa análise. Entre eles, a questão da sublimação, que, como afirma Birman (2010), pode contribuir para a especificação dos modos de criação dentro dessa esfera do político. Além disso, o problema do sofrimento e suas formas de inscrição e reconhecimento na cultura, bem como os contornos políticos que tal problema toma. Questões como essas podem vir a ser objeto de análises posteriores. Outro ponto que deixou de ser abordado mais demoradamente foi o da oposição entre a natureza e o político. No entanto, deixamos esse ponto em aberto pela perspectiva de que se há algo impossível após a Lei, é a natureza, que passa a existir somente como processo de naturalização, sendo, desse modo, da ordem do ideológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLPORT, Floyd Henry. **Social psychology**. Boston, MA: Houghton-Mifflin, 1924.
- ARISTÓTELES. **A política**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BIRMAN, Joel. Fraternidades: destinos e impasses da figura do pai na atualidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 93-114, jun. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312003000100005>. Acesso em: 24 out. 2021.
- BIRMAN, Joel. Governabilidade, força e sublimação: Freud e a filosofia política. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 531-556, set. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000300005>. Acesso em: 24 out. 2021
- CUNHA, Maicon Pereira da. Freud como pensador do político: sobre a igualdade impossível entre os homens. **Revista Epos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, jun. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2012000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2021.
- ENRIQUEZ, Eugène. Psicanálise e Ciências Sociais. **Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 153-174, dez. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000200001>. Acesso em: 24 out. 2021.
- FARR, Robert M. A psicologia das massas e da cultura. *In*: FARR, R. M. **As raízes da Psicologia Social Moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 61-78.
- FREUD, Sigmund. (1913). Totem e tabu. *In*: FREUD, S. **Obras completas, volume 11**: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 7-176.
- _____. (1915). Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. *In*: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020a. p. 99-136.
- _____. (1921). Psicologia das massas e análise do Eu. *In*: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020b. p. 137-232.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. *In*: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020c. p. 233-298.

_____. (1930). O mal-estar na cultura. *In*: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020d. p. 305-410.

FERRETTI, Mariana Galletti. Considerações sobre a ética e a política na psicanálise. **A peste**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 69-76, jan./jun. 2011.

GADET, François; HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. (1982). Nota sobre a questão da linguagem e do simbólico em psicologia. *In*: ORLANDI, E. O. (org.). **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 55-71.

GOLDENBERG, Ricardo Davi. **Política e Psicanálise (Vol. 71)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin e CELES, Luiz Augusto M. **O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud**. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 341-346, jul./set. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000300014>. Acesso em: 24 out. 2021.

Herzog, Regina. **O laço social na contemporaneidade**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 40-55, set. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47142004003004>. Acesso em: 24 out. 2021.

HUR, Domenico Uhng. **Psicanálise e política: Considerações sobre o Estado**. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/97827>. Acesso em: 24 out. 2021.

IANNINI, Gilson e TAVARES, Pedro Helidoro. **Para ler o mal-estar**. *In*: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. p. 7-32.

INDURSKI, Alexei Conte. **Psicanálise, fascismo e populismo: notas sobre a emergência do bolsonarismo no Brasil**. *Teoría y Crítica de la Psicología*, [S. l.], v. 14, p. 150-162, 2020. Disponível em: <https://teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/312>. Acesso em 24 out. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Psicologia das massas: contexto e desafios brasileiros**. Psicologia & Sociedade, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 493-503, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300003>. Acesso em: 24 out. 2021.

LACAN, Jacques. (1957). **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-536.

PÊCHEUX, Michel. (1975). **Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

ROSA, Miriam Debieux. **A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica**. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2021.

SAFATLE, Vladimir. **Medo, desamparo e poder sem corpo**. In: SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 47-97.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

.....

.....

5. SOBRE AS RAÍZES DO NAZISMO

Abrão Slavutzky*

Sigmund Freud, no final de sua vida, escreve *Moisés e a Religião teísta* para explicar o antissemitismo. Freud nem sempre acertou, ainda bem, mas revela no livro sua paixão por Moisés em busca por saber o que é um pai. Sempre acreditou na sua invenção em *Totem e Tabu*, no qual um assassinato do pai onipotente pelos filhos teria mudado a história da humanidade. O “Moisés” de Freud foi escrito entre 1934 e 1938 na ascensão do nazismo. Hoje ainda se pergunta sobre a atualidade desse movimento de extrema direita que gerou o antissemitismo redentor.

O nazismo segue sendo um tema atual, assim como todas as formas de racismo. Aliás, alguns buscam definir os seguidores de Hitler como socialistas, como fizeram aqui um ex-ministro do Exterior e o próprio presidente. Historiadores de Israel e Alemanha escreveram o que todo mundo sabe: o nazismo foi e é de extrema-direita. Aliás, as ditaduras e o autoritarismo usam e abusam das mentiras, e assim o ódio obscurece a razão de boa parte da população.

* Psicanalista e psiquiatra, formado em Buenos Aires e em medicina pela Universidade das Ciências da Saúde de Porto Alegre. Autor dos Livros *Psicanálise e Cultura*, *Para início de conversa*, *Quem pensa tu que eu sou*, *Humor é coisa séria*; e *Imaginar o Amanhã* (com Edson Luiz André de Sousa). Abrão participou do projeto de extensão “As interfaces entre as ciências sociais e a psicanálise: os textos de Sigmund Freud no dia 21 de maio de 2021 para falar da obra “O homem Moisés e a religião monoteísta”, gravado no canal LEXPARTELAB do Youtube no seguinte link: <https://youtu.be/4thH0i6Gwpo>

Uma das raízes do nazismo foi o conflito do cristianismo contra os judeus, por estes não aceitarem Jesus Cristo como messias. Foram séculos de tensões, perseguições como nas Cruzadas, e na longa Inquisição. No caso da Alemanha, tudo piorou quando se publica o livro *Sobre os judeus e suas mentiras*, de Martinho Lutero. Este incomodado porque os judeus não se uniram a ele no combate ao Vaticano, passa a defender a perseguição aos judeus, destruição dos seus bens religiosos, confisco de seu dinheiro. Para Hitler havia três grandes personagens da história alemã: Lutero, Frederico, o grande, e Richard Wagner, como escreveu em seu *Mein Kampf*.

Para conhecer as raízes do nazismo indico a leitura de *Os Alemães*, livro, considerado por Zygmunt Bauman a obra-prima, de Norbert Elias, no qual se analisa o comportamento prussiano e depois alemão a partir do *habitus*, que é um saber social incorporado, em especial nos séculos XIX e XX, ou seja, é a herança cultural adquirida como o hábito da bebida, do duelo e da educação severa nos séculos. Em um filme psicológico, de alta tensão, *Fita Branca*, do diretor austríaco Michael Haneke, esse revela a educação repressiva que antecedeu o regime nazista.

Importante também foi a vingança pela derrota a crise capitalista de 1929, conhecida como a grande depressão, a quinta-feira negra – dia 24 de outubro –, que mudou o mundo. O nazismo foi o beneficiário direto dessa crise, pois nas eleições de 1928 tiveram 2% dos votos, em 1930, 15%, e em 1932, 31,2%. Os votos vieram dos desempregados, da classe média assustada pela insegurança econômica.

Em junho de 1934, o ministro da Justiça do Reich, Franz Gürtner, expôs as medidas legais dos Estados Unidos para lidar com os grupos marginais e proteger os cidadãos brancos. Desejavam institucionalizar o racismo no Terceiro *Reich* e para isso recorreram ao nazismo, seguindo a extrema direita na lógica da guerra de castas, os humanos e os sub-humanos. Essa paixão racista na Alemanha contra os judeus, ou o racismo estrutural dos Estados Unidos e Brasil revelam o sistema de casta. Desafiar as castas pode ser inglório, mas resignar-se é ser cúmplice da pior das crueldades.

Theodor Adorno escreveu em 1946 sobre os nazistas algo que pode estar presente hoje: “Se excitam com a ideia da ruína inevitável, sem sequer diferenciar claramente entre a destruição de seus inimigos e a de si mesmos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor, Propaganda fascista e antissemitismo Publicado originalmente em Ernts Simmel (org.), *Anti-semitism: A social disease*. Madison: International University Press, 1946. Reproduzido em *Gesammelte Schriften Vol. 9, T. I [Soziologische Schriften]* Frankfurt: Surhkamp Verlag, 1975, p. 397-407. Traduzido por Francisco Rüdiger.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

FREUD, Sigmund, *O homem Moisés e a religião Monoteísta*. Porto Alegre: L&PM, 2018

.....

.....

6. NEGAÇÃO, ANGÚSTIA E CONFUSÃO: O MAL-ESTAR DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA INFLUENCIADO POR MOMENTO PSÍQUICO COMPLEXO

Valter Monteiro*

O presente trabalho tem por objetivo elaborar um percurso do momento psíquico da sociedade e o mal-estar causado pela conjuntura atual, tão obscura em seu entendimento, convivendo em meio aos sentimentos de negação, angústia e confusão. Tatear os textos freudianos é o roteiro escolhido para buscar explicações acerca desses sentimentos que habitam as nossas mentes. Cada pessoa é um ser único, com suas subjetividades, conflitos e, por que não dizer, seus enigmas!

Principiando pelo caminho do negacionismo, utilizado por interesses diversos e desconhecidos à guisa de evadir-se da evidência que incomoda, costumeiro no cenário de uma sociedade em crise e em situações de fragilidade, proponho, na psicanálise, explicações que possam melhor interpretar elemento tão sombrio dessa individualidade do ser humano.

Em Laplanche e Pontalis (1991), podemos aclarar a percepção de negação consoante “o processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se

* Psicólogo formado pela Universidade Nove de Julho UNINOVE

dele negando que lhe pertença”. Satisfaz ao mencionar o texto *A negação*, escrito por Freud em 1925, aponta que o aparelho psíquico é organizado a partir do agenciamento de conflitos. A psiquê mantém-se comumente em conflito obediente aos processos do pensamento e a modos de circulação do desejo, por conseguinte o sujeito se serve de negações para produzir relações de síntese, admitindo uma linguagem capaz de atenuar os seus conflitos.

Dentre os diversos escritos de Freud, a negação se faz presente na nossa relação com a morte. No texto *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte* (1915), ele nos conduz a elucubrar sobre o despertar do pensamento e da nossa imaginação para negar a anulação da vida. Segundo Freud, aceitamos a morte para o estranho e o inimigo, mas não para nós. O nosso inconsciente não crê na própria morte, comportando-se como se fossemos imortais:

Perguntamos: como se conduz o nosso inconsciente em relação ao problema da morte? A resposta deve ser: quase exatamente como o humano pré-histórico. Nesse aspecto, como em muitos outros, o homem primitivo continua a viver inalterado em nosso inconsciente. Portanto, o nosso inconsciente não acredita na própria morte, ele se conduz como se fosse imortal. O que chamamos de nosso “inconsciente”, as mais profundas camadas de nossa alma constituídas por moções pulsionais, não conhece absolutamente nada que seja negativo, nenhuma negação – nele os opostos coincidem –, e por isso também não conhece a própria morte, a qual só podemos dar um conteúdo negativo. (FREUD, 2020, p. 127)

Nesse mesmo texto Freud cita o “segredo do heroísmo” como algo que testifica a não crença inconsciente da morte para si, o menosprezo e a negação do perigo.

Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud se refere às nossas renúncias pulsionais e proibições suprimidas em favor da cultura. A necessidade de negar o estado natural, por ser muito mais difícil de suportar, pois caso houvesse a supressão da cultura, poderíamos fazer qualquer coisa, sem restrição pulsional.

É justamente por causa desses perigos com os quais a natureza nos ameaça que nos aliamos e criamos a cultura, que, entre outras coisas, deve também tornar possível a nossa vida em comunidade. Pois a principal tarefa da cultura, o verdadeiro fundamento de sua existência é proteger-nos da natureza. (FREUD, 2020, p. 245).

Invocando *Totem e Tabu* (1913), a sociedade atual não está muito distante do “homem primevo”. No texto *O interesse da psicanálise do ponto de vista da história da civilização*, esse pensamento se mostra sobejamente presente (FREUD, 1974, p. 129).

Ao seguirmos esse raciocínio, os seres humanos são movidos pelo “princípio do prazer”, sendo este que determina o propósito da vida e domina o funcionamento do aparelho psíquico. Quando a realidade se transforma em inimigo e fonte de sofrimento, cuja convivência torna-se difícil, o indivíduo rompe suas relações com ela, servindo-se da negação.

Enfim, a negação é a condição assumida pelo indivíduo como mecanismo de defesa quando se vê diante de uma dificuldade. É um recurso da natureza humana muito utilizado em momento da ocorrência de tragédias. Por vezes o indivíduo precisa negar em prol da sua sobrevivência emocional.

Antes de invadir o complexo e multifacetado meandro da angústia, tão presente nos textos freudianos, convém descrevê-la em suas diversas conceituações, pois certamente não é apenas um medo paradoxal. Na literatura, encontramos variados conceitos, como por exemplo: “sentimento que se liga a uma sensação interna de opressão ou de desespero; grande aflição do espírito, tormento, tortura; pode ser também sensação de apreensão ou inquietação em relação a algo ou alguém; situação de aflição; desassossego, sufoco e temor”. Podemos encontrar em alguns teóricos e pensadores acepções

dignas de reflexão sobre o termo. Para Kierkegaard (1813-1855), introdutor do termo, a angústia é um estado de inquietude do ser humano, causada pela presença do pecado, vinculada a sua total liberdade. Heidegger (1889-1976) considera, como o estado existencial de insegurança do homem diante do nada, sua consciência da inevitável ameaça da morte. Recorrendo a Sartre (1905-1980), nos defrontamos com a noção do estado de consciência da responsabilidade do homem que decorre de sua infinita liberdade, o que o faz o único autor dos valores presentes em sua vida.

Complementando o presente exórdio sobre o tema, não poderia deixar de citar Graciliano Ramos, um dos maiores escritores da literatura brasileira, por ter entre as suas principais obras, *Angústia* (1936), relatando em forma de romance as lembranças angustiantes da vida de um homem perturbado psicologicamente.

Retomando o escopo psicanalítico do presente trabalho, julgo pertinente a distinção proposta por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), entre “pavor”, “medo” e “angústia”:

São termos que é errado empregar como sinônimos: a sua relação com o perigo permite realmente diferenciá-los. O termo “angústia” designa um estado caracterizado pela expectativa do perigo e a preparação para ele, ainda que desconhecido. O termo “medo” supõe um objeto definido de que se tem medo. Quanto ao termo “pavor ou susto”, designa o estado que surge quando se cai numa situação perigosa sem que se esteja preparado para ela; acentua o fator surpresa. Entre pavor e angústia, a diferença está no fato de o primeiro se caracterizar pela não-preparação para o perigo, enquanto na angústia há alguma coisa que protege contra o pavor. (LAPLANCHE E PONTALIS, 1991, p. 337)

Em seus escritos iniciais, época que reinava a repressão sexual, Freud vinculou a gênese da angústia com desejos sexuais inaceitáveis, os quais conflitavam com as normas sociais interiorizadas no indivíduo, sendo produzida pela transformação da energia sexual que não pôde ser apropriadamente descarregada. No entanto, posteriormente Freud reviu os seus conceitos sobre a angústia, evidenciando a ideia da angústia como reação a um perigo, introduzindo na sua teoria *Inibição, sintoma e angústia* (1926), as expressões: “angústia ante um perigo real” e “angústia automática”. Segundo Laplanche e Pontalis (1991, p. 26), o termo “angústia ante um perigo real” foi utilizado por Freud no quadro da sua segunda teoria da angústia para referir-se a angústia perante um perigo exterior que constitui para o sujeito uma ameaça real. No que concerne a “angústia automática”, diz respeito a reação do sujeito sempre que se encontra numa situação traumática, isto é, submetido a um afluxo de excitações, de origem externa ou interna, que é incapaz de dominar. A angústia automática opõe-se para Freud ao sinal de angústia.

Freud descreveu o sinal de angústia não como “uma tensão pulsional conflituosa, mas um sinal de uma tensão pulsional antecipada manifestado no ego”. Daí a ideia psicanalítica clássica de que a angústia é um sinal ou aviso de que algo tremendamente terrível está para acontecer, de modo que é melhor fazer alguma coisa bem rápido se se quer sobreviver física e mentalmente. (EMANUEL, 2005, p. 15)

Freud também nos diz que além da relação com o perigo, ou seja, algo conhecido, motivo pelo qual denominou de “angústia ante um perigo real”, a angústia está diretamente relacionada com a expectativa, falta de algo, tendo esse algo a qualidade de indefinido. Essa segunda hipótese denominou de angústia neurótica, assim dizendo, a angústia por um perigo desconhecido, algo que ainda precisa ser descoberto. Destarte

ele nos diz que pode haver uma combinação entre a angústia realística e a neurótica, pois o perigo pode ser conhecido, mas a angústia possui uma dimensão desmedida comparativamente ao fato em si.

É possível que a angústia seja desencadeada em virtude do pouco conhecimento sobre determinado acontecimento, explicações utópicas, sem correspondência com a realidade. Bem como, estar frente ao desconhecido, o diagnóstico de uma doença, a perda de um familiar ou mesmo uma decepção amorosa. Em suma, a ansiedade, considerada “o mal do século” é, provavelmente, uma das principais motivadoras da angústia na sociedade atual.

Ao analisarmos a massa que constitui a sociedade contemporânea, surge a seguinte indagação: se o indivíduo não nega os fatos desagradáveis que permeiam o seu cotidiano e nem se sente angustiado, em qual “massa” ele está inserido? Provavelmente encontra-se dentre os confusos. O tema “confuso” nos remete a diferentes pressupostos e conceitos. Podemos dizer que é um conflito provocado por discordância entre pessoas; mistura desordenada de coisas variadas ou até mesmo uma manifestação de desorganização mental.

Utilizando-se do momento atual vivenciado pela humanidade, torna-se oportuna a citação do psicanalista Christian Dunker em entrevista à BBC News Brasil, quando na ocasião citou três comportamentos manifestados pelas pessoas: “o tolo”, “o desesperado” e “o confuso”.

Segundo o psicanalista, o tolo tende a negar a situação dramática como maneira de enfrentar o medo; o perfil desesperado se angustia ainda mais com a situação; já o confuso transita entre esses dois polos, sem saber direito como deve agir e pensar. Ele conclui dizendo: “Se você não está confuso nesse momento, procure um psicanalista porque você tem um problema!”.

Esse contexto me conduz aos seguintes questionamentos: estar confuso é algo inerente ao ser humano? A vida é movida por estados confusos? Não estar confuso é condicionante da existência de estado patológico? Retornando aos escritos

de Freud em *O futuro de uma ilusão*, nos deparamos com seus questionamentos e suspeições a respeito das doutrinas religiosas. A influência que essas doutrinas exercem sobre a humanidade, mesmo com as suas, segundo Freud, indiscutíveis faltas de comprovações. Mais adiante Freud revê as suas considerações a respeito das doutrinas religiosas, atenuando a predita confusão:

Nesse ponto, podemos ser interpelados pela seguinte objeção: então, se até mesmo os céticos obstinados admitem que as afirmações da religião não podem ser refutadas pela razão, por que não devo acreditar nelas, já que elas têm tantas coisas a seu favor, a tradição, o consenso entre os seres humanos e tudo o que existe de reconfortante em seu conteúdo? Sim, por que não? Assim como ninguém pode ser forçado a uma crença, ninguém pode ser forçado a uma incredulidade. (FREUD, 2020, p. 265)

Em *O mal-estar na cultura* (1930), uma vez mais podemos ficar confusos com os questionamentos de Freud. Qual o propósito da vida? Mesmo tendo fomentado suspeitas a respeito das doutrinas religiosas, Freud se refere a religião como sendo a única capaz de responder tal questionamento, asseverando a ideia de que o propósito para a vida venha diretamente do sistema religioso, sendo a felicidade o que todo ser humano anseia. Todavia, estabelece duas vertentes, sendo uma positiva e outra negativa, ou seja, “ausência de dor e desprazer” e “experiências de intensos sentimentos de prazer”. É fácil deduzir que a segunda vertente é a mais compatível ao olhar do ser humano, quando proferimos a palavra felicidade. É possível que a nossa confusão psíquica seja ainda mais incitada ao nos depararmos com a explicação apresentada por Freud sobre a felicidade:

Notamos que é simplesmente o programa do princípio de prazer que determina o propósito da vida. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho anímico desde o início; não pode haver dúvida sobre a sua pertinência, e, no entanto, o seu programa está em conflito com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Ele é absolutamente irrealizável, todos os dispositivos do Universo opõem-se a ele; poderíamos dizer que a intenção de que o ser humano seja “feliz” não está no plano da “criação”. O que chamamos de felicidade, no sentido mais rigoroso, provém antes da repentina satisfação de necessidades altamente represadas e, de acordo com a sua natureza, só é possível enquanto fenômeno episódico. (FREUD, 2020, p. 320)

Nesse mesmo texto nos defrontamos com a indagação sobre o motivo da felicidade ser algo tão difícil para os seres humanos. Freud cita três fontes que promovem o nosso sofrimento: “o poder superior da natureza”, “a fragilidade do nosso próprio corpo” e “a inadequação dos dispositivos que regulam as relações dos seres humanos entre si na família, no Estado e na sociedade”. No que se refere à natureza, nunca a dominaremos totalmente. Quanto ao nosso organismo, ele entende que é parte da natureza e limitado quanto à adaptação e realização. Sendo assim, nos deteremos em explicar mais detalhadamente a terceira fonte, ou seja, a social, visto que foi criada por nós mesmos e, o que deveria ser benefício e proteção, nos causam tantas confusões e dissabores.

Se pensarmos no quanto fomos malsucedidos justamente na prevenção contra essa parcela de sofrimento, surge a suspeita de que por trás disso também poderia estar uma parte da natureza invencível, só que, dessa vez, uma parte de nossa própria constituição psíquica. Ao começarmos a nos ocupar

com essa possibilidade esbarramos em uma afirmação que é tão surpreendente que nela queremos nos deter. Ela anuncia que uma grande parte de culpa por nossa miséria é daquilo que chamamos de nossa cultura; seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e voltássemos a nos encontrar em condições primitivas. (FREUD, 2020, p. 333)

Uma pausa para reflexão! O que Freud acrescentaria caso escrevesse sobre o momento psíquico da sociedade atual? Algo seria mudado ou acrescentado em suas concepções? É notável a sua percepção de futuro, ao acrescentar no aludido texto um quarto fator de decepção do ser humano. Mesmo os admiráveis progressos alcançados nas ciências, fortalecendo o domínio sobre a natureza não elevou o nosso nível de satisfação. Esse pensamento pode ser comprovado ao analisarmos a perspectiva concebida por Freud com o nosso momento psíquico, posto que toda a evolução tecnológica sucedida nas últimas décadas não nos fez mais felizes.

Seria possível objetar: então, será que não constitui um ganho positivo de prazer, um aumento inequívoco do sentimento de felicidade, se eu puder ouvir, quantas vezes quiser, a voz de um filho que vive há centenas de quilômetros de distância de mim, se eu puder ter notícias, no tempo mais breve possível após o desembarque do amigo, que ele atravessou bem a longa e difícil viagem? Será que não significa nada o fato de a medicina ter conseguido diminuir de maneira tão extraordinária a mortalidade dos bebês, o perigo de infecção das mulheres parturientes, e até mesmo prolongar, por um número considerável de anos, a duração média de vida do ser humano na cultura? (FREUD, 2020, p. 335)

Diante dessas ponderações, em busca de explicações que possam amenizar as confusões psíquicas causadoras de mal-estar na sociedade contemporânea, em razão da falta de explicações incontestáveis, opto por recorrer à literatura modernista e concluir o presente texto, reproduzindo o poema *Memória* de Carlos Drummond de Andrade, no qual um personagem confessa estar confuso e magoado por amar aquilo que já perdeu.

Amar o perdido
Deixa confundido
Este coração

Nada pode o olvido
Contra o sem sentido
Apelo do não.

As coisas tangíveis
Tornam-se insensíveis
À palma da mão

Mas as coisas findas
Muito mais que linda,
Essas ficarão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EMANUEL, Ricky: tradução Carlos Mendes Rosa. **Angústia**. Conceitos da psicanálise, v. 10. São Paulo: Relume Dumará: Ediouro, 2014.

Freud, Sigmund, 1856-1939. **Cultura, sociedade e religião**: O mal-estar na cultura e outros/Sigmund Freud: tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. (1974). **Totem e tabu**. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913).

MACHADO, Leandro. **Coronavírus**: alguns sentem tanto medo, que precisam negar o que está acontecendo, diz psicanalista. Portal de Divulgação Científica do IPUSP – Instituto de Psicologia da USP, 2020. Disponível em: <<https://sites.usp.br/psicousp/coronavirus-alguns-sentem-tanto-medo-que-precisam-negar-o-que-esta-acontecendo-diz-psicanalista/>>. Acesso em: 09 de junho de 2021.

MARCELLO, Carolina. **Poemas de Carlos Drummond de Andrade**. Cultura Genial, 2021. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poemas-de-carlos-drummond-de-andrade/>>. Acesso em: 09 de junho de 2021.

MICHAELIS **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <<http://https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/angustia>>.

SAFATLE, V. Posfácio – **Aquele que diz “não”**: sobre um modo peculiar de falar de si. In: A negação. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

●●●●●●●●

.....

7. FREUD E A PRISÃO DO HIPERCUBO: DIÁLOGOS MULTIDIMENSIONAIS

André Luis Corrêa da Silva*

7.1 Introdução ou a *bricolage* das múltiplas dimensões do hipercubo social

“A lei de Murphy não significa que algo ruim irá acontecer. Significa que o que quer que aconteça, ocorrerá” (INTERESTELAR)

O dia 12 de março de 1938 passou despercebido para milhões mundo afora, ainda que a guerra estivesse no horizonte, não a guerra de trincheiras deixadas para trás, preenchidas com os corpos de soldados que jamais voltaram, por mais que gritos vociferantes fossem ouvidos em todos os cantos das cidades alemãs, saídas dos alto-falantes colocados no alto dos postes para que todos ouvissem a voz do líder.

Esse dia, apesar de anúncios de mau agouro, não significou uma data importante para muitos, mas para um homem ele foi marcante, um homem que assistia um conterrâneo, também acostumado às velas de Viena, mas que agora vociferava. Quem sabe não houvesse até assistido

* Licenciado em História pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras, Especialista em História Contemporânea pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação Ciências e Letras, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre e Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente cursa o Bacharelado em História pela UFRGS.

aquele que berrava nos rádios, os quais se tornavam um frenesi de consumo no centro cultural do mundo europeu, pintando aquarelas e prédios nas agitadas praças da urbana Viena, quem sabe não se sentiu tentado até mesmo em algum momento em adquirir uma dessas telas. Talvez não, preferia silhuetas humanas, preferia contornos humanos aos da natureza morta. Se comprasse provavelmente – pensava-o trataria como um caso, talvez um caso tão desafiador como o dos lobos.

Atordoado lembrava o motivo por estar cambaleante e sem rumo, ainda que soubesse o que precisava fazer e aonde ir: seu verso e reverso, seu anagrama, seu objeto desejo estava em posse de outro: de um pai primevo que arrebanhava filhos aos milhões, filhos que se entregavam a obediência cega, filhos que não ousariam sacrificar o pai. As massas que estudara, os fenômenos que estudara, vieram buscar seu precioso objeto de amor: a Gestapo lhe tirara Anna!

Atormentado atravessou prédios imponentes, janelas que batiam de um lado para o outro movidas pelo vento incessante, janelas que em algum tempo se abririam para assistir o retorno de um filho que agora reivindicava o mundo e pedia em troca “apenas” obediência. Andou até a noite sem ser notado, perdeu-se em vielas em meio à gente tagarela, fumantes, que tragavam incessantemente, e outros que bebiam enquanto falavam alto sobre o futuro do país, nem todos preocupados, mas via estampado no semblante do judeu sentado na secada do prédio uma angústia muito particular, muito sincera e parecida com a que sentia agora. Definitivamente era judeu! Pensava, esbarrando e caindo.

Naqueles breves segundos de perda de consciência, experimentou uma viagem para dentro de cubos e mais cubos se cruzando, se entrecruzando, cubos e mais cubos que ora formavam imagens e ora se desvaneciam. Sentiu-se como se viajasse para dentro do quadro de Picasso, aquele da mulher no espelho que vira antes anos antes. Cubos infinitos formaram janelas que percorriam com os olhos, janelas inquisidoras repletas de vagalhões de imagens que vinham e iam. Assim,

enquanto temia perder a filha para o pai primevo e sua horda bestial, sua massa ignota desejosa de apropriar-se do objeto de desejo, sua Antígona, perdia a própria mente dentro do hipercubo de Picasso.

Sei que os leitores entenderão que a proposta faz todo sentido, já que assim como os sonhos, a vida também é multifacetada, fragmentada e pigmentada com todas as cores, costurada e tecida em urdiduras assimétricas, forjada a partir de tantos minérios que é difícil, para não dizer impossível precisar sua composição real. Todo e qualquer esforço intelectual para emprestar-lhe um significado, um sentido é válido e louvável, mas precisa entender que fórmulas de aproximação com a realidade têm o dever de respeitar-lhe a estranheza, a sincera e profunda excentricidade do ato de viver. Logo, proponho que toda e qualquer aproximação com a ordem do mundo psíquico e sua interface com o mundo real só possa ser identicamente caótico.

Soa nebuloso sugerir uma empreitada tão a contragosto da tradição intelectual, mas seria desonesto suggestionar que possamos entender mecanismos tão intrincados de mentes tão impregnadas de imagens de um impressionismo vívido utilizando-se de inputs e outputs. Dessa forma, podemos entender o vocabulário da mente, no entanto, dificilmente, poderemos propor diálogos e jamais nos comunicarmos através do simbólico, utilizando apenas as ferramentas do concreto, da mente racional. Tal empreendimento de conexão e cisão só pode ser feito num processo de *bricolage* e de certa forma esse será o caminho que adotaremos.

O plano do trabalho respeita seu objetivo que é o de explorar a relação entre cultura e satisfação, entre civilização e felicidade e postular uma hipótese central, a de que a liberdade de toda e qualquer interdição leva, como Freud, ao exercício desmedido do poder sobre os demais, a tirania de um sobre todos. Condições excepcionais na produção desse “poder” tornaram possível ao longo do tempo que alguns consigam essa invisibilidade de suas ações no meio social, simulando em condições reais o poder de ser o primo entre pares. Para consecução do trabalho,

apresentamos cinco tópicos, cada um deles propondo um debate particular, mas relativo ao tema em análise. Quando argumentamos que há conexão entre os tópicos, não estamos acenando com um racionalismo para montar o puzzle ou com categorias de aproximação com a realidade como método, mas das conexões possíveis. São laços dados unindo corpos que adentram em direção ao escuro e temem os monstros que lá habitam.

Outra pequena concessão que não solicitamos aos leitores e que pode ser entendido como licença poética, como futilidade, foi o de incluir abaixo de cada subtítulo uma citação em destaque. Para aqueles que acreditam ser apenas um recurso visual, lembramos que representam o mesmo que os pedaços de pão jogados no chão da floresta pelos irmãos, João e Maria. São nossa âncora com o lugar de onde saímos e nos permitem ver até onde podemos ir.

Cada subtítulo é uma janela do hipercubo, um caminho aberto para alguma dimensão nesse debate e corrobora o objetivo geral e exploratório do Ensaio. Um encontro de tempos e pensamentos numa diferente perspectiva, nada de linearidades, nada de anacronismo.

No primeiro dos subtítulos, discorreremos sobre a cultura e a invisibilidade (no sentido de libertação das interdições da cultura) e nos questionamos a partir dos exemplos, de experimentos mentais sobre o comportamento humano em face de condição de excepcionalidade de alguém deter um poder singular, o da invisibilidade.

No segundo subtítulo, discutimos os aspectos pertinentes ao experimento mental freudiano que tratam do pai primevo e da horda, os conflitos, o parricídio. Aqui apontamos caminhos e descaminhos para discutir o núcleo do pensamento de Freud sobre o tema.

No terceiro subtítulo, usamos o mito grego do anel de *Gíges*, na qualidade de experimento para discutirmos as possibilidades infundáveis para a fruição do prazer por meio da posse de um artefato, como um anel, o qual possibilita a invisibilidade a seu portador.

No quarto subtítulo, apresentamos o terror cósmico da cosmogonia de deuses de *Lovecraft* e o maior de todos os terrores, o da imprevisibilidade do caos, oriundo da invisibilidade do perigo.

No quinto e último subtítulo, apontamos para o local não viajado por Freud, para o futuro, nosso presente e discutimos as potencialidades de fruição e gozo através da invisibilidade para todos. A quintessência da felicidade freudiana é apresentada! A conclusão reflete até que ponto atingiu os objetivos propostos no início dessa jornada, tudo começa em algum momento do tempo dentro do hipercubo e é lá dentro desse artefato/experimento que precisa terminar.

7.1.1 A dimensão para os diálogos com a cultura e a invisibilidade

“Caráter é aquilo que fazemos quando acreditamos que ninguém está vendo”
(O HOMEM SEM SOMBRA)

A cultura é o idioma da inculcação dos valores de uma determinada sociedade, as normativas expressas pela cultura foram e continuam sendo um tema recorrente na literatura das Ciências Sociais e consideramos que há boas e justificadas razões para essa valorização dessas linhas de pesquisa. Entender os mecanismos de socialização, de valoração de determinadas dimensões da cultura aponta para a possibilidade de vermos sua antinomia, as possibilidades de ruptura, as possibilidades de pensar para além do edifício herdado de gerações de mortos para os vivos.

Se recorrermos ao filme *O homem sem sombra* para ilustrarmos esse debate podemos nos pegar em alguns aspectos: o cientista que protagoniza o filme, encenado por Kevin Bacon, aparentava valores morais, não demonstrava qualquer indício visível de que poderia transgredir todas as normativas expressas não apenas na Lei (com L maiúsculo), mas da própria cultura.

Ao longo do filme, identificamos o que poderíamos inferir como pequenos deslizes de caráter, como o uso incontrolado

de animais no experimento, mas quanto a isso qualquer leitor minimamente instruído nos processos e mecanismos de experimentos, desde os mais básicos, que visam cosméticos e/ou xampus, sabe que animais são a regra e não a exceção. Aliás, há uma indústria crescente aproveitando-se da disposição de consumidores em não ver seus cabelos tão sedosos e esvoaçantes, quanto aqueles dos comerciais à custa da vida de cobaias. O veganismo tem avançado para além do prato dos consumidores. Dito isso, esse mesmo leitor, vencendo a tendência ao anacronismo não veria nessa opção do doutor um deslize ou uma falha de caráter, senão uma opção técnica.

Outro ponto sobre o qual poderíamos levantar alguma dúvida, seria o momento em que, do seu apartamento, ficou alguns segundos admirando a moradora de um prédio vizinho através da janela. O olhar lascivo para bela vizinha que sequer imaginava estar sendo observada, não pode ser vista como nenhum tipo de agressão, assédio ou qualquer coisa do gênero. Um ato de desejar absolutamente inofensivo, distante, diríamos até ingênuo. Foram cenas que passaram despercebidas para a maioria para serem resgatadas na trajetória do personagem dentro da história mais tarde.

Ao testar a fórmula em si próprio, o protagonista fica invisível e passa gradativamente a perder todas as referências morais que lhe aparentavam “naturais” e partes do próprio ser. O comportamento passou a ser de alguém sem restrições e, portanto, não submetido a qualquer ditame moral, a qualquer enquadramento legal, desfez-se até mesmo as limitações próprias da “consciência”.

Aqueles que assistiram ao filme sabem que a partir desse ponto ele estabelece um compromisso apenas com a própria satisfação de seus desejos: estupra a vizinha que desejava de longa data e para atingir seus objetivos não hesita nem mesmo em matar os amigos. A invisibilidade libertou todos dos demônios aprisionados no seu inconsciente ou apenas garantiu uma suspensão dos valores morais implantados pela cultura?

A mudança no comportamento do Doutor aparentemente ético, que se torna, a partir da invisibilidade, em uma espécie de Dr. Jekyll, o médico e o monstro de Stevenson. Da mesma forma que o homem invisível, o Dr. Jekyll também se coloca no lugar de cobaia, ainda que pelo menos no seu caso haja uma motivação mais abnegada, a de não colocar ninguém em risco. Jekyll passa a dividir as duas personalidades no mesmo corpo, que passa por transformações para lidar com a mudança no temperamento, o doutor ainda é o mesmo, mas quando transformado no monstro, seus desejos mais obscuros tomados por uma ânsia destrutiva. A invisibilidade da identidade permite que qualquer interdição seja retirada e o que sobre é a satisfação.

A análise de Freud sobre a desilusão causada pela guerra foca em algo recorrente dos trabalhos do autor, no papel da educação para a transformação dos instintos que poderiam ser definidos como “maus”. Ora, para o autor há dois fatores, os internos centrados na influência do erotismo sobre esses instintos e os fatores externos centrados no papel exercido pela educação na coação desses mesmos instintos.

É pela interferência desses componentes eróticos que os instintos egoístas são transformados em sociais. Ao olhar por essa “janela dimensional” o que Freud vê são as potencialidades da cultura, seu caráter inato e a sua aquisição na vida por intermédio da socialização. Educação e meio social ofertam não apenas prebendas de amor, mas também e principalmente prêmios e castigos.

Viver em sociedade é estar no fio da navalha entre o elogio e a crítica. Essa jornada inicia cedo e só é bem-sucedida se a internalização das normas “sufoca” o imperativo dos desejos. O conflito é permanente e a exigência da civilização aumenta na mesma medida que aumenta o sentimento de sufocamento do indivíduo diante do afastamento de seus desejos mais íntimos, que gradativamente vão se tornando seus desejos mais secretos, até se tornarem desejos indesejados.

É dessa matéria que é feita a civilização e parece perfeitamente explicável essa angústia de Freud, afinal nesse momento o hipercubo

o coloca diante dos anos ruidosos e sanguinários da Primeira Grande Guerra. Trágico e insólito pensar que poucas décadas antes a Europa ilustrada bebia café e discutia filosofia e política em seus cafés civilizados, sua classe média alvoroçada discutia um futuro com vetor apontado para as estrelas. A *Belle Époque* ainda irradiava seus melhores e mais ensolarados dias, enquanto o desejo da guerra, da guerra que poria fim a todas as guerras apontava no horizonte. A alteridade de Freud olhando para o Freud de 1915 por alguns segundos, o levou a balbuciar mensagens para seu Eu mais jovem, mas um sentimento de impotência não permitiu enviar informação alguma, afinal como pensar diferente, como conceber que a guerra fosse algo além do que vira naquela conjuntura, um evento que não provocou rebaixamento porque nunca houve elevação. O jovem Freud pessimista preso na década de 1910 não pôde ver o Freud do hipercubo bater de ombros, dar as costas, encher o cachimbo de tabaco e sair andando em busca de outra janela dimensional.

7.1.2 A dimensão do pai primevo e o gozo individual e coletivo

“Eu sou a balança da justiça!” (MAD MAX – A ESTRADA DA FÚRIA)

A partir daqui faremos uso da alegoria utilizada por Freud, para dar conta do momento, em que os humanos viviam nessa construção hipotética, a horda primeva. Ali o pai totêmico tinha o poder sobre os recursos e especialmente sobre as fêmeas. Esse acesso ainda que aceito, sempre foi alvo de ciúme da parte dos filhos desse pai primevo.

A destruição do pai possibilitaria o acesso aos bens interditados, mas resultaria numa espécie de culpa primordial. Freud se debruça na tentativa de fazer uma genealogia psíquica da humanidade, procurando identificar os momentos-chave desses processos e para tanto se utiliza fartamente da dedução histórica, um mecanismo não tão desconhecido em seu tempo, uma vez que a obra dos contratualistas está ancorada nesse método. A título de exemplificação, convém usar algumas linhas

para lembrar que nunca ninguém viu “o bom selvagem” de Rousseau; “o homem lobo do homem” de Hobbes ou “a sociedade civil” de Locke. São constructos com o objetivo de preencher dedutivamente aquilo que se considera um *gap* no conhecimento do tema.

Assim como os contratualistas, Freud também edifica sua obra sobre uma dedução histórica. Embora, estudos sobre os grandes primatas demonstrem que, ao contrário do que autor aponta para o Alfa da espécie humana, havia pouco espaço para o exercício do prazer sem freios. Adequando os resultados dessas pesquisas para nossa realidade, fica fácil imaginar que em circunstâncias similares, é possível que o pai primevo também gastasse considerável energia, fazendo mediações de conflitos. Em *Totem e Tabu* (2018), Freud aproxima a psicanálise das Ciências Sociais, faz uso dos estudos em antropologia, os quais se popularizaram na sua época, e constrói um esquema interpretativo para concluir que, o assassinato do pai primevo realizado pelos filhos, deram origem ao sentimento de culpa, às questões ligadas ao Tabu, dos quais desponta o incesto e da origem à própria religião.

As observações de Freud em *Totem e Tabu* (1913/2018), que serão retomados mais tarde em *O Mal-Estar na Cultura* (1930/1996), tratam da associação entre totemismo e exogamia ou, como salienta Freud (2018), “em qualquer lugar em que o Totem é vigente, também existe a lei de que membros do mesmo totem não podem manter relações sexuais entre si, ou seja, de que também não podem se casar uns com os outros” (2018:40).

A busca pela associação entre totemismo e exogamia fazia parte do esforço intelectual para conectar os eventos desses primórdios com proibições que carregamos quase que instintivamente, como, por exemplo, o incesto. Aliás, como bem apura o próprio Freud, a exogamia totêmica mostra-se um meio adequado para evitar o incesto grupal (idem, p. 45). No trato da psicologia social, Freud não traça diferenças em relação à psicologia individual, não sem razão, buscou no estudo dos povos, chamados a época de selvagens, os rastros de comportamento dos neuróticos que tratava.

A relação entre *homunculus et orbis* poderia ser feita sem rupturas epistemológicas, sem transições traumáticas. Estudar os complexos da neurose e o comportamento da sociedade humana, não requeria nenhuma adequação teórica para diferentes unidades de análise. O coletivo corresponderia a uma grande mente coletiva, aguardando decodificação; e o Santo Graal vinha sendo escrito, linha a linha, pelo programa de pesquisa da psicanálise.

A preocupação em demonstrar a forma como as proibições foram sendo produzidas ao longo de um processo de sacralização, levou Freud a inventariar as formas assumidas pela punição. Proibir o ato desautorizado pelo costume, aquela lei que apesar de não estar escrita, encontra-se impressa, tatuada em cada membro do grupo totêmico. Interessa-nos ver que Freud define a situação em termos de recalque ou nas suas palavras: “o resultado da proibição foi apenas o de recalcar o impulso – o desejo de tocar – e bani-lo para o inconsciente” (idem, p. 71). Não precisamos nos alongar no fértil debate de Freud com suas fontes, aliás, convém assinalar a sua dedicação e erudição, a fim de dar conta de uma problemática.

Neste trabalho procurou cotejar o trabalho de etnólogos, sociólogos, historiadores, com o propósito de que pudessem referendar seu constructo mental: “um pai violento, ciumento, que conserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem nada mais” (idem, p. 207). A solução apresentada por ele não é o resultado de nenhuma descoberta arqueológica ou de descobertas da historiografia, mas como ele próprio adverte um caminho possível. Sim, a proposição do abnegado médico é o de encontrar através de um método hipotético-dedutivo as formas indiciárias de fenômenos que lhe são conhecidos. Não se trata de uma novidade, já que muito antes, Sir Arthur Conan Doyle, também um médico, criou um personagem detetive que se utilizava desse método e era um mestre na arte da dedução.

Cabe aos leitores não julgar o homem no seu tempo, cada um da sua forma, com os instrumentos a sua disposição, ilustra o melhor quadro possível. Muitos ainda são inovadores com suas ferramentas e esse, sem dúvida, é o caso de Freud.

E o fim do pai totêmico? Não podemos nos dirigir para o final desta seção sem assinalar o papel que cumpre aos filhos nessa estória: de acordo com a digressão indiciária de Freud, “certo dia, os irmãos expulsos se reuniram, mataram o pai e o devoraram e assim deram um fim à horda paterna” (idem, p. 207). Realizada essa tarefa hercúlea e satisfeito o desejo in(suspeito) de parricídio, sobrou à culpa e a necessidade de purgá-la. O assassinato do pai só foi possível pela invenção de algo que teria provavelmente sido impossível para o indivíduo, a união do grupo.

A conexão da morte do pai com a refeição totêmica faz sentido diante do fato de que a cada irmão caberia uma parte do pai e com isso a internalização de sua força. Esse impulso igualitário tornou impossível que algum deles reivindicasse o lugar que o pai outrora ocupava. A consequência psíquica desse ato é que saciado o desejo destrutivo e consumada a morte do pai e conseqüente identificação com ele “os sentimentos ternos, subjugados enquanto isso tinha de se impor” (idem, p. 209), como resultado “o morto se tornou mais forte do que o vivo tinha sido” (idem), daí a renúncia aos frutos do ato, considerado a partir de então ilícito. Desse dilema primordial resultariam os tabus e a própria religião totêmica. Fundada a civilização sob o assassinio, edificada a religião sob o parricídio, restou a humanidade o usufruto da cultura e a amargura e frustração de não poder viver em plenitude, saciando indiscriminadamente seus desejos.

Abalizando de forma sucinta o pensamento de Freud em *O Mal-Estar na Civilização* (1996), “a civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas” (1996, p. 117). Sejam quais forem os esforços que a civilização faça ou tenha feito para constringer os instintos agressivos, o resultado da troca não é um plano cartesiano de pontos entre um eixo “satisfatório” e outro “insatisfatório”. Procedendo assim não superaríamos, por um lado, a tendência ao maniqueísmo e, por outro lado, ao utilitarismo. A civilização não é boa ou má

relativamente a qualquer coisa, por mais que argumentemos e tenho certeza de que o leitor se sente tentado nesse momento a escrever ou sublinhar essas linhas para inquirição futura. A civilização não tem um valor maior ou menor em relação a nenhum outro bem construído pelo coletivo humano, não há como produzir tabelas que referendam que essa ou aquela formação é melhor (será sob determinado ponto de vista) e, por certo não podemos proceder dessa forma ao discutirmos os “valores” da civilização sobre sua negação.

Uma retomada do constructo mental de Freud pode nos levar a outros pontos de inflexão: hipoteticamente vamos conceber que o pai primevo, o pai da horda não foi morto pelos filhos por monopolizar o controle das mulheres e impor aos demais uma autoridade tão fortemente concentrada que esvazia todos os demais. Qual o motivo que poderíamos conceber racionalmente senão o de ser o visível invisível. A dupla adjetivação pretende dar conta do fato de que os recursos, que o pai concentrava, só eram passíveis de ser usufruídos mediante o ocultamento permanente da realidade.

No entanto, como é possível impor tamanha força, dominar todos os machos do bando, controlá-los como o Alfa, ter acesso indiscriminado ao gozo de todas as fêmeas do bando e ser invisível? A resposta parece estar presente na natureza simbólica do poder, no exercício simbólico do poder e imposto aos demais. Se for verdade que esse pai tinha acesso a prazeres que para os demais estava interdito, também o é que o exercício do poder não garante efetivamente a realização através de esse poder e que os demais não possam sentir-se contemplados pelo exercício do poder alheio. Usando o mesmo método de construção hipotético-dedutiva de horizonte de possibilidades, temos aí um fator quiçá determinante para explicar a origem da justificativa para a distinção social, para as hierarquias.

O que pretendemos é mostrar que a existência do pai primevo não necessariamente significaria a castração da felicidade de todos os seus filhos. Uma tabela binária pode nos dar uma dimensão geral de entendimento:

Gozo individual	Gozo coletivo	
Livre do Mal-Estar	Sim	Não
Sujeito ao Mal-Estar	Não	Não

Conforme podemos ver, a felicidade, entendida como estar livre das amarras de controle da civilização, é possível só e apenas se for da posse de um indivíduo, uma vez que se todos puderem ter acesso ao gozo de todos os prazeres que emergirem de seu inconsciente, ninguém poderá ser feliz. Sequer discutiremos a questão da destruição da civilização, do caos absoluto, da anarquia dos desejos individuais, destroçando todo e qualquer rasgo de coletividade. Não! Nossa discussão irá por outra seara: se todos puderem a deflação dos bens simbólicos, do usufruto dos bens simbólicos os levará a não valer proporcional e relacionalmente o custo de sua posse.

É justamente isso que vemos na segunda linha, por dedução lógica, podemos argumentar que se a posse desse Poder garante o gozo individual aquele que está livre das amarras da Civilização, que está livre do Mal-Estar, o estar sujeito às amarras, sujeito ao Mal-Estar não confere gozo ou felicidade a ninguém. A fruição do desejo para todos levaria através dessa deflação do valor dos desejos a desvalorização do próprio gozo. Nesse cenário o indivíduo diante da possibilidade de ter o que qualquer outro poderia ter, não sente interesse em deter o objeto que só tem seu valor integral se for gozado individualmente. No tocante a isso, parece que Freud acertou em cheio, as amarras da cultura são imensamente fortes para conduzir o indivíduo a uma felicidade que somente será obtido mediante um risco gigantesco. Onde podemos ver peças perdidas desse quebra-cabeça? Não há possibilidade de estarmos permanentemente submetidos ao pai primevo sem que sequer desconfiemos ou que essa dominação tenha sido tão naturalizada a ponto de parecer natural?

Com a finalidade de tentar apresentar algo que se pareça com uma resposta honesta, faremos recurso do enredo de um filme de *sci-fi* do tipo distópico lançado alguns anos

atrás, me refiro a *Mad Max: estradas da fúria*. Nesse filme que retrata um mundo desolado, com imensos desertos e humanos guerreando e cooperando de diversas formas pela posse da água. Se nos demais filmes o centro é a energia, o combustível para que gangs, motorizadas livres de qualquer amarra, coloquem em marcha todos seus desejos e volições (especialmente contra aqueles que propõem a reconstrução da civilização), nesse o foco é a água e o gozo não é coletivo, está concentrado na horda que controla o acesso a água e metáfora dos Jardins Suspensos da Babilônia.

Digo isso porque os amantes desse tipo de filme não deixaram de observar que ali a água desce dos céus, é um beneplácito, um presente do Pai da horda que ocupa aquele Éden soerguido do deserto com seus filhos e serviçais leais, simulacros de escravos. Para os de fora, os excluídos desse Jardim das Delícias fica a esperança de que em algum momento o Pai da horda abra os registros e faça jorrar a água que ali é abundante, mas ele lembra a todos os que estão “fora” em cada ocasião em que isso ocorre: “Meus amigos, não se viciem em água. Ficarão sob controle dela e sofrerão com a ausência dela” (MAD MAX, 2015). Evidentemente a relação com os filhos, concebidos e treinados para serem guerreiros é outra. Aliás, o filme tem um aspecto visual e uma linguagem psicodélica. Não é apenas uma distopia, é uma fratura colada em mosaico de uma linha de tempo qualquer. O sistema de crença é concebido misturando elementos nórdicos, personalidades e empresas multinacionais. Até aí nenhum problema, se considerar que o símbolo do Natal capitalista é uma proposta bem-sucedida de uma mundialmente reconhecida empresa de refrigerantes. Todavia, para nossos propósitos basta dizer que esse Pai da horda é senhor das mulheres do grupo e com elas geram novos filhos, novas máquinas de guerra feitas de carne. Ali os filhos não matam o Pai, ao contrário, o servem dedicadamente, absortos, impregnados pela ideologia e pela benção do Pai. Podemos dizer sem errar que todos os filhos gozam a partir da prisão a que estão submetidos, a liberdade do pai para desfrutar de tudo para eles é motivação para gozo individual.

Obviamente, trata-se de uma obra de ficção, mas nos permite ao menos hipoteticamente pensar se em condições análogas os filhos não se sentiriam completos no pertencimento a um Pai que pode tudo. Nessas condições, libertar-se do Pai não significaria liberdade, mas a perda do bem mais precioso. Alguém incomodado ainda poderia questionar tanto a forma direta como a dominação se dá, quanto o lugar de contemplação do controle do Pai sobre as fêmeas. Uma falsa questão, pois, se todos gozam através do Pai, temos a invisibilidade da posse desse controle e a negação de existência de uma estrutura de desigualdades.

O caráter desse controle, das vantagens de não estar submetido às interdições da cultura é que apesar de parecer intransferível, ele o é apenas nominalmente, posto que ao indivíduo é possível sentir através de, para além de, e quanto a isso não carecemos de mais exemplos do que o da liberdade sentida pelo *serial killer* ou pelo prazer sentido pelo expectador do *voyeurismo* (obviamente essas duas situações aparecem na mesma frase apenas para ilustrar uma idéia) poderia tratar da mesma dinâmica a respeito da pornografia nas redes. É o sentido da invisibilidade e a transferência do prazer que estamos ocupados em tratar aqui, afinal, na prática é o poder e sua invisibilidade que garante ao portador o usufruto de todas as suas volições (ou quase todas) e a suspensão de todas as interdições (ao menos no plano do real).

A questão-chave é apesar da interdição de todos os demais aos benefícios, que a liberdade da cultura daria, é possível não ser o pai primevo e sentir-se como ele despido das amarras da Civilização? O poder é o que perpassa a história, desde a organização nas hordas primitivas especuladas por Freud até a sociedade contemporânea que tem sido o reflexo permanente de uma marcha e de uma contramarcha na luta pela emancipação de todos. Não pensemos aqui em emancipação da cultura, mas ao contrário, da felicidade atingida pela subordinação completa a cultura. Aliás, essa foi uma das críticas de Freud ao movimento comunista que eclodia na Europa de seu tempo. Faz todo o sentido pensar aqui em uma conexão entre as potencialidades

para que efetivamente os filhos tenham se sentido contemplados em seus desejos instintivos pela própria potencialidade do pai e na mente grupal e no instinto de rebanho.

Freud escreveu *Psicologia das Massas* (1921/2011) como um alerta para um fenômeno até então negligenciado. O comportamento dentro da massa modifica o comportamento das pessoas, ocorre uma espécie de contágio que leva os indivíduos a transmitirem esse sentimento uns para os outros. Há uma tensão permanente entre aquilo que tece os nós dessa teia, *Eros*, o amor e uma dimensão destrutiva, pois, a adesão as massas exigem entrega e submissão, uma aceitação tão completa que no limite conduz a uma quase-anulação do indivíduo em favor da massa. Assim como a massa em *Mad Max* identifica-se com o Pai da horda, direcionando a ele um amor incondicional (vejam que citei direcionando e não compartilhando) e é justamente isso que serve para moldar o Ego juntamente com ele. Há um deslocamento para a identificação com o líder a ponto do próprio Eu recair sobre a figura dessa liderança.

Essa identificação, mormente, chega a um extremo, em que um ataque ao líder é um ataque a própria pessoa do indivíduo, que faz parte da massa, um ataque a um integrante da massa, mesmo aquele com quem até então não se partilhava nem simpatia, é considerado um ataque ao próprio indivíduo. O desejo pelo objeto é tão extremado que indivíduo e objeto se imiscuem, formando uma mesma massa disforme. Freud, sem que pretendamos lhe imputar qualquer poder profético antecipava os acontecimentos da década de 1930, talvez por perceber nas ruas da capital do antigo Império Austro-húngaro uma mudança no comportamento político: a política dos velhos aristocratas deixava lugar para os discursos inflamados de homens oriundos das classes média e média-baixa. Um discurso que falava diretamente para as massas e ecoava na velocidade do rádio. Crescentemente formavam-se massas fascinadas pelo líder. O comportamento dessas massas nada mais é do que a submissão completa e voluntária ao líder, isto é, ao indivíduo que está absolutamente, a partir de então livre das amarras dos códigos construídos coletivamente. Ao fundir-se ao líder a massa

satisfaz-se através dele, goza através dele e ao menos naquele momento de absoluta fusão entre ambos vê esse amor pelo objeto chegar ao ápice.

Nesse momento a janela do hipercubo mostrava um Freud jovem e esguio perdido entre os transeuntes das ruas de Viena, quis insistentemente lembrar o porquê de tanta pressa e para onde se dirigia como se o mundo fosse acabar. Riu-se sozinho, se soubesse dos anos que se seguiriam aquele, teria tido menos pressa, teria andado mais devagar e teria sorvido com mais vagar cada baforada do cachimbo. Talvez até tivesse prestado atenção na moça bonita e sorridente que passara ao lado, mas não era o caso, aquele jovem estava extasiado por uma ideia que o atormentava a longa data, entender os processos e mecanismos que explicavam a forma como subordinamos nossos instintos, nosso desejo reprimido de gozo indefinido proporcionado pelos instintos aos interesses da cultura. O velho Freud do hipercubo ainda teve tempo de ver seu alter ego de algum momento do passado perder-se entre as mesas do café Mozart e sumir na pequena multidão entre as ruas da bela Viena. Na verdade, não foi isso, apenas perdeu-se nas próprias divagações do jovem Freud a ponto de não ver para onde ele foi. Não se incomodou, não teria nada de conveniente para transmitir para seu Eu do outro lado da janela dimensional.

7.1.3 A dimensão para o anel de Giges e o gozo individual sem limites

“Se tu poderes imaginar alguém obtendo este poder de se tornar invisível, e nunca fazer nada errado ou tocar o que era de outrem, ele seria considerado pelos observadores como o mais miserável idiota, ainda que eles o elogiassem um para o outro, e mantivessem as aparências uns com os outros pelo medo de que eles também possam sofrer injustiça” (PLATÃO)

Peço desculpas ao leitor, mas por um recurso literário e estilístico e de método mesmo optamos em apresentar na íntegra

a música de Fábio Brazza (2017), mas essa escolha requer uma justificativa breve e determinada: o objetivo é devolver uma ordem a uma realidade multifacetada e para isso nada melhor do que evitar as breves referências, as escolhas arbitrárias e interesseiras. Preserva-se o todo e o leitor que julgue o quão desagradável pode ser perder a segurança que a superficialidade, a síntese mal explicada pode ser. De outra sorte, o melhor de Umberto Eco nos mostrou que enxertos propositais e contextualizados podem fornecer com êxito condições para que o leitor interaja não apenas com a obra, mas também com as ideias dos diversos autores que compõem uma obra tão multifacetada, afinal, cada um dos personagens também não é um autor de sua própria história?

Fábio Brazza apresentou na forma de uma música crítica, um mito que aparece em textos do primeiro historiador grego e mais tarde no segundo livro sobre os Diálogos de Platão. Em Cícero, a preocupação é com a degradação moral vis a vis, o medo da punição. A questão para ele estava, portanto, em experimentos mentais para averiguar até que ponto a internalização da cultura (evidentemente nesses termos essa é uma preocupação de nosso tempo) e/ou alguma ideia inata responde pelo caráter dos indivíduos. Em termos gerais, o mito versa sobre um camponês que encontra um anel que lhe proporciona um estranho poder: o da invisibilidade. Inicialmente o que era apenas um poder inofensivo garantiu ao seu portador acesso privilegiado a uma série de benefícios imensuráveis. Gíges mata o Rei da Lídia, toma a Rainha como esposa e torna-se ele próprio o Monarca da Cidade-Estado. Aparentemente o leitor menos atento pode ficar tentado a ver no anel o elemento da discórdia, o elemento que rompe a ordem de um mundo hierarquicamente caótico. Na verdade, é a suspensão da cultura que permite a Gíges agir sem nenhum compromisso com valorações morais construídas socialmente, antes pelo contrário, age de acordo com seus desejos mais recônditos. Gíges é o homem liberto, a expressão mítica do inconsciente nu.

Anel de Giges (Fábio Brazza, 2017)

O que você faria se ninguém pudesse te ver?
 Se você tivesse o poder de desaparecer?
 Pra fazer o que quisesse fazer
 Será se ainda assim seria quem tanto parece ser
 Pensa bem antes de responder
 Se ninguém pudesse te ver
 O que será que iria acontecer?
 Afinal, você faz o bem por que é bom ou
 Por que a moral diz que é o certo a se fazer?
 E se eu te dissesse que existe um anel que
 você coloca e desaparece
 E se você pudesse tornar o seu sonho possível
 E quando quisesse, bastava ficar invisível
 Se pudesse roubar sem deixar vestígios
 Faria para o próprio regozijo ou
 Faria o bem só pra ganhar prestígio? Hein?
 Essa pergunta me aflige
 O que você faria se tivesse o Anel de Giges?
 O que você faria se tivesse o Anel de Giges?
 Ajudaria algum parente ou quem precisa realmente?
 Soltaria um impostor? Condenaria um inocente?
 Ou agiria naturalmente? Como sempre agiu
 E fingiria na verdade que esse anel nunca existiu
 Viraria um justiceiro? Mataria delinquentes?
 E doaria seus órgãos a pacientes doentes
 Usaria ele somente pra fazer coisa boa
 Ou daria de presente para outra pessoa?
 Tiraria de quem tem pra ajudar quem não tem
 Ficar assim a vida inteira ou martirizaria alguém?
 Ou será que Maquiavel tava (*sic*)certo ao dizer:
 “Quer destruir um homem, então lhe dê poder”
 Será que se não houvessem (*sic*)leis
 Em repressão, ainda assim a justiça iria
 prevalecer?
 Acho que não
 Se eu tiver errado me corrige
 O que você faria se tivesse o Anel de Giges?
 O que você faria?
 E você acha que o Anel de Giges é só uma lenda

Para pra prestar atenção
 O anel da modernidade é o celular na mão
 Com o véu da vaidade, você é fiel à verdade
 ou não?
 O que você mostra, o que você esconde,
 então, me responde, irmão
 Seus defeitos, onde estão?
 Quem é você na sua timeline?
 Quem é você quando não está online?
 O homem é o dono do que cala, escravo do
 que fala, já dizia Freud
 Cuidado pra que esse anel não te endoide
 O Narciso que via no largo do espelho
 Hoje se vê na tela do seu aparelho
 iPhone, Android
 A mitologia faz analogia com a natureza humana
 E a moral ainda serve como uma espécie de prótese
 O dilema é o mesmo de Aristóteles a Sócrates
 Isso é mais que ver posts, o negócio é aparecer
 Pra parecer que você é quem parece ser
 Mas quem é você quando ninguém tá do lado?
 Com celular desligado?
 O que você faz com esse poder que lhe foi dado?
 Sorria, você não está sendo filmado (não)
 O que você faria se ninguém pudesse te ver?
 Se você tivesse o poder de desaparecer?
 Pra fazer o que quisesse fazer
 Será se ainda assim seria quem tanto parece ser
 Pensa bem antes de responder
 Se ninguém pudesse te ver
 O que será que iria acontecer?
 Afinal, você faz o bem por que é bom ou
 Por que a moral diz que é o certo a se fazer?
 E se eu te dissesse que existe um anel que
 você coloca e desaparece
 E se você pudesse tornar o seu sonho possível
 E quando quisesse, bastava ficar invisível
 Se pudesse roubar sem deixar vestígios
 Faria para o próprio regozijo ou
 Faria o bem só pra ganhar prestígio? Hein?
 Essa pergunta me aflige

O que você faria se tivesse o Anel de Giges?
 O que você faria se tivesse o Anel de Giges?
 Ajudaria algum parente ou quem precisa realmente?
 Soltaria um impostor? Condenaria um inocente?
 Ou agiria naturalmente? Como sempre agiu
 E fingiria na verdade que esse anel nunca existiu
 Viraria um justiceiro? Mataria delinquentes?
 E doaria seus órgãos a pacientes doentes
 Usaria ele somente pra fazer coisa boa
 Ou daria de presente para outra pessoa?
 Tiraria de quem tem pra ajudar quem não tem
 Ficar assim a vida inteira ou martirizaria alguém?
 Ou será que Maquiavel tava (*sic*) certo ao dizer:
 “Quer destruir um homem, então lhe dê poder”
 Será que se não houvessem (*sic*) leis
 Em repressão, ainda assim a justiça iria
 prevalecer?
 Acho que não
 Se eu tiver errado me corrige
 O que você faria se tivesse o Anel de Giges?
 O que você faria?
 E você acha que o Anel de Giges é só uma lenda
 Para pra prestar atenção
 O anel da modernidade é o celular na mão
 Com o véu da vaidade, você é fiel à verdade
 ou não?
 O que você mostra, o que você esconde,
 então, me responde, irmão
 Seus defeitos, onde estão?
 Quem é você na sua timeline(*sic*)?
 Quem é você quando não está online?
 O homem é o dono do que cala, escravo do
 que fala, já dizia Freud
 Cuidado pra que esse anel não te endoide
 O Narciso que via no largo do espelho
 Hoje se vê na tela do seu aparelho
 iPhone, Android
 A mitologia faz analogia com a natureza humana
 E a moral ainda serve como uma espécie de prótese
 O dilema é o mesmo de Aristóteles a Sócrates
 Isso é mais que ver posts, o negócio é aparecer

Pra parecer que você é quem parece ser
Mas quem é você quando ninguém tá do lado?
Com celular desligado?
O que você faz com esse poder que lhe foi dado?
Sorria, você não está sendo filmado (não)

A pergunta que não cala; “o que faríamos se fôssemos invisíveis ou se pudéssemos colocar a cultura em suspenso, ao menos em seus atributos de controle social e transitássemos livremente, movidos unicamente pela intenção de realizar todas nossas volições, todos nossos desejos?” Acaso no recôndito de nossas consciências libertas condenaríamos Giges por ter tomado a bela Rainha e o Reino?

Outras histórias modernas carregam ingredientes similares, a Saga escrita por Tolkien também nos apresenta como central, a figura do anel. Aqui esse item mágico confere o mesmo poder a seu portador, exceto que, ele é carregado de uma energia maligna que impregna quem ousa utilizá-lo. Veja, no anel de Giges, qualquer condenação só pode ser direcionada ao portador, uma vez que o elemento mágico é neutro, ele confere um poder, o uso desse poder é o que importa. No anel dos escritos de Tolkien o próprio anel possui essa aura.

Nessa jornada o herói precisa carregar um anel que confere invisibilidade, mas o anel também é elemento de corrosão e destruição do caráter, ele próprio instiga a libertação de todo o controle social. A tarefa é a destruição desse anel porque ele é uma ameaça para todos. O gozo de um é sempre uma ameaça para todos. Não à toa, logo após derrotar Sauron e tomar o anel, o último Rei dos homens não resiste à tentação e desiste de lançar o anel no interior de um vulcão.

A destruição do anel é a única coisa que garantiria a sobrevivência de todos pela impossibilidade de apenas um vislumbrar um mundo sem civilização. A possibilidade de ficar do lado de fora da cultura (ao menos em seus aspectos repressores) torna o indivíduo o mais invisível dos seres, independentemente do exercício do poder. Naquele contexto de mobilização contra uma ameaça antiga que espreitava a Terra Média coube ao Mago Cinzento indicar aquele que seria

o eleito da recém fundada Sociedade do Anel para levar o artefato e destruí-lo. O escolhido é um *hobbit* chamado Frodo, que para eles possui os atributos necessários para vencer a tentação de tornar-se uma divindade. Ele e os amigos são oriundos de um condado tranquilo e pacato, uma cidadela que ilustra o lugar idealizado, que fica fora do mundo caótico e atordoado pelas guerras, pelo poder e pelas disputas. Um lugar fora do tempo, observaria os cinéfilos mais ardorosos ou os leitores mais nostálgicos de Tolkien. Sim, o condado e seus habitantes são uma metáfora para um local fora do tempo e do espaço. Ilustram, conforme é de conhecimento sobre as referências adotadas por Tolkien, o imaginário cristão sobre as primeiras comunidades, na mesma medida que o mundo para além do condado expressa o desconhecido e/ou a corrosão dos valores primordiais da vida comunitária.

Esse mesmo leitor, profundo conhecedor de Tolkien deve conhecer as suas ligações com outros autores mais assertivos e mais militantes no universo cristão como é o caso de C. H. Lewis. Esse sim mais empenhado em re-significar o catecismo em suas obras, em apresentá-lhes em uma forma lúdica e atraente para os novos tempos e para os novos cristãos. A jornada abnegada do herói era a única possibilidade de salvação da Terra Média, mas não era uma jornada solitária, muitos outros abnegados uniram-se a empreitada, dessa forma a fundada Sociedade do Anel congregava homens, elfos e anões, reprisando uma aliança de um passado a muito esquecido.

A árdua tarefa não se limitava a vencer adversários astutos e ávidos pela destruição, mas vencer principalmente o desejo incontrolável de possuir o elemento mágico e o poder que ele proporcionava. A expressão mais destrutiva dessa posse, o controle sobre o direito ao gozo irreprimível e incontrolável, o direito de deter o poder sobre a vida e a morte é o personagem Smeagle, cuja trajetória de vida o levou da descoberta do anel, a disputa com um amigo por sua posse, o conseqüente assassinato desse amigo, a perda do objeto adorado, capaz de lhe dar a sonhada invisibilidade e a deformação e loucura pela perda do objeto.

Prezados leitores, sejamos honestos, não foi à perda do anel que levou Smeagle a tornar-se uma pálida sombra do que fora no passado, um ser animalizado e brutalizado, foi à perda do gozo proporcionada pelo anel e que o deixava fora dos limites da civilização. Aliás, desse bem ou desse mal, Smeagle nunca mais se despiu, seguiu com anel e sem anel a margem da sociedade, apenas com a diferença que sem seu “precioso”, também se despiu do prazer e da satisfação sem freios.

Em livro lançado recentemente, Giannetti (2020) discorre sobre as potencialidades de viver sem impedimentos e interdições, censuras sociais. O autor propôs um experimento mental sobre a natureza e o comportamento de indivíduos livres das amarras das leis e fez uma provocação retomando a questão central proposta pelo irmão de Sócrates de Atenas, seria a ética e a felicidade convergentes ou a ética tolhe nossos desejos e sacrifica nossa felicidade? Independentemente do experimento utilizado, uma situação nos parece aquela que descreve o melhor resultado para todos: a única forma de reintegração da ordem é a destruição do anel.

Mais uma vez ressalto aos que procuram uma resposta moralista, essa destruição não é o resultado de demandas morais e éticas, mas sim da impossibilidade de tolerar que apenas um goze de todos os prazeres oriundos da posse desse relicário. Destruir o anel, apesar da tristeza expressa apenas na parte mais íntima de cada um. O desejo incontrolável de apropriar-se da invisibilidade social e do gozo individual, único e intransferível estamparia a face do mais contumaz guerreiro na luta secreta contra o tirano que se apropriou dele. Podemos apenas pelo mesmo tipo de exercício mental proposto por Cícero imaginar a dor com que a censura moral e social da sociedade levaria o herói a despir-se desse bem precioso. Jogá-lo no fundo ardente de um vulcão ou na escuridão do mar profundo colocaria qualquer herói sob um dilema dantesco.

Observando a parte interna do próprio escritório, como se fosse um arguto trombadinha a espera de uma oportunidade, Freud percorre todos os objetos que um dia venerou e que serviam para decorá-lo, ao menos era assim que a maioria

dos pacientes ou dos amigos pensava. Cada item colecionado era parte de um quebra-cabeça, uma peça-chave única para montar o cachê-cachê da história psíquica da humanidade. Era a expressão bruta daquilo que ouvia enquanto clinicava que descobria enquanto lia sobre povos vivendo em condições análogas àquelas vividas pelos ancestrais da civilização moderna.

O acervo psíquico guardava cada poeira daquele dia, ali entre objetos arqueológicos da Roma dos Césares, da Grécia dos filósofos e dos guerreiros e até objetos-presentes vindos de regiões tão distantes como a Índia, Freud pode entrever um pequeno anel de pedra que esteve em sua posse durante todos esses anos, dando-lhe pouca atenção. Lembrou de tê-lo recebido como presente de um velho paciente que se lembrou de seu prazer por esses itens de antiquário, durante o tempo em que viajava pela Lídia. Pegou rindo sozinho, no momento em que pensava em Gíges, no poder absoluto e na psicanálise, para compreensão de partes obscuras da mente humana. Pigarreou, ao mesmo tempo que se corrigiu, não se tratava apenas de compreensão, mas controle poder! Para o Freud daquela janela aberta do hipercubo, não fez questão alguma de direcionar nenhuma mensagem. Não sentia desejo de condenar e nem alterar o destino desse anel nem tão pouco do seu portador.

7.1.4 A dimensão do terror cósmico: anti-gozo e mito lovecraftiano

“A emoção mais antiga e mais intensa da humanidade é o medo, e o medo mais antigo e mais intenso é o medo do desconhecido”
(LOVECRAFT)

Antes de qualquer coisa gostaríamos de esclarecer o que se trata aqui como mito Lovecraftiano e da mesma forma antecipar que não se trata de nenhum cuidado especial ou temor em ferir a sensibilidade alheia, mas visando um objetivo menos nobre e mais funcional.

O leitor que chegou até esse ponto do texto concordará que a obra dos iniciáticos que deram origem às grandes tradições religiosas está soterrada em camadas e camadas de história, ali podemos enumerar disputas e sangue, logo, não podemos

senão considerar uma aproximação em termos de escalas astronômicas dos eventos que fundaram as grandes religiões. Nesse ponto, a opção por discutir os aspectos que consideramos pertinentes a partir das divindades cósmicas de Lovecraft e seus seguidores nos permite abordar os fundamentos da essência do medo, da inibição de todos os gozos pela certeza da concentração desse potencial em algum ou alguns indivíduos.

Os deuses dessa mitologia são representações dos medos do autor, seus receios, inibições, claras indicações de quem julgara ter o que a ele próprio era negado: a suspensão da interdição por intermédio da invisibilidade. O deus louco, insano e tonto, o faraó negro, entre outros, são claros indicativos daquilo que hoje definiríamos como preconceitos. Os personagens cotidianos de Lovecraft ou são intelectuais levados à loucura por descobertas tão alucinantes que os atormentam até o limite da sanidade ou são homens e mulheres disformes que percorrem ruas sujas, de subúrbios de onde exala toda sorte de cheiros. Eles possuem características físicas anormais e hábitos e costumes incompreensíveis que para Lovecraft soam tão monstruosos quanto os monstros terríveis que se tornaram seu panteão.

Os deuses de Lovecraft são poderosos em relação aos humanos justamente por serem invisíveis, por serem capazes de não apenas não se submeter a qualquer cultura, mas não se submeter a qualquer lógica que impere no mundo humano. O Deus maior, chamado Azatoth, o deus tolo, absolutamente incapaz de discernir qualquer coisa, incapaz de pensar em termos de certo e errado. Justamente aí reside seu poder e o temor de todos os outros que conhecem sua existência, inclusive outras divindades que não vivem senão para mantê-lo tão ocupado, a fim de evitar que, por um mero capricho, ponha fim num instante a todo o universo.

Há um número considerável de deuses e eles coincidem num ponto: na falta de interesse na espécie humana, a exceção é Nayartoteph, o faraó negro, uma divindade que se desloca no universo funcionando como mensageiro dos deuses. Essa divindade talvez seja a única que reserva algum tipo de curiosidade para com os humanos. Outros deuses exteriores

como Yog-Sothoth e Shub-Nigurath são outras deidades cuja presença já ameaçaria o universo conhecido. Todos esses deuses são absolutamente desconectados da humanidade e daí reside não apenas a ignorância, mas a matriz do horror cósmico: a existência humana é absolutamente insignificante e se tem algum sentido é porque os humanos ignoram que um mundo maior e terrível se esconde nos limites do universo ou afundado em mares primitivos como a cidade de Rhiley.

Esse universo de divindades lovecraftianas são representativos do medo do desconhecido e, nesse caso, o desconhecido é aquilo que existe para além de padrões calculáveis, para além de estatísticas. O desconhecido para Lovecraft é o incontrolável, a mudança, o invisível visível (mais uma vez faço recurso de uma dupla adjetivação), os imigrantes. Howard Lovecraft nasceu e viveu boa parte da vida em Providence, Pensilvânia e assistiu, especialmente no breve interlúdio em que viveu com a companheira em Nova York as mudanças, o movimento contínuo, a chegada de imigrantes com seus costumes, seus cultos religiosos, suas roupas, sua língua exótica. Onde havia movimento, ele via deformação.

O imigrante era aquele que visível mostrava-se como o não-pertencente, ocupava nos contos de Lovecraft e na realidade concreta as periferias de onde fumaça saía de tonéis e embriagavam as noites frias e escuras; o imigrante era lido em estranhos cultos, tão exóticos que não podiam ser direcionados para nenhuma divindade realmente bondosa, para Lovecraft só podiam ser deuses tão odiosos e aterrorizantes que seria loucura tentar descrevê-los; o imigrante tinha feições tão terríveis, tão grotescas que ao lermos Lovecraft ficamos com a impressão de que essas feições anulam qualquer índole ou caráter. O imigrante visível no que havia de pior, era premiado com a invisibilidade e daí emergia com força o medo de Lovecraft, o medo de um país, o medo do desconhecido. O imigrante era (ou ainda é) invisível e se, por um lado lhe falta o reconhecimento do Estado hospedeiro e com isso a absoluta interdição ao acesso aos benefícios de pertencer, por outro, há uma inveja incontida do homem submetido ao Estado, o nativo,

pois, ele é visível e toda e qualquer fruição de gozo, de tentativa de romper as amarras da cultura tem uma punição. Para esse homem o imigrante é o portador dessa invisibilidade, em sua visão deformada e preconceituosa de homem mediano, o imigrante é aquele que estupra as mulheres nativas e tendo acesso a elas, pois não está submetida pela consciência a cultura nacional, tem acesso ao prazer erótico e sensual negado aos homens nacionais.

O deus lovecraftiano simboliza justamente o descontrole total desse homem que se julga como perdendo espaço para aquele que vem de fora, e curiosamente a base para questionar e fundamentar essa assertiva é a daquilo que o caracteriza como nacional, a base legal e jurídica, os costumes e a cultura do Estado-nação. O poder do imigrante, a partir do olhar do homem mediano, interdito para a satisfação de todas as pulsões, é similar ao dos deuses cósmicos: o contato com eles é suficiente para enlouquecer. Nesse ponto a metáfora do panteão lovecraftiano é ilustrativa para pensarmos em termos de diferenças, dado que os deuses são criações para lidarmos com a culpa do parricídio, obedecendo e cumprindo os ditames de um Pai da horda que já não mais vive, os deuses de Lovecraft são nosso atestado de orfandade: não matamos o pai para vivermos a consumação do desejo e depois nos entregamos à culpa, simplesmente tememos o distante, o desconhecido por sermos incapazes de nos libertarmos da cultura, da civilização, conquanto talvez outros não sejam.

Entre o homem Lovecraft e o homem Moisés há poucos, mas marcantes pontos de convergência. Se para Lovecraft seu panteão de Deuses representava o caos que vivia e estava inserido, desde a decadência econômica após a morte do avô, da vida com as tias, o sentimento de degradação social, o contato crescente com os imigrantes tanto na região em que vivia, Providence, quanto em Nova York, cidade em que viveu por algum tempo com a esposa. Essa, por sua vez, judia, embora ele mantivesse verdadeira ojeriza a tudo que era diferente, a todas as etnias que aportavam nos Estados Unidos dos anos 1920, a todos os tipos que lá chegavam para “fazer a América”. Assim, os deuses de Lovecraft eram implacáveis, não para com

os humanos, afinal, a humanidade para eles era um suspiro num tempo infinito e imutável. Esse poder invisível e absoluto coordenava e condenava tudo e é desse desconhecido que os mortais deveriam fugir, esconder-se. O mero conhecimento de sua existência expunha qualquer um à loucura. O preço para o conhecimento em Lovecraft é a loucura.

Já Freud em seu *O homem Moisés e o Monoteísmo* procura as raízes do povo judeu, o que os distinguia dos demais povos, uma compreensão arqueológica das raízes desse povo. Nada que sem muita pesquisa histórica e bíblica fosse possível de realizar. É Moisés o egípcio temeroso que edifica a deidade única dos judeus. Ele é o antídoto para a dispersão, para a fuga, para o descontrole.

O êxodo (cuja existência consideraremos aqui como real a título de experimento mental) possibilitou a emergência e cristalização de um invisível maior, o “grande invisível”, o Deus inominável da religião monoteísta, cuja representação é vetada, cujos desígnios são conhecidos através de intermediários. O Deus invisível é onipresente, onisciente e onipotente, está em todos os lugares, embora não seja visto em nenhum. Pode ser acessado através de interlocutores eleitos e mora em uma residência a qual apenas esses interlocutores têm acesso, o Templo. Só um Deus invisível poderia controlar a anarquia dos desejos e das tendências na busca de cada homem pela invisibilidade em todos os tempos e todos os lugares. Os Deuses que eram os grandes “perpetradores do prazer” se viam nus frente ao Deus judaico. O conhecimento em Moisés é prisão, conhecer é submeter-se e submeter-se aceitar voluntariamente ou (pelo fio da espada) os desígnios do “grande invisível”.

Logo, o mundo moderno não matou Deus e não há futuro de uma ilusão dessa natureza em nosso horizonte, mas retirou-lhe o direito que a princípio possuía: o daquele direito que o Pai primordial tinha sobre a horda. Se o parricídio concebido pelo exercício intelectual de Freud acabou por gerar outras tensões de ordem psíquica é preciso que se diga que imprimiram novos mecanismos de hierarquização social.

O surgimento e legitimação de grupos dirigentes que se apropriaram do Estado, desde suas formas germinais até sua forma contemporânea representa esse misto de ostentação e mistério na fruição de prazeres que só são completos se visíveis e invejados e simultaneamente ocultados. Aos homens comuns do Antigo Egito, era interdito olhar diretamente para o Deus-Rei, resultava que mesmo para aquele que mais o admirava, mais o temia, ele era visível por todas as obras e por todo o poder, mas invisível ao olhar. O mistério do poder, do exercício do poder e de sua imersão em corpos individuais é justamente o de que para completa eficácia, ele precisa ser invisível. Freud provavelmente veria nisso a comprovação de seu exercício mental, da morte do pai da horda, do caos inicial, da incapacidade de algum dos filhos reivindicarem os direitos do pai, sem que sofresse das mesmas consequências, da culpa, da produção de interdições e tabus que fundaram novas e duradouras formas de organização e hierarquização social. Não é difícil imaginar o sorriso irônico do pai da psicanálise até mesmo na hora de explicar a invisibilidade e ocultação do poder.

Dois passos mais e Freud olhou para dentro da janela como quem olha para um espelho, mas via-se de olhar combalido, rosto vermelho e cabelo desgrenhado sobre a testa. Assistiu-se enquanto arrumava o terno, refazia-se, colocava-se no prumo. Passou as mãos sobre os cabelos no mesmo momento que seu Ego de outro ponto na linha de tempo fazia o mesmo, uma evidência clara de que os homens envelhecem, mudam, mas velhos hábitos os acompanham com tanta insistência quanto suas teimosias. Lembrou claramente daquela tarde em que sentado à mesa do pai mais uma vez fugiu das incursões do pai sobre o judaísmo em sua vida. Era antes de tudo um médico, antes de tudo o método, não lhe cabia responder a um pai primevo dentro de casa e ao fantasma de um pai primevo imperando através de um poder invisível discricionário. Naquele momento ser judeu equivalia a uma rendição, melhor ser apenas Freud. Lembrava de tudo isso, mas do outro lado do hipercubo foi impossível deixar de pensar que logo ali o pai ainda vivia, e que bem não lhe faria

ouvir que entendia agora o que era pertencer a essa comunidade. Regurgitou enquanto tirava o cachimbo da boca, sentiu uma pontada na mandíbula, junto dela uma saudade que o fez esquecer que em algum momento acreditou que pudesse ter algum sentimento ruim em relação ao pai. Quase desejou usar aquela janela do hipercubo para enviar uma mensagem, mas desistiu tão logo se deu conta que o jovem ouriçado e agitado do outro lado não era mais seu Ego, pertencia há outro tempo, assim como a pequena estatueta insólita e de expressões terríficas do híbrido ser tentacular que só agora percebia entre os objetos que adornavam sua mesa e que lembrava ter ganhado de presente da Universidade de *Massachusetts* durante uma palestra no distante ano de 1909, era definitivamente de outro tempo e só poderiam ser explicados na janela de seu tempo.

7.1.5 A dimensão *cyber* e a Quimera de Freud

“Decifra-me ou te devoro” (ESFINGE)

Até aqui concordamos com Freud acerca da tumultuada e triste escolha entre Civilização e satisfação ou felicidade. Em todos os lugares e em todas as épocas, homens e mulheres buscaram o elemento que os tornaria livres da angústia de sufocar na vida real todos os desejos supridos em doses cavalares nos sonhos.

Freud viveu os anos finais do século XIX, assistiu de pé e chapéu a cabeça, o sonho da realização humana gestada na civilizada Europa esvair-se em guerras sanguinárias que terminaram com a vida de milhões, destroçaram cidades, deixaram órfãos e viúvas, mulheres tragadas pela violência e pela perda. A obra de Freud fala com as janelas das dimensões de seu tempo e nem poderia ser diferente. O mundo para Freud era a Europa, no limite a Europa e os Estados Unidos da América, locais, onde para todos a civilização era não apenas possível, como palpável. Ali, pode crescer como jovem judeu, confrontando e negociando essa identidade tantas vezes pudesse, conflitando com o pai e familiares, torcendo os termos até onde fosse possível. Freud que era ateu fez-se judeu pelas linhas tortas

dos seguidores de uma cruz que não era a de Cristo. Assistiu o alvorecer de um destino que apontava como soberbo, inclusive para ele que sonhava com a glória e com o vigor com que seria lembrado por gerações futuras e também assistiu o eclipse desse destino com a emergência dos regimes totalitários. Teve a chance única de ver seus estudos saírem das páginas de seus artigos e andarem pelas ruas vomitando palavras de raiva, talvez não tenha imaginado que muitas seriam destinadas ao povo que reticentemente aceitou como sendo seu, mas pouco importa, o tempo que Freud viveu só poderia lhe conferir uma certeza: a estrutura mental humana carregava *Thanatos* nos braços, enquanto *Eros* brincava de *Morpheu*. Toda essa licenciosidade para dizer que para Freud era inconcebível reconciliar o homem com seu desejo mais construtivo/destrutivo era impossível fugir da dualidade Civilização/felicidade, o máximo possível a ser feito, seria educar, refrear esses instintos primordiais.

O que mudou desde então? Ocorre que a emergência das novas tecnologias digitais, do chamado mundo virtual, possibilita subverter a disjuntiva Civilização ou felicidade. Esse mundo virtual promete e oferece o que é negado pelo mundo da cultura e da civilização, permite a satisfação de desejos e volições sem seu custo em termos de punições. O leitor atento precisa entender que aqui não nos interessa entrar no velho e debatido debate sobre o que veio antes, “o ovo ou a galinha”, pouco nos importa a relação entre os vetores, se os jogos influenciam o comportamento humano social ou se o comportamento humano influencia na concepção dos jogos num processo de retroalimentação contínuo.

Para nosso propósito esse debate é infrutífero e moralizante. Assim sendo, pretendemos ver nos jogos ou na realidade virtual a invisibilidade necessária para a realização de todos os desejos reprimidos pela cultura. Imersos em plataformas de jogos, encerrados em quartos escuros providos de computadores de última geração, usando ou não aparelhos de realidade virtual, usuários são convidados a satisfazerem no limite todos seus desejos mais íntimos. Ali podem matar impunemente, um número

infinito de soldados que esbarrem na sua frente e se há alguma perda de pontuação pela morte de um soldado aliado ou de um civil, não por critérios de moral, mas porque a programação do jogo subtrai alguma pontuação por essa falha técnica do jogador. Ali qualquer um pode sentir-se matando, atacando, agredindo, estuprando e satisfazendo-se até o limite para mais tarde dar-se conta de que é hora de buscar mais um pouco de refrigerante na geladeira e nesse caminho de passos corridos, cruzar com a mãe que conta seu dia para a irmã sentada na cadeira ao lado.

Estar imerso nessa realidade virtual permite que tudo o que era transgressão seja visto como parte do jogo, como componente da narrativa. Vê-se uso de armas letais, ataque a civis, gritos de vítimas, corpos destruídos, países pulverizados e mundos em colapso, tudo sem culpa, tudo sem punição, ao custo de alguns reais. A satisfação do gozo destrutivo, do império de *Thanatos* sem sequer uma reprimenda, talvez um comentário do pai ou da mãe sobre o adiantado do horário ou o chamado de alguém do condomínio para os ruídos que ameaça não deixar ninguém dormir. Nesse universo sucumbira a *Eros* corresponde a antilógica do jogo.

Admito que alguém menos paciente possa dizer que a satisfação obtida nesses jogos não corresponde à invisibilidade no exercício da satisfação e que isso não seria possível em jogos de apenas um jogador e que certamente pela desvalorização dos termos de intercâmbio o resultado seria menos satisfação, menos prazer, portanto, resultados menos satisfatórios em termos de felicidade apesar da fuga das amarras civilizacionais. Posso argumentar em contrário que mesmo nos jogos *multiplayer* o risco de que a aparente visibilidade da identidade afete o comportamento dos demais não evita que os indivíduos tornem seu nome ou identidade conhecida. Uma forma de satisfação a mais, uma vez que essa invisibilidade está garantida pelo reconhecimento de todos de que houve satisfação sem culpa.

Hoje os avatares substituem as identidades reais dos indivíduos e isso é uma forma moderna de invisibilidade para praticar aquilo que nem o jogo permite. Estar imerso nesse mundo

é poder matar todos os colegas da escola, enquanto se conta a façanha em algum grupo de *Whatsapp* chamando a atenção para o número de pontos alcançado (*Yandere Simulator*) ou matar os pais depois de ouvir deles palavras de conforto e amor (*Sally Face*). Freud não sabia, mas, matar os pais no futuro custaria o valor de uma máquina capaz de rodar o jogo.

Nos dias atuais temos uma infinidade de filmes de ficção científica que exploram essas dinâmicas. A indústria cinematográfica aponta tendências na mesma proporção que as cria, mas essa também não é uma questão central para nosso debate nesse ensaio. Ainda assim auxilia no entendimento do papel presente e futuro que reserva para esse tipo de experiência na vida das pessoas. Esse é o espaço onde a satisfação de apenas um e ao mesmo tempo de todos é possível, mediante a extensão infinita de possibilidades de oferta de satisfação a custo zero, por mais reprovável socialmente que seja a ação do indivíduo naquele mundo virtual. Esse ambiente fornece um grau elevado de satisfação aos usuários, a questão que fica é saber como se comportará a mente da primeira geração de humanos que puderam contemplar o horizonte de eventos de seus desejos (de forma coletiva) e voltaram de lá.

As redes sociais, o local onde os avatares assumem a identidade dos homens e mulheres reais até que não se sabe quem é quem. O espaço de socialização e conflito, local onde mediações são desnecessárias, onde o conflito e o entendimento são lados de uma moeda e que a invisibilidade é a moeda inteira. Sabemos hoje que o papel das redes sociais não pode ser negligenciado: ali as pessoas fazem aquilo que não faziam em suas relações presenciais. Naquele espaço tudo é permitido e mediações destroçadas. Nada é o que parece ser nesse ambiente de relações fluídicas e se há um lugar onde as satisfações são extremadas é justamente ali. Soa ingênuo aconselhar alguém que está incomodado com as redes sociais a abandoná-la, o olhar atento pode mostrar que a taxa de satisfação supera os temores de cancelamento.

Freud mira mais uma janela do hipercubo e nunca uma paisagem lhe parecerá tão familiar, tão acolhedora. Olhou extasiado

para a janela do hipercubo que exibia um local que o fazia sentir-se tão calorosamente bem que suspirou. Ali se exibia a Rua Bergasse com suas fileiras de prédios, sua avenida larga e acolhedora. Não percebeu a época, afinal, lugares como aquele tendem a mudar pouco com o correr dos anos, a exceção são as cicatrizes marcadas pelas guerras e pelo caos que a liberdade das pulsões cria na civilização. Não tardou para lembrar-se daquele fevereiro de 1907 e o encontro que duraria treze horas com o jovem de origem suíça e pais protestantes. Mal pensara e a imagem do jovem de feições marcantes e olhar atento apareceu na janela. Como que por impulso, chamou-o pelo nome, mas não houve retorno. Logo depois viu a si próprio absolutamente sorvido pelo intelecto do jovem, deslumbrado e ao mesmo tempo orgulhoso pelo reconhecimento do jovem a sua obra. O narcisismo daquele tempo não o abandonou, acompanhou-o anos a fio como um fiel escudeiro defendendo seu cavaleiro errante. Lembrou que aquela data foi importante para a psicanálise e o quanto aquele jovem competiu com o amor que sentia pela sua obra, uma competição levada às margens da libido, e que decepção se seguiu. Eros, deus caprichoso brinca até mesmo com aqueles que lhe ofertam parte considerável de suas vidas.

Assim foi e assim será! Os cumprimentos, os exercícios de interpretação, tudo tornara aquele jovem um troféu de valor inestimável e, além disso, não era de origem judaica, emprestava para a psicanálise aquilo que lhe faltava, um passaporte europeu, ariano. Em tempos de antisemitismo, os bens mais amados devem ser os mais ocultados, fazia sentido esconder a psicanálise dentro de um ariano. Não sentiu raiva pelas escolhas daquele momento, talvez um leve arranhão no orgulho intelectual por não ter sido tão pródigo em interpretar as tendências futuras daquele que tornaria o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional. Um presente em duplo sentido: concedeu seu ato de amor para uma paixão e uma paixão para seu ato de amor, houvesse matemática na história e diria que Eros foi elevado ao quadrado. O tempo que é senhor do destino dos homens corrói todas as coisas e não foi diferente com a relação entre

ambos, recordou! Os primeiros conflitos foram pueris, quase tão infantis como as crenças em divindades, sussurrou, enquanto olhava firmemente a imagem do jovem do outro lado da janela do hipercubo, que nesse instante estava colocado exatamente de frente para ele, olho no olho, ainda que soubesse que não seria ouvido concluiu dizendo em som alto: como ele pôde não entender o valor da libido? Acaso não percebeu que os homens são guiados por ela? Acaso não sabia que até mesmo as mais dolorosas rupturas são obras de um *Eros* debochado?

7.1.6 Conclusão ou a ordem possível do mundo psicodélico

“Já tivesses algum sonho do qual estivesses certo que fosse real? E se fosses incapaz de acordar desse sonho? Como conseguirias distinguir a diferença entre o mundo do sonho e o mundo real?” (MATRIX)

Todas as conclusões possíveis são válidas quando as propostas levantadas habitam o reino do onírico. Nossa proposta aqui foi a de cotejar os textos de Freud que estão na intersecção entre psicanálise e ciências sociais e debater uma temática de vital importância para o pensamento do pai da psicanálise: a relação entre Civilização e felicidade. Para a realização do empreendimento nos propomos a utilizarmos fartamente todo o tipo de produção, desde a bibliográfica, o uso de músicas, de arte cinematográfica e outros materiais. Enveredamos pelo uso extensivo de exemplos, como se fossem experimentos mentais exploratórios que nos permitissem avançar sobre um território que ainda que tenha sido muito explorado pelo próprio Freud, seus comentaristas e críticos, permanece terra *ignota*.

É bem provável que Freud soubesse em que terreno se encontrava, num campo minado do saber, onde cada pequeno obstáculo esconde algo maior e mais destrutivo. Cada descoberta pode e, mormente é renegado ao reino da literatura, conquanto cada dúvida seja motivo de riso dos sátiros da modernidade. O conceito moderno de ciência jogou a psicanálise naquele lugar

onde moram os mitos, açoitada pela irrefutabilidade de seus resultados ela aparece como salvação para um mundo cada vez mais desencantado. Aparece, mas, talvez não da forma como Freud sonhou, como ciência (quase positiva), mas como tábua de salvação para um mundo de luzes etéreas que passou a mover-se na velocidade supersônica. Nossa análise preservou nas interpretações a mesma matéria que encontra de forma bruta em suas escavações de dados na mente humana. Sejam os francos, caro leitor, seria insensato reconstruir com “ordem” racional aquilo que só tem sentido por estar na única ordem que faz sentido para a psique humana. Tal tarefa nos faria conceber um lindo unicórnio com as partes arrancadas de um alce, de um coelho e de um cavalo. Não está no horizonte de possibilidades, logo aceitemos que o animal resultante é uma quimera. A análise do unicórnio nos levaria a ordenar o que não tinha ordem, nos levaria a uma sensação quase tão imponente quanto a de Freud diante de suas descobertas, mas falsearia a realidade. O fato crucial é que é justamente a quimera que oferece as melhores respostas.

Ao discutirmos a fruição do gozo individual e coletivo, as possibilidades da felicidade para um ou para muitos diante dos inúmeros constrangimentos que a cultura impõe, de debatermos o papel da criação de divindades invisíveis e poderosas, da genealogia cruel de novas e vigorosas hierarquias edificadas sobre essas verdades, estamos de fato reconstruindo o que foi desconstruído. Nosso método que em muitos momentos nos colocou dentro da literatura é produto da constatação de que toda história é uma narrativa, uma contação de si para si e para os outros e para ser efetivo tem que beber da fonte que alimenta os deuses que quer interpretar. Para cada ponto levantado oferecemos outros tantos, para cada indagação levantada, trouxemos contribuições que se não avançam sobre o que já foi investigado sobre o tema, geram outras controvérsias e novos debates. Ademais, nossos resultados apontam para um horizonte do “vir a ser”, hoje podemos afirmar que a forma como os humanos vão lidar com seus instintos, com aquela matéria fugidia que escapa nas noites e nos alimenta com prazeres

tão intensos que fazemos questão de esquecer na manhã seguinte está em aberto. Freud em seu tempo podia ser mais definitivo, nós não! Que o futuro possa ser jogado com aqueles dados com centro de gravidade alterada.

Agora um Freud já cansado das luzes translúcidas que atravessam tudo como se fossem nuvens, olha atentamente para a última janela aberta, uma imagem desfocada e multicolorida lhe chamou a atenção, lembrou-lhe a própria casa, na verdade o próprio quarto. Caminhou ligeiramente para ficar de frente ao que parecia um vidro espelhado e ficou pensativo ao ver do outro lado o corpo cansado e ofegante jogado sobre a cama. Sentiu-se moribundo e tentado a ter compaixão de si próprio, afinal, anos de dor e agonia pareciam estar chegando ao fim, pelo menos era a impressão que tinha ao olhar o corpo que já começava a mostrar-se esquelético e adoentado. A penumbra do quarto aumentava a sensação lúgubre, aquela experimentada num velório, era como se o tempo estivesse parado daquele lado da janela dimensional, cada poeira que se encontrava em suspensão no ar dava a impressão de que estava congelada. Sentiu-se cansado pela jornada, pelo tempo em que conviveu com a doença, com a morte mesmo, essa destruidora impiedosa de desejos. Contemplativo que estava, demorou em dar-se conta do movimento na parte mais escura do quarto, aquilo que parecia o, sobretudo colocado sobre a espaçosa poltrona que estava de frente para a cama onde ele e cama jaziam, movimentou-se. Assustou-se, seria a morte o visitando, como pôde ele não ter percebido já que vivera aquilo pouco tempo antes. O sono doente e cansado pensou! Olhou mais atentamente e viu que um corpo se ajeitava na poltrona, um corpo que buscava uma posição menos incômoda e que estava coberto por um leve chambre. Focou com mais atenção enquanto ajeitava o cachimbo na boca e agora sim, viu a filha, a companheira, a amiga, a enfermeira que o guardava como um cão de caça contra a avidez e cupidez da morte. Dormira ali mesmo! Sim, era sua Antígona, feroz e dedicada, velando seu sono. Nesse momento de olhos marejados balbuciou seu anagrama favorito: Anna! Se em alguma janela dimensional desejou enviar alguma mensagem

foi ali. Gritou, chutou, implorou por ser ouvido, mas, sabemos que a gravidade é a única coisa capaz de viajar no tempo, mas quem sabe pensou Freud, enquanto punha a cabeça ao lado da janela, quem sabe..., o que pode aquela estranha substância da qual são feitos os sonhos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAZZA, Fábio. Anel de Giges. Epopéia da Poeira Cósmica, 2017.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. Porto Alegre, RS: L& PM, 2017.
- _____. **O Futuro de uma Ilusão**, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. **Moisés e o Monoteísmo**, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. **A Psicologia das Massas e análise do Eu e outros textos** (1920-1932), São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GIANNETTI, Eduardo. **O anel de Giges: uma fantasia ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- HOLLOW MAN (**O HOMEM INVISÍVEL**). VERHOEVEN, Paul. Columbia Pictures Corporation, 2000.
- INTERESTELAR. NOLAN, Christopher. Legendary Pictures, 2014.
- MAD MAX: ESTRADA DA FÚRIA**. McCAUSLAND, James & MILLER, George. Warner Bros Pictures, 2015.
- MATRIX**. WACHOWSKY, Lana & WACHOWSKY, Lilly. Village Roadshow Silver Pictures, 1999.
- TOLKIEN, J.J.R. **A Sociedade do Anel**. Harper Collins, 2019.
- TRON: LEGACY**. KOSINSKI, Joseph. Walt Disney Pictures, 2010.
- READY PLAYER ONE (JOGADOR Nº 1)**. SPIELBERG, Steven *et al.* Warner Bros Pictures, 2018.

.....

.....

8. CRUZAMENTOS DE GUERRA: PSICANÁLISE E LITERATURA

Wagner Coriolano de Abreu*

As guerras atuais trazem à memória guerras do passado, entre gregos e troianos, cruzados e muçulmanos e tantos outros combates, envolvendo fronteiras e reinados. Nesse exato momento, a guerra acontece em diversas partes do mundo, com todo o requinte que a maldade humana e as tecnologias puderam alcançar. Entretanto, a notícia editada de certa forma impede nossa tomada de conhecimento do mundo em armas. Talvez não fique tão deslocada a expressão “turistas de guerra”, de uma canção brasileira de 1985, para referirmos a cada um de nós quando envereda pelo tema da guerra.

O presente ensaio busca uma aproximação do pensamento de Sigmund Freud, cuja obra está marcada pela Primeira e Segunda Guerra Mundial, à literatura do escritor Hermann Hesse, cujas obras ensaística e ficcional apresentam aberturas para o tema da guerra, bem como interfaces com a psicanálise. Pensado a partir do curso Interfaces da Psicanálise com as Ciências Sociais, o trabalho dialoga também com a demarcação feita pelos psicanalistas Edson Sousa e Paulo Endo, a partir da qual eles afirmam que os textos sociais de Freud se tornaram uma via de acesso aos leitores não-psicanalistas.

* Professor de Literaturas de Língua Portuguesa. Doutor em Letras – Teoria da Literatura. Atualmente leciona como professor da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Autor de *Quando o teatro encena a cadeia* (Ed. UNISINOS, 2001) e *Sempre aos pares* (Carta Editora, 2012).

Em meio a estes textos estão as reflexões sobre a guerra, a morte e a cultura, que interessam para essa análise comparativa. Para os psicanalistas, “cada um desses textos reflete momentos importantes de elaboração teórico-crítica e que, frequentemente, exigiram de Freud dedicação intelectual em outras áreas do conhecimento para poder frequentá-las, debater com elas” (SOUSA; ENDO, 2009, p. 82).

Até a Primeira Guerra Mundial, a valorização da guerra foi maior que sua condenação. Celso Lafer afirma que “Hegel, por exemplo, contestando Kant, diz que a guerra assegura a saúde moral dos povos, que se veria afetada pela estagnação de uma paz perpétua, da mesma maneira que os ventos protegem o mar da podridão inerente às águas paradas” (LAFER, 2011). Quando Freud publica seu estudo sobre a atualidade da questão entre a guerra e a morte, em 1915, a Primeira Guerra já estava em curso. A nossa leitura comparativa apresenta uma perspectiva que se refere ao mundo contemporâneo, marcado pela capacidade destrutiva das armas. Todavia, há um elemento nostálgico nessa visada, o que a diferencia do modo como foi na Antiguidade a questão da guerra. O filósofo brasileiro Gerd Bornheim observa que “para os gregos, a morte era precipuamente um fenômeno natural. Os gregos viviam da guerra, literalmente; a decadência da cultura grega começou quando Atenas perdeu a Guerra do Peloponeso e todo o exército ateniense foi destruído, morto” (BORNHEIM, 2003, p. 32).

À parte do sentido histórico da guerra, e suas mutações, a elaboração teórico-crítica de Freud, em torno do tema, apresenta etapas demarcadas entre a Primeira Guerra (1914 a 1918) e a Segunda Guerra (1939 a 1945), com destaque para os escritos *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) e a carta para Albert Einstein, cujo texto se encontra em *Por que a guerra?* (1932). Este último texto decorre da resposta que Freud dá para a carta enviada por Einstein, no verão de 1932, onde o físico sintetiza o problema da guerra com a pergunta: “Existe hoje um meio de livrar a humanidade da ameaça da guerra” (EINSTEIN, 1994, p. 77). Na carta- resposta, Freud desenvolve

sua concepção sobre a agressividade na História. Após a leitura da resposta, Einstein, novamente escreve a Freud, em 03 de dezembro de 1932, manifestando apreço e gratidão por ele ter dado com sua carta algo verdadeiramente magnífico, prova de uma imensa coragem.

Ao escrever o ensaio *O mal-estar na cultura*, de 1930, os resquícios da guerra europeia ainda se apresentam diante de Freud, alguns sobreviventes daquele período cruzam por seus espaços de vida e trabalho. É possível perceber que seu pensamento se constitui dentro de uma geopolítica, pois ele esteve no centro do furacão do conflito. Em parte, a guerra desestabiliza o trabalho da cultura, tornando dificultoso senão impossível o modo “como são regulamentadas as relações dos seres humanos entre si, as relações sociais que dizem respeito ao ser humano na condição de vizinho, ajudante, de objeto sexual de outro, de membro de uma família, de um Estado” (FREUD, 2015, p. 96). Nesse sentido, a guerra transtorna materialmente a vida cotidiana, mexe nas condições básicas da existência, abre um fosso por onde se instala a miséria psicológica da massa. E com a falta de lideranças que se perdem, cresce um vazio onde antes se encontrava o laço social. Tanto no ensaio sobre o mal-estar como no mencionado texto das considerações sobre *A guerra e a morte* (1915), Freud afirma que uma terrível decepção se apresenta como fator impeditivo da paz.

Quando escreve sobre a guerra, Hermann Hesse se encontra em Berna, cidade suíça que escolheu para viver após residir por um tempo próximo da fronteira entre o Império Alemão e a Suíça, mas do lado alemão. Ele escreve o artigo *Guerra e Paz* (verão, 1918) e o romance *Demian* (1919) estando exilado na Suíça, nação que manteve a postura de neutralidade armada durante a Primeira Guerra. Maurice Blanchot anota que, desde 1914, Hesse “foi considerado como homem de ideias malsãs, porque elevou-se dolorosamente contra a guerra e desaprovou o rebaixamento dos intelectuais, satisfeitos com um conflito cuja significação eram incapazes de compreender” (BLANCHOT, 2005, p. 244). Nesse tempo,

o ainda cidadão alemão Hermann Hesse escreve textos de jornal que refletem a guerra, dentre os quais o mencionado artigo de 1918, sendo condenado pela posição de estar contra o desejo de guerra. Perante a gigantesca máquina bélica, ele entende que não pode esperar nada do efeito desanimador produzido pela destruição, mas que precisa educar para o conhecimento vivo, a harmonia do homem com o mundo.

O escritor polígrafo Stefan Zweig observou que Hermann Hesse deu uma guinada na trajetória de escritor, diante do que denominou “extrema pressão atmosférica” do tempo de guerra. Nos anos que antecedem ao conflito, Hesse publica o romance *Peter Camenzind* (1903) e rapidamente se torna famoso. Considerando sua trajetória, Stefan Zweig afirma que é possível a nostalgia do peregrino ter se realizado: “O antes pobre ajudante de livreiro tinha agora casa própria à beira do lago de Constança (fronteira do Império Alemão com Suíça), a mulher e duas crianças espertas a seu lado, um jardim, um banco, uma pilha de encomendas e um amplo renome literário e burguês” (ZWEIG, 2013, p. 157). Ainda na juventude, Hesse havia deixado sua terra e núcleo familiar, em busca da realização de um pendor de poeta, seguindo por caminhos que o levaram àquela fronteira. Todavia, a vida do escritor “passou por uma reviravolta: a casa própria há muito já estava perdida, o casamento terminado, os filhos, longe; sozinho em meio a um mundo em decadência, lançado de volta para sua crença romântica e demolida na Alemanha e na Europa, foi obrigado a pôr mãos à obra como um desconhecido, um iniciante” (ZWEIG, 2013, p. 159).

Se o tema da guerra e os interesses intelectuais de Sigmund Freud e Hermann Hesse os aproximam (eles criticam a guerra, abandonam posições ingênuas e racionais, questionam o legado da cultura), uma diferença de ideário faz com que eles tenham tomado caminhos diversos, mas não opostos: Freud se afirmando como um pensador da cultura, ocupado com o laço social, enquanto Hesse empreendendo um recomeço após anos de afirmação como escritor poético e romântico, rompendo com o passado e as tradições da arte

burguesa de narrar, numa afirmação da personalidade marcada de tendências antitéticas e inconciliáveis (BARROSO, 2005, p. 8).

Antes do armistício da Primeira Guerra, Hermann Hesse escreve “Se a guerra durar mais dois anos” (fim de 1917) para o jornal *Neuen Zürchr Zeitung*, cuja reedição em livro, organizado pelo autor em 1946, inclui uma nota: publicado com o pseudônimo de “Emil Sinclair” (HESSE, 1974, p. 25). De fato, esse artigo incluído junto a outros escritos de Hesse, apresenta uma cena absurda de guerra, projetada para o ano 1920. Com o mesmo codinome, após dois anos, o escritor retornará como autor do livro *Demian*, em 1919, que por sua vez tem por narrador a personagem Emil Sinclair. Zweig observa que “os círculos literários tiveram sua atenção atraída para o romance de um desconhecido Emil Sinclair” (ZWEIG, 2013, p. 159). E, em seguida, revela que ficou surpreso quando leu o romance, pela proximidade entre esse Emil Sinclair com Hermann Hesse. Contudo, anos mais tarde, a surpresa se transformou em respeito, ao constatar serem a mesma pessoa, embora não mais o Hesse sonhador do passado.

Como pensar essa literatura, feita no calor da guerra, a partir de balizas apontadas por Sigmund Freud em relação ao mal-estar na cultura? O último capítulo de *Demian*, subintitulado “O princípio do fim”, registra uma cena que sinaliza o ápice do desenvolvimento do narrador e a iminência da destrutividade da personagem síntese das forças humanas: “Estou chegando ao final. Os acontecimentos precipitaram-se. A guerra estourou e Demian partiu, estranhamente modificado, dentro de seu uniforme e do capote cinza” (HESSE, 2005, p.184). Se a guerra é uma força que ameaça o homem em seu corpo e suas relações com os outros seres humanos, Sinclair está diante de algo profundamente doloroso, ao ver o amigo partir para um lugar de destruição. Nessa direção, vem o texto de Freud, *O mal-estar na cultura* (1930), no qual apresenta como tese o fato da cultura produzir um mal-estar nos seres humanos, visto que existe um antagonismo insuperável entre as exigências da pulsão e as da cultura.

Na leitura de *Guerra e Paz* (verão, 1918), artigo publicado no final da Primeira Guerra, encontro duas notações que dialogam com a produção de Freud, em torno da experiência de guerra. O texto de Hesse apresenta uma resposta à ideia de que a guerra seria o barulho necessário para os homens chegarem à consciência da paz: “Um jornalista acreditou em poder resolver tudo com as palavras: ‘algazarra da conscientização’, mas esse homem não estaria muito enganado?” (HESSE, 1974, p. 62). Apoiando-se na ideia de que a guerra é matança, o escritor pode se colocar contrário ao entendimento de que ela seria o barulho necessário para os homens chegarem à consciência da paz. É possível pensar que o problema colocado pela guerra interage com o esboroamento do trabalho da cultura, considerando que “a cultura domina a perigosa agressividade do indivíduo, na medida em que o enfraquece, desarma e vigia através de uma instância em seu interior, do mesmo modo que uma tropa de ocupação na cidade conquistada” (FREUD, 1930, p. 144).

O texto também antecipa a questão da psicologia das massas, quando desdobra o sentido da matança: “essa selvagem ideia de massas, e a cruel técnica de assassinar parecem-se muito com um retrocesso, como uma zombaria de todas as tentativas de avanço e espírito” (HESSE, 1974, p. 61). Hesse pensa a questão da guerra em contraponto com a paz, afirmando que a “paz é algo que não conhecemos, que apenas procuramos e pressentimos” (Idem, p. 60). Em seguida, estabelece uma relação da guerra com a morte, problematizando a condição humana, através da retomada do mandamento “Não matarás!”, que vem do passado, com a tradição bíblica. E, por último, afirma que o sentido desse mandamento se aproxima por semelhança de “Não respires!”. Enfim, “era aparentemente impossível, aparentemente louco e aniquilador. Ainda assim, essa palavra foi mantida durante muitos séculos” (Ibid., p. 61). Para Hesse, o quinto mandamento do Decálogo tem o peso terrível de uma impossibilidade humana, como se fosse a perda de uma condição vital.

A guerra, após essa leitura, se descola de seu contraponto com a paz. O que é um bom sinal, pois essa resposta de paz perante o desejo de guerra põe uma cortina de fumaça em outra relação a ser repensada, a saber: guerra e morte. As pulsões de morte são mudas dentro do ser vivo (SLAVUTZKY, 2017). Ao final da carta aberta para Freud, Einstein lança uma segunda pergunta: “é possível controlar a evolução mental dos homens, a fim de imunizá-los contra essa psicose de ódio e de destruição? Com o termo ‘homens’ não me refiro unicamente às massas reputadas incultas” (EINSTEIN, 1994, p. 79). E afirma, por fim, que a experiência mostrou o afastamento do homem intelectual do contato direto com a vida. Sigmund Freud e Hermann Hesse se movimentaram por esse contato. “Aqui estamos nós”, cantava Rita Lee naquele ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, Ivo. Prefácio. In: HESSE, H. **Demian**. Tradução e prefácio de Ivo Barroso. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BORNHEIM, Gerd. **A inexorabilidade da morte**. *Folhetim*, Rio de Janeiro, Teatro do pequeno gesto, nº 16, pp. 30-41, jan.-abr. 2003
- CARPEAUX, Otto Maria. **Hermann Hesse**. In: HESSE, H. *A infância do mago*. Apresentação e tradução de Samuel Titan Jr. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a guerra e a morte**. Tradução de Artur Mourão. Covilhã/Portugal: LusoSofia press, 2009.
- _____. **O mal-estar na cultura** (1930). Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- _____. **Psicologia das massas e análise do eu** (1921). Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2020.
- HESSE, Hermann. **Demian**. Tradução de Ivo Barroso. 36ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **A infância do mago**. Tradução de Samuel Titan Jr. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

LAFER, Celso. **Paz/Guerra**. Disponível online em: <https://www.universia.net.br/actualidad/orientacao-academica/pazguerra-489726.html>. Acesso em 17 jan. 2011.

SOUSA, Edson; ENDO, Paulo. **Sigmund Freud: ciência, arte e política**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SLAVUTZKY, Abrão. **O mal-estar na cultura**. Psicanalistas pela democracia. <https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/03/o-mal-estar-na-cultura-por-abrao-slavutzky/>. Acesso em 24 mar. 2017.

ZWEIG, Stefan. **O mundo insone e outros ensaios**. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

.....

.....

9. A VITÓRIA DE FREUD (TEXTOS SOCIOLÓGICOS)

Vitória Fabia Garcia Alves*

Introdução

Neste documento são mostrados textos relacionados a algumas obras de Sigmund Freud. O medo de fracassar por falta de experiência e bagagem para fazer esse trabalho existiu, mas, como mudar isso sem de fato criar bagagem e experiência? Ao ser lido os textos de Freud foram feitas conexões com suas escritas de décadas atrás com problemas atuais presentes no nosso cotidiano e, que, me comovem tanto e que nos fazem refletir sobre a nossa realidade. Agora só resta a você, bom leitor, apreciar a minha (espero) boa escrita, de primeira viagem. “Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a “vida hostil”. Podemos chamar isso de “educação para a realidade”. Precisaréi confessar-lhe que o único propósito de meu livro é indicar a necessidade desse passo à frente?” – Freud.

* Estudante do Ensino Médio, 18 anos, último ano escolar. Pretende cursar Psicologia em Dourados – MS na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) Esse é o primeiro contato, curso e trabalho envolvendo a psicanálise, onde teve o prazer de conhecer profissionais e estudantes que a inspiraram ainda mais a querer cursar psicologia. Nota do Organizador: enquanto este livro estava sendo editado Vitória conseguiu ingressar no curso de Psicologia da UFGD

9.1 Considerações sobre a guerra e a morte

Ao começarmos a leitura de *Considerações Sobre a Guerra e a Morte*, Freud afirma: “sem dúvida, que as guerras não poderão terminar enquanto os povos viverem em tão diversas condições de existência” (1915, p. 5). Podemos entender a guerra aqui, como problemas e adversidades entre pessoas ou grupos na nossa sociedade de hoje. Problemas políticos seriam o foco, na nossa atualidade.

Cabe ressaltarmos que feminismo é política, o antirracismo é política e não morrer de fome também é política, quase tudo hoje em dia pode ser considerado política.

A fim de exemplificação, temos o problema mortal entre pessoas negras (ou não) em estado de vulnerabilidade e pessoas da alta classe, que ocupam a maior parte das faculdades e empresas e, que de forma indireta e direta decidem o futuro de pessoas com pouco acesso a ferramentas básicas e necessárias para manter uma vida mediana no Brasil. Pessoas negras que são assassinadas e constantemente oprimidas na escola, na faculdade e no trabalho que são vítimas da história, da sociedade e seus respectivos líderes. Podemos até mesmo, relacionar “guerra” com a crise da informação e desinformação, onde dizemos que a peça-chave é a *Fake News* que vem acontecendo nos últimos anos e sendo uma problemática ainda maior em tempos de pandemia.

A guerra, em que não queríamos acreditar, estalou e trouxe consigo a decepção. Não só é mais sangrenta e mais mortífera do que todas as guerras passadas, por causa do aperfeiçoamento das armas de ataque e de defesa” (FREUD, 1915, p. 8). Podemos dizer, que a guerra sempre existiu, seja ela como for, nesse trecho escrito por Freud podemos refletir tanto sobre campos de batalha, cidades destruídas por terrorismo mas também a guerra a qual o Brasil enfrenta, uma guerra forjada por discursos do bem, discursos de “proteção”, de “verdades” ditas, discursos sobre a educação, “auxílio” para o povo mas a verdade é muito mais feia, hoje é o discurso passivo-agressivo que mata, ignorância em fazer discursos

falsos, as promessas mentirosas, as explicações mal contadas, as piadas sobre doença e morte, a negligência com o vírus que dizimam vidas, todos os dias.

Hoje, a ignorância virou muito mais perigosa do que as armas de fogo. É essa guerra que enfrentamos, uma guerra muito mais letal e mortífera, que facilmente pode ser empurrada para debaixo do tapete, ignorada. Pois são tantas notícias, crimes, assassinatos, roubos feitos por aqueles que deviam abrir caminho para uma melhora significativa no país, que as atitudes se misturam umas com as outras que nos acostumam, a ver e viver em guerra todos os dias.

O Estado exige dos seus cidadãos o máximo de obediência e de abnegação, mas incapacita-os mediante um excesso de dissimulação e uma censura da comunicação e da expressão das opiniões, que deixa sem defesa o ânimo dos assim intelectualmente oprimidos frente a toda a situação desfavorável e a todo o boato desastroso.” (FREUD, 1915, p. 9)

9.2 Psicologia das massas e a análise do eu

Esse tema, até mesmo o debate no curso, chama muito a atenção para o momento pandêmico em que vivemos, tanto para a propagação de *fake news* e até as atitudes em massa, de menosprezar a doença COVID-19 e rir dos mortos ou familiares de falecidos pelo vírus. Porém, podemos também relacionar esse tópico com a Ditadura Militar, ocorrida aqui no Brasil.

No livro de Freud, entendemos que: Um grupo de pessoas só se torna massa, desde que todos esses indivíduos tenham ao menos um interesse em comum. Freud diz que quanto mais fortes essas coisas em comum mais facilmente se formam, a partir dos indivíduos, uma massa psicológica e evidente são as manifestações de uma alma coletiva. Fica claro na obra de Freud que, quando o indivíduo está em meio a massa alguma das suas características pessoais são anuladas em prol a “alma coletiva” e às vontades e características do grupo.

Quando ocorre essa anulação individual também surge a isenção do indivíduo das responsabilidades sociais e individuais

que todos nós temos. Poderíamos dizer que isso acontece por perda de medo de ceder a instintos, que quando sozinhos não cederíamos. Podemos dar os exemplos dos militares que saciavam (em grupo) seus instintos estuprando mulheres e espancando jovens a céu aberto, porque podiam, porque estavam em maior número, porque não seriam responsabilizados por aquilo.

Existe um trecho no livro, que pode dizer muito sobre essa posição dos militares:

“Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza.”
(FREUD, 1921, p. 19)

As massas necessitam de um líder “autoritário” para conduzi-los, cada líder dependendo de que tipo de massa tem sua própria forma de conseguir seguidores, de influenciar e manipular pessoas. O líder precisa estar fortemente ligado a um ideal ou crença, para a conquista da massa. Às vezes para o seu ganho pessoal ou ganho do coletivo. Esse mesmo líder se responsabiliza em lidar com as consequências das ações de seu grupo, mais uma vez voltando para o anonimato dos indivíduos.

Em razão disso, poderíamos dizer que seria uma “carta verde” para os militares fazerem as atrocidades que sentiram vontade. Eles estavam no poder, podiam fazer as regras e quebrá-las que ninguém seria responsabilizado. Discursos de ódio eram feitos e o instinto animal e agressivo ganhava cada vez mais espaço entre os grupos, tanto do grupo opressor quanto do oprimido.

Ainda hoje, temos pessoas que defendem a Ditadura Militar, pessoas em lugares de poder, de liderança que defendem a Ditadura em público e fazem ameaças à população, mas,

existem também pessoas as quais dizem, que na verdade nunca houve uma ditadura. Já outras, acreditam também que vivemos atualmente, em uma ditadura mais velada, silenciosa, mas ainda sim uma ditadura.

9.3 Futuro de uma ilusão

Começamos o texto com a escrita de Freud:

Em geral, as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo; têm primeiro de se colocar a certa distância dele: isto é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro. (FREUD, 1927, p. 15)

Eu diria, que esse trecho diz muito sobre uma frase popular “viver o momento”, as pessoas vivem suas vidas, todos os dias, enfrentando os problemas normalmente, depois de determinado tempo de um determinado momento de sua vida, é feita uma análise daquele período, do estilo de vida do indivíduo ou alguma atitude tida por ele.

Podemos dizer, que na história da humanidade as coisas no geral, funcionam da mesma forma. Não que eu diga, que todas as atitudes que tiveram grandes consequências foram retomadas depois de certo tempo, mas em geral sim. Depois de muito tempo, por exemplo, as discussões sobre a comunidade LGBTQIA+ foi mais reconhecida pelas pessoas aqui no Brasil, hoje é de senso comum que pessoas morrem por crimes de ódio contra sua sexualidade ou gênero, a sociedade dá mais espaço às pessoas para debates sobre esse tema e jornais trazem notícias de crimes homofóbicos, além de que algumas instituições de educação já adotaram um tipo de debate e ensino sobre a comunidade.

Pode parecer pouco mas é muito comparado a anos atrás, ao mesmo tempo que essas mudanças são importantes

e fazem muita diferença é importante também ter a consciência de que, ainda assim, não é o suficiente.

Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela. A isso se acrescentam os danos que a natureza indomada – o que ele chama de Destino – lhe inflige (FREUD, 1927, p. 10)

Tal sofrimento nos remete ao assunto trazido anteriormente da homofobia.

Ao ler sobre “homens que trazem outro tanto de sofrimento”, por ideologias e crenças da sua civilização e no final ler “o que ele chama de Destino – lhe inflige” me remete muito à religião e Deus, um ser, uma entidade ou uma força maior que nós. Afinal, de onde vem esse comportamento de ódio ou uma opinião que vai contra a vida de alguém e sua existência? Da religião e de seus seguidores.

Sabemos que a religião está presente em todos os tipos de cultura e civilizações, ela rege nosso comportamento a milhares de anos, o que é muito abordado no livro de Freud. Mas, a religião foco desse texto é a Cristã que é a predominante no Brasil desde a colonização portuguesa. Da religião cristã, veio os preconceitos, opiniões e julgamentos sobre a vida das pessoas, seus comportamentos e hábitos. O julgamento é sempre sobre o certo e o errado e separação somente entre o bem e o mal, por uma filosofia de que “Deus” tem abominação de atitudes que vão contra ao que se está, no chamado livro sagrado a bíblia.

Karl Marx identificava a religião como uma forma de alienação, a maneira de como o homem interage com o mundo é na grande parte das vezes, de uma forma triste pois o homem vive em um contexto social que o explora e o oprime, a religião então entra como uma proteção psicológica e a ideia de aceitação

do sofrimento com uma recompensa final por “aguentar” todo o sofrimento vivido, recompensa que seria a entrada “nos reinos do céu”.

A religião então seria uma forma de ilusão do homem, que romantiza o sofrimento e ao mesmo tempo, também gera sofrimento. Seria possível, viver sem a influência da religião nas nossas vidas? Como seria viver com o real livre arbítrio e como seria conviver com pessoas que estão mais livres, assim como você? Como seria a nossa civilização sem os preceitos da religião? Seria possível viver e conviver em mais harmonia? Seria essas perguntas a reflexão sobre “O futuro de uma ilusão”?

9.4 Mal-estar na cultura

Nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar”. (FREUD, 1930, p. 63)

Freud cita em um momento de seu livro, que seria possível dizer que a felicidade do homem não faz parte do plano da criação, pois o sofrimento é inevitável. Temos sofrimento nas relações humanas uns com os outros e também sofremos com o contato do mundo externo, muitas vezes pelas suas regras e a forma como ele funciona causando o sofrimento.

“Sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade – tal como, na verdade, o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo” (FREUD, 1930, p. 64), em que explica que para “cabermos” na sociedade, abrimos mão de nós mesmos e nossos prazeres. O que conseqüentemente, nos causa sofrimento.

Segundo Freud, a felicidade na vida, na verdade, é simplesmente porque o homem evitou algum momento de infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento. “A tarefa de evitar o sofrimento coloca a de obter prazer em segundo plano” (FREUD, 1930, p. 64) ou seja, se o foco é evitar sofrimento, ser feliz conseqüentemente vem depois disso. No livro, é trazido alguns

métodos para evitar o sofrimento, por exemplo, para evitar o sofrimento dos relacionamentos humanos nós podemos nos afastar das pessoas, isolamento. Contra o sofrimento do mundo externo, uma das alternativas é nos juntar à comunidade humana trabalhando com todos em prol ao bem social.

As regras e os limites impostos pela civilização, estão desde sempre nas nossas vidas, assim, não saberíamos lidar e fazer um proveito positivo da nossa liberdade, as regras sociais existem para termos um bom convívio com as pessoas ao nosso redor, já imaginou você ser livre para bater em alguém toda vez que sentir vontade? Andar pelado pelas ruas e transportes públicos? Quais seriam as pessoas que mais sofreriam com tal liberdade? Ainda existiria direitos humanos? Para quem? Com base em que teoria?

Mas, pensando em um outro sistema, com tanta liberdade seria também a forma de entrar em certa harmonia uns com os outros? Seria a forma de nossos instintos mais selvagens e animais diminuírem? Podem acontecer mudanças em nossas relações humanas e também no mundo exterior, existe um caminho, mas os humanos são egocêntricos e egoístas demais para isso, mas se caso sim, se caso vivêssemos em “um mundo melhor” onde as pessoas não seriam escravas do sistema, a desigualdade social seria muito pequena e o respeito e compreensão seria muito mais comum, teríamos então uma nova idealização comum de felicidade? De acordo com a linha de pensamento de Freud, seríamos capazes de ser felizes?

Conclusão

Nas leituras de Freud, é perceptível a forte ligação entre os livros do autor para a melhor consolidação do assunto proposto na leitura, o que me ajudou muito a escrever sobre esses temas. Embora a minha bagagem de escrita e entendimento da área psicanalítica sendo precário, pensei e escrevi até onde me foi permitido e espero ter ido razoavelmente bem. Com certeza esse trabalho me fez abrir

os olhos de como a área da psicanálise é muito ampla, me intimidando, mas principalmente aguçando ainda mais minha curiosidade na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HONDA, Helio. **O conceito freudiano de pulsão (Trieb) e algumas de suas implicações epistemológicas**. *Fractal, Rev. Psicol.* 23 (2) • Ago 2011. Disponível online em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000200012https://www.scielo.br/j/fractal/a/SMYpKVz5qf7DHLLbFLjQvMQ/?lang=pt>

MAGDALENO JUNIOR, Ronis. A dialética de Eros e o mal-estar na cultura hoje. *Ide (São Paulo)* [online]. 2008, vol. 31, n. 46, pp. 46-51. ISSN 0101-3106. Disponível online em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100008

SILVA, Magali Milene. Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. *Analytica* [online]. 2012, vol. 1, n. 1, pp. 45-72. ISSN 2316-5197. Disponível online em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100004

SLAVUTZKY, Abrão. **O Mal-Estar Na Cultura**. Março, 2017. Disponível online em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2017/03/o-mal-estar-na-cultura-por-abrao-slavutzky/>

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200011#:~:text=Com%20base%20nessas%20explica%C3%A7%C3%B5es%2C20Freud,59

http://memoriasdaditadura.org.br/?gclid=Cj0KCQjw16KFBhCgARIsALB0g8Ihb0nIBsjqOyi8DW38Cz3PSV7ELzwr6jMItemCxTxuaeRzG0d0XxkaAq3UEALw_wcB

<https://www.psicanaliseclinica.com/o-futuro-de-uma-ilusao/file:///C:/Users/fabia/Downloads/1398-Texto%20do%20artigo-7665-1-10-20200214.pdf>

.....

.....

10. O PLURALISMO PSICANALÍTICO É AGONÍSTICO

Murilo Paiotti Dias*

Historicamente a psicanálise autêntica nunca teve espaço em regimes autoritários. A própria escuta psicanalítica nasce ao subverter a relação entre médico e paciente no início do século XX. Ora, escutar as pacientes históricas, promover a associação livre e atentar ao sofrimento psíquico delas foi um gesto de reconhecimento da diversidade, ou seja, uma atitude pluralista adotada por Sigmund Freud que transformou em grande medida o ordenamento simbólico das relações sociais.

A ascensão da psicanálise, portanto, é mais efetiva e autêntica em sociedades abertas ao debate e à diversidade. Isso é possível de se notar desde os próprios textos de Freud que relatam a sua experiência à procura de um território plural, no qual suas ideias e sua etnia não servissem de pretextos para que o executassem. Assim, um breve panorama histórico

* Graduado em Ciências Sociais – Bacharelado, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Possui experiência com pesquisa social online. Foi membro da Sociedade Científica Sigmund Freud (SCSF), de Pelotas (RS), por 5 anos (2012 – 2017). Membro do Laboratório de Extensão em Psicanálise e Arte (LEXPORTE), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduando em Psicologia pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) desde 2018. Membro idealizador do Grupo Amigos da Psicanálise (GAP – UNIVAP). Foi professor intercambista (inglês) do projeto Young and Perspective, coordenado pela Association Internationale des Etudiants en Sciences Economiques et Commerciales (AIESEC), na cidade de Krasnoyarsk (Rússia), no período de Fevereiro e Março, de 2014, na escola pública 12.

da situação psicanalítica em meados da primeira metade do século XX – em âmbito democrático, soviético e nazista – será descrito aqui para ressaltar o valor do pluralismo à psicanálise. Também será apresentada a proposta de democracia radical em Laclau e Mouffe como meio de intensificar o pluralismo de forma propícia à transmissão da psicanálise.

A politóloga Chantal Mouffe capta o pluralismo psicanalítico implícito na obra de Freud e o transpõe para sua perspectiva pluralista agonística própria de uma democracia radical – o que soa conflitante as propostas mouffeana e freudiana. O pensamento de Mouffe se aproxima, em alguma medida, da tradição lacaniana durante a década de 1980, quando participa em coautoria da obra *Hegemonia e estratégia socialista*, publicado em 1985, com Ernesto Laclau – filósofo do político autor da teoria do discurso. Porém, após o lançamento desse clássico da esquerda lacaniana, percebe-se na trajetória de Mouffe um retorno gradual ao pensamento freudiano, ainda que certas categorias conceituais lacanianas importadas à teoria do discurso sejam mantidas em suas obras posteriores.

O objetivo deste artigo é argumentar em prol do compromisso psicanalítico com o pluralismo agonístico e desenvolver uma análise da transposição de conceitos da psicanálise em torno da versão que eles ganham na obra de Mouffe.

10.1 Psicanálise ou pluralismo? Sim, por favor!

O texto *Moisés e o monoteísmo*, publicado em 1939, contém relatos do próprio Freud (1996) a respeito de sua fuga do nazismo, seu exílio em territórios democráticos e comentários acerca das experiências democráticas, soviética e nazista. A primeira nota preambular do terceiro capítulo – Moisés, o seu povo e a religião monoteísta – data de 1938 e descreve a experiência de Freud em Viena, na Áustria. Em seguida, na segunda nota preambular, também de 1938, é informada sua mudança para a Inglaterra, onde viria a passar seu último ano de vida. Ambas as notas preambulares serão resgatadas nas próximas subseções para comentar a importância do pluralismo

na psicanálise se considerarmos o desenvolvimento da Psicanálise em âmbito democrático, soviético e nazista.

Há no relato da primeira nota preambular um cuidado político de Freud para que a psicanálise não seja censurada no território austríaco. Isso significa um recuo da divulgação de sua perspectiva crítica a respeito do pensamento religioso enquanto caricatura de uma neurose obsessiva, tal como foi exposto anteriormente, em 1913, no livro *Totem e tabu* (FREUD, 2013).

Se nosso trabalho nos leva a uma conclusão que reduz a religião a uma neurose da humanidade e explica seu enorme poder da mesma maneira que uma compulsão neurótica em nossos pacientes individuais, podemos estar certo de atrair o ressentimento de nossos poderes governantes sobre nós. Não que tenha algo a dizer que seja novo ou que não tenha dito claramente há um quarto de século atrás, mas isso foi esquecido nesse ínterim e não poderia deixar de ter se o repetisse hoje e o ilustrasse por um exemplo que oferece um padrão para todos os fundamentos religiosos. Conduziria provavelmente a sermos proibidos de exercer a psicanálise (FREUD, 1996, p. 66)

O achatamento do pluralismo, do reconhecimento da diversidade, foi inevitável em grande parte do mundo que estava se aproximando da segunda metade do século XX. Não foi diferente à psicanálise e para quem a praticava, como será demonstrado.

10.2 Psicanálise, democracias e pluralismo radical

A psicanálise não é uma ética tradicional, mas uma ética do desejo, ou seja, não há uma moral psicanalítica, já que a moral pressupõe uma certa organização arbitrária do poder.

“Nesse sentido, pode-se dizer que a ética da psicanálise é uma ética do desejo que se opõe a uma ética do superego” (IZCOVICH, 2018, p. 23). Ainda assim, o fato é que a psicanálise nasce e se beneficia do pluralismo próprio dos regimes democráticos, ainda que, no que diz respeito ao poder e à política, a arte psicanalítica é a de renunciar ao exercício do poderio político (DUNKER, 2018).

Não se trata em primeira instância, portanto, de uma identificação de psicanalistas com o modelo democrático – algo que como consequência implica uma psicologia das massas –, mas, antes, do fato de que originalmente a psicanálise é resultado de práticas democráticas – que garantiram voz, em um primeiro momento, às pacientes históricas – e que só se desenvolveu de acordo com os preceitos freudianos em territórios que garantiram o pluralismo. É o que diz Freud durante a sua fuga do nazismo, em 1938: “De qualquer modo, as coisas revelaram-se tais, que, atualmente, as democracias conservadoras se tornaram as guardiãs do progresso cultural” (FREUD, 1996, p. 69). “Isso significa que a psicanálise deve se preocupar com o regime político em que sua prática se desenvolve” (IZCOVICH, 2018, p. 24). Por isso é que Freud comemora sua liberdade quando chega à Inglaterra na condição de refugiado, depois de deixar a Áustria.

Encontrei a mais amistosa recepção na encantadora, livre e magnânima Inglaterra. Aqui vivo agora, hóspede bem-vindo; posso exalar um suspiro de alívio agora que o peso foi tirado de mim e mais uma vez posso falar e escrever – quase disse ‘e pensar’ – a como quero ou como devo (FREUD, 1996, p. 69)

O bordão de que a psicanálise deve garantir uma postura apolítica, portanto, está desgastado principalmente desde a virada do século XX para o XXI. Joel Birman (2018) é um dos psicanalistas brasileiros que percebe isso muito bem ao comentar sua leitura acerca de uma esquerda lacaniana

que nasce na obra de importantes intelectuais como Ernesto Laclau, Judith Butler e Slavoj Žižek. Autores que consolidaram um diálogo ímpar consagrado no livro “Contingência, universalidade e hegemonia”, publicado em 2000.

Por que Lacan, devemos nos interrogar? Porque Lacan desenvolveu de forma sistemática o conceito de discurso na sua especificidade, nas suas relações com o registro do gozo, do desejo, da verdade, que ocupa uma posição estratégica na leitura do campo da política para estes teóricos. Foi ainda pelo viés do campo do discurso que a categoria do sujeito foi colocada em evidência, como pertinente para a leitura do campo da política (BIRMAN, 2018, p. 36)

Além desses intelectuais lacanianos, outro importante filósofo que se apropriou do pensamento psicanalítico para sua teoria social – embora dessa vez da psicanálise de matriz winnicottiana – foi Axel Honneth. A opção honnethiana por Donald Winnicott, em articulação com a filosofia de George W. F. Hegel, é misteriosa para alguns estudiosos da psicanálise, como Suze Piza (2016). Esta filósofa brasileira se questiona os motivos pelos quais Honneth se apropriou de Winnicott ao invés de Lacan, pois este é diretamente influenciado pela dialética hegeliana do reconhecimento, diferente do psicanalista inglês. O que só confirma a pertinência da contribuição lacaniana no cenário da teoria sociopolítica.

Os primeiros autores que radicalizam a democracia na esquerda lacaniana são Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, principalmente se considerarmos a contribuição maior dessa coprodução, o livro “Hegemonia e estratégia socialista”, publicado em 1985, no qual os autores afirmam que a esquerda deve explorar a ideologia liberal-democrática para conquistar o pluralismo e a radicalização da democracia (LACLAU; MOUFFE, 2015). A democracia radical que ambos os autores formulam é tributária da leitura que realizam do descentramento

freudiano do Eu e da categoria de sujeito lacaniano, dividido, para desconstruir o sujeito cartesiano, atomizado, que acompanha todo o desenvolvimento da trajetória do pensamento liberal. Neste sentido, Laclau e Mouffe corroboram com a crítica psicanalítica:

A renúncia à categoria do sujeito, como entidade unitária, transparente e suturada, abre caminho para o reconhecimento da especificidade dos antagonismos constituídos na base de diferentes posições de sujeito e, logo, para a possibilidade de aprofundamento de uma concepção pluralista e democrática. A crítica da categoria do sujeito unificado e o reconhecimento da dispersão discursiva no interior da qual toda posição de sujeito se constitui envolve, portanto, algo mais que a enunciação de uma posição teórica geral: elas são uma condição *sine qua non* para se pensar a multiplicidade a partir da qual emergem antagonismos em sociedades onde a revolução democrática ultrapassou certo limiar. Isto nos concede um terreno teórico sobre cujo fundamento a noção de democracia radical e plural – que será central ao nosso argumento daqui em diante – encontra suas primeiras condições de compreensão (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 252)

Os antagonismos inerentes ao quesito político são um divisor de águas entre Laclau e Mouffe em obras posteriores. O objetivo aqui é acompanhar o desenvolvimento que a politóloga belga realiza acerca do pluralismo radical agonístico a partir do pluralismo implícito na psicanálise desde Freud.

10.3 Psicanálise, União Soviética e Marxismo

A psicanálise adentra o regime soviético antes mesmo da própria revolução de 1917. A primeira sociedade psicanalítica russa foi a *Russkogo Psikhoanaliticheskogo Obshchestva* –

RPSAO (Sociedade Psicanalítica Russa), criada em Moscou no ano de 1911. Vladimir Lenin estava interessado em garantir um grau de instrução das massas inédito após a revolução bolchevique – o que garantiu a alfabetização de cerca de 90 milhões de russos – e Leon Trotsky era um entusiasta das contribuições psicanalíticas. É possível afirmar que a primeira experiência psicanalítica revolucionária na antiga União Soviética foi obra de uma psicanalista pioneira em tal território, Vera Schmidt, criadora da *Detski Dom* (Casa das Crianças), em 1921, uma instituição dedicada a elaborar um processo pedagógico orientado pelas pesquisas psicanalíticas; na prática, tal pedagogia se norteava por um modelo libertário de adaptação gradual das crianças ao princípio de realidade, destacava também o enfoque na questão regulatória das funções excretoras e sublimatórias (MANIAKAS, 2019).

A ascensão de Josef Stalin à liderança política da União Soviética marcou o início do declínio das experiências psicanalíticas nesse império do século XX. A Casa das Crianças foi um *locus* libertário incompatível com qualquer espécie de regime totalitário, avesso ao pluralismo. Assim, a revolucionária instituição pedagógica de orientação psicanalítica foi obrigada a fechar no ano de 1922, após alguns meses de existência apenas. Diz Freud, em 1938, a respeito da experiência soviética:

Estamos vivendo num período especialmente marcante. Descobrimos para nosso espanto, que o progresso se aliou à barbárie. Na Rússia Soviética, dispuseram-se a melhorar as condições de vida de algumas centenas de milhões de pessoas que eram mantidas firmemente em sujeição. Foram suficientemente precipitados para retirar-lhes o 'ópio' da religião e avisados o bastante para conceder-lhes uma razoável quantidade de liberdade sexual; ao mesmo tempo, porém, submeteram-nas à mais cruel coerção e despojaram-nas de qualquer possibilidade de pensamento. Sentimos como um alívio de uma apreensão opressiva quando vemos, no caso do povo

alemão, que uma recaída numa barbárie quase pré-histórica pode ocorrer também sem estar ligada a quaisquer ideias progressistas (FREUD, 1996, p. 65)

A psicanálise passa a ser proibida na União Soviética pelo regime stalinista em 1936, e sua sobrevivência se tornou possível apenas através da clandestinidade. Ainda assim, são muitos os intelectuais que avançaram no diálogo entre Freud e Karl Marx no Ocidente. Os mais conhecidos são os membros das chamadas *Sexpol* e Escola de Frankfurt. A primeira nasce da articulação de psicanalistas, como demonstra o psicanalista brasileiro Chaim Samuel Katz:

[Siegfried] Bernfeld foi um dos mais importantes membros da *Sexpol*. A *Sexpolitik*, política sexual, se organiza, aproximadamente, a partir de 1926 em torno das experiências dos centros de planejamento familiar de Viena. Wilhelm Reich, que se mudou para a Alemanha em 1931, propõe ao Partido Comunista alemão a criação de “uma organização de massa de política sexual de base comunista”. Reunir-se-ão em torno da *Sexpol* psicanalistas conhecidos como Erich Fromm, Otto Fenichel, Gunnar Leistikov, Fritz Sternberg entre outros (KATZ, 1985, p. 200)

A Escola de Frankfurt se constitui a partir de um investimento privado que a família Weil, bem-sucedida no mercado de cereais, realiza para a composição do *Institut für Sozialforschung* (Instituto para Pesquisa Social) em 1923. A atuação interdisciplinar de intelectuais engajados na filosofia, economia, crítica da arte foi o traço que marcou tal instituição e que ainda prevalece atualmente. O historiador Martin Jay (2008) afirma que a ideia original para o nome do Instituto para Pesquisa Social era *Institut für Marxismus* (Instituto para o marxismo), porém, foi desconsiderada para não causar alardes políticos prejudiciais ao próprio Instituto.

O pluralismo democrático ocidental da segunda metade do século XX limitou Freud, na Áustria, a divulgar suas pesquisas a respeito das religiões; ora, muito mais incisiva foi a censura com relação às contribuições marxistas. Porém, o pluralismo democrático nas sociedades ocidentais permitiu com que Freud pudesse se expressar com maior liberdade na Inglaterra, além disso, a Escola de Frankfurt foi obrigada a se reestabelecer em um território mais plural após o avanço do nazismo durante a década de 1930. Assim, afirma Jay:

Apesar da imagem marxista do Institut, a ideia de um deslocamento para o leste, para a Rússia de Stalin, nunca foi seriamente contemplada, nem mesmo por Grossman, que fez uma viagem curta e malsucedida a Moscou em meados da década de 1930, ou por Wittfogel. A única possibilidade séria que restou foram os Estados Unidos (JAY, 2008, p. 78-79)

10.3.1 Psicanálise, nazismo e a política da apolítica

A versão oficial e preponderante no campo psicanalítico, defendida pelo biógrafo oficial de Freud, Ernest Jones (1975), é a de que a psicanálise foi perseguida pelo nazismo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e estereotipada como uma ciência judia. Alguns psicanalistas perderam suas vidas por conta da ascensão de Adolf Hitler ao poder em 1933, mas também houve aqueles que se beneficiaram da organização da Alemanha nazista – ora, também existem psicanalistas canalhas. Uma parcela considerável de psicanalistas optou por uma psicanálise apolítica para não desfazer os laços com psicanalistas nazistas em nome da ciência. Lohmann e Rosenkötter reúnem uma lista significativa de analistas que não desconsideraram a dimensão ética da análise e formaram uma resistência contra o nazifascismo:

Entre aqueles que resistiram ativamente e por isso pagaram com a própria vida, estão Karl Landauer e John F. Rittmeister (ver Maetze, 1976, p. 1.167); sobre Landauer, ver Hartmann, 1976; sobre Rittmeister, ver Hermanns, 1982). Salomea Kempner morreu no gueto de Varsóvia. Também devem ser citados Edith Jacobson, Marie Langer, Richard Sterba e Friedmann, que, apesar de terem escapado com vida, eram conhecidos por seus posicionamentos claramente críticos à política do “appeasement” (conciliação), que era seguida pela maioria dos psicanalistas (ou seja, estavam na resistência política contra o Nacional-socialismo) (LOHMANN; ROSENKÖTTER, 1985, p. 55).

A resistência, a canalhice e o comodismo científico, portanto, disputaram o título de psicanálise oficial. A versão que Jones (1975) proporciona a respeito da traição da *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft* – DPG (Sociedade Psicanalítica Alemã) com relação ao posicionamento antifascista e antinazista da *International Psycho-Analytical Association* – IPA (Associação Internacional de Psicanálise) – o que teria provocado a resposta desertora da IPA à DPG e a conseqüente origem da *Deutsche Psychoanalytische Vereinigung* – DPV (Associação Psicanalítica Alemã), fiel à IPA – é parcialmente defasada por Katz, um psicanalista brasileiro crítico da trajetória da IPA na sua relação com o nazismo.

O que desejo enfatizar é que Psicanálise e Nazismo se aproximaram bastante, mais do que se pensa. Não apenas nas suas relações concretas (conforme se pode aprender com os outros ensaios deste livro). (...) E que, posta no Ocidente tradicional, a Psicanálise oficial podia se adaptar ao Nazismo (KATZ, 1985, p. 208)

Katz (1985) demonstra que, apesar da deserção, Jones – presidente da IPA durante a Segunda Guerra Mundial – encarava a DPV como uma *Sorgenkind* (criança problemática), o que o levou a optar pela neutralidade política e a preservação indireta dos laços psicanalíticos durante o regime da Alemanha nazista. O título de *Sorgenkind* explica porque alguns psicanalistas, durante a primeira metade do século XX, foram tão críticos com o regime soviético, mas nem tanto com o regime nazista.

É que a Alemanha é uma *Sorgenkind*, mas aliada, passível de recuperação; enquanto a 'Rússia' é inimiga, irrecuperável. Isto marca o que se espera de sistemas que permitirão a sobrevivência da Psicanálise; uma delimitação social e ideológica que, mesmo não se explicitando, é o que dirige as possibilidades do devir psicanalítico oficial (KATZ, 1985, p. 205)

A contribuição de Katz (1985) segue no sentido de que a transmissão psicanalítica – em suas facetas clínica e teórica – não pode deixar de estar atrelada à facticidade do momento político histórico vivido. Freud (1996) sempre se esforçou nessa direção a ponto de se referir ao regime nazista como novo inimigo. Como manter o argumento de uma psicanálise apolítica quando a categoria que qualifica o nazismo é a de inimigo? Defender uma psicanálise engajada na causa pluralista exige uma elucidação teórica desse pluralismo implícito na própria teoria e trajetória psicanalítica, afinal, “quanto mais desencarnado e abstrato for o modelo teórico, mais próximo se encontrará dos fascismos e totalitarismos” (KATZ, 1985, p. 199). Daí a importância de se reconhecer a obra de Chantal, esta autora empresta da psicanálise parte fundamental de seu pluralismo agonístico.

10.3.2 A herança freudiana no pluralismo agonístico de Chantal Mouffe

Mouffe considera a dimensão sociopolítica desde uma perspectiva que ressalta a impossibilidade de um consenso final entre identidades coletivas que estão em plena disputa no âmbito do político, ou seja, o antagonismo é indissolúvel, mas pode ser domesticado na proposta pluralista radical e agonística da politóloga belga. Assim, não há reconciliação última entre os adversários no jogo democrático.

Na minha opinião, a crença na possibilidade de um consenso racional universal tem colocado o pensamento democrático no caminho equivocado. [...] A tarefa dos teóricos e políticos deveria consistir em promover a criação de uma esfera pública vibrante de luta “agonística”, onde pudesse se confrontar diferentes projetos políticos hegemônicos. Esta é, no meu ponto de vista, a condição *sine qua non* para um exercício efetivo da Democracia (MOUFFE, 2007, p. 11)

A noção de “consenso conflituoso” torna claro que toda espécie de consenso na política é instável e precária, por isso há sempre a impossibilidade de uma “reconciliação última” entre identidades coletivas adversárias no jogo democrático agonístico. Ora, “consenso conflituoso” e “reconciliação última” são categorias mouffeanas atreladas à questão do mal-estar inerente às relações sociais tal como é identificado por Freud (2010a), em “O mal-estar na civilização”, obra publicada em 1930. Portanto, toda tentativa de universalização essencialista de uma identidade coletiva, especialmente das próprias matrizes psicanalíticas, está fadada ao fracasso ou à contingência, já que, como afirma Joanildo Burity – teórico do político importante à tradição laclauiana –, qualquer identidade é “um momento instável da prática da identificação” (BURITY, 1997, p. 6). O psicanalista brasileiro Joel Birman

também reafirma tal contingência das identificações no pensamento de Laclau e Mouffe:

Desta maneira, tanto para Laclau e Mouffe quanto para Butler a construção da hegemonia política supõe e implica ao mesmo tempo a crítica radical da problemática da identidade, na medida em que nessa se condensaria inequivocadamente as diferentes modalidades de particularismos. Em decorrência disso, as identidades deveriam ser necessariamente ultrapassadas na sua dimensão substantiva, com o intuito de privilegiar as identificações, marcadas que essas seriam pela multiplicidade e fluidez. Seria por este viés que seria então possível a construção sempre contingente e provisória dos universais, que seriam assim figurados pela costura da hegemonia política como resultante desse processo ativo de interlocução (BIRMAN, 2018, p. 30-31)

Freud (1980) alerta que as identificações podem se expressar através de afetos ambivalentes, ou seja, por vezes há ternura em tais processos psicodinâmicos, porém, é possível que haja ódio e a demanda por eliminação do outro – o inimigo. Mouffe (2013) estabelece, portanto, a necessidade de relações adversárias entre identidades coletivas. Isso é o agonismo – sempre precário, devido ao mal-estar inerente às relações sociopolíticas – como a condição mesma do consenso conflituoso, o motor que vibra a democracia agonística. Freud (1996) chama o nazismo de novo inimigo porque está claro que a relação adversarial não é possível. A democracia agonística apenas acontece quando se exige que toda identidade coletiva não estabeleça identificações que expressem em práticas discursivas o desejo pela eliminação do outro. Daí o caráter necessário do agonismo para um efeito de domesticação dos antagonismos, embora incompleto devido ao mal-estar social.

Essa dinâmica política exige, a partir de um ponto de vista freudiano, a referência à libido e à sublimação. A primeira

foi extraída por Freud dos estudos realizados por sexólogos que mencionavam acerca da chamada *libido sexualis*. A libido surge na obra freudiana sendo ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa, assim, traduz o caráter universal do conceito de sexualidade – em alemão, o termo libido aproxima-se da palavra *Liebe* (desejo/amor). Para Freud (1969), depois de ter escrito *Além do princípio do prazer*, em 1920, a noção de pulsão de vida, Eros, está ligada a tudo o que pode se compreender a partir do termo amor. Por sua vez, as pulsões de morte, Tânatos, fazem menção a um desligamento da vida, por serem consideradas destrutivas e agressivas.

A sublimação é a forma mais refinada de relação com a libido. Por isso é que Mouffe (2007) considera esse processo psicodinâmico como peça-chave à sua proposta por um modelo agonístico. Maria Regina Prata, teórica da psicanálise, afirma que “o ego escolhe, através da sublimação, o caminho do combate que torna a vida possível” (PRATA, 2000, p. 133). Ora, o combate na perspectiva agonística mouffeana é sublimado através da relação adversarial. Por isso a refinada importância do debate e do diálogo em uma democracia agonística que, a partir de Freud, só pode ser entendida através da sublimação.

A satisfação desse gênero, como a alegria do artista no criar, ao dar corpo a suas fantasias, a alegria do pesquisador na solução de problemas e na apreensão da verdade, tem uma qualidade especial, que um dia poderemos caracterizar metapsicologicamente. Agora podemos dizer apenas, de modo figurado, que ela nos parece “mais fina e elevada”, mas a sua intensidade é amortecida, comparada à satisfação de impulsos instintuais grosseiros e primários; ela não nos abala fisicamente. A fraqueza desse método, porém, está em não ser de aplicação geral, no fato de poucos lhe terem acesso. Ele pressupõe talentos e disposições especiais, que não se acham presentes em medida eficaz. Também a esses poucos ele não pode

assegurar completa proteção do sofrimento, não lhes proporciona um escudo impenetrável aos dardos do destino e costuma falhar, quando o próprio corpo é a fonte do sofrer (FREUD, 2010a, p. 35-36)

A conclusão de Freud durante a primeira metade do século XX a respeito de qual regime – democrático, soviético ou nazista – proporcionaria o pluralismo adequado à transmissão da psicanálise e ao progresso cultural está, portanto, em plena congruência e sintonia com o pluralismo agonístico de Mouffe.

O breve panorama histórico neste artigo tem a finalidade de embasar o ponto de convergência entre os argumentos de Freud e Mouffe para validar o projeto desta politóloga de democracia radical. “É dentro da estrutura dos princípios constitutivos do Estado liberal – divisão de poderes, sufrágio universal, sistema multipartidário e direitos civis – que será possível avançar na totalidade das demandas democráticas atuais” (MOUFFE, 2019, p. 83), bem como no próprio pluralismo na psicanálise.

Há um ponto ainda que é preciso tratar nas relações teóricas entre Freud e Mouffe, uma falsa divergência. O diálogo entre o psicanalista e a politóloga pode soar problemático quando a demanda mouffeana por um populismo de esquerda parece contrariar as considerações freudianas acerca do “pouco otimismo manifestado quanto às perspectivas abertas pelas massas” (LACAN, 2008, p. 220). Porém, Freud criticou o comunismo que, em dado momento, se aliou a ele. E criticou os surrealistas que tanto o veneraram. A psicanálise aponta para pensar melhor, muito além de uma escolha ideológica sempre presente e discutível (GUTFREIND, 2019, p. 46)

É preciso considerar, mais uma vez, que Mouffe está a par do mal-estar social inerente aos (ant)agonismos e concebe a importância de que as massas necessariamente elejam os líderes políticos que condensam as demandas populares, mas que saibam articulá-las com maestria no jogo democrático agonístico. Diz Freud:

Tudo anda bem se esses líderes forem pessoas dotadas de uma compreensão superior acerca das necessidades da vida e tenham se resolvido a dominar seus próprios desejos impulsivos. Mas há o risco de que, para não perder sua influência, façam mais concessões à massa do que esta a eles, e por isso parece necessário que disponham de meios de poder que lhes permitam ser independentes dela (FREUD, 2010b, p. 24)

Esses meios de poder necessitam estar atrelados à institucionalização democrática e plural do conflito agonístico atualmente presente apenas nas democracias liberais (MOUFFE, 2013). O enfoque mouffeano no populismo e o privilégio freudiano à liderança política são, portanto, oxímoros de um mesmo pluralismo agonístico psicanalítico.

Conclusão

Este texto explorou o pluralismo implícito na psicanálise em suas dimensões história e teórica. Para tanto, em um primeiro momento, um breve panorama da situação psicanalítica foi esboçado a respeito da conjuntura articulada por psicanalistas e sociedades de psicanálise até a primeira metade do século XX.

Os relatos freudianos a respeito das experiências democráticas, soviética e nazista foram resgatados para comentar e criticar o que se desenvolveu em matéria de psicanálise nos territórios regidos por tais regimes. O sucesso histórico da psicanálise em âmbitos plurais e democráticos não pode ser ignorado por quem integra o campo psicanalítico, afinal, o regime em que a psicanálise se desenvolve é crucial à transmissão da própria psicanálise.

O último momento do texto foi dedicado a analisar a forma com a qual a politóloga belga Chantal Mouffe torna explícito o pluralismo implícito na teoria psicanalítica desde Sigmund Freud. As categorias conceituais mouffeanas são compatíveis e boa parte das vezes originadas da psicanálise; em um primeiro

momento de matriz lacaniana, enquanto escrevia com Ernesto Laclau, e, em um segundo momento, o diálogo com a psicanálise freudiana é realizado de maneira mais direta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABITBOL, Sarah. The jew, **the woman and the psychoanalyst**: a model of non-segregative social bond. *Ágora*: estudos em teoria psicanalítica. Rio de Janeiro, RJ.

BIRMAN, Joel. **Psicanálise e filosofia política na contemporaneidade**: sobre as categorias de povo, de populismo e de identidade na atualidade. In: HOFFMAN, Christian; BIRMAN, Joel. *Psicanálise e política*: uma nova leitura do populismo. São Paulo, SP: Instituto Langage/Université Paris Diderot, 2018.

BURITY, Joanildo. **Psicanálise, identificação e a formação de atores coletivos**. 1997. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/dipes-fundaj/20121203021343/joan2.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2017.

BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ŽIŽEK, Slavoj. **Contigência, hegemonia, universalidad**: diálogos contemporâneos en la izquierda. Buenos Aires, Argentina: fondo de cultura económica de Argentina, 2000.

DUNKER, Christian. **Crítica psicanalista do populismo no Brasil**: massa, grupo e classe. In: HOFFMAN, Christian; BIRMAN, Joel. *Psicanálise e política*: uma nova leitura do populismo. São Paulo, SP: Instituto Langage/Université Paris Diderot, 2018.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Porto Alegre, RS: LePM Pocket, 2013.

_____. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Obras completas, v. 18. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010a.

_____. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre, RS: LePM, 2010b

_____. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. Obras completas, v. 15. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1980.

_____. **Mais além do princípio do prazer**. Edição Standard, v. 18. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1969.

IZCOVICH, Luis. **Política e psicanálise**. *Stylus Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, RJ, n. 36, p. 19-26, 2018.

JAY, Martin. **A imaginação dialética**: história da Escola de Frankfurt e do Instituto para Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2008.

JONES, Ernest. *Vida e Obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1975.

KATZ, Chaim S. **Nazismo e psicanálise**: outras relações. In: KATZ, Chaim. S. *Psicanálise e nazismo*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Taurus Editora, 1985. P. 195-224.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7**: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **O seminário, livro 19**: O Saber do Psicanalista. Recife, PE: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2001.

_____. **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo – SP: Intermeios; Brasília – DF: CNPq, 2015.

LOHMANN; Hans Martin; ROSENKÖTTER, Lutz. **Psicanálise na Alemanha hitlerista. Como foi realmente?** In: KATZ, Chaim. S. *Psicanálise e nazismo*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Taurus Editora, 1985. P. 49-77.

LOPARIC, Zeljko. **O paradigma winnicottiano e o futuro da psicanálise**. *Revista brasileira de psicanálise*, v. 42, n. 1, p. 137-150, 2008.

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019.

_____. **Agonistics: thinking the world politically**. United States of America: Verso Books, 2013.

_____. *En torno a lo político*. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2007.

PIZA, Suze. **Contra Honneth e sua interpretação de D. W. Winnicott ou o papel do modelo ontológico na constituição de uma matriz disciplinar psicanalítica**. In: BOCCA, Francisco V. *Pluralismo na Psicanálise*. Curitiba, PR: PUCPress, 2016. P. 153-170. E-book. eISBN 978-85-68324-68-4. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Pluralismo_na_psican%C3%A1lise.html?id=aiYpDWA_AQBAJeredir_esc=y>. Acesso em: 28 nov. 2020.

PRATA, Maria Regina. **Pulsão de morte**: mortificação ou combate. *Ágora*, Rio de Janeiro, RJ, v. 3, n. 1, p. 115-35, 2000.

.....

.....

11. O MAL-ESTAR NA GRADUAÇÃO: FREUD E NIETZSCHE

Benjamin Dias Pacce*

11.1 O mal-estar na civilização

Freud entende que uma civilização pressupõe que as relações entre os membros sejam reguladas por algo que vai muito além dos indivíduos e do que é individual. Se não fosse a Lei, simplesmente ocorreria como que sempre o mais forte faria valer a sua própria vontade e não haveria espaço para o estabelecimento da ordem. Assim, é necessário que todos os membros da civilização renunciem – em parte – seus desejos em prol de uma “vontade coletiva”. Essa renúncia é o que tem que ver com grande parte de nosso mal-estar (FREUD, 2015).

A investigação Freudiana vai além, ele se pergunta como uma civilização poderia ser capaz de se manter, visto que

* Psicólogo formado pelo curso de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Foi bolsista na Brinquedoteca do Hospital Universitário de Rio Grande onde trabalhava com o lúdico com as crianças envolvidas com o ambiente hospitalar. Foi Bolsista do Programa de Educação Tutorial do curso de Psicologia da mesma Universidade (PET PSICOLOGIA FURG), onde trabalhou com projetos de pesquisa, ensino e extensão. Foi estagiário junto a Associação de Usuários de Saúde Mental de Pelotas (AUSSMPE) onde trabalhou com grupos ligados Saúde Mental Coletiva durante a pandemia. Fez parte do Laboratório de Extensão em Psicanálise e Arte (LEXPORTE) onde pesquisa e discute as relações da psicanálise com as ciências sociais, análise de discurso e arte. Participou da linha de pesquisa Artes Musicais: processos criativos e subjetividades, linha a qual busca compreender os fenômenos envolvidos tanto no desenvolvimento quanto na inibição da criatividade musical.

a agressividade é algo fundamental do ser humano. Supondo uma agressão que seria direcionada à destruição dessa Lei que impede que o indivíduo se realize, o sujeito introjeta essa força e dirige ao próprio eu. Ali, ela é assumida por uma parte do eu que se opõe ao restante: o “supereu”. Dessa forma é construído o que chamamos de “consciência moral” que agride o eu na mesma proporção que o indivíduo agrediria a civilização se tivesse se satisfeito. Dadas essas circunstâncias, o sentimento de culpa entra em cena (FREUD, 2015).

Freud também percebe que mesmo quando o indivíduo não fez efetivamente algo que, de fato, foi destrutivo à cultura; o eu, ainda assim, é capaz de sentir culpa. Trazendo a ideia de que o agente punidor é introjetado pelo indivíduo, e, que na maioria das vezes não seria necessário que alguém puna o sujeito pelo seu agir. A punição é realizada pela própria estrutura do psiquismo do indivíduo na cultura, consequência que reforça o triunfo da cultura sobre as vontades individuais. Outra ideia que deriva da moral introjetada no aparelho psíquico é a de que para punir bastaria a intenção, uma vez que para que o “supereu” produzir tensão psíquica basta o desejo (FREUD, 2015).

Freud aponta para uma compreensão do que constitui o sentimento de culpa: O medo da perda do amor do Outro e a internalização da moral. No entanto, não basta a renúncia dos impulsos, pois o “supereu” seguirá atormentando o “isso” enquanto ele deseja. Assim, o sentimento de culpa é mantido. Pensando de maneira econômica, o aparecimento do “supereu” é uma desvantagem por evocar essa constante tensão da consciência de culpa. Assim, o psiquismo busca vias possíveis de satisfação para estabilizar essa tensão e vemos a produção de sintomas.

O lugar do Pai é fundamental na formação do “supereu” na criança, o sentimento de culpa tem relação com o complexo de Édipo (que simboliza a inserção do indivíduo na cultura, por atravessar o tabu do incesto). O menino direciona sua agressividade para o pai porque ele simboliza a castração de seu desejo em relação à mãe. Numa tentativa de regular

sua economia psíquica, o menino se identifica com o Pai. Assim, se transforma o “supereu” que toma posse da agressão que o filho gostaria de exercer contra o pai. Quanto mais o eu cede ao “supereu”, mais poderoso o “supereu” se torna.

11.2 Contribuição de Nietzsche

Segundo Nietzsche, o sentimento da culpa pode ser aproximado à relação de devedores e credores na troca de mercadorias (NIETZSCHE, 2009). O devedor e o credor não existem em qualquer troca de mercadorias, é necessário que exista um intervalo de tempo entre a troca de mercadorias e o pagamento, a ideia de credores e devedores pressupõe uma dívida. Justamente o sentimento de troca, dívida e contrato existente nas relações materiais foi deslocado para outros âmbitos da vida anímica e social. É interessante notar que nessas relações contratuais é importante criar no devedor (e no credor também) uma memória que permite fazer e manter promessas. O devedor garante a seriedade de sua promessa dando poder ao credor sobre alguma coisa que o devedor ainda possua como seu corpo, seus bens, sua liberdade ou sua vida – isso faz reforçar na consciência a restituição como dever ou obrigação. Se violado a promessa, o credor tem o poder e o direito de violar, roubar o devedor o quanto lhe parece proporcional a dívida.

Essa equivalência está alojada em uma satisfação íntima do credor em castigar o devedor, fazer o mal pelo simples prazer de fazer. Por quê? Porque agir sobre o corpo do outro dá ao credor uma posição mais elevada, ao tratar o devedor como inferior. Fazer-sofrer é altamente gratificante. O prejudicado troca os males do dano pelo prazer de fazer sofrer.

Hoje o sofrimento é lembrado como o primeiro argumento contra a vida, quando que nos tempos passados a crueldade era uma grande festa. Os casamentos de príncipes e grandes festas sempre estavam acompanhados de suplícios, torturas e execuções.

O “devedor” é chamado de criminoso e então é colocado para fora da comunidade para assim ser tratado

como um selvagem, a dívida de um criminoso nada mais é do que um castigo que era aplicado a um inimigo odiado e desarmado. Aqui, podemos perceber a decadência das sociedades modernas no sentido de que a atenção está totalmente voltada ao parasita num ato reativo – “temos de remover todos os parasitas”.

A genealogia de Nietzsche mostra que o castigo na história dos humanos sempre representou uma barreira ao desenvolvimento da consciência da culpa, uma vez que eles eram interpretados como uma fatalidade pelo castigado, e, não como um arrependimento. A má consciência emerge na ordem da Lei onde o sujeito se vê forçado a renunciar seu desejo, uma vez que eles perdem seu valor e são negados pela moral. No cristianismo o desejo é da ordem da carne e o “eu” da ordem do espírito, não se trata de negação, mas de forclusão (como se não estivesse no mesmo registro). Direcionamos toda nossa energia à atividade do órgão mais frágil e tardio: a consciência; gostamos de calcular, inferir, combinar causas e efeitos. No entanto, os velhos instintos empoeirados no porão continuam a gritar.

11.3 O mal-estar na graduação

Diante da revisão supracitada, agora parto para uma reflexão atual sobre a questão da culpa na graduação. A pesquisa científica e a acadêmica, acontece numa lógica neoliberal: lucro, produção, utilidade, custo. A questão ética relacionada a esse agir político na gestão da universidade pública é um problema emergente, a ciência se colocou a serviço dos seus próprios fins e não como meio para atingir fins mais elevados. Vimos anteriormente que, na perspectiva Freudiana, o sentimento de culpa está sempre relacionado ao outro. Dado às demandas do mercado que criam a necessidade de uma produção desenfreada no ambiente acadêmico, seria razoável supor que existe uma internalização dessas demandas de produção por parte do graduando. Assim, poderíamos supor que o estudante de graduação está em função das demandas do mercado, lançado para pesquisa, estágios, avaliações, projetos de extensão e ensino, e, publicação de artigos que são arquitetados

em cima da lógica de mercado neoliberal. Essa enorme pressão no que se refere à produção, pode ser a responsável pela perda do interesse na reflexão e na crítica dos conhecimentos que os estudantes se apropriam e produzem, visto que não serve aos interesses do mercado. Esse movimento leva os acadêmicos à uma renúncia da sua capacidade de questionamento em prol da mera reprodução e acumulação de conhecimentos, o que nos leva a um novo marco na história: *o hommo lattes*. Aqui, os fins se convertem em meios e, assim, o discurso se contorce, se mostra incompetente a medida que suas metas são parte de um processo externo que caminha junto da lógica acadêmica. O que mais acontece é que se pesquisa para publicar e não se publica por que pesquisou, a investigação científica é atropelada pelas suas consequências, pelos seus resultados. Uma interessante crítica foi elaborada por Morin a esse respeito: “Parece que nos aproximamos de uma temível revolução na história do saber, em que ele, deixando de ser pensado, meditado, refletido e discutido por seres humanos, integrado na investigação individual de conhecimento e de sabedoria, se destina cada vez mais a ser acumulado em bancos de dados, para ser, depois, computado por instâncias manipuladoras, o Estado em primeiro lugar” (MORIN, 1994, p.123).

Podemos entender poder como a capacidade ou possibilidade de agir ou de produzir efeitos e pode ser referida a indivíduos ou a grupos humanos (Foucault, 2017). Quando se trata da vida nas relações, podemos afirmar que o poder se manifesta sempre nessas relações. Relação de poder em que existe algo que o exerce e outro algo que o sofre. O poder pode ser visto não como algo que está aqui ou ali, mas como algo que produz, que se exerce, que transforma, que está circunscrito em rede. A vitória do poder exercido pelo coletivo é o efeito que ele produz nos corpos: comportamentos e sentimentos. Em, como se exerce o poder, Foucault aponta que não existe relação de poder sem que haja resistência. Poderíamos pensar, no âmbito da graduação, pessoas que adoecem em fim de semestre onde geralmente se concentra as avaliações e testes que os alunos

são submetidos. O adoecimento, dentre outros sintomas que podem se manifestar de maneira mais clara, pode ser pensado como uma possibilidade de resistência do corpo (do sujeito, do psiquismo). A alta prevalência de ansiedade e depressão em estudantes de graduação e pós-graduação (Evans, *et. al*, 2018) estão sendo estudadas. Não é incomum a utilização de psicotrópicos por pessoas no meio acadêmico, não há espaço para narrativa, para licença, sua pesquisa tem prazo fixo. Outro aspecto que gostaria de salientar, é a ideia de que a graduação é vista na nossa sociedade como a porta para uma vida digna e bem-sucedida. Através dela, é possível várias formas de prestígio social, de “conseguir” o amor do outro. Então, diante dessa possibilidade o sujeito se submete a esse mal-estar.

A reflexão sobre o mal-estar na graduação pode ser extensamente elaborada por muitas facetas. Entender a graduação como também parte de um rito de passagem, ritual de iniciação explica um tanto sobre algumas práticas; todo ritual de passagem exige um *quantum* de sofrimento (seja ele um castigo físico aplicado sobre o corpo, seja ele simbólico aplicado sobre o corpo discursivo). Deve haver uma dívida do iniciado para com seu desejo de pertencer a uma outra comunidade discursiva, como pode ser a dos doutores, dos mestres, dos acadêmicos, do cientista (CRUZ, 1996). Para ser digno de ser elevado a posição de bacharel é preciso que o indivíduo faça o mesmo caminho, cumpra as mesmas metas e então seja autorizado a discursar, a exercer influência sobre esse campo. Mas é claro, que quando terminado tudo isso, você é ainda simplesmente um graduado, os mestres e os doutores estão lá em cima e se você almeja participar, você deverá jogar o jogo e haverá sacrifícios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVANS, T. M., *et al.* (2018). **Evidence for a mental health crisis in graduate education.** *Nature Biotechnology*, 36(3), 282-284. Doi:10.1038/nbt.4089

FREUD, S. **O Mal-estar na Civilização.** Trad. Renato Zwick. Ed. 2ª. Porto Alegre: L&PM, 2015.

NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Ed. 19ª. São Paulo: Bertrand Brasil, 1994.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

CRUZ, A. **Sem-Escola Sem-Terra: Para uma sociologia da expropriação simbólica**. Pelotas: EDITORA UFPel, 1996.

.....

.....

12. FALAS E PAPOS SOBRE PSICANÁLISE

Leticia Lemos*

O presente estudo diz respeito ao projeto “As interfaces entre a psicanálise e as ciências sociais: os textos de Sigmund Freud” e tem a intenção de uma análise de textos já direcionados a uma reflexão crítica à psicanálise de um âmbito teórico, além de muitas falas considerando ser um grupo de estudos com diferentes contribuições e falas.

Os diálogos são aquecidos com temas geradores, iniciados com uma simples análise dos textos sugeridos, sobre os pensamentos da psicanálise, muitas ideias são livres e suas opiniões variam sobre os diversos conhecimentos, assim as falas reflexivas e críticas contribuem para a construção do fenômeno que se vê na identificação da psicanálise.

Por isso, ao escrever este texto, reflito sobre tantas discussões, as quais convêm o registro de cada uma, mas não tenho como descrever cada conversa e cada experiência ganha em palavras, pois os significados das experiências adquiridas foram de muita aceção, onde expressou-se o aprendizado com falas intelectuais submetidas a debates impregnados de conhecimento.

Claro que o objetivo deste trabalho é um registro do pouco, de muito que se foi trabalhado no aprendizado e conhecimento

* Professora de Ensino Médio, com formação em Pedagogia pela FURG (2014) com especialização em Orientação Educacional, Sociologia para o Ensino Médio, Filosofia e TICs na Educação, além de acadêmica do Curso de Psicologia na FURG e acadêmica do Curso de Serviço Social na Anhanguera.

destinado a interpretação de tantos questionamentos sobre a psicanálise, logo vemos a criação do simbolismo das palavras.

Assim pode-se denominar a psicanálise sendo irracional, a qual se identifica no decorrer de nosso estudo, com isto inicia-se de sua origem, destacando os estudos realizados por Freud, no campo clínico e da investigação teórica, sendo independente da psicologia.

No filme *Augustine* (Augustine, 2013, França), dirigido por Alice Winocour, mostra bem o processo de pesquisa realizado por Charcot (professor de Freud), em que desenvolveu um estudo sobre a histeria em mulheres, o qual se afirmou através de sua pesquisa o distúrbio mental ocorrido por reações emocionais, onde acaba característica se manifesta em sintomas físicos.

A histeria vem da palavra grega *hystéra* que significa útero, portanto na época Charcot estudava mulheres que apresentavam sintomas desta doença, por deduzir que a ocorrência era algo somente nelas, por isto aceitava mulheres como pacientes.

Na sinopse do filme presente no site da Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina “Gestão em Saúde e Educação”, lê-se que:

A histeria é um distúrbio mental específico que apresenta sintomas físicos reais, que na maioria das vezes parecem exagerados e fingidos, mas não são. Os sintomas da histeria são os chamados polifacéticos, isto é, podem imitar praticamente qualquer outra doença, e em geral incluem paralisias, confusão mental, amnésia, desmaios, múltipla personalidade, entre outros. O tratamento é feito principalmente com psicoterapia. (2016)

Embora na época se tivesse a ideia de que tudo não passava de uma possessão demoníaca, não algo do âmbito patológico, a doença foi constatada, através de muitos estudos e até mesmo do uso à introdução da hipnose evidenciando

o estado da doença, assim a psicanálise investiga e estuda os conceitos que vem para auxiliar no tratamento psicoterápico.

Freud foi incentivado em seus estudos nos parâmetros da psicanálise, assim existindo muitos pioneiros que contribuíram em uma análise diante do cenário político desenvolvido na sociedade, mas, no entanto, a clínica vence esta disputa social.

Pensando sobre as ideias no contexto social que eram enfatizadas nos textos de Freud, institui-se o texto algumas considerações sobre a “guerra e a morte”, obra que o autor se contradiz por falar na morte como um ato cruel e violento e ao mesmo tempo salienta o luto pela perda e a culpa.

Consequentemente, analisando a selvageria do comportamento humano, diante da guerra mostra um indivíduo com um inconsciente que tem prazer na morte do outro e sentindo-se culpado.

Hoje se vê a complexidade deste texto que foi escrito há tanto tempo e com uma abordagem tão atual por tratar da morte e uma consciência formada por verdades traumáticas.

Neste momento em nossa sociedade vive-se um momento que a morte está muito presente, mas sabe-se que na vida obviamente a morte faz parte do fechamento deste ciclo, mas o ser humano é irracional para lidar com a perda de um ente querido, diferente da representação de matar um inimigo na guerra, no entanto a morte continua sendo a mesma, pois é o fim.

No texto “Édipo ao pé da letra Fragmentos de tragédia e psicanálise”, o autor faz uma releitura da tragédia de Édipo rei que matou o pai e casou-se com a mãe.

Logo se pensa na perspectiva social do drama descrito, ao qual remete a busca do eu como identidade e a sexualidade na imagem da mãe como desejo, não esquecendo que a morte é presente na satisfação de uma conquista.

Nesta concepção pode-se verificar o pensamento de Freud e Lacan a respeito da interpretação do drama de Sófocles ao escrever tamanha fragmentação de acordo com o acaso e o aleatório da história.

Ainda na fala de Quinet (2015), enfatiza que:

Se o século XX viu firmar-se, com Freud, a representação da mãe desejada e do pai legislador, baseada na família nuclear, o século XXI nos mostra o sujeito na posição de objeto de gozo dos pais, o pai fora da lei, a mãe que abandona e o ideal da família normativa voando pelos ares. Cada vez mais são desveladas a desmedida e a crueldade do pai, que vão contra a imagem antiga do protetor provedor, o papai-sabe-tudo, que recebia admiração, respeito e obediência da parte dos filhos. Por outro lado, são frequentes os casos de mães-medeias ou mães que jogam os filhos em lagoas ou no lixo, por descaso ou para trocar de brinquedo. A figura paterna que tem emergido de seu obscuro anonimato é o pai, fora da lei, gozador, safado, que trata os filhos como objeto e/ou dejetos. (p. 12)

Hoje, analisando depois de tantos anos as convicções de Freud e suas representações diante da psicanálise, criamos um panorama dos dias atuais, onde seu estudo emerge e seu pensamento tem uma afirmação de inúmeros percursos.

Lacan faz uma desvalorização do Édipo de Freud, tentando ultrapassá-lo, mas retoma na mesma linha psicanalítica, mantendo o mesmo entendimento analítico no fim.

No estudo da psicologia em relação ao “eu” se enfatiza o interior de cada um, na descoberta da psicanálise, isto é mais aprofundado, o qual menciona-se a interpretação nos relacionamentos afetivos e como o coletivo influencia o indivíduo inconscientemente.

Freud (1923) destaca:

Nas mencionadas relações com os pais e irmãos, com a amada, o amigo, o professor e o médico, o indivíduo sempre sofre a influência de apenas uma pessoa, ou um número mínimo

delas, cada uma das quais adquiriu para ele significação extraordinária. Quando se fala de psicologia social ou de massas, existe o hábito de abstrair dessas relações, e isolar como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas exerce simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais ele se acha ligado de algum modo, mas em muitos aspectos elas lhe podem ser estranhas. Portanto, a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. [...] (p. 11,12)

Por certo se identifica o mal da civilização, sendo a importância de muitas partes adquiridas pelo sujeito, por uma organização em massa, dentro da sociedade que o forma como ser significativo nas relações sociais.

A reflexão sobre a formação de grupos de indivíduos na sociedade vem a investigar a psicologia das massas que leva a uma cultura de relações sociais, onde sujeitos são vistos como membros de um movimento e os aspectos que os unem, estão além de relações afetivas.

O homem deve ter uma compreensão da dimensão do poder da socialização primária na sua formação social, a qual se inicia com os pais, sendo os orientadores para a vida social.

No entanto cada sociedade tem seus próprios valores e representações sobre seus sujeitos na vida social, um exemplo disso é o livro "Totem e tabu", onde Freud contextualiza sobre as diferentes sociedades e rituais culturais que os distinguem, exemplificando os aborígenes como povo primitivo pobre e miserável que tem o totem como símbolo sagrado e respeitado.

Fala também do incesto, como sendo uma violação do tabu, mas sua referência pai, mãe e filho são sempre identificados durante a leitura de uma forma sistêmica, o destaque maior se evidencia quando ele expressa o significado da sogra como tabu.

Desta maneira o indivíduo tem afetos infantis que são guardados e substituídos da mãe e irmã para a esposa e a sogra, formando a simbologia analisada na psicanálise das relações afetivas do inconsciente, assim mostrando a construção simbólica constatada na descrição do tabu.

A falta de civilização e a vida selvagem dos primitivos com pensamentos livres de tabus faz um ponto de referência com a vida mental dos neuróticos, assim investigando-se as neuroses, destacando a ausência de civilização que cercam e cerceiam as liberdades individuais e coletivas de uma determinada sociedade, por ser um povo selvagem critica-se a diferenciação de suas posições sociais e analisa-se a psicanálise social.

Contudo, dependemos uns dos outros para não sermos isolados, logo trabalhamos o coletivo dentro de uma sociedade, buscado nos agrupar com nossas afinidades, onde pode-se destacar as transformações ocorridas devido a mudança no comportamento dos indivíduos dentro do grupo.

Freud (1923) enfatiza que:

Tomando a liberdade de intercalar comentários nossos à exposição de Le Bon, observemos aqui o seguinte. Se os indivíduos da massa estão ligados numa unidade, tem de haver algo que os une entre si, e este meio de ligação poderia ser justamente o que é característico da massa. Mas Le Bon não dá resposta a essa questão, ele passa a lidar com a modificação do indivíduo na massa e a descreve em termos que harmonizam bastante com os pressupostos básicos de nossa psicologia profunda. (p. 13)

Em outras palavras dizer que o indivíduo tem sua consciência, mas abandona está pelo coletivo, com isto entrando no inconsciente dos pressupostos que depende da harmonia do grupo.

Dando como exemplo o filme *A formigunhaZ*, considera-se evidenciar um sistema mecânico, em que todos da colônia

estavam em uma sequência só demonstrando um único ritmo perdendo o significado de lidar com as diferenças existentes em qualquer grupo.

No estudo da psicologia das massas e da cultura surge a teoria de Durkheim, na qual o comportamento dos operários que era representado justamente para distinção entre indivíduo e o coletivo, em que se evidencia no exemplo do filme citado, o uso da prática radicalmente social.

Para Wundt, a representação da consciência cultural vem a representar a ação recíproca dentro da perspectiva social, mostrando uma psicologia do povo, a *Volkerpsychologie*, a qual possui uma natureza social e interacional por lidar com a linguagem, costumes, religião e outros aspectos, os quais lidam com as diferenças existentes.

O grupo como um todo alerta para as mudanças destes indivíduos, transformando-os e compondo o conjunto de importância de sua construção para poder lidar com essas diferenças existentes dentro da sociedade ou do próprio grupo, permitindo manter uma harmonia com o coletivo.

A psicologia das massas lida com o coletivo, mas também com o indivíduo, pois um não pode ser analisado sem o outro e os dois não podem ser analisados juntos, pois a consciência do coletivo é gerada, através da reciprocidade do sujeito social, com isto o indivíduo pensa por si só.

Quando penso na cultura das massas, destaco outro filme relevante para exemplificar a teoria intitulado *A onda* a versão de 1981, o qual mostra a concepção de um grupo sendo manipulado, através de uma experiência de um professor que demonstra a criação de uma ideologia fascista e como a reprodução de uma doutrina pode ser perigosa para todos dentro da sociedade e dos grupos criados.

Freud (1923) diz que:

A massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes,

mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, se faz valer (p. 20). Nada nela é premeditado. Embora deseje as coisas apaixonadamente, nunca o faz por muito tempo, é incapaz de uma vontade persistente. Não tolera qualquer demora entre o seu desejo e a realização dele. Tem o sentimento da onipotência; a noção do impossível desaparece para o indivíduo na massa. (p.18)

Afirma-se então que as massas se caracterizam por predominantes e desejos determinados pelo grupo, então vejamos o quando ela pode erradicar uma causa e fazer seus seguidores seguirem sem questionar, sendo capazes de um sentimento dividido por todos fazendo surgir o significado da representação da massa.

Então vamos pensar neste momento na qualidade de grupo, o que o motiva a seguir uma ideologia a tal ponto de ficar obcecado por um pensamento e uma obediência cega e descontrolada.

A ilusão de pensar que os sujeitos seguem algo inconscientemente é surreal, mas comprovada pelo indivíduo nas massas, ao qual se representa, como Freud destaca que:

Igreja e Exército são massas artificiais, isto é, uma certa coação externa é empregada para evitar sua dissolução e impedir mudanças na sua estrutura. Normalmente não se pergunta a alguém, ou não lhe é dada a escolha, se deseja ou não ingressar numa massa desse tipo; a tentativa de desligamento é desestimulada ou severamente punida, ou está sujeita a condições bem determinadas. Está longe de nosso interesse atual indagar por que estas associações requerem salvaguardas tão especiais. Somos atraídos pela circunstância de que nestas massas altamente organizadas, que daquela maneira se protegem da dissolução,

podem ser reconhecidos certos fatos que em outros casos se acham bem mais ocultos. (2011, p.35)

Por isto o desejo de fazer parte de um grupo e ser aceito pelas massas apresenta muitas vezes um sofrimento de coação, pois estes indivíduos se sentem obrigados a participar dessas associações para ser parte de algo.

Com isto à psicanálise aprofunda seu conhecimento com base na construção do sujeito, através do trabalho do consciente e do inconsciente, mostrando como o domínio dos pensamentos individuais dentro de um grupo acaba sendo oprimido por ele.

Normalmente quando se reflete sobre a cultura das massas, analisa-se o indivíduo se tornando mais um membro de um grupo para se encaixar na sociedade e assim ser aceito.

O sujeito se torna inimigo de uma ilusão criada pelo movimento cultural e representada pela política social, na qual mostra o interior como bom e o exterior como algo ruim. Mediante essa simbologia entre o simbólico e o não simbólico, vem a existência entre o real e o imaginário, o qual se cria uma utopia influenciada pelas massas.

Considerações finais

Portanto para concluir a análise de alguns textos em destaques dos respectivos diálogos e reafirmando os relatos de aprendizado, o qual foi rico de uma interpretação de um grupo focado no conhecimento da psicanálise, aonde sozinho não se chegaria a um viés decorrente da troca de conhecimento com tamanha crítica e detalhes valorosos sobre a perspectiva na psicanálise.

Por isto as falas e as experiências das leituras proporcionadas foram fantásticas, pois a participação no seminário e no grupo de extensão deixaram muitos diálogos para serem repensados.

Então é engraçado lembrar a potência de tantas interpretações sobre um único texto e visões diferentes que se completam ao final de cada fala, assim existe a retomada

da reflexão a cada novo texto, uma leitura com a lembrança da anterior, sempre se tendo um comentário ou um pensamento fluindo entre os mediadores, então nós meros ouvintes nos deliciamos com tantos conhecimentos e convicções críticas analisando diversos autores, o qual esclarece as ideologias defendidas que se formam entre os participantes de um estudo psicanalítico e sua representação e significado da veracidade dos dias de hoje, o qual diante das leituras se tem uma versão crítica tão bem apreciada com acontecimentos que podem ser comparados a situações atuais e reais.

Por fim a ideia de falar de psicanálise nos encontros virtuais e discutir os textos de Freud que é considerado mais do que o pai da psicanálise permitiu-se uma nova visão do estudo dirigido para a realidade de nossa sociedade atual e das inúmeras pertinências que destacam a crise social em leituras direcionadas a análise da psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO PAULISTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDICINA, Gestão em Saúde e Educação. **Augustine, um filme que leva a histeria para as telas**. Disponível online em: <https://www.spdm.org.br/imprensa/dica-cultural/item/2284-augustine-um-filme-que-leva-a-histeria-para-as-telas>

A Onda. Direção: Dennis Gansel. Produzido por Chrstian Becker. Alemanha: Laurence Granec, 2008. Disponível online em: <https://www.youtube.com/watch?v=zG3TfjAhs30>

AUGUSTINE. Direção: Alice Winocour. Produção de Isabelle Madelaine e Emillie Tisné. França:Imovision, 2013. Disponível online em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Lp7KAscflk>

FARR, Robert. **A psicologia das massas e da cultura**. Blog Psicologia, maio, 2011. Disponível em: <https://blogpsicologiablog.files.wordpress.com/2011/05/capitulo-3-as-rac3adzes-da-psicologia-social-moderna2.pdf>

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) / tradução e notas Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Obras completas, volume 11:** totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914) / tradução Paulo César de Souza. – 1a ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Obras completas, volume 15:** Psicologia das Massas e Análise do eu e outros textos (1920-1923) / tradução Paulo César de Souza. – 1a ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra:** fragmentos de tragédia e psicanálise – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015. <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1yV5KArIn5hI5cl6inY2Me96mNkT6w2NG> Link do filme: <https://www.youtube.com/watch?v=eIFQ0zMIBVY>

.....

.....

13. NEGACIONISMO – A VERDADE NÃO É IMPORTANTE

Vanessa Barbosa da Conceição*

Esse texto foi escrito em maio de 2021, até então houve 462.791 mortes e 16.545.554 casos do novo coronavírus no Brasil. No ranking mundial, o país ocupa a segunda posição entre os países com mais mortes pela pandemia, já em contaminações, é o terceiro mais afetado. Pode-se presumir que a ansiedade se tornou uma acompanhante cada vez mais íntima dos indivíduos ao redor do mundo, mas especialmente dos brasileiros. Ao ter a possibilidade de falar sobre qualquer tema existente, no momento me veio por ímpeto a motivação para discorrer, minimamente, sobre o movimento que tem contribuído para a manutenção da angústia, retrocessos e mortes no país, o negacionismo. Isso foi feito a partir de dois textos de Freud: *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) e *A Negação* (1925); além de alguns outros que buscam explicar um pouco sobre o tema.

13.1 Sobre a negação na psicanálise

Em 1925, Freud traz em seu texto *A Negação* uma conceitualização sobre o referido termo e as variadas formas como esse se apresenta a partir dos relatos vivenciados

* Possui ensino médio completo pelo Instituto de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS – Campus Rio Grande). Atualmente trabalha como entrevistadora no projeto de pesquisa Coorte de Nascimentos de Rio Grande, conduzido no Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da FURG (PPGSP).

e apresentados por seus pacientes clínicos. Faz isso através de exemplos, como o de um paciente que sonha com uma mulher e tem o comportamento contundente de afirmar, após contar sobre o sonho, que “aquela não era sua mãe”, antecipando uma conclusão, que não havia sido colocada, indicando que o conteúdo o poderia levar a tal conclusão. Outro exemplo trazido no mesmo texto, é o mecanismo clássico de dizer “sem querer ofender”, logo antes de o fazer. Segundo o autor, quando a real intenção ou significado de algo chega a consciência, é dever do juízo desvalidar aquilo que se rejeita, o negando de alguma forma, seja dizendo que aquilo não é real ou que a temida conclusão sobre alguma percepção não seria possível baseado em alguma justificativa particular. O autor traz que:

O conteúdo reprimido de uma ideia ou imagem pode abrir caminho até a consciência, sob a condição de ser negado. A negação é uma forma de tomar conhecimento do que foi reprimido, já é mesmo um levantamento da repressão, mas não, certamente, uma aceitação do reprimido. (FREUD, 1925)

Freud a partir de então aponta que, negar algo em um juízo, é dizer, no fundo: “Isso é algo que eu gostaria de reprimir”. Ademais, afirma que a função do juízo tem essencialmente duas decisões a tomar, deve aceitar ou recusar a uma coisa, uma característica e deve admitir ou contestar a representação de uma existência na realidade. Dessa forma, é afirmado que o “Eu-de-prazer” original quer introjetar tudo que é bom e excluir tudo que é mau. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, representam a mesma coisa em um primeiro momento.

Além disso o autor traz a importância de salientar que todas as representações vêm de percepções, como forma de repetições das percepções que temos. Assim, representar algo já é garantia de sua realidade, considerando que a oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o começo e que “Ela se instaura apenas pelo fato de o pensamento possuir a capacidade

de mais uma vez tornar presente algo” (Freud, 1925). Por esse ângulo Freud aponta que a concepção de negação não existe no inconsciente, sendo essa expressão da forma negativa de um pensamento oriundo do Eu. O autor traz, portanto, que atentar-se àquilo que se relata nunca ter sido pensado, ou, ao menos, não daquela forma, uma atividade de análise importante como forma de desvelar o inconsciente.

A conceituação de negação para Freud se mostra interessante para propor a reflexão de pontos pertinentes para a discussão a ser estabelecida. Freud aponta que a referida questão é muito mais atrelada a utilidade de um pensamento ou coisa em ser real, do que de fato na sua realidade, o que mostra que o juízo de valor atrelado a uma determinada demanda, no caso se aquilo causa prazer ou desprazer, antecede o juízo de existência, no caso se aquilo *é* ou *não é*. Essa dinâmica se dá desde o princípio, onde o Eu toma como “desprazeroso” aquilo que é colocado para fora, se apropria e guarda para si aquilo que é prazeroso e se mostra indiferente ao que não se encaixa em nenhum dos dois conceitos. Nessa lógica, existem diversas formas de exercitar a negação, de negar a existência de algo enquanto elemento interno ou mesmo enquanto coisa externa e pertencente à realidade.

A negação e também o negacionismo como um movimento social anticientífico, que será tratado no presente texto, tem, portanto, características observáveis de caráter antecipatório, que tende a colocar o pensamento pertencente ao indivíduo no outro, como no exemplo do sonho com a “não mãe”, de apresentar comportamento hostil, de fugir de uma mensagem antes da oportunidade que essa seja analisada, não dando espaço para que essa possa ser considerada uma verdade.

13.2 Movimento negacionista

A concepção de negacionismo é aquela que distorce as evidências históricas e científicas, fugindo do modelo acadêmico de reflexão e que oferece uma “interpretação alternativa à abordagem classificada” (MELO, 2014, p. 40 apud ALMADA,

2021). Um dos desdobramentos dessa prática é apontado por Vidal-Naquet (1988, apud ALMADA, 2021) enfatizando que, tendo sido entendida como um “revisonismo absoluto”, essa concepção considera, por exemplo, que o genocídio praticado na Alemanha nazista contra os Judeus e Ciganos não existiu e pertence ao domínio de um mito ou fraude popular. O que evidencia que a prática do negacionismo vem colocando em dúvida desde as informações mais primordiais das quais temos conhecimento, sem compromisso com uma investigação pautada na realidade.

No texto *Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história*, Odilon Caldeira Neto aponta que o negacionismo surge como uma tentativa intolerante e predatória da memória da Segunda Guerra Mundial, e consiste atualmente numa das maiores expressões do antissemitismo da extrema-direita. Além disso, Neto pontua também que na Europa, berço desta corrente pretensamente acadêmica, personagens como Jean Marie Le Pen (presidente do partido ultranacionalista e xenófobo Frente Nacional/ França), flertava constantemente com teorias da negação do Holocausto.

Conforme relata o autor, o negacionismo, como aborda Vidal Naquet, não surge propriamente dito com o discurso de negação completa do Holocausto. Em um primeiro momento, o que ocorre é uma redução do número de vítimas, para uma conseguinte relativização do caráter nefasto do Holocausto para, daí sim, a defesa da ideia da inexistência das câmaras de gás ou mesmo do programa de eliminação de “indesejáveis” ao nazismo. O autor também pontua que Rassinier é considerado o fundador do negacionismo, por conta do lançamento do livro *A mentira de Ulisses*. No Livro, Rassinier defende a ideia de que a Segunda Guerra Mundial havia sido armada por um complô judaico de dominação mundial.

13.2.1 Princípio do negacionismo no Brasil

Segundo Neto (2009), o negacionismo começou a ficar conhecido no Brasil em geral no fim dos anos 1970. Em meados de 1977, jornais nacionalmente conhecidos como O Globo, Jornal

do Brasil e Folha de São Paulo cederam espaço para uma discussão que sobre o mais recente livro de David Irving até então: *Hitler's War*. Neste livro, Irving já enunciava teses negacionistas, que viriam a ser defendidas publicamente mais tarde. De acordo com Irving, Hitler era inocente em relação ao Holocausto, pois não teria ordenado o extermínio dos judeus durante o III Reich e também não saberia nada sobre tal. Neto (2009) pontua que esse episódio é supostamente a primeira aparição pública do negacionismo no Brasil, porém, o surgimento de teses negacionistas de autores brasileiros data exatos dez anos após as discussões sobre o livro *Hitler's War*, ou seja, o ano de 1987.

O autor traz em seu texto que em um período de crescente mobilização pelas eleições diretas e pelo fim da ditadura militar, surge o mais famoso livro negacionista brasileiro. Esse seria: *Holocausto: Judeu ou Alemão? Nos bastidores da mentira do século*. Livro de autoria de Siegfried Ellwanger, brasileiro descendente de alemães, natural de Candelária, Rio Grande do Sul.

13.2.2 Negacionismo no Brasil na atualidade

No Brasil atualmente, vivemos em um estado caótico de mentiras organizadas. Uma realidade constatável a partir do cenário político atual, onde o presidente da República, Jair Bolsonaro, é investigado no inquérito que apura a divulgação de informações falsas, o inquérito das Fake News. Essas mentiras organizadas vêm sendo institucionalizadas ao abrirem espaço para mudança de legislações vigentes, principalmente em questões atreladas ao meio ambiente, saúde pública, segurança e educação. A compra por parte do Exército Brasileiro de insumos para produção de cloroquina, financiada pelo Ministério da saúde e a tentativa de implementar o voto impresso são apenas alguns exemplos dessa realidade.

Além disso, enfrentamos uma realidade pandêmica, devido a disseminação do vírus Covid-19, com escassez de recursos de subsistência. Isso se dá desde o acesso as ações de saúde pública como também, em diversos casos, à recursos

inadiáveis como alimentação e moradia, vide aumento do desemprego para 13,5% no último trimestre de 2020, a maior taxa já registrada. Na pandemia, movimentos descomprometidos com a verdade e com a ciência são particularmente perigosos e nocivos à vida da população, em especial a mais pobre e marginalizada.

Tatiana Roque (2020), pontua que experienciamos hoje um clima de ceticismo generalizado, a descrença nas instituições favorece a disseminação de informações falsas, espalhadas por governos com políticas escancaradamente anticientíficas. O que podemos perceber com a desvalorização do conhecimento científico é o crescimento de movimentos antivacina, terraplanista e conspiratórios. Para além do conhecimento científico, o conhecimento histórico também é frequentemente rejeitado. Essa dinâmica vem minando as oportunidades de comunicação entre os indivíduos da população brasileira, que já se encontram em um movimento de extrema polaridade. Dessa forma, o viés que escolhi para tratar a presente questão é a partir do texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (Freud, 1921).

13.2.3 Reflexões sobre o negacionismo a partir do texto psicologia das massas e análise do eu

Freud traz logo no início do seu texto sobre as massas a questão referente à oposição entre a psicologia individual e psicologia social. O autor afirma que:

Certamente, a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. (FREUD, 1921)

Nesse sentido, Freud aponta que o sujeito não pode ser desvinculado de seu caráter social, pois mesmo que analisado individualmente traz a carga de suas relações e das *massas* em que está inserido, sejam elas o grupo familiar ou instituições sociais mais abrangentes, o indivíduo sofre influência das “tribos” as quais pertence. O texto é escrito por Freud depois da Primeira

Guerra Mundial, por conta dos impactos sem precedentes do conflito, o mesmo se debruça sobre o estudo das massas, sobretudo sobre a forma como a massa funciona, bem como a atuação do indivíduo inserido nela. Para tanto, ele revê autores que já haviam pesquisado e escrito sobre o tema, usando principalmente as contribuições de Le Bon.

13.3 Alma coletiva

Um conceito importante para pensar a dinâmica existente nos movimentos negacionistas que assolam o país é trazido logo no início do texto, que é o de Alma Coletiva segundo Le Bon. A questão levantada é que, se em algum momento a psicologia conseguisse desvendar os impulsos, motivações do indivíduo, logo se depararia com um novo problema, que diz respeito a entender o porquê do indivíduo se comportar de maneira diferente quando em uma “massa psicológica” a maneira que se comporta quando está sozinho. A partir de então, as perguntas que guiam o capítulo são o que seria uma “massa”, de que maneira ela adquire a capacidade de influir tão decisivamente na vida psíquica do indivíduo, e em que consiste a modificação psíquica que ela impõe ao indivíduo?

O primeiro ponto trazido é que, numa massa psicológica, independentemente das semelhanças ou dessemelhanças dos indivíduos que a compõem, o simples fato de terem se transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Essa alma coletiva seria responsável pela forma diferente do habitual que os indivíduos passam a agir, sentir e pensar quando dentro da massa psicológica.

Freud segue firmando que se os indivíduos da massa estão ligados numa unidade, tem de haver algo que os une entre si, e este meio de ligação poderia ser justamente o que é característico da massa. Logo em seguida é trazido um trecho onde Le Bon afirma que:

Por trás das causas confessas de nossos atos, há sem dúvida causas secretas que não confessamos, mas por trás dessas causas secretas há outras, bem mais secretas ainda,

pois nós mesmos as ignoramos. A maioria de nossos atos cotidianos é resultado de móveis ocultos que nos escapam. (FREUD, 1921)

Nesse sentido, as massas são unidas a partir de uma motivação interna em comum, alguma coisa já existente que pulsa dentro do indivíduo e que encontra respaldo na massa psicológica. A partir de então os indivíduos são inseridos a algo que, por mais que seja formado por eles, é maior que a soma dos mesmos.

13.3.1 Meio virtual como potencializador

A partir do conceito exposto, onde o indivíduo pertencente à massa é eximido da responsabilidade de seus atos, existe uma questão emergente e que é experienciada na atualidade constantemente e em todos os âmbitos. Essa questão é anonimato que o contexto virtual proporciona, condição que faz sobressair o caráter anônimo das massas. A existência das massas se faz presente na internet, através de grupos na plataforma virtual *Facebook*, preferencias por vídeos no *Youtube*, por personalidades influenciadoras, vídeos e textos virais no *Twitter* e no *Instagram*, condições que são acentuadas pela ação dos algoritmos, fazendo com que grupos que já possuem afinidade de pensamentos, se encontrem com muito mais facilidade. Além do encontro ser facilitado, o conteúdo consumido se torna cada vez mais do mesmo, o que amplia o sentimento de poder invencível apontado por Le Bon, construindo uma massa anônima, de elementos “irrastreáveis”, com toda liberdade e poder de articulação que a internet disponibiliza.

Outro ponto trazido no texto de Freud, destaca a fala de Le Bon referente ao caráter impulsivo e excitável da massa, que acaba por realizar ações diversas com tanto fervor que sequer a autopreservação é considerada. Nesse sentido, é interessante lembrar das ações de exposição pessoal que grupos negacionistas vem performando através de manifestações e aglomerações sem utilização de proteção recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como também utilização de medicamentos preventivos e resistência as vacinas. Isso tudo

se dá em escala nacional, aumentando o agravamento da crise de saúde coletiva sendo enfrentada no país, o que corrobora a fala anteriormente destacada por Le Bon que enfatiza a falta de qualquer interesse pessoal, inclusive o da autopreservação, presente no indivíduo inserido na massa psicológica.

Por outro lado, Ana Paula Massadar Morel (2020) traz em seu texto Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica, o posicionamento de Ernesto Perini (2019), que destaca uma motivação legítima para a popularização do negacionismo, que diz respeito ao elitismo e colonialismo presentes na construção científica brasileira. As práticas academicistas no Brasil não se preocuparam em acessar as pessoas com menor nível de escolaridade, além disso, o país negligencia a educação desde o início de sua formação, como consequência temos uma população descrente na ciência e a espera de salvagens mágicas. É nesse cenário que os movimentos negacionistas encontram terreno propício para seu crescimento e disseminação de suas ideias.

13.4 A verdade não é importante

Referente a liderança é abordado que a massa é excitada por estímulos desmedidos e que “quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos, deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa” (Freud, 1921). A massa se mostra intolerante e ao mesmo tempo, crente na autoridade. Nesse sentido a massa respeita a força e o que espera de seus líderes é que detenham esse poder evidenciado muitas vezes pelo uso a violência, sendo apontada como uma das características da massa, sua necessidade de alguém que aja como seu senhor, bem como o medo de mudanças e progressos, se submetendo a qualquer um que se apresente como líder.

Outro ponto sobre o líder, é a necessidade de esse estar fascinado com a sua crença, para que assim desperte essa crença na massa. É elencada a necessidade de um determinado

fanatismo para que a massa seja comovida. Freud aponta que, além disso, também são necessárias outras condições para a liderança exercer seu poder e sugestionabilidade, uma delas diz respeito à identificação, a qual é descrita na psicanálise como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação. Freud também traz as contribuições de McDougall e aponta que a massa precisa ao menos de um esboço de organização.

A condição para que se forme uma massa, a partir dos membros casualmente juntados de uma multidão, é que esses indivíduos tenham algo em comum, um interesse partilhado num objeto, uma orientação afetiva semelhante em determinada situação e um certo grau de capacidade de influenciar uns aos outros. (FREUD, 1921)

Na questão dos movimentos negacionistas é possível perceber um grau de articulação. Nesse sentido, são vistas lideranças explícitas do movimento, que permanecem repetindo com fervor as suas ideias. Além disso, existem também organizações invisíveis, que tornam possível a disseminação em grande escala dos discursos e das distorções referente aos fatos, chamados por Morel (2020) os negacionistas profissionais, as pessoas que lucram com a disseminação de notícias falsas.

Por fim, chegamos a realidade presente. Uma realidade dura para grande parte da população, e ideal para os que procuram tirar proveito do momento perverso, o que se conclui é que, como trazido no texto, independente da motivação pessoal por trás da negação da realidade, para a massa a verdade pouco importa.

As massas nunca tiveram a sede da verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar. Nelas o irreal tem primazia sobre o real, o que não é verdadeiro as influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro. Elas têm a visível tendência de não fazer distinção entre os dois. (FREUD, 1921)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Pablo Emanuel Romero. **O Negacionismo Na Oposição De Jair Bolsonaro à Comissão Nacional da Verdade**. Rev. Bras. Ci. Soc. São Paulo, v. 36, p. (106). 2021, Disponível em em <<https://doi.org/10.1590/3610608/2021>>

Freud, Sigmund. **O Eu e o Id**, “Autobiografia” e Outros Textos (1923-1925). Companhia Das Letras Editora.

_____. **Psicologia das massas e Análise do Eu** (1920-1923). Companhia Das Letras Editora.

MOREL, Ana Paula Massadar. **Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica**. Trabalho, Educação e Saúde. Rio de Janeiro, v. 19. 2021. Disponível em <DOI: 10.1590/1981-7746- sol00315>

NETO, Odilon Caldeira. **Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história**. Antíteses. Londrina, vol. 2, n. 4, p. 1097-1123, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>

ROQUE, Tatiana. **O Negacionismo No Poder**. Questões Da Pós-Verdade. Piauí. 2020. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-nopoder/>>

.....

.....

14. FANTASME – UMA PALAVRA NO CAMINHO

Laura Suzana de Souza Benites*
Marta Regina de Leão D'Agord**

Na leitura do Seminário livro 14 de Lacan, *La Logique du Fantasme* um estranhamento com o termo *fantasme*, na medida em que Freud usou o termo *Phantasie*, na língua alemã, que para o português brasileiro, foi vertido como fantasia. O termo *fantasme* carrega consigo muitas camadas acumuladas pelo tempo. Nosso objetivo é fazer recortes e circunscrever, minimamente, o termo *fantasme*, relativamente ao campo a partir do qual Lacan situa sua fala e escrita. Para subsidiar nosso intento, realizamos uma busca em vários textos, e registramos sínteses concentradas de alguns dicionários. Esse caminho resultou na articulação do termo psicanalítico com o antigo termo grego *phantasma*. Neste escrito, optamos por tomar como ponto de partida a grafia do francês: *fantasme*. Concluimos que há algo a respeito do caráter intraduzível (Cassin, 2004) pois cada tradução abre novas acepções pelo efeito da língua de chegada.

* Psicanalista. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, linha de pesquisa Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos (UFRGS).

** Psicanalista. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da UFRGS.

14.1 Fantasma

O uso das palavras fantasma ou fantasia para a tradução ao português brasileiro, dos textos referentes ao livro *La Logique du Fantasme*, levantou a curiosidade com o termo francês *fantasme*, utilizado por Lacan. Logo percebemos haver questões que são próprias do ato de traduzir e outras referentes às políticas institucionais, que organizam os grupos de psicanalistas em torno dos significantes. Estes pontos ficam evidentes durante o percurso de leituras, conversas acadêmicas e entre pares. Nós tentaremos situar o termo *fantasme* no campo semântico, deixando para outro momento as questões políticas que envolvem os grupos. Entendemos que tanto a leitura do *fantasme* pelo significante quanto, pela semântica, se tornaram criadoras por estarem no cerne da ficção, elemento que se fez pedra de toque da psicanálise.

Freud, fez uso do termo alemão *Phantasie* a fim de designar construções às quais a psique recorre para tentar dar conta das imagens sonoras, visuais, corporais e pulsionais na interface com o inconscientizado. O termo *Phantasie* foi vertido para o português brasileiro como fantasia, na tradução *standard* da obra freudiana. O que, a nosso ver, gera um inconveniente por estar carregada da noção de devaneio voluntário do eu e da consciência ou pré-consciência. As ‘fantasias’, ou *fantasmes*, adquirem as formas de pensamentos, delírios e sonhos. Esses elementos são partes das tramas ficcionais ou poéticas com as quais a mente tece anteparos. Nessas *pantallas*, como telas, se desenrolam enredos para fazer possíveis os bordeamentos daquilo que emerge do encontro com os acontecimentos não assimiláveis, enquanto experiência.

Freud tomou de Fechner a expressão “uma outra cena”, para assim destacar o lugar do inconsciente. É essa ideia de cena que está em jogo quando pensamos no conceito de fantasma. E aqui nos fazemos acompanhar por Silva (2012), que foi muito feliz na aplicação da ideia de cena, para uma figuração do conceito de fantasma em Lacan:

Vivemos em uma outra cena, na qual nos representamos por meio daqueles representantes menos comprometedores. Daí os disfarces utilizados para dizerem sempre o mesmo, e esse mesmo diz de nossa tendência a olhar para a realidade sempre desde um mesmo ângulo, sempre desde a mesma janela. Para dar conta dessa constância estrutural, Lacan inventa o conceito de fantasma. A janela do fantasma funciona como uma espécie de conetivo entre o sujeito e a outra cena. (SILVA, 2012, p. 29)

Ao verter para o francês, a opção dos autores da tradução da obra freudiana, foi utilizar a palavra *fantasme*, palavra para a qual não há correspondente no português, e que guarda de perto o sentido oferecido pelo termo grego *phantasma*.

14.1.1 Derivação

Na composição, a palavra está originalmente ligada a *phos* no grego, que indica 'luz', como aquilo que faz aparecer. *Phos* compõe a palavra *phaínein*, com sentido de mostrar. Ambos estão presentes em *phantázein* com a acepção de fazer aparecer, e em *phántasma*. No latim, chega como *phantasma* carregando aquela extensão semântica e ampliando-a.

O termo *phantasma* na acepção grega tem definição ampla e complexa, podendo ser empregado com referência a muitas coisas presentes ou entes ausentes que, de alguma forma, se presentificam em imagens tanto na imaginação, quanto em sonhos, mas também objetos de arte e imitação. Abarca ainda ideias como: falso, inexistente, ameaça, tanto de algo que se dá a ver, quanto algo que não se dá a ver. Encontramos pistas do uso do grego *phantasma* nos derivados *fantasme*, *phantasme* e *fantôme*, esse último com sentido de aparição, espectro, e ainda *phantasia*, no sentido de imaginação. Devido às alterações semânticas, decorridas no tempo, apareceu:

“...*fantasme* ou *phantasme* encontramos que, do mesmo modo que *fantôme*, deriva do grego *phantasma*, e mais, que no final do século XII aparece como “ilusão”, no séc. XIV na acepção de *fantôme* e, já em 1836, aparece, no campo da medicina, com o sentido de “alucinação”. Agora, pasmem! Em 1891 (no ano seguinte à edição de meu velho Larousse) aparece um sentido “moderno” do termo, o qual será propagado (*répandu*) no séc. XX pela psicanálise como “Toda produção da imaginação pela qual o eu (moi) busca escapar à influência (*emprise*) da realidade.” (SILVA, s.d.)

De modo que Lacan fez a escolha da grafia *fantasme* e é um dos responsáveis pelo estabelecimento de seu sentido moderno¹.

Cassin (2004) propõe o termo *phantasma* como um intraduzível. Ao fazer um apanhado do termo, desde sua utilização no grego com Platão e Aristóteles, registra as dificuldades encontradas para transpor o sentido para o latim e deste para as demais línguas europeias. Como exemplo, traz Guillaume de Moerbecke, que apontou esse aspecto de intraduzível ao termo, ao trazer a obra aristotélica *De Anima*, do grego para o latim, em meados do século XIII.

Em Freud, nos diz a autora, “o emprego privilegiado feito por Freud do termo *Phantasie*, que levou os primeiros psicanalistas franceses a traduzi-lo pela palavra – nova ou recentemente reabilitada em sua língua – *fantasme*.” (CASSIN, 2004, p. 934).

Conforme Roudinesco e Plon (1998), no Dicionário de Psicanálise o termo alemão *Phantasie* foi:

[...] utilizado por Sigmund Freud, primeiro no sentido corrente, que a língua alemã lhe confere (fantasia ou imaginação), depois como um conceito, a partir de 1897. Correlato

¹ SILVA, L o. t. da, (n.d.). Isagoge. Acesso em 21 de julho de 2021 de <http://www.tellesdasilva.com/fantasma.html>

da elaboração da noção de realidade psíquica e do abandono da teoria da sedução, designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens: fala-se então de fantasia originária. Em francês a palavra *fantasme* foi forjada pelos primeiros tradutores da obra freudiana, num sentido conceitual não relacionado com a palavra [vernácula] *fantasie*. Deriva do grego *phantasma* (aparição, transformada em 'fantasma' no latim) e do adjetivo *fantasmatique* [fantasmático], outrora próximo, por sua significação, do *fantasmatique* [fantasmal, fantasmagórico]. A escola Kleiniana criou o termo *phantasy* (phantasia), ao lado de *fantasy*. No Brasil também se usa 'fantasma'. (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 223)

Atestamos que o *fantasme* está presente na escrita psicanalítica desde seus primórdios, tanto para construção dos primeiros casos clínicos quanto para formulações teóricas. Num primeiro momento com um uso linguageiro, na sequência tornou-se reconhecido como uma noção importante para construir a relação entre o sujeito e objeto. Como Freud fazia oposição à etiologia hereditária das neuroses, o *fantasme* se tornava um suporte importante no desenvolvimento de seu trabalho rumo à ficção e à poética do trabalho inconsciente e como fundamento das montagens neuróticas.

Roudinesco e Plon (1998) apontam que Freud teria definido o *fantasme* como um lugar de passagem, gerador de mobilidade entre os registros consciente e inconsciente (FREUD, 1976 [1915]).

O ponto fundamental para levarmos dessas leituras rumo ao Seminário livro 14, *La Logique du Fantasme*, será o conceito de *fantasme* original traduzido ao português por 'fantasias primevas'. Esse desenvolvimento será crucial para passar os *fantasmes* para o âmbito de '*le fantasme*', articulado

com o desejo e matriz dos enlaces e desenlaces com o objeto (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988).

Freud passa da questão dos *fantasmes* para a do *fantasme* em que o elemento fundamental é que o sujeito implicado ou posto em jogo é o sujeito do inconsciente (KAUFMANN, 1996). Este *fantasme* teria que ser reconstruído em análise, pois estaria inacessível à consciência e ao eu. O eu é padecente do fantasma.

De modo sucinto, Chemama (1998) faz um recorte do conceito de *Phantasie* em Freud, definindo-o como “representação, roteiro cênico imaginário, consciente (devaneio), pré-consciente ou inconsciente, que implica a uma ou a várias personagens e que põem em cena de maneira mais ou menos disfarçada um desejo”² (CHEMAMA, 1998, p. 157). E apresenta sua síntese acerca do lugar e da função do fantasma, ao dizer que “o fantasma é ao mesmo tempo efeito do desejo arcaico inconsciente e matriz dos desejos conscientes e inconscientes atuais” (CHEMAMA, 1998, p. 157).

Nesse sentido, o *fantasme* oferece um enquadre e é o enquadre à cena. Um enquadre forjado a partir do *fantasme* original, que se formou por retroação no encontro com o desejo e as conseqüentes formações psíquicas de defesa, gerando as neuroses.

Freud indica também aí que se o fantasma representa o desejo inconsciente do sujeito, o mesmo sujeito pode estar representado no fantasma por diversos personagens nele incluídos. Em função do narcisismo e do transitivismo originário, as trocas de papéis no roteiro cênico fantasmático são frequentes... Será necessário distinguir com Freud os *fantasmes* originários para acompanhar os desenvolvimentos teóricos posteriores para formalizar seus movimentos. Seriam os *fantasmes* de origem do sujeito, no que se refere à sua concepção e aqui entra

² Tradução livre nossa

em causa a cena primária e o lugar ocupado na novela familiar. Origem de sua sexualidade, onde entram os fantasmas de sedução e finalmente a origem da diferença dos sexos, por exemplo os *fantasmes* de castração. Aqui comparece uma nova prova da importância do desejo na constituição dos *fantasmes*: não há relação imediata entre o *fantasme* e os acontecimentos concretos vividos pela criança.³ (CHEMAMA, 1998, p. 158.)

Percebemos que na teorização de Freud e Lacan, o *fantasme* está no centro da organização psíquica e fica em operação 24 horas por dia. Seus efeitos estão relacionados ao modo como percebemos o mundo e no que anulamos dessa percepção, na escolha da neurose, nas relações com os objetos e nas imagens de si mesmo. Entre todas essas relações, ele terá lugar de anteparo, gerando dissimetria entre o percebido e os acontecimentos concretos, aos quais não teremos acesso imediato. Esse acesso será mediado pela lógica fantasmática.

Uma primeira operação que a noção de *fantasme* sofreu, a partir de Freud, foi o reconhecimento de seu caráter imaginário e o descolamento em relação ao que denominamos verdade histórica, diferenciando-o da lembrança de algo vivido. O *fantasme* possui uma força, ligada ao desejo, portanto inconsciente, que gera um remodelar das vivências, experiências e recordações. Se forma ao redor das primeiras experiências de prazer/desprazer, criando um núcleo arcaico do desejo que se tornará a matriz do desejo em todas as suas atualizações nas relações diversas estabelecidas ou desfeitas pela vida afora. Estará também na força geradora das formações do inconsciente, sejam sonhos, atos falhos, além de todas as atividades que envolvam escolhas de objeto. Nosso trabalho será de interpretação constante.

Neste trabalho, fizemos uma busca de traços que marcam a proximidade ou afastamento do termo francês

³ Tradução Livre Nossa

fantasme para o termo fantasma em português. A língua é viva e, cada uma, conforme seu gênio, pode produzir novos sentidos na tradução dos termos estrangeiros. Esses novos sentidos, novas acepções, que um termo recebe na língua de chegada, é o que Cassin nomeou de intraduzível no campo semântico. Concluímos, com Barbara Cassin, que esse seria um dos motivos das controvérsias na tradução do termo *fantasme* para a língua portuguesa. Pois se esquecia que não se tratava da tradução francesa para o termo alemão *Phantasie*, utilizado por Freud para delimitar as fantasias originárias como matrizes psíquicas. Ao escrever algebricamente o *fantasme*, produzia uma alteração semântica do termo, e ao propô-lo como uma janela, dizia de uma estrutura. A estrutura em questão, o *fantasme*, é lógica-matemática, e seus elementos são os seguintes: o (S) Sujeito barrado pela falta do significante, no campo do grande Outro; o símbolo da punção (<>) que escreve as operações lógicas de conjunção e disjunção; e o objeto *a*. Essa formalização é realizada com os instrumentos do campo da Matemática e da Lógica, com os quais Lacan propõe, para a Psicanálise, um novo conceito, o *fantasme*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Thales Melgarejo de. **A construção do *fantasme* como uma gramática: um ensaio metapsicológico a partir de história do olho de Georges Bataille**. Dissertação de Mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). Porto Alegre, 62 f., 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/219399>. Acesso em agosto de 2021.

ABREU, Thales M. de; D'AGORD, Marta Regina de Leão. **O “*fantasme*” em Jacques Lacan, o Intraduzível em questão**. Trivium, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jun. 2021, p. 101-111. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912021000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 nov. 2021. Doi: <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021v1p.101>.

CASSIN, Barbara (Ed.). ***Vocabulaire européen des philosophies: dictionnaire des intraduisibles***. Dictionnaires Le Robert, 2004.

CHEMAMA, R. **Diccionario del Psicanálisis**. *Sob la dirección de Roland Chemama. Diccionario actual de los significantes, conceptos y matemas del psicanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu editores. 1998. p. 157-161.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Vol XVII. Ed Standard Brasileira. Rio de Janeiro. Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **O Inconsciente**. In: _____. *Obras completas*, Vol XIV. Ed. Standart Brasileira. Rio de Janeiro. Imago, 1976.

KAUFFMAN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge, 1996.

LACAN, Jacques. **Le Séminaire, Livre XIV, La logique du fantasme**. Inédito, 1966. Acessível em: <http://staferla.free.fr/S14/S14.htm>. Acesso em Jun., 2021.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. de P. Tamen, São Paulo. Martins Fontes, 2008.

LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. B. **Fantasia originária, fantasias dos origens, origens da fantasia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1988.

PONTES, R. E. R. **Sobre uma Versión Crítica del Seminario 14 de Jaques Lacan La Logique du Fantasme y nuestra traducción**, 2008. Disponível em: <http://www.lacanterafreudiana.com.ar/lacanterafreudianajaqueslacanseminario14>. Acesso em abril de 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michael. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, L. O. T. da. **Isagoge**. Disponível em: <http://http://www.tellesda silva.com/fantasma.html>. Acesso em 21 de julho de 2021.

SILVA, L. O. T. da. **Ponto contraponto**: significante & discurso na psicanálise. Porto Alegre: HCE Editora, 2012.

.....

.....

15. MAL-ESTAR NO CIS-TEMA DE GÊNERO: TRANSGENERIDADE E SOFRIMENTO EM A GAROTA DINAMARQUESA

Raquel dos Santos Moraes*
Lucas Zafalon Garcia**

15.1 A garota dinamarquesa entre a psicanálise e a Teoria Queer

Este trabalho se propõe a realizar uma análise do filme *A garota dinamarquesa* (dirigido por Tom Hooper, 2015), promovendo uma intersecção dialógica entre os textos psicanalíticos de Sigmund Freud e as reflexões de pensadores queer contemporâneos. O cerne dessa discussão dá-se em torno de uma obra cinematográfica exatamente por entendermos que o cinema (assim como as mais diversas formas de arte) são importantes formas de expressão da sociedade, não apenas

* Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Participa dos projetos de pesquisa "Morphonautas: receptáculo onírico", "Saúde mental do estudante de graduação no Brasil – um estudo multicêntrico", "Cenas e cenários sexuais de mulheres na pandemia da COVID-19" e "A psicopatologia da vida cotidiana: DSM, CID e a Psicanálise", e do projeto de extensão "Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Psicanálise e Arte (LEXPORTE)", todos da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Estuda e pesquisa na área da Psicanálise, com interesse especial por debates sobre gênero, sexualidade e feminismo.

** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Estudos de Literatura. É graduado em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

representando esteticamente a realidade sócio-histórica, como também promovendo reflexões acerca de assuntos importantes dessa mesma realidade sócio-histórica, ou seja, potencialmente também intervindo de forma crítica no contexto de produção da obra, o que nos possibilita pensar com o filme e para além do filme na compreensão de nossas relações humanas.

O filme *A garota dinamarquesa* é baseado no livro de mesmo nome publicado pela primeira vez em 2000, escrito por David Ebershoff, cujo enredo é baseado na história real de Lili Elbe, uma das primeiras pessoas a submeter-se a uma cirurgia de redesignação sexual, que teve seu diário publicado com o título *Man into Woman* em 1933, dois anos após seu falecimento por complicações decorrentes dessa mesma operação. A narrativa cinematográfica se passa em Copenhague, nos anos 1920, retratando inicialmente a vida harmônica do casal Einar Wegener e Gerda Wegener até o momento em que Einar começa a tomar consciência de sua identidade como mulher, acarretando em um longo processo conflituoso para o casal de aceitação e de afirmação dessa descoberta diante de uma sociedade repressora, em que Einar precisa reinterpretar-se a si mesmo e Gerda precisa lidar com a ambiguidade de apoiar alguém que ama ao mesmo tempo em que a perde enquanto cônjuge.

Einar é um reconhecido pintor de sua localidade, assim como Gerda, que pinta especialmente retratos, apesar de, ao início do filme, não ser reconhecida, como o marido, pelo seu trabalho. A princípio, eles formam um casal com uma boa relação e mesmo atípica dentro dos padrões patriarcais da época, visto que Gerda é retratada saindo à vontade para festas sem o marido e sendo estimulada em seu trabalho por ele, assim como Gerda dá vazão e apoio aos comportamentos tidos como não masculinos de Einar. Prova disso é o incentivo de Gerda a Einar para que ele fosse a uma festa interpretando uma mulher chamada Lili, ideia que surgiu como uma brincadeira após Einar posar para Gerda segurando um vestido em frente ao seu corpo. É claro, tudo muda quando Einar começa a de fato identificar-se com Lili.

A partir desse momento surge o desenrolar da trama principal do filme: a identificação de Einar com Lili Elbe, seu processo de descobrimento e os problemas que passam a surgir no relacionamento do casal a partir disso. Tanto Einar/Lili como Gerda irão dividir o protagonismo do filme, pois Gerda igualmente entra em conflito com o acontecimento da descoberta de Einar, por “perder” seu esposo, assim como por presenciar e acompanhar o sofrimento dele em seu processo de transição, lidando ambos com a estigmatização da classe médica e com a possibilidade arriscada de uma cirurgia de redesignação sexual, que, apesar de bem sucedida de início, acaba por gerar complicações em sua última etapa culminando na morte de Lili ao final do filme. Essa obra foi indicada a quatro Oscars e Alicia Vikander (Gerda) recebeu a premiação de melhor atriz coadjuvante, fomentando a visibilidade da produção cinematográfica.

Apesar da história retratada estar situada na década de 1920, ela apresenta uma realidade ainda bastante atual diante dos conflitos vividos por pessoas trans no mundo contemporâneo: a luta interna e externa por reconhecimento no processo de construção identitária de pessoas transgêneros. A patologização dessas pessoas ainda persiste no DSM V, até então o mais recente manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, como disforia de gênero, assim como persistem a dificuldade e a necessidade de conseguir um laudo que ateste que uma pessoa “de fato” é transgênero para que essa possa realizar a cirurgia de redesignação sexual. Além disso, a violência contra pessoas transgêneros ainda se mostra gritante no mundo e especificamente no Brasil atual; somente em 2020, 175 pessoas transgêneros foram assassinadas no Brasil em casos de transfobia (ANTRA, 2021). Fenômenos esses que estão assentados em um discurso heterocisnormativo que se coloca como natural, instaurando um padrão de “normalidade” sobre questões de gênero e sexualidade, pautando o que se pode e o que não se pode fazer e dizer, ditando uma Lei homogênea para a singularidade dos desejos alheios e punindo aqueles que a “transgredem”. A discussão não é nova, mas, como se percebe, ainda se faz muito relevante, uma vez que

esses conflitos não cessaram de gerar sofrimento psíquico e violência sobre os corpos.

De nossa perspectiva, a Psicanálise tem muito a colaborar com esse diálogo, uma vez que “algumas passagens da obra de Freud abriram perspectivas inéditas e revolucionárias sobre a sexualidade” (CECCARELLI, 2010). A Psicanálise foi pioneira em apresentar um conceito expandido de sexualidade, além de se propor, desde seu início, a analisar o conflito entre os desejos dos sujeitos e as imposições sociais, trabalhando a angústia, a repressão, o luto e a melancolia que aparecem na subjetividade diante do contexto social em que essa está inserida – ou seja, historicamente buscou sempre tratar a subjetividade para além de limites disciplinares estreitos, não reduzindo à experiência humana à instância biológica e, por isso, pautando constantemente reflexões críticas sobre os padrões históricos e, principalmente, modernos de “civilidade” que ditam a formação dos sujeitos. É claro, sendo também uma forma de saber marcada pelo tempo histórico de seu surgimento, também reproduziu e muitas vezes fomentou preconceitos patriarcais e cis normativos que sempre foram hegemônicos nas sociedades ocidentais, o que temos consciência e pretendemos questionar e repensar para poder aproveitar o que há de mais produtivo na teoria psicanalítica sem abrir mão da legitimação da diversidade. Para isso, apropriamo-nos também das reflexões críticas da chama Teoria Queer que exatamente busca desnaturalizar o sistema de gênero vigente, suas imposições e limitações.

Enfim, para realizar a análise do filme *A garota dinamarquesa* a partir da tensão entre essas duas matrizes teóricas, este trabalho prevê três procedimentos metodológicos. Inicialmente, será feita uma revisão bibliográfica de alguns textos paradigmáticos de Freud, almejando, com isso, analisar alguns conceitos chave da teoria psicanalítica que nos permitem pensar a sexualidade humana em conflito com as formas sociais e suas imposições. Entendendo, assim, como, para Freud, dá-se o conflito entre sujeito e sociedade, no processo de busca de satisfação. Em segundo lugar, serão

revisados textos que buscam reinterpretar as noções de gênero e sexualidade não como simplesmente naturais ou inatas, mas como construções discursivas, através de obras como História da sexualidade, de Michel Foucault, Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade e Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista, da filósofa Judith Butler, O corpo educado, organizado por Guacira Lopes Louro e Psicanálise, Gênero e Sexualidade, organizado por Gisele Assuar, Luana Viscardi Nunes e Joaquim Pereira da Silva Jr., realizando um esforço de redirecionar criticamente os sentidos do paradigma psicanalítico para a interpretação da vivência trans.

Por último, as reflexões oriundas dessa aproximação teórica nos levarão à análise da obra cinematográfica já apresentada: A garota dinamarquesa. Nosso objetivo é esmiuçar criticamente algumas cenas do filme para pensar o processo de identificação de Einar com a identidade de gênero mulher e sua “desidentificação” com o gênero ao qual foi designado quando nasceu, a relação tumultuada desse processo íntimo com a instância social, o poder da instituição médica sobre os corpos, os sentidos de uma cirurgia de redesignação sexual, a posição conflituosa de Gerda enquanto mulher e esposa diante dos dramas de Einar/Lili e outros elementos a serem comentados. Com isso, tentaremos entender como a Arte, a Psicanálise e a Teoria Queer podem enriquecer-se mutuamente como formas de conhecimento e nos provocar a pensar criticamente sobre determinadas imposições sociais que acabam por produzir angústia e mal-estar.

15.1.1 Sexualidade e cultura em tensão: o paradigma freudiano

Freud (1930/2018), em O mal-estar na cultura, apresenta-nos três fontes de sofrimento humano: o nosso corpo, que inevitavelmente se degrada; a natureza, cujas forças e catástrofes não podemos controlar também e, por último, as relações com outros seres, através dos dispositivos sociais com quais nos relacionamos, como a família, o Estado e a sociedade. Esta última instância, Freud compreende ser

a nossa mais dolorosa fonte de sofrimento. Em resumo, “nossas possibilidades de felicidade já são limitadas pela nossa constituição. Muito menores são os obstáculos para experimentar a infelicidade” (FREUD, 1930/2018, p. 122). Para se estabelecer uma sociedade seria sempre necessária a criação de regras para ditar uma convivência entre seus membros, o que pressupõe que as pulsões sexuais dos seres humanos sejam limitadas, a partir de repressões morais, juntamente com o controle da tendência agressiva dos indivíduos. Isso se daria como forma de evitar que esses destruíssem a própria sociedade, limitando assim, a liberdade do indivíduo por um bem maior: “o homem aculturado trocou uma parcela de possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (FREUD, 1930/2018, p. 165). Logo, pensando que a cultura impõe tantos limites e sacrifícios às pessoas, em relação à sua sexualidade, assim como às suas tendências agressivas, conseguimos entender melhor porque, apesar da importância da instância cultural como forma de estruturar nossas relações, o indivíduo sempre encontra dificuldades para sua satisfação nessa.

Para melhor compreender essa relação entre indivíduo e sociedade, é preciso antes ter claro que, Freud, já em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), apresenta-nos um conceito de sexualidade expandido, entendendo que essa não se inicia na puberdade, mas muito antes, mesmo ao nascimento, permitindo-nos, assim, captar melhor quais seriam as limitações impostas pela cultura e como esse processo se inicia desde o período da infância, em que o espaço familiar torna-se um microcosmos da sociedade em que está inserido. Além disso, como Freud sintetiza em sua última obra, Compêndio de Psicanálise (1940), retomando suas teorias sobre sexualidade, é necessário, no âmbito da teoria psicanalítica, distinguir os conceitos de “sexual” e “genital”, e entender também que “a vida sexual abrange a função do ganho de prazer a partir de zonas corporais, função que é colocada a posteriori a serviço da reprodução” (FREUD, 1940/2019, p. 62). O conceito de sexualidade na Psicanálise,

portanto, é muito mais amplo do que o senso comum poderia pensar e abarca muitas atividades e experiências que não necessariamente têm relação com os genitais. Isso é importante de ser pontuado no contexto deste trabalho, pois se a sexualidade é inicialmente polimorfa e perversa, o que pode querer dizer, bastante diversa tanto na escolha de seus objetos, como nas formas de realização da busca de prazer, uma civilização assentada em um princípio patriarcal e cis-heteronormativo (como vamos discutir com mais cuidado posteriormente), precisa impor a essa diversidade um discurso normativo e limitador que reproduza a estrutura social como já assentada, definindo rigidamente as expressões sexuais para cada papel de gênero estabelecido.

A própria obra de Freud nesse quesito pode ser pensada em relação a essas contradições. Por exemplo, apesar de, nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud apresentar conceitos passíveis de questionamento crítico, por reproduzirem a moral sexual instaurada de seu período, como a noção de homossexualidade sendo uma inversão e uma perversão (o próprio conceito de perversão que significa desviar da meta sexual ideal precisa também ser repensado), em *O mal-estar na cultura*, já em um outro momento de sua obra, ele argumenta que a ideia de que um indivíduo maduro se interessaria necessariamente pelo sexo oposto é uma limitação da cultura que causa sofrimento:

A escolha objetual do indivíduo sexualmente maduro é limitada ao sexo oposto, e a maioria das satisfações extragenitais é proibida como perversão. A exigência expressa nessas proibições, a de uma vida sexual idêntica para todos, desconsidera as desigualdades na constituição sexual inata e adquirida dos seres humanos, priva um número considerável deles do gozo sexual e se torna assim fonte de grave injustiça. (FREUD, 1930/2018, p. 154)

Outros conceitos importantes de serem revisitados dentro do panorama do debate sobre o mal-estar na cultura realizado nesta pesquisa são os de princípio de prazer e princípio de realidade, que podem ser melhor apreendidos em seu desenvolvimento a partir do texto de 1920, *Além do princípio de prazer*. Inicialmente, Freud defendia que os seres humanos eram regidos unicamente pela pulsão de vida, ou seja, por impulsos eróticos e de autoconservação. Seria através dos mandos do princípio de prazer, que busca o equilíbrio contínuo do aparelho psíquico – evitando qualquer fonte de desprazer e buscando a descarga imediata de excitação libidinal – que o indivíduo humano, na primeira infância, mover-se-ia no mundo. Com o encontro tumultuado com as relações sociais, já no seio do espaço familiar, o princípio de prazer teria que se curvar às limitações impostas pela vida, adaptando-se ao que Freud denominou de princípio de realidade, que, por razão das influências de autoconservação, “sem desistir do propósito de um ganho final de prazer, exige e impõe o adiamento da satisfação, a renúncia a muitas possibilidades para tanto e a tolerância temporária do desprazer no longo desvio que leva ao prazer” (FREUD, 1920/2019, p. 48).

Portanto, o princípio de prazer e realidade não são opostos, mas fazem parte de um mesmo desenvolvimento que pauta limites para a experiência humana, sendo que esse princípio de realidade pode ser pensado como algo de profundamente marcado pela sociedade, ou seja, passível de ser modificado e bastante parcial em suas demandas. Por exemplo, pode-se dizer que em relação à sexualidade, o princípio de realidade seria muito mais severo para uma mulher do que para um homem dentro dos parâmetros de uma sociedade patriarcal. É claro que faz sentido pensar que toda e qualquer formação social necessita de certa limitação do princípio de prazer para constituir relações humanas minimamente harmônicas, mas seria ingênuo pensar que todas as limitações impostas ao princípio de prazer na nossa realidade sócio-histórica seriam “naturais” e impossíveis de serem modificadas.

Essas teorizações, por mais que não tenham sido abandonadas, foram repensadas e complexificadas pelo próprio Freud a partir de sua experiência com a Primeira Guerra Mundial, quando ele observou que muitos dos soldados que retornavam dos campos de batalha sofriam do que hoje nós chamaríamos de transtorno de estresse pós-traumático, revivendo repetidamente lembranças “desprazerosas”, ou seja, contrariando, a princípio, a tese inicial sobre o primado do princípio de prazer (mesmo que já pautado pelo princípio de realidade, que ainda busca a estabilidade do aparelho psíquico). A partir de então, Freud começou a desenvolver a teoria de que outro mecanismo poderia estar agindo sobre o aparelho psíquico e um mecanismo possivelmente anterior à própria pulsão de vida: o que ele chamou, como hipótese, de uma pulsão de morte. Algo como um caráter autodestrutivo da experiência humana associado a um anseio de retorno a um estado primeiro em que o sofrimento nem ao menos existiria, ou seja, um estado inorgânico, exemplificado no comportamento humano através de repetições que podem parecer, à primeira vista, totalmente ilógicas, no sentido de reviverem de forma constante algo de “desprazeroso”. Apesar de nem todos os teóricos da psicanálise aceitarem essa hipótese (muito pela base biologicista de sua teorização em Freud), essa continua sendo uma categoria pertinente ao menos para evidenciar certos comportamentos humanos que não se esgotam na lógica da relação entre o princípio de prazer e de realidade.

Munidos das categorias de sexualidade expandida e das que formam os meandros do aparelho psíquico na teoria psicanalítica e da compreensão de como essas se relacionam com a instância cultural, levando o indivíduo moderno a uma experiência contínua de mal-estar em muitos aspectos de sua vida, podemos, agora, adentrar os debates mais específicos sobre gênero. Dessa forma, podemos, a partir da base da teoria freudiana, desenvolver uma leitura crítica sobre o sistema de gênero hegemônico e como esse sistema pauta limitações desnecessárias para a sexualidade e para a expressão humana de forma geral, direcionando melhor nosso ponto de vista teórico

para a análise cinematográfica a ser realizada. Afinal, como o próprio Freud já colocava, fazer a crítica da cultura não significa ser contrário à cultura em qualquer uma de suas formatações possíveis, mas sim forçá-la em uma direção que possa, ao menos, melhor distribuir nosso sofrimento a partir do reconhecimento das diferenças:

Quando, com razão, objetamos ao nosso estado cultural atual o quão insatisfatoriamente ele preenche nossas demandas por uma organização da vida capaz de proporcionar felicidade; o quanto de sofrimento, que possivelmente poderia ser evitado, ele consente; quando, com uma crítica implacável procuramos descobrir as raízes de sua imperfeição, fazemos uso, certamente, de nosso legítimo direito, e não nos mostramos inimigos da cultura. É lícito esperar que gradativamente venhamos a impor essas mudanças à nossa cultura, mudanças que satisfaçam melhor as nossas necessidades e escapem a essa crítica. (FREUD, 1930/2018, p. 166)

15.1.2 Da sexualidade fluida à sexualidade domesticada: crítica do cis-tema de gênero

Judith Butler (2020) permite nos começar o redirecionamento das discussões psicanalíticas realizadas até então neste trabalho ao reconhecer, no fato de que a pulsão é polimorfa e perversa, ou seja, não sendo direcionada a nenhum objeto fixo e pré-determinado, um traço queer, o que nos termos de Assuar e Polistchuk,, ao retomarem o pensamento da filósofa, significa atentar para a ideia de que “a pulsão traz em si uma potência tanto para transformação como para a resistência” (ASSUAR & POLISTCHUK, 2019, p. 73). Através da obra de Freud pudemos entender o quanto a sexualidade possui grande importância na constituição da subjetividade, o quanto, no início da vida, essa sexualidade é diversa, ampla e sem restrições e o quanto nós somos polidos, seja pela família, seja pela escola, seja pela sociedade como um todo, a encaixarmos a nossa sexualidade

dentro de um padrão esperado. Evidenciar e explorar esse conflito entre uma sexualidade originalmente múltipla e uma sociedade repressora é o caminho que nos permite colocar em interlocução a Psicanálise e a Teoria Queer.

Michel Foucault, no paradigmático texto *História da sexualidade*, legou-nos um ponto de partida para pensar historicamente os dispositivos sociais que serviram para o propósito de controle das manifestações das pulsões humanas. Sua obra permite-nos entender o contraste entre os modelos medieval e moderno de delimitação da sexualidade humana. Já é sabido o quanto a Igreja, enquanto instituição, durante anos a fio controlou e ditou as possibilidades de prazer e a maneira entendida como correta de se relacionar afetivamente com as pessoas e Foucault mostra-nos que apesar da Igreja ter perdido parte do poder que possuía com a consolidação da Idade Moderna, esse poder/saber sobre os corpos somente foi apropriado e redirecionado por outras instituições:

A Idade Média tinha organizado, sobre o tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário. No decorrer dos séculos recentes, essa relativa unidade foi decomposta, dispersada, reduzida a uma explosão de discursividades distintas, que tomara forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na crítica política. (FOUCAULT, 1976/2019, p. 37)

É importante que se entenda a crítica foucaultiana a esses dispositivos em uma direção discursiva, da regulação dos dizeres e dos sentidos sobre a sexualidade, ou seja, por mais que leis explícitas, em muitos Estados contemporâneos, que proíbam as pessoas de serem homossexuais ou travestis possam não mais existir, há ainda uma força de normalização que se perpetua através de relações de poder históricas que permanecem vivas no discurso. Por isso, Foucault apresenta uma relação intrínseca entre saber e poder, evidenciando que, principalmente no mundo moderno, o poder sobre os corpos

se pauta em saberes médicos, em controles demográficos, em relações econômicas voltadas para a manutenção da força de trabalho e da produtividade social. Aqueles que estão no controle dos espaços legitimados de produção de conhecimento são aqueles que acabam por determinar a “verdade” sobre os corpos e, portanto, sobre as expressões “legítimas” e “ilegítimas” da sexualidade. Não por acaso, a própria Psicanálise foi criticada, em certo sentido, por Foucault, exatamente por reproduzir algumas práticas oriundas da formação discursiva médica, direcionando os sentidos da sexualidade de muitos “pacientes”.

O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma “ordem” que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. E, enfim, que o poder age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra. (FOUCAULT, 1976/2019, p. 91)

Dessa perspectiva, Foucault faz-nos entender que quando uma criança nasce e é designada como menino, esse discurso marca seu corpo, pois certos comportamentos serão esperados desse indivíduo no futuro e outros lhe serão barrados, como brincar de boneca por exemplo, a partir dessa categorização imposta ao sujeito quando ele adentra o espaço social. Instaura-se algo como uma polícia da sexualidade, que, nos termos modernos, tem menos a ver com uma lógica proibitiva explícita, mas sim com uma “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos” (FOUCAULT, 1976/2019, p. 28), seguindo a lógica da racionalidade instrumental do Estado. Assim, fortalece-se, pelos pretensos

saberes de seus regulamentos, a potência do Estado, sendo que este não consiste apenas no poder executivo ou legislativo, mas também, em cada um dos membros que compõem a sociedade, em suas mais diversas especialidades profissionais, e que fazem a lógica societal estabelecida ser reproduzida.

Foucault inicia, como vimos, uma importante discussão que foi seguida por pensadores posteriores. Na esteira de seu pensamento, Jeffrey Weeks comenta que “os códigos e identidades sexuais que tomamos como dados, inevitáveis e ‘naturais’, têm sido frequentemente forjados nesse complexo processo de definição e autodefinição, tornando a moderna sexualidade central para o modo como o poder atua na sociedade moderna” (WEEKS, 2019, p. 52). Muitas pessoas entendem os sentidos hegemônicos sobre a sexualidade como naturais e inatos, fazendo assim, com que esses percam sua dimensão social e política. Esquecem (ou desconhecem) que somos regulados, classificados e ensinados pelas relações sociais hegemônicas e, assim, fantasias e expectativas são criadas em torno dos sujeitos, sendo mesmo internalizadas e tomadas como autenticamente “singulares” por esses.

Se falamos da existência de uma norma e de uma norma que é reproduzida pelos mecanismos de saber-poder é porque há um conjunto mínimo da sociedade que se privilegia dessa norma ao fazer de si mesmo parâmetro para toda sociedade, impondo-se aos outros como universais. O discurso regulatório moderno criticado por Foucault, então, precisa ser entendido como estabelecido historicamente com base no homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada (LOPES, 2019), por ser compreendida como régua da identidade humana. Logo, todos que não se encaixam nesse perfil serão os “outros”, ou como diz Butler (2020), abjetos, sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, como sendo uma suposta minoria, que, de fato, são minoria apenas simbolicamente no interior desse regime discursivo. A mulher passa a ser o segundo sexo e pessoas LGBTs são classificadas como desviantes da norma cis-heterossexual.

É a partir dessa discussão de base que podemos entender historicamente o porquê dos papéis de gênero hoje ainda serem entendidos de maneira basicamente binária (o par homem-mulher), limitando estritamente as diversas possibilidades de se fazer homem ou mulher, ou mesmo de não se identificar com nenhuma dessas duas categorias – esse binômio foi apropriado pela sociedade moderna como forma efetiva de manutenção de nosso modo de produção: um grupo de indivíduos entendidos como homens, em padrões específicos de masculinidade, para produzir e um grupo de indivíduos entendidos como mulheres, em padrões específicos de feminilidade, para reproduzir. Em contraste a essa compreensão, é necessário que entendamos o gênero como múltiplo e fluido, não necessariamente pautado por esses dois falsos extremos, homem ou mulher, e sim como um posicionamento dentro de um continuum, que de forma alguma é estático, mas um constante fazer e refazer-se (CECCARELLI, 2019).

Butler complementa esta ideia afirmando que:

o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem locus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. (BUTLER, 2018, p. 3)

O corpo passa a ser entendido, nessa chave teórica, como um processo ativo e contínuo de incorporação de certas possibilidades culturais e históricas. Cada indivíduo “faz” seu corpo, performa, e cada um o faz de maneira diferente. Não somos seres separados do mundo, vivemos em sociedade e somos pautados por ela:

a identidade de gênero pode ser concebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, conjuntamente, constroem a ilusão de um eu marcado pelo gênero primário e interno, ou parodiam o mecanismo dessa construção. (BUTLER, 2020, p. 237-238)

A realidade de um gênero se torna verdadeira na própria performance, ou seja, não há uma essência metafísica para além das relações humanas que decodificaria o sentido de cada categoria de gênero. Butler provoca-nos a ir além: lembra-nos que não só o gênero é uma categoria sócio e historicamente determinada, como o sexo também o é, pois, a ideia do sexo sempre esteve assentada em posições determinadas por um sistema de gênero específico. Logo, não faz sentido esperar do sexo uma suposta verdade natural e primeira para pautar o que é verdade e o que não é em relação às performances de gênero. Obviamente, a performance que fazemos do gênero é uma estratégia de sobrevivência no espaço da cultura, que envolve consequências punitivas regulares para quem não performa o seu gênero designado da maneira esperada, o que podemos observar de maneira clara no sofrimento de pessoas trans diante da violência física e psicológica contra suas identidades. O gênero de uma pessoa travesti é tão plenamente real quanto o de qualquer outra pessoa, ou seja, remete a atos performativos constantemente realizados, mas sabemos que o conjunto de gestos remetido à transgeneridade não é socialmente aceito e é até mesmo apagado.

À medida que diversas identidades de gênero e orientações sexuais tidas como divergentes se manifestam publicamente – transgêneros, travestis, não-binários, bissexuais, pansexuais, gays, lésbicas... –, a “verdade” instaurada sobre a sexualidade e os gêneros é contestada de forma bastante evidente por um outro paradigma que aposta na fluidez. O que é visto, como se pode esperar, por muitas pessoas, como perigoso

e perverso já que questiona as certezas das quais muitos sujeitos se utilizam para se assegurar de suas identidades. Sujeitos que resistem aos mandos e desmandos da norma social sobre suas sexualidades e suas identidades são tidos como ameaças, tanto por aqueles que mais diretamente interessam-se na manutenção da lógica social vigente, como por aqueles que reproduzem essa mesma lógica acriticamente, por subverterem o “conforto” cínico do discurso dominante e abrirem brechas para a diferença e a possibilidade de uma outra forma de organização social.

As teorizações revisitadas nesta parte do trabalho permitem-nos entender que, para pensar o mal-estar na sociedade e na cultura, precisamos encarar seriamente o debate sobre gênero. Se Freud já nos legou a importante compreensão de que a sexualidade está no cerne das problemáticas que estruturam o sofrimento humano, os teóricos queer demonstram que as discussões sobre a busca de satisfação na sociedade precisam estar profundamente pautadas pela forma como essa mesma sociedade trabalha obsessivamente no controle e na administração das formas tidas como possíveis de gozo através de sistemas repressivos de gênero, legando-nos papéis e performances mandatórios a partir de uma designação binária dos sexos. Portanto, aqueles que abertamente se expressam de forma contrária ao sistema de gênero imposto são punidos pelas relações sociais, muitas vezes carregando verdadeiros traumas por ousarem dar vazão aos seus desejos e aqueles que tentam performar os papéis de gênero como impostos e legitimados pela ordem social invariavelmente fracassam em um nível ou em outro e sofrem por terem que se manter em contínua repressão e vigilância de seu próprio desejo para continuar atuando numa peça que não foi escrita por eles e nem para eles.

15.2 Adentrando a análise do filme A garota dinamarquesa

Postas todas as discussões teóricas feitas até aqui entre a Psicanálise freudiana e os teóricos queer, podemos nos deter agora em fazer a análise do filme A garota dinamarquesa,

buscando explorar como essa obra de arte adensa nossas compreensões sobre os temas de pesquisa deste trabalho. Em um primeiro momento, focaremos em discutir especificamente o drama do personagem Einar e o seu processo de transição de gênero ao gradualmente assumir a identidade de uma mulher chamada Lili. Em um segundo momento, trataremos de como esse processo de transição reverbera no entorno social da personagem, especificamente na forma como os dispositivos de poder-saber punem Lili por assumir sua identidade à contramão das imposições da cultura em que está inserida. Enfocando, nessa segunda parte da análise, o papel que a cirurgia de redesignação sexual cumpre na narrativa analisada por ser um elemento do filme que sintetiza muitas das contradições sociais exploradas por este artigo.

15.2.1 A redescoberta de si: afirmando-se Lili Elbe

O filme *A garota dinamarquesa*, desde o início, provoca-nos a desestabilizar papéis de gênero já consolidados. Antes mesmo da aparição de Lili na narrativa, a apresentação do casal Einar e Gerda, por exemplo, já se dá explorando a inversão de padrões esperados de masculinidade e de feminilidade; Einar aparece como um homem que possui comportamentos socialmente tidos como femininos, inclusive, mais femininos que sua esposa em alguns momentos, que parece pouco preocupada em atender às imposições sociais sobre a “beleza” esperada de uma mulher. Isso fica claro quando Einar ajuda sutilmente a corrigir a maquiagem da esposa, sinalizando uma pequena imperfeição no batom posto por Gerda, assim como no interesse claro de Einar por roupas tidas como de mulher, demonstrado pelo jogo de câmeras que capta a forma como o personagem sempre olha e toca admirado os vestidos que encontra ao longo da narrativa.

Essa construção de expectativa em torno do estranhamento que sentimos em relação ao comportamento do personagem alcança seu auge (e nos direciona para o aparecimento de Lili) na cena em que ele posa, como forma de substituir um modelo ausente, para Gerda, segurando um vestido em frente

ao seu próprio corpo, enquanto veste uma meia-calça e um sapato feminino. Se, em um primeiro momento, Einar rejeita de imediato o pedido de Gerda, quase como se tivesse medo, ele acaba por aceitar (a tentação) da proposta quando sua esposa insiste. Podemos notar que ele sente algo de diferente sobre o acontecimento na forma como ele passa a mão pelo tecido do vestido e expressa facialmente inquietação em uma cena bastante introspectiva dando a entender que a experiência lhe despertou algum tipo de prazer ambíguo. Em outro momento, também muito relevante, ele coloca escondido a camisola de sua esposa, vestindo-a por baixo de suas roupas “masculinas” de dormir após se encantar com a peça quando a vê em uma noite anterior no corpo de Gerda.

Essas pistas iniciais vão construindo aos poucos uma relação de ambiguidade de Einar em relação ao que se entende socialmente, em seu contexto, como ser mulher, algo como uma tentação pelo feminino. A hipótese desse desejo começa a se confirmar definitivamente com a sua excitação diante da ideia, proposta por Gerda, de que Einar fosse vestido como uma mulher, Lili, para uma festa que ele, em um primeiro momento, não estava interessado em ir. O que começa como uma brincadeira, do ponto de vista de Gerda, torna-se algo bastante sério quando Einar parece esquecer que está “atuando”. Nessa festa então ele passa por uma situação que é o gatilho definitivo de sua redescoberta identitária: sua identificação com Lili torna-se mais intensa quando se torna alvo de flertes de um personagem homem também presente na festa, Henrik, que lhe beija em um espaço de maior privacidade do evento.

Esse beijo desencadeia um conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade instaurado para Einar. Se antes suas pulsões sexuais relacionadas a sua identidade estavam fortemente reprimidas, e essa repressão estava sendo efetiva até então, com o beijo, a repressão se dissipa, mas o prazer da experiência do beijo é sentido como desprazer, pois o antigo conflito que havia gerado o recalçamento de seus desejos emerge, precisamente enquanto esse lutava para se manter

recalcado. Como nos explica Freud: “a maior parte do desprazer que sentimos é desprazer perceptivo: ou é a percepção do pressionar de impulsos insatisfeitos ou é a percepção externa, quer seja penosa em si mesma, quer suscite expectativas desprazerosas no aparelho psíquico, sendo reconhecida por ele como ‘perigo’.” (FREUD, 1920/2019, p. 50). Nesse caso, duplamente desprazer pelo vir à tona de uma memória de impulsos insatisfeitos reprimidos, como pelo perigo de se perder no “papel” em meio a um espaço da alta sociedade do contexto narrativo.

A partir de então conseguimos perceber mais claramente as contradições que assombram Einar, como se o beijo desencadeasse uma ruptura com a pretensa estabilidade da vida do personagem até o momento: a identificação com Lili e a tentativa (fracassada) de afastá-la, a repressão social decorrente de ser casado com uma mulher (a qual ele tem realmente grande apreço) e dessa rejeitar Lili (por se sentir abandonada), os encontros escondidos com Henrik que acontecerão continuamente após a festa e o fato de que, na verdade, Henrik é um homossexual que se interessa por Lili não enquanto Lili, mas enquanto Einar, e o desinteresse crescente de continuar a viver como Einar, parando de se relacionar sexualmente com Gerda e parando de pintar (traço que se liga fortemente a sua “antiga” vida). Como sintoma dessa batalha interna, Einar começa, por exemplo, a mensalmente ter sangramentos nasais e cólicas, simulando a menstruação de uma pessoa com útero, decorrente do processo de identificação conturbado de Einar com essa “outra subjetividade” que habita em sua psique, Lili. Freud apresenta em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) que a identificação é “mais antiga e original forma de ligação afetiva” e complementa que “nas circunstâncias da formação de sintomas, ou seja, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto” (FREUD, 1921, p. 180). Um caso parecido aconteceu com sua paciente Dora que imita a tosse do pai. Na situação aqui analisada, a identificação não ocorre

com outra pessoa, de fato, mas sim com alguém que Einar enxerga dentro de si, então ele somatiza traços biologicamente femininos em seu corpo masculino, que não pode menstruar, através de cólicas e sangramentos nasais.

Einar/Lili começa a passar por um processo de mudança: a desidentificação com Einar, a identificação com Lili e o longo processo de “dupla personalidade” no caminho entre esses dois passos. Esse processo se mostra muito doloroso, pois Lili precisa apagar aos poucos Einar de si. O ato de mudar gera angústia, produzindo defesas psíquicas, pois envolve “matar” e superar a “morte” de uma faceta subjetiva para assumir outra. Por isso, podemos associar essa trama com um trabalho de luto, em que novos investimentos libidinais precisam ser feitos no lugar de antigos. Nos termos de Freud e de sua interpretação do luto: “a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto” (FREUD, 1917/2013, p. 29). Gerda também precisa passar por um trabalho de luto, uma vez que Einar, seu marido, “deixa de existir” abruptamente, e ela precisa entender que ele morreu simbolicamente e, claro, “contra isso se levanta uma compreensível oposição”, pois, “em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena” (FREUD, 1917/2013, p. 29). E no enredo do filme, há, de fato, uma espécie de substituto, um antigo amigo de Einar, Hanz, que inicialmente é convocado por Gerda para ajudar Einar a entender os seus dramas identitários, mas que acaba por começar a se interessar pela esposa “abandonada”.

A figura de Hanz é importante não apenas para o drama singular de Gerda, mas também é essencial para a compreensão da história subjetiva de Einar, visto que Hanz foi testemunha e personagem de uma cena primeira de aparição de Lili. Quando ambos eram crianças, Einar, de avental, como que performando o papel de uma mulher em uma brincadeira, recebe um beijo de Hanz, beijo esse duramente reprimido pelo pai de Einar, que, ao flagrar a situação, espanca Hanz. Essa forma de fantasia

e trauma originais, a primeira aparição e realização dos desejos de Lili em Einar e a brusca repressão da figura paterna que assume a função de negar essa possibilidade emergente de gozo, mostram-se como que onipresente no desenvolvimento posterior de Einar. Gerda descobre, em um outro momento do filme, através de Hanz, que a mesma paisagem repetidamente pintada por Einar (que, aliás, faz com que ele se torne um pintor prestigiado em seu círculo), um pântano no interior da Dinamarca, faz referência ao lugar que Einar e Hanz brincavam juntos quando crianças. Ou seja, por mais que Einar tenha reprimido essa sua primeira experiência enquanto mulher com outro homem, o seu fazer cotidiano, a produção artística, levava-o a retornar até esse momento continuamente. Afinal, reprimir, para a psicanálise, não significa excluir, jogar fora, mas sim algo como nossa paixão pela ignorância, como um ato de manter afastado, como uma tentativa de separar o afeto da ideia, sem, com isso, fazê-la ausente.

Percebemos, então, que Einar usa a pintura como uma maneira de tomar controle de uma cena de prazer que lhe escapou pela repressão paterna, mesmo que o lembrar possa lhe ser doloroso, pois lhe garante alguma parcela de prazer em um nível inconsciente:

Está claro que a maior parte do que a compulsão à repetição faz a pessoa reviver deve causar desprazer ao eu, pois, afinal, traz à luz atividades de moções de impulso recalçadas, mas esse é um desprazer que já reconhecemos, que não contradiz o princípio de prazer; é desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para o outro. (FREUD, 1920/2019, p. 66-67)

É a partir do retrabalhar contínuo dessa experiência primeira que Einar irá tentar fazer sentido de Lili.

15.2.2 O confronto com o Outro: reafirmando-se Lili Elbe

Uma das maneiras que Gerda encontrou de lidar com seu sofrimento e de tentar entender o que estava acontecendo com seu marido, foi começar a fazer retratos de Lili. Foi através desses retratos que Gerda conseguiu alcançar o reconhecimento que buscava enquanto pintora, pois algo em suas representações de Lili mostraram-se fascinantes para um importante curador de arte e para o público dinamarquês do período, abrindo-lhe a possibilidade da exposição de suas obras (e de Lili através de suas obras) em espaços de prestígio. Se percebemos logo que há um jogo narrativo provocante nesse desenvolvimento – o fato de que aquilo que há de mais proibido em um sistema de gênero cisnormativo (um “homem” tornar-se mulher), quando transformado em arte (no espaço da livre fantasia), causar admiração e reconhecimento –, há ainda um outro aspecto importante a ser considerado sobre isso: fazer de Lili uma obra de arte foi essencial também para a personagem de Lili construir sua identidade, enxergar-se como uma mulher de verdade, e mais que isso, enxergar-se como uma mulher de verdade pelo olhar de reconhecimento de outros. Esse elemento do filme reforça as discussões anteriormente retomadas sobre o caráter performativo da identidade de gênero, assim proposto por Butler. Os atos generificados, como explica a filósofa, não são individuais, e sim culturais, portanto, por mais que exista espaço para alguma singularidade na performance de gênero, performa-se sempre a partir do Outro e para outros. Nesse sentido, fica evidente que não bastaria para Lili se entender mulher individualmente. Ou melhor, não é possível para Lili entender-se mulher sem ser entendida como mulher pelo olhar de outros.

No entanto, como também discutimos, o sistema de gênero dominante se esforça para excluir e sufocar tudo aquilo que foge à norma, desvalidando a identidade de gênero de pessoas trans, julgadas como não sendo mulheres ou homens “de verdade” – algo, aliás, reproduzido muitas vezes dentro da própria comunidade LGBTQIA+. Portanto, Lili, na narrativa, depara-se diversas vezes com situações que barram a legitimidade

de sua performance. Um bom exemplo disso é o já mencionado “relacionamento” com Henrik. Se em um primeiro momento, Lili sente-se validada por ele, achando que ambos estão em um relacionamento heterossexual, em que ela é reconhecida como uma mulher, logo descobre (assim como os espectadores do filme) que Henrik, sendo um homossexual, toma Lili por Einar, pensando sua performance de gênero é apenas uma forma de mascarar um desejo homossexual. A cena que torna isso evidente é quando, entre beijos, Henrik chama Lili de “Einar” e tenta colocar a mão em seu genital. Assim, Lili tem sua fantasia amorosa interrompida abruptamente ao se dar conta de que sua identidade não está sendo validada. Esse desencontro entre as expectativas imaginárias de Lili e as expectativas imaginárias de outros personagens sobre o que significaria a aparição de Lili no espaço público é frequente e responsável pelas frustrações contínuas da personagem com o mundo, mas também consigo mesma e com “sua” incapacidade de tornar-se o que espera ser.

Depois do ocorrido com Henrik, Einar/Lili passa a cada vez mais a se sentir incomodado com seu corpo, especificamente com seu pênis. Em uma cena posterior, ele vai ao estúdio de balé de sua amiga, onde estão todos os figurinos e vestidos que ele sempre gostou de observar e de tocar e se despe, sozinho, em frente a um espelho do tamanho de seu corpo. Assim, ele se enxerga nu e tenta esconder seu pênis entre suas pernas, como se não o tivesse, e fabula seu corpo em uma forma mais aproximada do que ele parece entender como o corpo legítimo de uma mulher e, portanto, do que ele deseja ter (ou do que ele deseja não ter). Como comentávamos, o sistema de gênero vigente na modernidade ocidental é pautado por um binarismo construído a partir da dicotomia pênis/vagina, como se a verdade do gênero fosse decorrente da fisiologia. Dessa forma, faz sentido que a personagem Lili paute sua compreensão sobre o que é ser mulher a partir desse mesmo binarismo e não consiga aceitar esse “objeto estranho” em seu corpo. Curiosamente invertendo a lógica freudiana da interpretação do lugar da mulher pela inveja do pênis, a personagem Lili lamenta o excesso

do falo, não foge do que seria a fantasia de castração nos termos de Freud, mas, pelo contrário, deseja não ter nascido marcada por aquilo que supostamente “não falta” ao “homem”.

Einar, à medida que se identifica cada vez mais com Lili, tem mais dificuldade de escondê-la, não consegue mais performar verdadeiramente como Einar, pois não mais se reconhece dessa forma. Mesmo “vestido de homem”, tem dificuldade de esconder seus “trejeitos femininos” e, a certo ponto do filme, começa ocupar uma posição ambivalente para os outros personagens e para os próprios espectadores, pois mesmo não performando Lili diretamente, não consegue mais conter certos traços associados a ela (forma de caminhar, de mexer as mãos, de falar, de escolher as roupas...). Em uma cena, ao andar na rua, dois homens o notam por isso e começam a provocá-lo, chamam-no de lésbica (e Einar ri, em um primeiro momento, como se no “xingamento” houvesse certo atentar para sua “feminilidade”), seguem-no e o violentam psicologicamente (questionando-lhe se ele é, afinal, um “menino” ou uma “menina”) até que Einar revida, instaurando uma briga que terminará com o espancamento do protagonista. Pode-se pensar que o fato de Einar começar a ocupar essa posição ambígua no interior do sistema de gênero binário torna-se insuportável para outros sujeitos que se submetem às normas de gênero e que, por isso, recorrem à violência como forma de supressão daquilo que retorna da exclusão desestabilizando à superfície frágil dos discursos dominantes.

Esse e outros acontecimentos serão as situações limites que levarão Einar e Gerda a procurar algum tipo de auxílio médico para “resolver” o “problema” identitário do personagem. O filme *A garota dinamarquesa* explora continuamente a representação da violência da instituição médica sobre os corpos, o que se coaduna com as reflexões de Foucault sobre o quanto a medicina, na modernidade, ocupa um lugar de saber-poder que delimita as possibilidades de expressão dos sujeitos. Basicamente todos os médicos que Einar e Gerda recorrem durante a narrativa são personagens que estigmatizam os dramas de Einar, transformando Lili em algum tipo de transtorno

mental, e o submetem a procedimentos vergonhosos e dolorosos. Einar foi julgado por um médico como esquizofrênico, além de tentar internar o protagonista à força, por um outro “especialista” foi diagnosticado como homossexual e por um outro médico, que garantiu ser um grande conhecedor do “assunto”, como desequilibrado quimicamente, levando o personagem a realizar um procedimento extremamente invasivo com radiação na zona genital. É claro que, esse último, com o fracasso do procedimento, acusa Gerda de incentivar a “insanidade” do marido ao não manter seu armário de roupas trancado. Quando Einar busca alguém que possa escutar Lili e ajudá-lo a tentar fazer sentido dela, o personagem apenas se depara com profissionais munidos de uma racionalidade que já tem de antemão categorizada toda a sexualidade humana e suas expressões identitárias e que, portanto, não consegue “enquadrar” Lili no espaço de uma normalidade institucional.

Depois de lidar com o sofrimento e a vergonha decorrente de todas essas consultas médicas, o “casal”, prestes a desistir de tentar encontrar algum conforto nos dispositivos sociais, busca receosamente uma última indicação: o doutor Kurt Warnekros (além de personagem, uma figura histórica importante, um dos pioneiros na tentativa de realizar cirurgias de redesignação sexual). E, de fato, o médico, em relação aos outros personagens doutores, foi muito mais atencioso que os demais, fazendo um esforço de acolhimento e aceitação da subjetividade de Einar/Lili, acreditando em Einar quando ele declarou que era uma mulher no corpo de um homem. Nesse momento, surge a proposta de uma cirurgia de redesignação sexual, apresentada como bastante perigosa e nunca tentada anteriormente. Para Einar/Lili, por maiores que fossem os riscos apresentados, a cirurgia surge como última esperança, única possibilidade de dissociar de forma definitiva os dois e afirmar Lili como plenamente existente em sua identidade de mulher.

Isso suscita reflexões importantes. Sabe-se que nem toda pessoa transgênero sente a necessidade de passar por um procedimento cirúrgico para mudar sua genital, e isso não faz

dela menos mulher ou menos homem, como havíamos debatido a partir da teoria performativa de gênero apresentada por Butler. Lili, porém, sentia um grande desconforto com seu pênis, queria ter uma vulva, e por um momento (devido aos conhecimentos ainda escassos da época que fazem a personagem acreditar nessa possibilidade), pensou que gostaria de gestar uma criança. Ter encontrado alguém que a aceitou e ofereceu uma oportunidade de poder, em suas palavras, “se sentir completa”, foi muito importante. No entanto, o grande sofrimento que Lili (e as personagens próximas a ela) sentem como decorrência do processo cirúrgico, assim como o final trágico da trama que leva à morte Lili Elbe exatamente quando ela consegue, nos seus termos, tornar-se mulher, faz-nos pensar como a estrutura social e o complexo simbólico do sistema de gênero atuante no contexto do desenrolar da narrativa impossibilitam a personagem de assumir-se identitariamente ao mesmo tempo em que frui do corpo que nasceu, como se a genital a condenasse a significar sua identidade em uma certa direção. A cirurgia de redesignação sexual da personagem Lili Elbe é, no contexto da obra, ao mesmo tempo sua libertação e sua condenação.

Considerações finais

Supomos que este trabalho pode causar certo estranhamento para possíveis leitores rigidamente assentados na área de Psicologia, ou na área dos Estudos Literários. Afinal, utilizamo-nos de reflexões psicanalíticas não somente para discutir questões da psique humana, mas também como dispositivo interpretativo para pensar personagens ficcionais (mesmo que baseados em personagens reais). Podemos terminar este trabalho, então, dizendo que o que pode parecer uma contradição para alguns, aqueles presos aos limites estreitos das disciplinas acadêmicas, é, na verdade, um esforço genuíno dos autores de tensionar os limites do que, no espaço teórico, separamos com um excesso de nitidez. Tentando seguir uma tradição que remonta mesmo a obra freudiana, um verdadeiro amálgama de referências, buscando fazer convergir subjetividade,

sociedade e produção cultural em uma mesma reflexão. É evidente que o espaço ficcional pressupõe certo recorte consentido entre autoria e espectador para jogar mais criativamente com o real, mas se engana quem iguala o espaço ficcional ao espaço da mentira em contraposição ao suposto lugar de verdade do “fora-da-ficção”. A arte surge de um complexo imaginário-simbólico social e intervém nesse, disputando também os sentidos da história, de nossos recalques e fantasias, de nossos entendimentos sobre o que significa a singularidade de um sujeito e sobre o que significam as nossas relações sociais.

Analisar a personagem Lili Elbe com base em textos freudianos pode parecer perder-se no gesto interpretativo, tomar uma máscara cinematográfica por uma subjetividade real. É claro que nunca nos permitiríamos, conscientes do compromisso ético da psicanálise, equivaler a análise de uma personagem de um filme com o processo de análise clínica que lida diretamente com o sofrimento de um sujeito de carne e osso (e linguagem), mas, conscientes disso, também contradizemos o outro extremo, aquele que ignora o potencial da arte em incorporar e ser incorporada pelas tramas subjetivas dos mais diferentes sujeitos. Se a filósofa Judith Butler recorre ao jogo teatral para pensar a realidade de gênero – “dizer que a realidade de gênero é performativa significa, de maneira muito simples, que ela só é real na medida em que é performada” (BUTLER, 2018, p. 12) –, experimentamos, neste trabalho, recorrer aos debates de gênero para pensar o jogo teatral e, assim, através das idas e vindas entre o espaço da realidade social e o espaço da realidade artística, provocar-nos a pensar o que há de ficcional na performance de gênero e o que há de performance de gênero no ficcional, esperando colaborar tanto com os debates sobre estética, como com os debates sobre a relação entre subjetividade e sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A GAROTA dinamarquesa.** Tim Bevan, Eric Fellner, Anne Harrison, Tom Hooper, Gail Mutrux e Linda Reisman. [s.l.]: Working Title Films, Pretty Pictures, Revision Pictures, Senator Global Productions, 2015. 119 min. Color.
- ASSUAR, G.; POLISTCHUCK, L. **Psicanálise e estudos de gênero: uma com-versa.** In: ASSUAR, G.; NUNES, L. V.; DA SILVA JR, J. P. (Org.). *Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção.* 1ª ed. São Paulo: Zagodoni Editora, 2019. 135 p.
- BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020** / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. 136 p. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>>. Acesso em: 25 mai. 2021.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 20ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2020. 288p.
- BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de Leitura.** n. 78, p. 1-16, 2018.
- CECCARELLI, P. R. *Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões.* In: Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (Org.). **Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 269-285, 2010.
- CECCARELLI, P. R. *As leituras contemporâneas de gênero e suas repercussões nas organizações familiares.* In: ASSUAR, G.; NUNES, L. V.; DA SILVA JR, J. P. (Org.). **Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção.** 1ª ed. São Paulo: Zagodoni Editora, 2019. 135 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. 175 p. (Trabalho original publicado em 1976)
- FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer.** Porto Alegre: L&PM, 2019. 160 p. (Trabalho original publicado em 1920)
- _____. **Compêndio da psicanálise.** Porto Alegre: L&PM, 2019. 176 p. (Trabalho original publicado em 1940)
- _____. **Luto e melancolia.** São Paulo: Cosac Naify, 2013. 78 p. (Trabalho original publicado em 1917)

_____. **Psicologia das massas e análise do Eu.** In: FREUD, S. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 490 p. (Trabalho original publicado em 1921)

_____. **O futuro de uma ilusão & O mal-estar na cultura.** Porto Alegre: L&PM, 2018. 208 p. (Trabalho original publicado em 1930)

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 399 p. (Trabalho original publicado em 1905)

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 222, 2019.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 222 p.

.....

.....

16. FENÔMENO BOLSONARISTA

Gloria Gean Santos da Silva*

No último final de semana, o presidente Jair Bolsonaro reuniu uma multidão para um passeio de moto no Rio de Janeiro, em meio a uma multidão de motociclistas vindos de várias partes do país. O trajeto foi cerca de 60 quilômetros entre a Barra da Tijuca, Zona Oeste da cidade, e o Aterro do Flamengo, na Zona Sul. Bolsonaro cumprimentou sem máscara, tocou e conversou com diversos apoiadores, também sem máscaras, infringindo normas locais para conter o avanço do Covid-19.

As pessoas estavam enlouquecidas, idolatrando um homem que já levou 449 mil mortes por Covid-19, legitimando não só essa atitude, bem como o encarceramento em massa, o massacre nas favelas e o porte de armas. Segundo Le Bon em *A Alma Coletiva – Psicologia das Massas* de Freud:

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir,

* Graduada em Psicologia, Universidade de Guarulhos, especialização em Adolescente em conflito com a Lei, Universidade Bandeirantes, Integrante do Grupo de Pesquisa em Psicologia Políticas das Políticas Públicas e Multiculturalismo (GEPOLIM) EACH – USP e do Grupo Temático CRP e Movimentos Sociais.

pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria. (1920/2019, p. 13-14)

Todos ali, os quais seguiam o presidente, estavam motivados e imbuídos dos mesmos objetivos: A negação da pandemia.

O fenômeno bolsonarista sempre existiu, se o Bolsonaro sair do poder esse fenômeno sempre existirá. O racismo, transfobia, xenofobia, machismo, negacionismo à ciência são elementos do cotidiano de todos. Mas, como conseguimos dialogar com isso? Eleger um representante que expõe tudo que realmente pensamos, seria mais apropriado? Freud em *Psicologia das Massas*:

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula, é a crítica, o improvável não existe para ela. Pensa em imagens que evocam umas às outras associativamente, como no indivíduo estado de livre devaneio, e que não têm sua coincidência com a realidade medida por uma instância razoável. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exaltados. Ela não conhece dúvida nem incerteza. vai prontamente a extremos. (1920/2019, p. 19-20)

O trecho condiz claramente com o fenômeno que estamos vivenciando no cenário político, o qual causa mal-estar não só no Brasil, mas também no resto do mundo.

Como a extrema direita chegou ao poder? Qual a forma de expelir de vez essa ferida que insiste em expurgar para todos os lados? Esse fenômeno não chegou de um dia para o outro, veio gradualmente até tomar inteiramente o poder. A pergunta talvez não encontre a resposta, apenas uma reflexão para tentar olhar o passado, o presente e o futuro da democracia, tão frágil e complicada.

Freud afirma em *Psicologia das Massas* que:

Para julgar corretamente a moralidade das massas, deve-se levar em consideração que, ao se reunirem os indivíduos numa massa, todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos* cruéis, brutais, destrutivos, que dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva. Mas as massas são também capazes, sob influência da sugestão, de elevadas provas de renúncia, desinteresse, devoção a um ideal. (1920/2019, p. 20-21)

A democracia está sendo destruída aos poucos. Os ataques às instituições por força de uma massa coletiva que despertada pelo ódio ao antipetismo e à esquerda, vem paulatinamente consolidando o caos. De tempos em tempos, assim como as guerras, esse fenômeno chega, permanece um período, depois se dissipa. Infelizmente sempre deixa rastro de destruição e feridas profundas, demorando para cicatrizar e se recompor.

A esperança é que esse fenômeno passe e que possamos estar mais fortalecidos às diversas formas de resistência e enfrentamento para percorremos caminhos de transformação social e valorização da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos**. Obras completas, v. 15. São Paulo, SP: Companhia das Letras, trad., Paulo Cesar de Souza. 2019

LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. Pensadores Delraux, Tradução Ivone Moura Delraux, Presses Universitaires de France, 1895, Edições Roger Delraux, 1980 para língua portuguesa.

Época – O Globo, “Como foi a Motociata de Bolsonaro no Rio”, maio 2021.

Band. Uol “Motociata” de Bolsonaro no RJ tem aglomeração de pessoas sem máscaras”, Maio/2021

.....

17. REMINISCÊNCIAS DO NEOLIBERALISMO NO OUTRO

Andrew Oliveira de Oliveira*

Inicialmente, é interessante destacar que *O mal-estar na civilização* (2020), livro escrito por Sigmund Freud, é ótimo para se iniciar na psicanálise, devido a sua grande versatilidade, pois nele encontramos diversas concepções da teoria freudiana de forma acessível, ao passo que também conta com fortes embasamentos advindos da sociologia e da antropologia. Além de trazer diversos dos conceitos desenvolvidos ao longo dos anos, Freud tenta entender quais são as razões que dão origem aos conflitos e angústias do homem contemporâneo, esse que analisamos submetido a uma existência inerente ao devir neoliberal.

Freud começa o mal estar na civilização destacando como os indivíduos têm para si a sensação de que são verdadeiros

* Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Participou do Centro Acadêmico da Psicologia – FURG (CAPSi FURG – Gestão Nise da Silveira). Integrante do grupo de pesquisa Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Psicanálise e Arte, do(a) Universidade Federal do Rio Grande (reconhecido pelo CNPq). Atualmente faz parte do projeto de pesquisa de Psicopatologia da Vida Cotidiana da Universidade Federal de Rio Grande, sob orientação do professor Fernando Hartmann, onde desenvolveu projetos de apresentação para eventos acadêmicos, e realiza a elaboração de artigos. Interessa-se pelos temas de Psicanálise, Artes, Filosofia, Análise de discurso, Linguística, Ciências políticas, Psicologia Social e Literatura. Além disso, possui experiência em pesquisa científica e laboratorial devido ao estágio realizado em 2018 no Laboratório de Neurobiotecnologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), onde estudou patologias como a depressão e a ansiedade.

de si mesmos, como se tivessem uma noção plena de seu Eu – deslocado do restante, únicos, separados do restante da sociedade homogêneo em si mesmo –, porém esse Eu é uma idealização enganosa, concepção fantasiosa, visto que o Eu como usualmente é conhecido não possui limites que demarque realmente seu início e fim internamente, mesmo que ele tenha essas fronteiras estabelecidas com o exterior. As pessoas supõem que existe uma integralidade única no eu, esse não sendo afetado pelas exigências vindas de fora, como se o exterior fosse alheio a sua formação, mas isso é uma noção equivocada, visto que o eu se formula a partir do outro, observando e interagindo com outro, escolhendo em seus movimentos e atos ações que correspondam ao que o indivíduo imagina ser necessário e esperado pelos outros. Porém, é necessário ao Eu se desprender de suas sensações internas e se jogar no mundo externo, procurando no estrangeiro, o que é desconhecido de si, objeto para as pulsões da libido. Uma forma de haver esse desprendimento é através do reconhecimento da dor, por onde o princípio do prazer atuará, em decorrência que tal princípio agirá para afastar ou eliminar o desprazer. Em contrapartida, teremos o princípio da realidade como antagonista dos movimentos citados anteriormente, que irá tentar domar as movimentações posteriores da reação advinda do choque entre o eu e algo aversivo.

Essa constituição do sujeito se faz em um campo simbólico, onde o que é enunciado é escutado ao mesmo tempo por aquele que enunciou primeiramente só que de forma inversa, ou seja, um enunciado traduzido e reproduzido além da condição egóica, tal campo constitui o inconsciente, esse que é o Outro simbólico, o sujeito sabe que a produção advém de si, porém ele não a consegue reconhecer diretamente, existe uma relação que propõe um desconhecimento envolta do que é advindo de si (SAFATLE, 2021). Entretanto, quem seria essa figura de tamanha autoridade que se portaria como o Outro? Aqui se apresenta o neoliberalismo como formulador de um mundo real e ao mesmo tempo imaginário, isso pois, o sujeito trabalhador sempre se vê indiferente e alheio a sua própria

criação, por mais que venha de si, se torna estranho no momento em o produto é comercializado para além de sua condição egóica. Os símbolos e signos aparecem como representações da história, e ao que é primitivo ao eu antes mesmo de seu nascimento. A linguagem é exigida pela autoridade, para isso, uma determinada forma de se falar e se comunicar é requerida, uma língua que se torne comum a todos. Nisso observamos prevalecer as formas de comunicação se basearem no inglês e no mandarim, pois são línguas de nações que se comunicam com outros países através do capital circulante e desigual, visto que essas línguas demarcam territórios de poder, que mesmo diante de crises financeiras consegue manter invicta a imagem de superpotência. Assim, a partir desse Outro (neoliberalismo), o sujeito vai se tornando mais submisso ao que ele produz, mas que é inconsciente a ele, e aparece como um Outro universalizado.

A civilização organizada por essa austeridade subverte a natureza humana em detrimento da vontade dita “humana”; aqui haverá o embate entre os princípios do prazer e realidade, pois a maneira como o indivíduo se porta é relacionada pelas próprias vontades a partir do cenário que esse se encontra. Porém, isso trará sofrimento psíquico ao indivíduo já que haverá um conflito entre as exigências da civilização e os desejos das pulsões da natureza instintiva. Portanto, o indivíduo abre mão do eu e se sacrifica pela austeridade que compõe as diferentes normas de comportamento dentro da sociedade, sendo assim, o neoliberalismo poda o indivíduo, e torna ele um estranho de si, dissociado e enfraquecido, assim, fácil de manipular e cegar da causa primeira de seu adoecimento psíquico. Os efeitos colaterais que o sistema neoliberal irá surtir no sujeito são: uma redução na sua agressividade e vontade de se rebelar contra o sistema que o explora (já que o ser humano teria uma inclinação natural para a violência), também existe um dano na vida sexual, pois o neoliberalismo, junto das igrejas, irá estabelecer quais práticas são aceitáveis, e quando são; não pode haver desvio no foco daquele que produz para a manutenção do sistema, e caso haja, o próprio aparato psíquico

do indivíduo da conta de punir o sujeito através do superego constituído a partir dos outros, e do Outro que introjeta no sujeito os valores neoliberais.

O indivíduo por si só é interpretado como inimigo da civilização por suas inclinações naturais a anticultura e antissocial, ou seja, características destrutivas do próprio ser, nisso, o conflito entre indivíduo e civilização é infundável e permanente. O sentimento de culpa nasce desse embate entre ego e o superego, por medo da autoridade exterior a ele, e medo do próprio superego, pois sempre haverá uma necessidade de autopunição. Essas características reforçam a união da civilização e a manutenção da cultura que se vê influenciada pelo neoliberalismo, que domina as pulsões de morte e faz o sujeito produto despersonalizado de seus próprios desejos, e ao mesmo tempo, alheio de sua produção. O sujeito responde pelas massas coletivas, uma vez que esse fará parte da mecânica produtora e protetora do sistema, que se demonstra externo e longe de suas características de imanência já distantes de si mesmo, pois esse sujeito há muito já teria sido coagido a agente externo de sua própria mudança, sendo incapacitado de incitar em si qualquer mudança se não por uma onda frustrada e adoecida. Assim, a mudança só ocorreria se alguém fizesse no lugar do sujeito a revolução natural de sua condição humana, aquela inclinada à destruição.

As massas, portanto, se organizam a partir do sistema econômico vigente, no ocidente o mais predominante é o neoliberalismo, logo, os comportamentos vistos como ideais a serem seguidos são determinados por essa instituição, tendo uma grande influência nas tópicas desenvolvidas por Freud. Porém, vê-se que a mais atingida pelo sistema neoliberal é a segunda tópica, a qual dá conta dos sistemas ego, superego e id, pois aqui terá o embate entre os desejos do eu em decorrência das demandas culturais estabelecidas pelo sistema, o superego irá trabalhar conjuntamente das proibições internalizadas e estabelecidas pela civilização submissa ao Outro neoliberal. Ainda, muitas dessas pulsões que são encobertas para manter o sistema funcional, fazem com que

o sujeito adoeça pelas inibições em que se vê obrigado a acatar, esse recalque fará parte do esquema que dará origem ao “núcleo patológico”.

Dizendo que o indivíduo estabelece comportamentos a partir do grupo (FREUD, 2013), nada mais justo que apontar que as chances dele se rebelar contra o neoliberalismo são mínimas, se não escassas e até mesmo inexistentes. Criticar o sistema é algo pequenino diante da imensidão e influência que ele tem sobre a civilização e formação da cultura, e dentro da esfera social é logo ignorado. Muitos comentários contra esse sistema são demasiados e esquecíveis, pois as massas continuariam a funcionar sob essa óptica do capital. Supondo-se que um grupo venha com uma revolta significativa, ela logo é encoberta, pois o restante do mundo, e principalmente o ocidente, continua a operar por esse sistema, se o capital para de circular a sociedade entra em colapso, ela não saberia para onde seguir, pois ela é cegada pelo sistema desde o início de seu desenvolvimento.

O julgamento acerca de algo é generalizado, tanto é que o neoliberalismo vem crescendo a cada dia que passa devido a precedentes manipulados pela mídia, essa que é um dos principais agentes da propagação e manutenção desse sistema. Para isso, regras são criadas, os indivíduos que não a seguem são punidos, retalhados e excluídos. Observa-se como o neoliberalismo faz uso da psicopatologia para desviar o foco de si para a doença mental, onde o indivíduo é responsabilizado por suas problemáticas, muitas vezes advindas do social coagido por esse mesmo sistema, que faz ver o próprio sujeito como agente principal de suas disfunções e adoecimento. Nota-se que o sistema pratica um discurso contraditório, mas que se retroalimenta e se protege de críticas, pois ele irá silenciar os agentes desviantes, visto que diversas instituições de controle funcionam por sua óptica, ou seja, sempre procuram desviar a culpa ocasionada pela desigualdade neoliberal para o sujeito, esse que será colocado em manicômios e prisões, pois nessas corporações ele será dissociado da razão, logo, afastado de qualquer prática discursiva que prezam pela verdade.

Por consequência, serão estabelecidos vários tabus os quais devem ser evitados (FREUD, 2020), sendo nada mais que prolongações imateriais do neoliberalismo, que contaminam o inconsciente individual, formando por consequência um inconsciente coletivo que coage o sujeito com proibições que prolongam a vida desse sistema. Esses tabus estabelecidos socialmente e integrados inconscientemente pelo indivíduo, e imposto a ele pelas demandas de seu tempo, configuram as grandes dívidas morais da sociedade consigo mesma, que vai aos poucos podando o jeito de ser, ver e pensar do sujeito. Isso ocorre pela tentativa punitiva de evitar as infrações que configurem perigo para o sistema dentro das relações, também para evitar o que Durkheim chamou de anomia, visto que esses comportamentos que divergem dos determinados pelo coletivo, são vistos como uma doença social, a qual deve ser eliminada, pois é dela que surgem sociedades anômicas, marcadas por diversos conflitos, e cabe a sociedade resolver essas implicações desarmônicas. Porém, a maneira encontrada pelo coletivo para lidar com situações de conflito é afastar o sujeito que se torna foco deformado da massa homogênea, uma vez que quem gera essa conturbação é o indivíduo, mas ele é coagido pelo coletivo, logo, ele é um produto do social, logo, que deve se responsabilizar por resgatar aquele que está deslocado do todo é a própria sociedade.

Para se afastar de tamanha responsabilidade, a sociedade cria diversos preceitos morais que resultam em tabus sociais. Nessa óptica, o incesto, por exemplo, é visto como um ato de crime moral, atenta contra às instituições de família tradicional, enquanto o homicídio dentro da lei é considerado crime com sentença de reclusão. Essa infração também faz do violador um tabu, pecaminoso e perigoso, como Freud declara que: “como que assumindo toda a perigosa carga” (Ibidem, 2020, p. 16), o qual deve ser evitado uma vez que ultrapassou os limites de uma proibição excepcional, logo, o sujeito que viola e se sobrepõe a essas proibições acerca do tabu torna-se ele mesmo um tabu, ou seja, por um viés mais sociológico, a partir da teoria do sociólogo Goffman, esse agente da depuração

dos valores torna a si mesmo um ator estigmatizado nas relações, pois a forma de reconciliar a cena de sua encenação para um momento anterior de sua “nota falsa” não bem vinda pelos outros agentes que encenam na relação junto do infrator, está nas mãos daquele que cometeu o deslize, a sua quebra no âmbito das máscaras sociais custa a si mesmo a sua reputação e valor em vista do outro, que evita chegar perto para não tornar a si mesmo tabu, em consequência de uma relação que se tornará moralmente fatal (GOFFMAN, 1981). Essa representação da metáfora do teatro enquanto exposição do eu na vida social, agrupa pequenas peculiaridades em diferentes momentos, adotando expressões quando exposta a um determinado público, com a intenção de vir a controlar as impressões e reações desses que lhe observam (GOFFMAN, 2014). Com isso, é importante para o indivíduo evitar a infração de colocar-se diante do totem e infligir seu poder místico e religioso, o qual irá profanar a vida daquele que é acometido do ato libidinoso de perverter ou eliminar o objeto.

Transpondo essas questões do totemismo para o momento atual, observamos que criticar o neoliberalismo e a sua forma de submeter a mão de obra individual e coletiva a um sistema que desumaniza as relações é uma infração condenável de críticas e rotulações, visto que no momento em que se critica a instituição do capital em decorrência das condições do trabalhador, esse atenta contra as idealizações e estruturas instáveis, mas ocultas para aqueles que são dependentes de sua renda, que sustentam o capitalismo como sistema primoroso e acessível. A sociedade dividida amargamente por partidarismo e ideologia trata de colocar o outro que questiona na posição ciente de sua própria condição, essa que é submissa a movimentação e influência do capital.

Portanto, falar contra o capitalismo é um tabu, pois o próprio sistema sustenta a sua existência como inerente à condição humana na contemporaneidade, a humanidade vista pelo discurso político pró-neoliberal legitima a produção irrefreável de produtos a serem transformados em capital de circulação, logo, instantaneamente inacessível àquele que produz

e vê em si uma mão de obra diminuída e enfraquecida, pois o tabu torna-se poder fundamentado em si mesmo, independente das críticas levantadas contra si, ele por sua vez tem poder suficiente para coagir os costumes e moldar as tradições.

Nisso observa-se como o discurso sempre será um objeto sócio histórico, onde há um confronto entre o simbólico e o político, assim a língua fará sentido na enunciação de discursos pois o sujeito é atravessado pela ideologia (ORLANDI, 2020)⁷, assim se faz o mundo externo a partir do neoliberalismo, a partir de discursos que virão de confronto as suas exigências, e outros que serão tangentes às suas concepções. A sua transmissibilidade se sustenta, visto que suas capacidades de coerção se tornam inconscientes ao indivíduo que perpetua o discurso liberal para as gerações futuras, mesmo vindo em sua sistematização algo nocivo para sua existência. Essa consciência às vezes breve, às vezes constante, fará um jogo entre o superego e o id do indivíduo, para ver qual postura o eu deve adotar quando defrontado com a realidade massiva e desigual proveniente do neoliberalismo, o sujeito pode recalcar suas críticas para o inconsciente, permitindo com que esse conteúdo faça relações com outros conteúdos “adormecidos”, e quando esses conteúdos virem à superfície da consciência momentaneamente serão novamente recalcados junto com toda a injúria e culpa que recairá sobre o eu, punição imposta pelo superego, ou ainda, esse indivíduo pode se organizar, se articular, junto das massas para surtir algum efeito contra o sistema, muitas vezes não para sua eliminação generalizada, mas sim por melhorias no coletivo.

Uma forma da psique se reorganizar e perdoar a si mesma é realizando uma série de rituais, que no mundo contemporâneo pode ser traduzido como a produção excedente da mão de obra em decorrência da infração que é a crítica levantada contra o totem e tabu que o neoliberalismo se fez ser, e que se tornou por causa das classes mais próximas do sistema e que se sobressai com o definhamento das massas submissas a sustentação do movimento contínuo do capital. Essa penitência para com o tabu simboliza a renúncia do indivíduo

com algum grau de liberdade, nisso observamos que o capitalismo e sua manutenção são ao mesmo tempo uma obediência e uma renúncia ao que se deseja.

Podemos supor que um dos totens contemporâneos, advindo mais especificamente após a segunda guerra mundial, que estabeleceu a hegemonia ocidental acerca do capital, e que podemos ver se articular com mais precisão levando em conta a pandemia, e que parece reforçar essas questões e demandas sociais que é manter a sua existência intacta sem ao menos duvidar por algum momento da sua estrutura é a obrigatoriedade em cumprir horários, uma vez que procura trocar a força de produção pela constante movimentação de capital acima das condições e limitações humanas. Essa relação com o totem articula as obrigações e dependências que a sociedade tem com a sua imaterialidade, pois ela não está conectada a um solo específico, mas permeia pela sociedade de forma a impor a sua fundamentação como tal. Ainda, a sua passagem instantânea de uma geração para a outra a torna uma propriedade de patrimônio psíquico o qual vai ser herdado por seu forte pendor de realização.

A sua permanência curiosamente se mantém intacta devido a uma relação ambivalente entre o sujeito e o tabu, pois existe o desejo de infringir essas morais de ordem do nível proibido, ao mesmo tempo que receiam em romper com tal tabu, que aqui aponta-se como sendo o capitalismo, pois umas das leis fundamentais que envolvem o totetismo é a não liquidação do objeto totêmico, sendo assim, esse desejo inconsciente faz das massas um produto neurótico. Mas essa proibição no tabu não deve ser compreendida como o delírio do toque na neurose, visto que ela não é tão específica como a proibição na neurose. A proibição do tabu sujeita o indivíduo à tentação de manter sua imitação constante. Observa-se também que o ato obsessivo é interpretado como um mecanismo de defesa contra o que é proibido, mas ele nada mais é que a repetição do próprio.

Nisso, os neuróticos obsessivos criam uma série de categorias excessivas para traduzir o tabu existente, umas vezes

que tentam evitá-lo e liquidá-lo, essa sujeição de rotulações é também responsável pela formação de diversas inibições intensas e de critério grave nas populações ocidentais que estão sujeitas ao capital. No capitalismo, essa codificação de códigos e símbolos é unida ao sujeito despersonalizado de sua própria produção, que ao mesmo tempo que quer consumir e conquistar o que foi feito a partir de sua mão de obra dissociada de seu significante como sujeito, ele a quer destruir. Nesse ínterim, o capitalismo sendo uma instituição agregada à identidade coletiva e, portanto, individual, sofre da tentação de ser fragmentada, uma vez que as pulsões de morte, entendidas como as pulsões mais sensíveis a vida, se intensificam no plano real, onde o rompimento do neoliberalismo traduz o fim do próprio homem como agente da contemporaneidade, tocando no que é de mais profundo no totem. Com isso, tornando-se tabu ao destruir o que era santo e proibido, e dando a si mesmo um novo conjunto de signos para ser significante e sujeito discursivo independente das amarras do capitalismo.

Entretanto, essa ambivalência geralmente não é forte o suficiente para movimentar uma ruptura no campo social, visto que esse paradigma dirá respeito a uma cultura já internalizada no âmago dos indivíduos, que por consequência sabem que o seu rompimento com o totem, sendo esse o capital, irá acarretar consequências de demanda individual, já que a movimentação do capital permite acesso a diversas instâncias da sociedade que exigem porte de poder aquisitivo. Sendo assim, quanto mais intensa ela for, com mais ocorrência ela será traduzida no campo das relações pessoais onde não seria aguardada, pois a relação com o tabu é de ordem afetiva. Por isso a morte do capitalismo é em certa medida aflição, isso se dá pelo medo do desconhecido que irá se instaurar após a sua queda; e será, também, prazer inconsciente gerado por sua finitude, mas ainda havendo o perigo de seu retorno, logo, existirá temor nessa possível volta, a qual fará o superego punir o sujeito por ter se satisfeito com o seu fim, pois o totem é objeto de afeto de quem o infringe para ser tabu.

Curiosamente, esse assassinato do capitalismo, quando realizado mentalmente pelo indivíduo, tem como produto do conflito uma resolução instaurada pelo mecanismo de defesa chamado de projeção. Isso pode ocasionar em um movimento que vem crescendo dentro da sociedade, o negacionismo, onde o que o indivíduo evita saber é despreendido de si para o outro, tornando o que era uma aflição interna em uma demanda do mundo externo já sendo negado; quando o neoliberalismo é morto no mundo interno da psique individual, nós a encerramos em um ritual semelhante ao velório, pois por mais que tenhamos ódio do seu sistema, haverá o deslocamento do afeto para seu objeto de filiação, porém ele é uma angústia que terá prazer em nos levar a morte de sujeito político enquanto instância simbólica. Isso porque o desejo original de sua liquidação é convertido em medo de que ele morra, assim o sistema permanece e cresce, por mais que a cada dia que passe a sua manutenção se torne insustentável mediante as angústias que assolam corpos e almas. Essas concepções sobre o capitalismo como um corpo passível de ser executado traz a ele um caráter advindo do animismo, o qual é um sistema de pensamento, que permite ver e pensar o mundo de determinada forma, quando dado critérios a ele, haverá nisso uma onipotência dos pensamentos.

A religião surge então como forma de reforço do totemismo, destacando suas ambivalências dentro do mundo contemporâneo e capitalista, será compreendido aqui que na concepção religiosa as instâncias do arrependimento e conciliação não são as únicas, mas há também o triunfo desse sistema sobre o indivíduo. Após a sua morte no mundo interior, onde voltará a ser repetida diversas vezes, junto de outros processos de afetos e desafetos; portanto, a morte de algo exige por consequência a eliminação de outrem, geralmente o suicídio de si mesmo enquanto liberdade no mundo cercado pelo capital, que poda a alma em seu processo de individualização e pensamento.

A religião aqui movimenta o indivíduo em passos falsos, fazendo-o pensar que eles são dados por uma vontade natural

e inerente de sua própria identidade (FREUD, 2016)⁸. Essa estrutura permite que o neoliberalismo se mantenha intacto, visto que as religiões ocidentais, assim como o capitalismo, se retroalimentam e coagem o indivíduo, apagando as vontades de nível individual do sujeito quando esse se vê cercado por grupos. Esse molde religioso, intensificado pelas demandas do capitalismo, que fazem parecer e fazem ser, reprimem o indivíduo que por consequência virá a recalcar diversos desejos ao nível dos afetos, fazendo-o adoecer e intensificar seus processos de inibição, sintoma e angústia.

A adoção da religião se dá mais especificamente pelo desamparo que o homem sente ao se ver unido e colocado no mundo contemporâneo, suas exigências muitas vezes são inviáveis para o sujeito que sucumbe e passa a ser excluído. Essa cisão entre o homem contemporâneo e o mundo é semelhante ao complexo de Édipo e seu processo de cisão na infância com o pai, por isso a figura de deus como pai supremo é aceita, pois nasce de uma projeção e desejo infantil de se ver acolhido e aceito pelo mundo que é idealizado como pai primevo. Ainda, o pai na religião é muitas vezes representado como aquele que morre em detrimento do outro, isso pode se tornar simbólico dentro do universo neoliberal, pois muitos o querem ver morto, então dentro das instituições religiosas, onde o signo supremo é dado pelo sacrifício de si por outrem, acaba por traduzir esse desejo ambivalente como foi anteriormente explorado.

Outrossim, esse poder cultural e alienante das massas pela religião, resulta em um indivíduo domado de sua própria esfera selvagem, logo, da sua libido, que deslocará todos os seus afetos e desejos para dentro do seio do grande pai nas igrejas e rituais intensivos diante dos livros bíblicos que servem de norteador para uma vida “saudável”. Por isso a satisfação dos instintos se dá como vitoriosa, entretanto, a humanidade tendo criado essa cultura, se vê ao mesmo tempo refém dela, pois essa irá reformular o superego do indivíduo de maneira que mais lhe for razoável, essa restrição dos instintos primários, que prezam pela liberdade e destruição do sistema, é de extrema

significância para a sobrevivência desse sistema, pois através da religião ele terá controle da alma.

Entretanto, os pilares que formulam os dogmas religiosos nada mais são do que projeções, idealizações e esperança de um mundo mais “igual”, mas observa-se que através das gerações são transmitidos valores acerca da religião que servem para conservação desse sistema, e um dos principais é: o não questionamento de seu valor intrínseco e imutável. Nisso, observamos que quando o indivíduo cede aos seus instintos de ordem selvagem e primitiva ele automaticamente será visto como um inimigo da sociedade e da cultura, pois suas concepções morais estariam corrompidas e contaminadas por um desejo de destruição, que retornaria a cisão primeira e também por atingir a satisfação dos instintos pulsionais. Esse indivíduo deslocado, pela perspectiva sociológica de Howard Becker será visto como um sujeito desviante, pois esse não seguiria as regras operantes e efetivas demandadas pela sociedade e pelas figuras de poder (BECKER, 2008)⁹. Ademais, essa pessoa será definida como desviante a partir de critérios específicos de sua identidade, o grau de sua infração e, qual personalidade ou instituição e ferida em decorrência de tal ato dado como desviante (Ibidem, 2008).

Freud aponta que se as repressões acerca dos instintos fossem afastadas da realidade e o homem pudesse viver de forma crível a verdade de si, eles em contrapartida poderiam viver em harmonia, e a distribuição de riquezas seria feita de forma mais igualitária. Entretanto, essa é uma concepção utópica. Como dito anteriormente, a religião e o capitalismo são instituições que se retroalimentam, se o indivíduo não é coagido por uma, ele será brutalmente influenciado pela outra. Nessa perspectiva, afirmar que a maior desigualdade está nas instâncias mentais e não no social é simplesmente raso e justo de críticas. Essa visão abordada por Freud é resultado da época em que viveu e os processos pelos quais os homens de seu tempo sofreram, mas trazendo a psicanálise freudiana para a atualidade é inviável deixá-la imutável, a sua conformação original é insustentável para as aflições dos dias atuais.

O desenvolvimento da tecnologia desloca o saber acerca das doenças mentais, as suas especificações dentro do DSM-5 são inconclusivas e reducionistas, não servem para auxiliar o profissional com as demandas de um presente que a cada dia que passa se afoga mais em uma desvalorização da pessoa enquanto esfera de ser pensante, que sente o mundo enquanto o transforma.

Analisar todas as inibições como um desbalanço entre o psíquico e o eu é vago, é necessário voltar-se para o social e ver como as suas reivindicações coagem o indivíduo dentro dos processos de manutenção dessas grandes instituições. A categorização psiquiátrica há muito já foi debatida e negada em vista de melhores condições para a saúde mental. A reforma psiquiátrica surgiu da urgência em mudar os métodos contraproducentes do saber psicológico que durante muito tempo foi influenciado pela medicina clássica, a qual fazia “ver” e fazia “falar” o louco como tal, e, também, como desviante; assim como o sujeito que ultrapassa as morais dispostas pelas instituições de poder – que infringe o totem para ser tabu sem grandes ressentimentos, como doente mental.

Portanto, nota-se a necessidade do neoliberalismo, a versão atualizada do capitalismo em coagir e punir os sujeitos, de manipular e definir as regras a serem seguidas, mas ao mesmo tirando de si o peso de sua influência ao fazer o diagnóstico em massa das psiques de indivíduos que não são mais vistos como trabalhadores, mas sim como colaboradores. Sistema esse que vem influenciando manuais de psicopatologia que são utilizados e difundidos mundialmente. Com isso, quando ele não dá conta de coagir o indivíduo, ele colocará sobre o sujeito uma culpa a qual não é sintetizada por ele. Para isso, serão prescritas diversas drogas legais para controlar o “ímpeto destrutivo” do sujeito, e o colocará dentro do que é entendido na psiquiatria moderna como “comportamentos limítrofes”, que retira do neoliberalismo a culpa da síntese do mal-estar contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio.** (1ª ed.). Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** (1ª ed.). Penguin Classics Companhia das Letras, 2020a.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu.** (1ª ed.). Rio Grande do Sul: L&PM, 2013.

_____. **Totem e Tabu.** (5ª ed.) São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020b.

_____. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos.** (2ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** (4ª ed.). Rio de Janeiro: LTC, 1981.

_____. **Representação do eu na vida cotidiana.** (20ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan.** (4ª ed.). Belo Horizonte: autêntica, 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos.** (13ª ed.). São Paulo: Pontes Editores, 2020.

.....

.....

18. VIOLÊNCIA JUSTIFICADA

Marcia Mendonça de Lima*

Em uma cultura que investe cada vez mais na fragmentação do sujeito, estamos nós aqui a existir. E ainda dizem que o sujeito precisa dar conta de lidar com os seus estados psíquicos.

O Brasil já esteve nas análises de filósofos, sociólogos, psicólogos, escritores e afins. O mal-estar existencial, citado inicialmente pela filosofia, passou a fazer apontamentos, não apenas acerca de um indivíduo doente, mas também sobre toda uma nação adoecida.

Logo, ficou evidente o quanto estas áreas tão distintas do saber, findaram por dialogar com o fenômeno cultural dos processos históricos da humanidade, trazendo sobretudo, observações importantes, a respeito de como a política se organiza para deliberar no processo civilizatório; e limitando o sujeito em seus direitos primários, modulando-o conforme sua conveniência. Fato esse, que se torna agravado, no presente momento, em que estamos diante da potente era digital, em que tudo é sugestionado pelo algoritmo, que dentre outras coisas, acessa informações da população e as usa contra ela própria.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Integrou os projetos de pesquisa “Catastrofização da Dor em Idosos” (2018), e “Violência e Bullying no Ensino Superior” (2020), o qual findou em livro publicado com o mesmo título. cursou Extensão em Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher. Tem formação em Arte Educação e integra a turma de estudos em *Violência, Arteterapia e Grupos Operativos: Análise e Intervenção* (USP). Idealizadora do projeto “Escuta Aberta”, que é um grupo de intervenção com arteterapia e psicoeducação para mulheres vítimas de violência.

Dados pessoais e preferências de consumo, que deveriam ser particularidades absolutamente sigilosas, são captados e distribuídos “a quem interessar possa”. Manipulação em massa é o nome? Na outra ponta, vê-se o esforço incansável da psicologia e da psicanálise, cujo trabalho, é *a priori*, descortinar a relação obscura existente entre sujeito e cultura, fazendo-o perceber que sim, ele está envolto nesta rede de controle, e apontando as ideologias que fortalecem todo esse esquema, de adoecimento do sujeito, e intervindo, quando possível, para que esse sujeito desperte, primordialmente para tudo aquilo que lhe possa parecer comumente moral e repressor, pois segundo Freud, longe da moral repressiva não estaria o sujeito propenso a produzir sintomas.

O ano era 2019, estava para ocorrer um dos acontecimentos mais catastróficos da história, discorrer sobre isso me faz lembrar da guerra. Você consegue idealizar melhor cenário? É apenas neste lugar, de guerra, que vidas são perdidas desta maneira, aos montes, dissolvidas como cinzas jogadas ao vento. Na guerra as baixas ocorrem em um segundo, e, no próximo, morrem também “aos poucos”, os pais, mães, esposas, filhos, morre tudo aquilo que foi abandonado, inclusive os sonhos planejados e a ilusão de um futuro. E tudo isso some, sem chance para despedidas. Com uma diferença, na guerra tenta-se fundamentar as perdas, com a alegação de que ela é em nome de uma “violência justificada”: Deu sua vida pela nação! E o vírus?

Quantas justificativas incongruentes, como: “Vamos observar os reflexos econômicos da pandemia, depois pensamos no impacto do vírus na civilização”. Afinal, “vidas importam!”. Duas coisas aprendemos a alimentar: a decepção e a revolta escancarada para com os nossos governantes, que nada fazem para que a civilização se torne um pouco mais humanizada e ainda investem contra a vida. Mas “E daí?” “A guerra é pai de todas as coisas e rei de todas as coisas: uns ela revela deuses, outros, revela humanos; de uns ela faz escravos, de outros, homens livres”. (ŽIŽEK, 2013).

A vida é finita. No entanto, será que temos real consciência disso? Ou optamos por viver a ilusão de que ela nunca terá um fim, assim como investimos na ilusão de que as coisas, às vezes, são melhores do que parecem ser. Na verdade, vivemos à mercê de um sistema que constrói as verdades, e nos faz acreditar que temos liberdade de escolha, que nossa opinião importa, que estamos no controle das nossas vidas e que temos direitos, “desde que sigamos as regras”. Mas será que de fato temos direitos? Na verdade, optamos pela ilusão, uma vez que não nos posicionamos, o fato de não escolher um lado, também é uma escolha, que nos sujeita a viver em um mundo dirigido por personalidades violentas e autoritárias, que adoecem o sujeito e fortalecem o seu sofrimento, enquanto reforçam sua alienação.

Um ponto muito importante é o sujeito ser adoecido pelo sistema, sendo, muitas vezes, ele próprio quem se coloca nessa estrutura de adoecimento. É só observar, ano após ano, o tipo de pessoas que nós elegemos para nos representar no poder. Tanto a psicologia quanto a psicanálise apresentam ferramentas que apontam esses aparatos discursivos nos quais estamos imersos, e levantam questões que auxiliam na compreensão dos efeitos que o processo civilizatório impõe sobre a humanidade, porém, poucos estão dispostos a olhar, as vezes é mais simples manter o véu da ilusão.

Com o surgimento da COVID-19, levantaram-se muitas questões que nos fizeram refletir a respeito da importância da saúde mental e emocional, bem como, sobre o quanto as restrições sociais têm efeito moral na vida das pessoas. Restringir o indivíduo em sua liberdade o afeta emocionalmente e interfere em sua subjetividade e em seus afetos. No contexto social, o processo de opressão adocece a cultura, interfere e restringe a liberdade de escolha de toda uma nação. Sabemos que apenas o direito de ir e vir não nos faz seres totalmente livres. A real liberdade nos daria a possibilidade de, por exemplo, no início de 2019, optar por não viver essa história de horrores.

Em um trecho de *Menos que nada* (2013), observamos um fragmento que diz algo sobre a liberdade humana ser um verdadeiro abismo e, por esse motivo, o autor faz uma provocação, na qual indaga que a mesma poderia ser fundamentada na loucura. É claro! Somente na loucura conseguimos elaborar com concretude as nossas limitações, nossas dores, lutas e perdas, para assim “sobre-viver”, a esta e tantas outras violências justificadas.

Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela. A isso se acrescentam os danos que a natureza indomada, o que ele chama de Destino, lhe inflige. (FREUD, 2010, p. 11).

Conforme alimentarmos esse medo de olhar mais atentamente para o que nos incomoda, o mal-estar que, desde tempos remotos, assola a humanidade, continua a ser sustentado. O modo pelo qual a civilização foi sendo moldada, revela algo sobre esse medo velado, que conduz a uma cegueira coletiva, capaz de silenciar todas as vozes e restringir espaços de fala e de posicionamento. Se estivesse o sujeito, de fato, de posse de suas escolhas, sofrimento e mal-estar poderiam servir de trampolim para uma significativa transformação social. Esse apontamento fala, sobretudo, a respeito de um incômodo referente à nossa condição de estar em um mundo, onde fazer parte significa não só encontrar um lugar e estar satisfeito com ele, mas também tomar posse deste lugar. Posicionar-se exige do sujeito que ele assuma sua posição na sociedade, cuide de suas angústias para que o estrago não lhe seja tão caro, e sobretudo, que ele respeite a condição do outro.

Não é só que a identidade estável de todos os entes seja temporária, que todos desapareçam mais cedo ou mais tarde, desintegram-se

e retornem ao caos primordial; sua identidade (temporária) surge pela luta, pois a identidade estável é uma coisa que deve ser obtida pelo suplício – até mesmo a “luta de classes” já está presente aqui, na forma da guerra que “de uns faz escravos, de outros, homens livres. (ŽIŽEK, 2012, p. 478).

18.1. A angústia existencial

Estamos no mundo, ocupamos dele diversos espaços, mas desconhecemos o espaço que ele ocupa em nós. Se é um mundo violento, exterminador e cruel, no fundo ele reflete algo que é nosso. Disse Lacan, “Todo tipo de coisas neste mundo se comportam como espelho”. (Jacques Lacan).

A humanidade foi sendo constituída por regras que ela própria desconhece a origem. E entende suas dores como algo a ser reprimido, e não poderia ser diferente, visto que desde sempre aprendemos a “domesticar” o que sentimos. “Cala essa boca!” “Engole o choro!”. Chegamos ao ponto de divagar sobre um tal de “Estupro culposo”. Percebemos isso ao observar a massa.

Ao longo dos tempos, a psicologia investiu esforços em treinar o olhar para enxergar a sociedade, o indivíduo e a cultura como um todo, mas na realidade, sociedade e cultura são fragmentadas, assim como o sujeito. Dessa forma, quanto mais o tempo passa, mais contemplamos vidas vazias, segmentadas e por vezes melancólicas, sendo preenchidas por ocorrências simbólicas, abrindo lacunas para que a angústia e o sofrimento se estabeleçam.

Assim, forja-se uma luta, na qual se busca a todo instante juntar esses fragmentos. Pelo viés da filosofia, a melancolia, muito presente em todos os tempos, fala desse sujeito que não dá conta de lidar com suas próprias dores e se deixa levar ao sabor do vento, se calando, tentando alienar as suas próprias frustrações ou ainda gritando ao léu, seguindo deuses que prometem milagres ou dando voz a falsos profetas, os quais governam sob regimes hipotéticos que podem dizimar um país inteiro “Em nome da família”.

No entanto, com todos os desafios que a humanidade apresenta, independente da época em que estejamos vivendo, o que muito nos desafia ainda é o sintoma. Pandemia, vírus, isolamento, violência, dor, melancolia. Parece um roteiro de filme hollywoodiano, mas é um evento catastrófico, causador de perdas imensuráveis

Mais difícil é entender o que ocorre com os melancólicos, estes que desconhecem tanto a natureza do objeto perdido como a origem da perda. Mesmo quando sabem nomear a quem perderam, não sabem dizer o que foi perdido junto com o objeto. (FREUD, 1977 p 14.)

18.2. O mito

Na obra *O Alienista* (1994), podemos observar uma forte analogia com o momento atual da humanidade, a obra mostra de forma irreverente, a tendência que o ser humano, provido de poder, desenvolve para categorizar e excluir tudo que não serve a sua apreciação, inclusive seus iguais. O texto mostra uma análise psicológica de forma crítica acerca de como o homem usa de sua capacidade intelectual para categorizar o outro, além de expor de maneira irônica o comportamento humano, apontando seu eminente egoísmo e vaidade. Apesar de não fazer parte de estudos complexos, esse conto aponta a forma mesquinha, pela qual o poder é utilizado, e mostra como o suposto lugar do saber, nos faz pensar que temos o direito de localizar no outro alguma mania que o faça ser excluído.

A angústia presente na sociedade espelha antes de tudo a do sujeito, será esse o motivo pelo qual o homem incita guerras em nome de valores que ele próprio desconhece? A todo momento o indivíduo se vê pressionado para assumir posições que indubitavelmente vão colocá-lo na hierarquia de ser eliminado em algum momento. E tudo começa, quando ele se percebe isolado de algum contexto social. Via de regra,

é preciso pertencer a um grupo, fazer parte dá ao sujeito a sensação de não se sentir excluído, e se isso não for o bastante será necessário ser o melhor, e se não for o melhor, será necessário adquirir coisas, muitas coisas, e se não for possuidor de coisas será preciso então causar boas impressões aos olhos do outro. É um emaranhado sem fim, que faz com que o indivíduo adentre cada vez mais em uma trama, até que se perca de si mesmo.

De forma indiscriminada o ser humano assume essa posição de subserviência, sem se dar conta de que este é um lugar de fala que dizima a si mesmo e aos seus. O sujeito, diante dessa busca desenfreada pelo pertencimento, não se dá conta de que pertencer, supre apenas as demandas de seus instintos mais primitivos, enquanto as suas reais necessidades são mascaradas. Em busca deste lugar de pertencimento, chegamos à infeliz controvérsia de conhecermos mais a vida do outro do que as nossas próprias vidas. E em algum momento do caminho nos perdemos de quem somos. E o preço é muito alto. Pago muitas vezes com a própria vida. Vírus?

Inclusive, há pessoas que morrem enquanto ainda estão vivas, por não constatar a tempo que o incômodo, a angústia e boa parte do mal-estar que as vitimiza vem de dentro e espelha-se lá fora, assim como o sintoma. Freud pontuou que o sintoma fala algo a respeito do que o sujeito desprezou sobre si, entretanto, ao observamos os estudos da filosofia, podemos entender que sintomas falam mais, eles dizem sobre o cuidado que o indivíduo não tem para consigo mesmo e para com sua natureza, falam sobre a sua pré-ocupação com o outro em detrimento de si mesmo, e falam acerca de seu não posicionamento diante de seus próprios processos. Todos nós temos uma parcela de responsabilidade sobre o mal que nos aflige, mas não podemos deixar de expor sobre a violência que o indivíduo sofre por fazer parte de um sistema pouco acolhedor, que procura meios de o deixar sempre à margem, apesar desse sistema falar algo sobre sua própria história. Será esse o motivo pelo qual tanto se diz sobre a angústia? Pode ser que sim. A angústia ocupa muitos espaços dentro da sociedade e do sujeito.

Principalmente os espaços que lhe parecerem vazios. E não é à toa. Vivemos tempos estranhos, onde é preciso preencher, lotar, ocupar até mesmo o tempo que nós temos, para não ter tempo. Não ter tempo para ser, não ter espaço para preencher, parece ser essa a busca diária nos dias atuais. Que imenso paradoxo!

18.3.Sábios são eles, os loucos!

Já era esperado que em algum momento isso ocorreria, a banalização do mal, da morte e da vida. A normatização do “Ter” em detrimento do “Ser”. Estamos em um momento, em que a luta pela não-violência é justificada com mais violência. Óbvio, toda luta contra alguma coisa é por si só um tipo de agressão, algo que não é dito, mas é percebido, porque a violência está enraizada não só em nossa cultura fragmentada, mas também no comportamento humano. Talvez por este motivo, não se pode contemplar o termo violência em um contexto apenas singular, mas em esferas que englobam suas múltiplas dimensões. A violência abarca tudo aquilo que pode resultar em dor, intimidação, sofrimento e mal-estar. Guerra, vírus... Me digam vocês. Diante dessa constante “des-ilusão”, é possível enfrentar a realidade sem nenhum mecanismo de fuga?

Alguns dizem que não, contudo, fugir da realidade avassaladora pode ser, muitas vezes, mais fácil do que a enfrentar. Isso posto, é notório que a força da pulsão reverbera em nossas escolhas. Particularmente, naquelas que fazemos diariamente, viver, morrer, existir. Na realidade, a escolha não é um ato solitário, ela é acompanhada por nossos instintos. Lembremos, somos dirigidos por nossas necessidades mais primordiais, achamos que estamos escolhendo quando na verdade estamos apenas seguindo nossos impulsos, talvez, estamos sendo escolhidos. Quantas vezes não paramos para observar, ponderar, sentir. Entramos no *modus operandis*, em que reagimos, ou não a tudo o que nos afeta. Os impulsos instintivos não são necessariamente bons, nem maus, são apenas impulsos, mas nos moldam, nos colocam em caixinhas embaladas para presente, em prol de uma resposta adequada.

Reprimimos os nossos desejos primários para que outros, secundários sejam alcançados, neste sentido os loucos me parecem sãos, pois eles criam regras que só eles entendem, e não se submetem.

Daí por que Mises faz uma associação entre as crianças, os velhos e os loucos, que parecem perder a lógica própria da ação racional. As crianças, por ainda não terem maturidade para agir por conta própria; os velhos, por não terem mais nada a perder; e os loucos, por simplesmente criarem outra lógica” (SAFATLE, 2021)

Sábios são os loucos, afinal, quem em sã consciência deseja que suas ilusões sejam aniquiladas. De tempos em tempos o receio de sermos excluídos e repudiados pela sociedade nos silencia. Talvez, por esse motivo, ainda hoje exista tanta fome, desigualdade, exclusão e pandemia. Deveríamos ser ensinados desde cedo que não importa o que esteja acontecendo no mundo, devemos escolher um lado. Sim, nós deveríamos fazer escolhas, nem que seja para decidir, conforme Luana Araújo, “de que borda da terra plana vamos pular”. Pensando ainda, acerca das interfaces entre ciência e psicanálise, podemos observar que nem mesmo os processos civilizatórios que modernizaram o país e o mundo, foram capazes de nos fazer compreender as relações do sujeito com aquilo que o fragiliza, o interdita e o coloca à margem de si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**: Porto Alegre, L&PM, 2010.

_____. **Luto e melancolia**: Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1917-1974

_____. **O Mal-estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1930-1974.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Cristian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico** – São Paulo Autêntica, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. **Menos que nada**: Hegel e a sombra do materialismo dialético; tradução Rogério Bettoni. – São Paulo: Boitempo, 2013.

.....

.....

19. “O CAOS REINA” E O LIVRO TERMINA

Fabio Dal Molin*

Parte 1: O filme começa com culpa, pânico e desamparo

“Existe uma criatura perfeitamente inofensiva, quando ela passa diante dos seus olhos, você mal a percebe e imediatamente volta a esquecê-la. Mas assim que ela, de algum modo, invisivelmente chega aos seus ouvidos, começa a se expandir, eclode e conhecem-se os casos em que ela penetrou no cérebro e floresceu ali devastadoramente, como os pneumococos em cães que penetram através do focinho... essa criatura é o seu Próximo”. (RILKE, apud ZIZEK, 2010)

Em 2011 o cineasta Lars Von Trier, um dos signatários do pacto dogma 97¹ lançou um filme que trata, em seu conteúdo

* Psicólogo, Psicanalista (APPOA) Mestre em Psicologia Social, Doutor em Sociologia e Pós-doutorado Jr (CNPQ) em Educação pela UFRGS. Professor Associado da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), criador e coordenador do LEXPARTE (Laboratório de Extensão e Pesquisa em Psicanálise e Arte). Coordenador do projeto “As Interfaces entre a Psicanálise e as Ciências Sociais e a Psicanálise: os textos de Sigmund Freud” que dá origem a este livro. Fundador do coletivo de psicanalistas anarquistas Infameliare.

¹ O “Dogma 97” foi um protocolo estabelecido por cineastas escandinavos cuja proposta é eliminar as trucagens e produzir um tipo de verdade cinematográfica: o uso apenas de locações e som ambiente, ausência de cortes, de trucagem e efeitos de maquiagem. O “Dogma 97” produziu

manifesto, precisamente o tema da ansiedade e da síndrome do pânico, bem como as vicissitudes de seu tratamento. Na primeira cena do filme são ouvidos violinos e uma voz de soprano preenche a trilha extra diegética², enquanto na tela há um triângulo de personagens que compõem uma triangulação de cenas. O triângulo é constituído por um casal sem nome (os atores William Dafoe e Charlotte Gainsbourg) que faz sexo enlouquecidamente sobre uma máquina de lavar roupa enquanto seu filho Nick desperta, desce do berço, atravessa o apartamento e encontra uma janela entreaberta. A triangulação cênica consiste em três planos entrecortados: a cópula do casal, o percurso da criança do berço até a janela e a paisagem da neve caindo.

As duas triangulações, filmadas em preto e branco, câmera lenta e com música pausada e emocionante, culminam no orgasmo mútuo do casal e na queda livre da criança em direção ao solo, aqui não explícita é representada pelo impacto suave de seu ursinho de pelúcia na neve.

A cena é cortada e há uma transição para o velório da criança e o desmaio da mãe e novamente cortada para o casal em um quarto de hospital. Ali é revelado que o personagem de Dafoe é um psicólogo e Gainsbourg experimenta uma forma “não usual” de luto, e Dafoe questiona a autoridade do psiquiatra que a teria diagnosticado seu luto como patológico, e a impregnado de medicações.

A mulher questiona a autoridade do marido como terapeuta, mesmo assim ele decide levá-la para casa e assumir seu tratamento.

curiosos paradoxos cinematográficos e sua intenção de criar um cinema real acabou escancarando o poder absoluto da câmera e do cineasta. Como as trucagens eram proibidas, uma cena de sexo diante das câmeras deveria ser “de verdade” e nenhuma cena de assassinato seria possível, ou o ator deveria morrer “de verdade”.

² Em cinema se diz que elementos extra-diegéticos são aqueles que tangenciam a trama, os cenários e os personagens enquanto os diegéticos acontecem dentro a trama. O que chamamos de de trilha sonora são fatores extra-diegéticos, enquanto uma música que toca no rádio de um carro dentro do filme é um elemento diegético.

Em casa, ela começa a demonstrar sintomas aparentes de ansiedade generalizada, que são enfatizados e até explicados pela sua voz em *off* associada a imagens extra diegéticas do corpo: respiração descontrolada, palpitações, hiper vigilância, boca seca, sudorese extrema. A personagem desperta durante a noite, vomita e deita-se no chão do banheiro em posição fetal, no quadro sintomático clássico da síndrome do pânico. Aqui Trier estabelece uma relação simplória e didática entre as relações psicopatológicas e nosológicas entre a síndrome do pânico e o que Freud chamou de “estado de desamparo”, decorrente da angústia (*Angst*) do lactente na situação quase filogenética da ausência do alimento, do calor ou da proteção da mãe, Como sintetizam Laplanche e Pontalis (2001).

A palavra *Hilflosigkeit*, que, para Freud, constitui uma referência constante, merece ser definida e traduzida por um termo único: propomos o estado de desamparo, Freud reconhece uma característica comum aos “perigos internos: perda, ou separação que provoca um aumento progressivo da tensão, a ponto de, num caso extremo, o sujeito se ver incapaz de dominar as excitações sendo submergido por elas – o que define o estado gerador do desamparo” (p. 182).

Assim, na abertura da trama cinematográfica, há claramente um sintoma (no sentido de demanda, de sinto-mal) de pânico e desamparo de uma mãe que não consegue elaborar o luto e a culpa pela morte do filho em uma situação na qual o casal estava em um momento de êxtase sexual. A culpa gera angústia que gera desconforto e “sintoma”. Em muitas ocasiões a situação terminaria com a mãe internada, medicada ou em tratamento, ou mesmo o casal em terapia. Porém, Lars Von Trier está apenas começando, em primeiro lugar porque a posição do sujeito em relação ao desamparo não é linear, e em segundo porque um sujeito, na lógica lacaniana, não é uma “pessoa” e sim um efeito da linguagem, ou do significante (como em francês e inglês “sujeito”, *subject*, *sujet* é tema, assunto). Desta forma propomos aqui, juntamente com o cineasta escandinavo, uma complexificação da posição do sujeito diante do desamparo da subversão da lógica psiquiátrica

ou cognitivo-comportamental onde ambas apresentam a ideia de cura como simples anulação do sintoma e denegação do *synthoma* (constituente estruturante do sujeito da linguagem, uma linguagem própria e singular que Lacan intuiu da literatura de Joyce), através da ideia de *psiche-pathos-logos*, como doença e não como arrebatamento. Apertamos a tecla *play*.

Parte 2: A posição do sujeito do desamparo e a onipotência do terapeuta

William Dafoe assume a posição paradoxal e obscenamente incestuosa de um marido-terapeuta. Decide que a esposa não deve mais tomar remédios e começa a delinear um tratamento que inicia por exercícios de controle da respiração e prossegue com a elaboração de uma lista em forma de pirâmide de seus principais medos (uma de muitas técnicas cognitivo-comportamentais de visualização e identificação do “problema”).

A esposa-paciente prossegue com seus sintomas e uma noite acorda com um apetite sexual selvagem e tenta forçar o marido ao coito. Entre risadas, beijos e abraços Dafoe exclama “não faça sexo com seu terapeuta”. A frase, ironicamente, provoca no espectador (especialmente os profissionais da clínica) um certo mal-estar. Tal fato é agravado pela situação de um marido que se assume terapeuta, já sendo bizarra e este evocar uma suposta ética profissional na hora do sexo. Na sequência da cena a mulher assume uma postura agressiva, findando por quase arrancar o mamilo do esposo-terapeuta e assumindo para si a tarefa de interditar o coito.

Podemos examinar aqui o que Freud intuiu da situação de onipotência primordial delegada a uma mãe, enquanto uma criatura que fornece o alimento, o amor e o aconchego e ao mesmo tempo se ausenta ou é demandada pelo pai e provoca a sensação de desamparo na criança, e com ela a necessidade eterna de amor e amparo, inaugurada pela falta.

Do medo da castração ao medo do supereu, da consciência moral e ao medo social, e daí ao medo da perda e do amor e da morte, trilhamos, com Freud, toda a história do indivíduo

a partir desta coluna vertebral negativa que se origina no medo. Somos filhos do medo e do desamparo. Os sintomas são muros que erigimos para tentar conter esses medos (SELIGMAN-SILVA, 2016, p.31-32)

Aqui chegamos a uma nova triangulação, quando o pai-terapeuta se coloca como absoluto provedor de afetos e sob a promessa de cura ou eliminação da angústia da mãe, na qualidade de criatura demandante até demais a ponto de sua voracidade enviesada se converter em agressão. Dafoe, mesmo ferido, perdoa a esposa em uma clara manifestação de benevolência divina.

Na manhã seguinte, o marido em posição de terapeuta propõe a análise da “pirâmide do medo”, fazendo um desenho hierárquico dos objetos, lugares ou pessoas que provocam mais desconforto na paciente. No topo da pirâmide está o “Éden”, aqui descrito como uma casa no campo, onde o casal passa suas férias. Em todos os itens inferiores da pirâmide, estão relacionadas a casa: terra, grama, mato, natureza. O marido propõe que o casal viaje até o Éden para que a paciente seja exposta aos seus piores medos e possa experimentá-los e enfrentá-los com a devida supervisão. Não está explícito no filme, mas tal estratégia consiste em uma dessensibilização sistemática.

Parte 3: O Éden e o início de um encontro forçado com um falso e imaginário objeto

Terror (Schreck), medo (Furcht) e angústia (Angst) são empregados erroneamente como sinônimos; mas podem se diferenciar de modo claro na sua relação com o perigo. “Angústia” designa um estado como de expectativa do perigo e preparação para ele, ainda que seja desconhecido; “medo” requer um determinado objeto, ante o qual nos amedrontamos; o “terror” se denomina o estado em que ficamos ao correr um perigo sem estarmos para ele preparados, enfatiza o fator da surpresa. (FREUD, 1920-2010 p. 50)

No trem em direção às montanhas o marido terapeuta propõe exercícios antecipatórios e imaginativos, nos quais a paciente se imagina já caminhando descalça na grama e propõe a visualização e simulação de sua imersão total no verde. Aqui podemos ver novamente o clichê de uma estratégia terapêutica que toma ao pé da letra a ideia, a qual confunde o medo com o terror e a própria angústia.

Simular artificialmente a relação com o objeto explícito do medo e artificializar uma possível aproximação, para o terapeuta servir uma maneira de trazer segurança ao desamparo e eliminar a angústia. Para tanto, Lacan, no ensino de seu primeiro Seminário (1953-2010) lança mão de um esquema ótico para posicionar o sujeito em relação a distintos objetos outros, um outro “MAIOR” e um outro menor. Em ótica, dependendo da posição do objeto, do olho e do espelho, a imagem especular forma-se invertida, atrás da retina, em algum ponto médio, atrás do espelho ou mesmo no infinito.

Podemos pensar metaforicamente que o que Dafoe faz é substituir o espelho por um projetor cinematográfico, o qual exhibe um documentário pedagógico e coloca a paciente na postura de um espectador dependente daquilo que a tela exhibe, ao passo que, para Lacan, é a própria dualidade especular que produz os objetos imaginários.

Enquanto escalam as montanhas no caminho para o Éden³, a esposa sente desconforto, medo de cruzar pontes e a sensação de os pés queimarem na grama. Ambos chegam ao Éden, uma choupana isolada no meio dos carvalhos e sem luz elétrica ou quaisquer outros tipos de tecnologia humana, fora um galpão de ferramentas.

³ É importante aqui fazer uma menção ao uso da palavra Éden, o jardim bíblico primordial onde o homem e a mulher eram donos de tudo, não havia pecado, trabalho, linguagem, dor, sofrimento, o próprio útero de algo que, após a sua profanação, produziu a humanidade e seu eterno desejar. Adão e Eva viviam imersos em uma substância gozante impossível e simbiótica com Deus até a primeira desobediência estruturante. Lembremos que Deus se olhava em um espelho quando imaginou o paraíso. Com a experiência do fruto proibido está inaugurado o desejo e a demanda pelo simbólico.

No Éden há a revelação de que, no mesmo momento em que o pai-marido-terapeuta trabalhava na cidade, a mãe-paciente e o filho passaram um ano sabático na choupana para que ela pudesse escrever sua tese de doutorado em Antropologia, cujo tema de pesquisa seria *Gynocídio*, o extermínio de mulheres queimadas na fogueira pela inquisição. Nesse meio tempo, a mulher encontra uma carta que o marido havia escondido no casaco, contendo o laudo da autópsia da criança, que mostra na radiografia uma pequena anomalia nos pés. Durante a noite o marido tem dificuldades para dormir, pois as sementes dos carvalhos caem sob o telhado da choupana. O barulho é ensurdecedor. O casal faz sexo e, no dia seguinte, o método de dessensibilização sistemática prossegue com exercícios administrados para que a paciente perca o medo de pisar na grama.

Então, em uma manhã, a paciente acorda e mostra que já consegue pisar na grama e que perdeu o medo do Éden. O marido relata que teve um sonho com as sementes dos carvalhos caindo, mas logo em seguida diz que os sonhos não têm muito sentido, e a esposa-paciente complementa dizendo "Freud está morto". Aparentemente estava "curada" de sua síndrome do pânico.

Algumas horas depois o marido caminha no mato e tem uma visão que perturba as percepções diegéticas e extra diegéticas do espectador, que passa a se confundir entre os delírios do personagem e a realidade suposta da história: em um arbusto, uma raposa come o próprio estômago e fala "o caos reina".

Parte 4: "As mulheres são a igreja de satã" e o terrível encontro com o objeto

Durante um jantar, o marido terapeuta e a esposa-paciente discutem a congruência dos achados da sua tese. Algumas horas antes o marido encontra os materiais de pesquisa dela e suas anotações, repletas de imagens de mulheres mortas, sendo queimadas e frases enigmáticas como "as mulheres são a igreja de Satã" ou "as mulheres são a natureza" ou "as mulheres

são o anticristo”. Há uma referência a uma constelação de estrelas desconhecida “os três mendigos” (pedintes). Ele também encontra uma série de fotos “polaroid” do filho tiradas pela mulher.

A tese da esposa é que as mulheres são a natureza e que a natureza é o mal. O marido desdenha essa premissa como se acusasse a esposa de inverter a posição feminista, ambos começam uma discussão e há uma série de *flashbacks* de fotos da criança com foco nos pés e no fato de ela calçar as botas invertidas, o que seria feito pela mãe. Também a mãe tem *flashbacks* que revelam que, à medida que experimentava o orgasmo, assistia ao filho caminhar até a janela e pular.

Parte 5: O terror do clímax

Neste momento há um intenso surto de agressividade, no qual a mulher passa a acusar o marido de querer abandoná-la. Ela parte para a agressão física e paradoxalmente a querer sexo, a ponto de derrubá-lo e em seguida arremessar uma pedra em seu pênis, o que o faz desmaiar. O membro está ereto e ela o masturba até ejacular sangue (em close). Ela pega uma tesoura e corta o próprio clitóris (em close). A mulher introduz uma pedra de amolar na perna do marido, corre para a floresta e masturba-se com agressividade. Ele acorda e foge, retornando ao galpão de ferramentas, onde consegue achar um alicate de remover a pedra. Três animais entram na cabana, os três mendigos: medo, dor e desespero. A mulher diz que quando os três pedintes chegarem, alguém iria morrer. Ela o ataca com uma tesoura e ele consegue dominá-la e sufocá-la até a morte. Ele, que questionava sua tese, finda por matá-la e a queima em uma fogueira.

Parte 6: E o texto termina

A angústia é a única tradução subjetiva daquilo que é a busca deste objeto. É preciso aqui fazer uma referência importante a nova proposta de tradução da editora L&PM para a obra de Freud *Hemmung, Symptom und Angst* (Inibição,

sintoma e medo). A palavra medo aqui pode provocar estranhamento a todos os acostumados com a palavra angústia, mas pensamos que expressa, com tintas contemporâneas, o sentimento transmitido por Lars Von Trier em sua narrativa *O Anticristo* é um filme sobre o medo. O medo de gozar, de viver, de amar e transmitir. De onde vem o medo gerador do recalçamento e do sintoma, como o prazer vira desprazer, interroga-se Freud (1926-2016), com a terrível hipótese: o medo é um sentimento primordial.

O filme explicita as diferentes posições do sujeito frente ao medo: inicialmente vemos uma mãe que perde seu filho e desenvolve sintomas da síndrome do pânico, posicionando-se como vítima e doente, amparada pelo marido terapeuta. O tratamento constitui uma tentativa de amparo, de provimento de estímulos externos para a redução da dor e da ansiedade por um objeto perdido. O tratamento encontra seu “sucesso” ao posicionar aquela “pessoa” “indivíduo” ou “mãe” amorosa como alguém capaz de extirpar sua própria dor. A dor do medo.

Porém, uma mulher-sujeito, como diria Lacan, não é uma “Mulher”. A personagem do filme é mãe, antropóloga, bruxa, assassina, louca. Tudo aquilo que ela teme, ela deseja, Ela calça as botas invertidas no filho e é esta anomalia que faz com que ele tropece e caia da janela, sob o seu olhar de gozo e satisfação. A mulher-paciente se reconhece como o mal visceral, como a natureza que mata milhões de sementes para que nasça apenas UM carvalho.

A mulher dentro dela se recusa a ser mãe, a morte do filho representa não o objeto de medo, do qual ela quer fugir, e sim o terrível encontro com seu objeto de desejo. O filme de Lars Von Trier provoca no espectador o desamparo e a sensação de pesadelo.

Não há pesadelo pior, mais angustiante e desesperante para o sujeito do que estar na posição de encontro com seu objeto de desejo. Mas quem não?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil**. (O homem dos Lobos) Além do princípio do prazer. São Paulo, Companhia das Letras, 1920-2010.

_____. **Inibição, sintoma e medo**. Porto Alegre, L&PM, 1926-2016.

LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo, Martins Fontes 2001

LACAN, Jacques. **O seminário livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1962-3, 2010

ZIZEK, S. **Vivendo no fim dos tempos**. São Paulo Boitempo, 2010

_____. **Visão em paralaxe**. São Paulo, Boitempo, 2012

.....

.....

20. INTERFACES QUE NÃO SÃO MOLES

Luís Carlos Petry*
Rudá Ricci**

A ideia de escrever um texto de posfácio, para o livro *Interfaces: as ciências sociais e os textos de Sigmund Freud*, a convite de seu autor (organizador) – o psicanalista, professor e pesquisador, Fabio Dal Molin – produz a abertura de uma série de pensamentos reflexivos, os quais incidem sobre os diversos olhares que vivemos e que contemplamos sobre a nossa atual realidade e conjuntura sociopolítica. Este texto reflete a troca e debate de ideias com o Cientista Social, Rudá Ricci, o qual produziu a parte referente aos direitos da cidadania.

A atual conjuntura, na qual vivemos nos Brasil, desde a primeira década do século XXI, tem se mostrado peculiar, em vários aspectos. Após a chamada Constituição cidadã, vimos um crescente avanço nas garantias dos direitos e deveres que realizavam um incremento no estatuto de cidadania (conceito ao qual retornarei no final do texto) e humanismo na sociedade

* Filósofo, psicanalista e topólogo. Doutor em Semiótica pela PUC-SP (2003). Professor emérito pela PUC-SP. Atualmente leciona cursos on-line sobre topologia psicanalítica e teoria freudiana para a TOPOS Publicações. Participa dos movimentos democráticos Intelectuais & Democracia, Unidade na Diversidade e Infameliars

** Cientista Social. Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP (2002). Preside o Instituto Cultiva (MG). Coordena o movimento democrático Unidade na Diversidade e participa como especialista em sociologia política do Canal DCM, Diário do Centro do Mundo, no YouTube. É coordenador da Articulação Brasileira pelo Pacto Educativo Global (ABPEG), liderado mundialmente pelo Papa Francisco.

brasileira. Transformadas em políticas públicas (sociais). Vimos o nascimento do SUS (Sistema Único de Saúde), do ECA (Estatuto da Criança e Adolescente), do alargamento da seguridade social com programas nacionais, como Bolsa Família, Bolsa Escola etc.

No campo das relações intersubjetivas, tivemos o casamento homoafetivo em 2011, no qual seres humanos de mesmo sexo podem se casar e constituir uma família reconhecida pelo Estado, com todos os direitos que vigoravam, até então, para as famílias formadas por casamentos heterossexuais.

Ainda mais, vimos um programa de cotas surgir no Brasil, a chamada lei de cotas, um instrumento que foi criado pelo Governo Federal, em 2012, o qual possibilitou que estudantes de escolas públicas, de baixa renda, negros, pardos e indígenas (PPI) e pessoas com deficiência (PcD) pudessem ingressar no Ensino Superior, dentre outros.

Esse programa de quotas foi responsável pelo aumento de estudantes negros na universidade particular e, inclusive, na universidade pública, a qual tradicionalmente era majoritariamente frequentada pela classe média e a elite econômica brasileira. Realmente, foram grandes conquistas para a cidadania, em um país com uma história de tantas desigualdades.

Gostaria de me deter aqui nesta última conquista, a das cotas. Tradicionalmente, a universidade pública, a qual deveria ser destinada a todos, devido ao sistema de seleção do vestibular, pautado pela ideia da meritocracia, historicamente esteve a serviço da elite dominante. Com o sistema de cotas para as Universidades o panorama se alterou, inicialmente de forma sutil, mas progressivamente, de forma efetiva, com uma nova geração de universitários que provinham das camadas menos favorecidas da sociedade brasileira.

Como professor na PUC-SP, trabalhei de 2001 a 2019 em programas internos de fomento educacional, como por exemplo, o Projeto PINDORAMA, o qual reservava vagas e bolsas de estudos para as populações indígenas, projeto este que existe há décadas na PUC-SP e é uma das consequências da mestría nesta universidade, do educador Paulo Freire.

Acompanhando o desenrolar, como professor universitário e como cidadão de todos estes desenvolvimentos aqui citados, tive a oportunidade de vivenciar a alegria da cidadania democrática, na esperança de uma sociedade mais igualitária, democrática, e na visada de um real desenvolvimento econômico e social. Por outro lado, em momentos nos quais esperava tais conquistas serem celebradas, junto a colegas, tanto em universidades públicas como privadas era, às vezes, tomado de surpresa por pontos de vistas de colegas que se opunham, por exemplo, ao sistema de cotas. Nestes momentos encontrava os mais diversos argumentos de colegas, os quais eram professores notórios, pesquisadores de excelência comprovada.

A ideia de que a entrada de alunos pelo sistema de quotas faria cair a qualidade do ensino nos cursos de graduação foi o primeiro dos argumentos que encontrei nesse périplo. Ele finalmente caiu por terra, quando começaram a aparecer os dados de pesquisas que mostravam que os alunos oriundos das quotas e do ENEM se destacavam em empenho e notas, rivalizando com os filhos da burguesia, isso dentro de um sistema de ensino conteudista e meritocrático, que privilegia a memória em detrimento do diálogo e pensamento, é claro, com notórias exceções pelo Brasil afora.

A questão é muito complexa e certamente não conseguiremos a deslindar em um pequeno texto. Mas uma coisa começou, ao menos para mim, se evidenciar de forma cada vez mais clara, e se tornou evidente a partir dos anos que vão de 2019-2021. Eu a percebia que, toda vez que um argumento de reserva ou contra o sistema de quotas era enunciado por um colega, o signo do elitismo e desprezo pelos menos favorecidos social e economicamente era acompanhado por uma certa dose de ressentimento, duas importantes características apontadas por Theodor Adorno e por Umberto Eco, como signos ideológicos de um pensamento autoritário e fascista, aspecto que me conduz ao meu próximo ponto, ou seja, os aspectos intrínsecos, em cada um de nós, de núcleos ideológicos que em nós agem sub-repticiamente e que tem a sua origem em formações e complexos inconscientes.

Assim, revestidos de argumentações os posicionamentos me conduziam a pensar, tomado por uma característica perplexidade, sobre a nossa condição dentro da brasilidade, como gostaria talvez de dizer, o saudoso Darci Ribeiro.

Via de regra, aprendemos que o humano forma a sua consciência moral e ética em seu desenvolvimento social, comunitário e educacional. Em um texto famoso, Kant chamou a isso de processo de esclarecimento. Ora, uma pessoa esclarecida poderia ser entendida como alguém que toma decisões baseadas em argumentos racionais e que o realiza de forma livre. O texto de Kant é brilhante e advoga a livre opção de escolha da fé religiosa, dentro de um debate que clamava pelo recrudescimento e a intolerância. Católicos, Luteranos e protestantes deveriam poder conviver em paz, em suas livres disposições racionais, afetivas e de fé, uns ao lado dos outros, fraternamente. A mensagem racional de Kant fala em favor da tolerância, do amor e da coabitação entre as gentes. O texto de Kant se constitui em um belo esforço no sentido da construção de uma mente racional que caminha na direção da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Tudo seria maravilhoso se o homem fosse somente habitado por uma consciência racional que pudesse, cada vez mais, ser ampliada. Mas, infelizmente, esta é metade da história. Exatamente após 52 anos da morte de Kant, nasce um outro pensador que nos indicará a outra metade da história. Seu nome é Sigmund Freud.

Freud nos mostrou que todo nosso comportamento consciente e racional é construído sob uma base não consciente e não racional, a qual ele chamou de inconsciente e que é formada, entre outras coisas, por pulsões, moções e desejos. Freud nos mostrou que todas as nossas ações conscientes, desde a escolha casual de nomes e números, até as ideais mais organizadas e desenvolvidas, possuem, além de uma estrutura racional, uma base inconsciente, ligada a pulsões e desejos que se formam em nossa primeira infância, nas relações afetivas com nossos pais e nosso convívio familiar, inicialmente, e social posteriormente. Dito desse modo, o trazido

por Freud parece ter os ares de uma psicologia social que organiza as relações humanas em sociedade.

Mas Freud parte do estudo do sujeito individual e descobre que o que acontece em sua história de formação psíquica, sua ontogênese, durante a primeira instância, afeta, não somente a sua vida adulta e o seu modo ético, social e ideológico de pensar, mas também o de seu grupo social e comunitário, mas finalmente, o de sua sociedade como um todo.

Se inicialmente a interação entre a psicanálise de Freud e as ciências sociais tinha sido mínima ou mesmo pífia, cerca de trinta anos de pesquisa conduz ao psicanalista vienense a se aproximar dos contextos formativos das estruturas sociais. Freud estabelecerá uma direta relação entre os processos de identificação e escolha de objeto amoroso-erótico, na primeira infância, com a formação dos grupos ou massas e a identificação que temos com nossos chefes, líderes. Ele irá mostrar que existe uma direta relação com o apaixonamento e a escolha de líderes aos quais seguimos e admiramos, muitas vezes de modo ardoroso e cego, tal como o enamoramento, nos quais os apaixonados somente veem virtudes e beleza no objeto de seu amor.

Freud fará isso em um livro publicado em 1920, que possui um título que combina ciências sociais e psicanálise, *A psicologia das massas e análise do Eu*. Em linhas gerais, a formação de ideias (ideologias) que formam o ideário social e político dos adultos seriam construídas na base da formação de uma psique infantil, exatamente com os mesmos processos e mecanismos que são responsáveis pela formação de atos falhos, sintomas e neuroses. Para Freud, tanto o ser individual e social é um ser animado por uma psique inconsciente e pulsional. Não me estenderei neste processo descrito por Freud em um livro, no qual os textos dos colegas psicanalistas que me antecedem aqui nas páginas, cobrem de modo exemplar a paisagem da obra freud lacaniana e suas conexões com a interface entre psicanálise e ciências sociais. Sendo assim, a partir do colocado de modo exemplar por eles, gostaria de seguir em uma linha reflexiva que procurará pensar alguns

pontos de conexões entre as ciências do homem e a psicanálise, situados em nossa brasileira realidade atual.

Ora, desde a publicação deste texto, as interações entre a psicanálise e as ciências sociais, a teoria sociológica e a teoria políticas cresceram em gênero e número. Mas aqui, gostaria de destacar duas grandes e fecundas interações diretas e uma indireta. Elas estão figuradas nos trabalhos de Wilhelm Reich e Theodor Adorno, isto de forma direta e extensiva e, pelo pensamento semiótico de Umberto Eco, de forma indireta.

A primeira, realizada pelo psicanalista Wilhelm Reich, que publicou em 1933, o livro *Psicologia das massas do fascismo*. Nesse livro Reich sustenta que o modelo de educação sexual repressivo em nossa sociedade Ocidental tende a transformar as crianças em adultos tímidos, obedientes, não reflexivos e afeitos ao medo e seguimento de personalidades autoritárias. A máxima que representa isso é: “quem tem juízo obedece”. Do ponto de vista das massas, seguindo o terceiro modelo de identificação em Freud, que podemos situar como solidária, o sujeito reprimido de Reich comporia uma massa que seguiria, preferencialmente ao líder brutal, autoritário e repressivo. Muito do fenômeno populista e seus líderes autoritários, na América Latina passaria por este esquema reichiano.

O programa de trabalho de Reich resultou em um programa educacional berlinense centrado na conjunção entre a psicanálise e a teoria marxista, em dois textos. O primeiro, em colaboração com Vera Schmidt, intitulado, Elementos de uma pedagogia antiautoritária, publicado como documentos da década de 1920, que faziam parte de materiais do Conselho Central dos Jardins de Infância Socialistas de Berlin e, o segundo, o livro *Crianças do futuro: sobre a prevenção da patologia sexual* (1987). Nestes documentos, Reich defende um ponto de vista semelhante ao de Freud, quando no Pequeno Hans, reflete sobre as possibilidades positivas da psicanálise para a educação de crianças. A questão é que Reich, principalmente, na *Psicologia das massas do fascismo*, mostra as incidências ideológicas de uma educação sexual repressiva, o que assustou a todos, inclusive aos psicanalistas. Foi dessa forma que a proposta

de Reich foi atacada por todos os lados. O partido comunista, devido ao fato dele colocar Stalin como um líder fascista, o expulsou do partido. Do lado da sociedade psicanalítica, ele foi igualmente defenestrado, apesar dos esforços de Otto Fenichel, que era marxista, de protegê-lo.

O segundo trabalho foi desenvolvido pelo filósofo e psicólogo, Theodor Adorno, principalmente a partir dos anos 1950 até o final de sua vida, o qual dedicado a formação, diagnóstico e combate ao autoritarismo e suas vertentes fascista e nazista, igualmente como anteriormente Reich, o organizando a partir do pensamento de Freud, principalmente, a partir d'*A psicologia das massas e análise do Eu*.

A Tese (1924) de Adorno foi sobre fenomenologia husserliana: A transcendência do objeto e do noemático na fenomenologia de Husserl. Logo depois, em sua Tese de habilitação docente (1924), intitulada *O conceito de inconsciente na teoria transcendental do entendimento*, Adorno defende uma redescrição do pensamento de Kant (entre a estética e a ética transcendentais) que poderia ser desenvolvido a partir do conceito freudiano de inconsciente.

Junto com Max Horkheimer, coordenou o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, a chamada escola de Frankfurt, que compreendeu, entre outros, os pensadores: Walter Benjamin, Erich Fromm, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas, somente para citar alguns notáveis. A Escola de Frankfurt desenvolveu um programa temático que incluía repensar as teorias de importantes pensadores, visando uma teoria que levasse em conta a ideia de esclarecimento e os elementos inconscientes do humano (irracionais) – entre eles: Kant, Hegel, Marx. Freud, Lukács e Weber.

O trabalho de Adorno pode ser dividido em duas grandes áreas. A primeira delas, os seus estudos-pesquisa com Horkheimer, acerca da personalidade autoritária e, a segunda, centrada nos seus textos que relacionam a sociologia, a psicologia social e a psicanálise.

Inicialmente sete características foram elencadas por ele para a personalidade autoritária. Em primeiro, uma lealdade

cega a determinados valores, costumes e ideias, nos quais os valores adequados, morais e aceitáveis são aqueles que o sujeito tem e, em contrapartida, os dos demais, caso diversos, sejam vistos como o resultado da corrupção moral. Geralmente o signo da família é evocada ardorosamente, mas quando se busca verificar o que seja o conceito de família, ele se resume ao que o próprio sujeito pensa, sem a possibilidade de participação dos demais sujeitos. Em segundo, um etnocentrismo que considera que tudo o que é seu (ideias e moral) é melhor e mais adequado que o dos demais. Em terceiro, a continuada vivência dentro de uma cultura do medo que tem características nacionalistas e xenofóbicas, resultando que os estrangeiros e os imigrantes são considerados um perigo para a sua vida, o país etc. Em quarto, a continuada exaltação de suas conquistas em detrimento do reconhecimento das conquistas do outro, do semelhante, em uma retinta inveja. Em quinto lugar, a continuada tentativa do estabelecimento de uma liderança do tipo agressiva, na qual seus interesses egóicos sempre estão em primeiro plano e apresentando a ausência de empatia e solidariedade. Em sexto, a renitente presença de preconceitos e pensamentos rígidos, ainda que tenhamos contato primeiramente com a rigidez do pensamento, que tem por finalidade assegurar os preconceitos, os quais se colocam como um anteparo a toda e qualquer mudança e avanço nos costumes e sociedade. Finalmente, em sétimo, a presença de raciocínios simplistas e tautológicos, os quais tendem a serem construídos com a finalidade não consciente de assegurar os valores, a egomania, o etnocentrismo, a defesa frente ao medo do outro e a diferença etc.

Em 1951, nos EUA, Adorno publica o texto: *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, presente na coletânea dos Ensaios sobre *Psicologia social e Psicanálise* (2015), uma coletânea de artigos organizada no Brasil pela editora UNESP. Neste texto, Adorno retoma o pensamento de Freud, presente na Psicologia das massas, com a finalidade de compreender o modo de pensamento que está em ação no mecanismo psíquico fascista. Não é exagerado dizer que a abordagem de Adorno é freudianamente coerente neste e nos demais ensaios.

Nele o pensador escreve: “Não é exagero se dissermos que Freud, apesar de seu pouco interesse pela dimensão política do problema, claramente antecipou o surgimento e a natureza dos movimentos de massa fascistas em categorias puramente psicológicas” (Adorno, 1951, p. 157).

Em sua abordagem crítica, Adorno apresenta um percurso de sua interação e influência diante da psicanálise de Freud. No capítulo, *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, Adorno enfatiza o papel desempenhado pelo vínculo libidinal na formação do sujeito adulto e sua participação nos fenômenos de massa. Como se diz no ditado popular: cada um no seu quadrado. As configurações das modalidades dos vínculos eróticos e as correspondentes identificações formam a base sob a qual, cada um de nós, se identificará com este ou aquele modelo de interação social, valores e as correspondentes escolhas de seus representantes (líderes). Assim, ainda que os indivíduos autoritários, aos olhos do senso comum, podem não parecer mais neuróticos que os seus semelhantes, eles possuem características que são peculiares, como as que foram referidas acima e que foram, inclusive, igualmente descritas por Paulo Freire, na modalidade da personalidade opressora, no livro, *Pedagogia do Oprimido*.

Temos de considerar que, como já dito, ainda que Freud não tenha olhado para os fenômenos e mudanças sociais, os conceitos que ele desenvolve sobre a psicologia das massas indicam as tendências históricas e os conceitos-guia utilizados por Adorno. É nesse sentido que Adorno considera que a abordagem freudiana, igualmente se encontra no campo da sociologia. As massas não são um fenômeno biológico (instintivo), mas sim uma formação psíquica [volátil] que necessita da participação de cada um dos indivíduos (individualmente), a fim de formar um todo dinâmico e mutável.

Dessa forma, ele chega à conclusão de que, geralmente, os membros de uma massa são: indivíduos; membros de uma sociedade neoliberal, competitiva e individualista; que são incentivados a se manterem como unidades independentes e autossustentadas (os empreendedores – os inovadores –

os uberistas); e que são continuamente advertidos para serem robustos contra a rendição (resilientes). Nesse sentido, Adorno nos diz que Freud encontra nestes indivíduos a força psíquica que os transforma em membros de uma massa (cega) que segue um líder provisório e autoritário. Vide a migração de parte da base bolsonarista para a especulação frenética de uma possível terceira via.

Sobre o vínculo erótico entre os membros de uma massa, Adorno nos diz, se referindo a Freud, que: “se os indivíduos no grupo se combinam em uma unidade [massa], certamente deve haver algo que os une, e este vínculo poderia ser precisamente o que é característico de um grupo” (FREUD apud ADORNO, 1951, p.159).

Temos aqui o problema fundamental: o líder fascista precisa apresentar este “algo” para cada um dos indivíduos [isoladamente], a fim de que possa arregimentar milhões para seus objetivos incompatíveis com seus próprios auto interesses racionais.

Para atingir esta meta ele precisa produzir artificialmente o vínculo entre cada um e ele, e entre os indivíduos, posteriormente, que Freud indica: a estrutura do vínculo de um a um dentro de uma massa, possui características e uma natureza libidinais. Verticalmente, na identificação com um ou mais traços apresentados pelo líder e, horizontalmente, de forma solidária (ainda que na base competitiva), entre os membros da massa, no trânsito deslocado de seus desejos.

Assim, a estrutura ou mecanismo da formação de uma massa fascista combina aspectos fundamentais: inicialmente, ao entrar em uma massa o indivíduo atualiza e anula recalques que estão fundamentados em pulsões inconscientes e que ele geralmente desconhece; através delas (as pulsões recalçadas) ele pode desempenhar moções contraditórias, as quais não realizaria solitariamente (como, p. ex. a dona de casa [classe média] que hostiliza os artistas comunistas na rua nas manifestações fascistas do 7 de setembro de 2021); facilmente o indivíduo na massa se envolve em ações dramáticas de antagonismo que podem resultar em conflito, violência e destrutividade; uma massa sempre apresenta um vínculo não-sexual (que é inibido

em seus fins na pulsão sexual-erótica), isto na identificação solidária dos membros da massa.

Na organização de uma massa fascista temos ainda a completa presença da referência ao amor em sua substituição pelo ódio ao outro, fora do círculo. Nesse caso, o amor é substituído pela aversão e ódio ao adversário que é demonizado (no qual temos o clichê ou bordão: tudo menos o PT e/ou comunismo).

A conclusão de Adorno é que a massa fascista dramatiza uma revivescência das pulsões arcaicas da civilização (ADORNO, 1951, p. 162).

Com isso, a estrutura ou mecanismo da formação de uma massa fascista combina aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, na organização de uma massa fascista temos ainda a completa exclusão da referência ao amor. Em segundo lugar, o amor é substituído pela aversão e ódio ao adversário que é demonizado, que foi o caso da demonização do PT e o ódio aos comunistas.

Ao analisar o caso de Hitler, Adorno nos diz que este recusou o papel tradicional do Pai Amoroso e o substituiu integralmente pelo seu negativo: a autoridade ameaçadora que é fundada no ódio. O ditado popular, inspirado em Maquiavel, diz que quem é amado é traído, mas quem é temido, é respeitado. No caso de Hitler, o Amor é transferido para a noção abstrata de Alemanha e acompanhado do epíteto de fanático. Um tipo de amor [ódio] que produz um círculo de hostilidade contra todos aqueles que estão topologicamente fora dele: os não-alemães (os não eleitos racialmente, como não puros).

Em contrapartida, olhando para o fenômeno de massa do populismo no Brasil, Getúlio buscou assumir a imagem do Pai [amoroso] dos pobres, buscando recuperar, de um modo moreno, o amor excluído da perspectiva fascista.

Como que antecipando o fenômeno de massa pentecostal, Adorno coloca: «quanto menos uma ideia objetiva, tal como a salvação religiosa, desempenha um papel na formação de massas, e quanto mais a manipulação de massas se torna o único fim, tanto mais o amor completamente não inibido precisa ser recalçado e transformado em obediência» (ADORNO, 1951,

p. 163). Esta perspectiva nos alerta para um Estado controlado pela fé, mediado pelo capital acumulado, daí a lógica do dízimo como lucro derivado do esforço individual e meritocrático. Nesse sentido, Adorno já nos alertava para a transformação das igrejas em currais eleitorais, com a demonização da esquerda, se transforma em um solo fértil para a produção de massas fascistas, no qual a filosofia do amor cristão é substituído pela meritocracia da ideologia fascista de cunho religioso em um campo em que há pouco espaço para o amor e a solidariedade.

Neste ponto da exclusão do amor na ação de crescimento do líder, temos uma dinâmica sequencial:

1. O líder autoritário fascista inicialmente tem de lidar, não com grandes massas, mas com multidões ocasionais com as quais entra em contato;
2. Mas entrando em contato com os microgrupos ocasionais [TV] ele tem de passar a impressão de que são muitos e que são homoganeamente organizados;
3. Progressivamente, exposto aos canais de comunicação de massa ele vai arrematando mais e menores grupos que antes estavam dispersos.

O que nos conduz aos anos de Bolsonaro no legislativo que propiciaram esta dinâmica de crescimento surdo e lento. Nesse sentido:

- A. O processo pode levar anos e depende do acesso e exposição aos meios de comunicação de massa – mesclando elementos da Sociedade do Espetáculo;
- B. As comunicações (manifestos) devem ser diretas e afetivamente serem chocantes, como no caso do Brilhante Ustra, a tortura e o assentimento do uso de armas pelos homens de bem;
- C. É necessário eleger um adversário real e/ou imaginário e distorcer o adversário nas comunicações, a tal ponto que ele se torne demonizado;
- D. Deve comunicar a ideia de uma organização homogênea – mesmo que ela jamais exista.

Assim, em todas as falas fascistas, o fundo inconsciente de uma mensagem de ódio deve estar presente, seja no ataque, no ressentimento etc., o que alimenta a massa com um ideário específico, sempre no avesso do amor. Como vimos, no fascismo o amor recalçado e excluído é transformado em obediência e seguimento do líder.

O padrão libidinal do fascismo e de toda a técnica dos demagogos fascistas é autoritário – seguindo a lógica da divisão em cercadinhos: apoiadores versus os agredidos (imprensa). Os seguidores são submetidos a uma regressão psíquica brutal, sendo infantilizados. Assim, a posição dos seguidores é frágil, podendo servir de alvo de *bullying*. Nesse processo de regressão os seguidores da massa se reduzem a meros membros do grupo (coisas e são facilmente dispensáveis – gado). Enquanto isso, o líder correspondentemente assume a posição do Pai temido (Mito) e que oprime o Eu. Os sujeitos individuais são situados no plano do cenário do hipnotizado (no qual o líder assume o lugar do Ideal do Eu). Ao mesmo tempo o líder fascista se coloca como objeto erótico e modelo de Identificação.

Para se entender a extrema situação de submissão do sujeito na massa, é importante ver que o sujeito da massa fascista fracassou no desenvolvimento de uma consciência autônoma. Seu Eu permanece afetivamente em um estágio de desenvolvimento de dependência / revolta. Como não consegue formar um Ideal do Eu autônomo precisa da autoridade externa que refere os seus sentimentos e moções [ressentimentos], os quais se organizam por preconceitos e a crença em valores convencionais. Nesse caminho ele tem dificuldades de tomar decisões e tende a julgar que o que está sendo feito [pelo líder] é tomado como certo, como o correto.

Dessa forma, quando questionado, o sujeito identificado com o líder fascista responde geralmente: «avalio o que está certo pelo certo e, errado, pelo errado», Cf. pesquisas de Adorno na década de 50 nos EUA e minhas próprias coletas junto a conhecidos que parcialmente habitam a nebulosa do ideário fascista. Ou seja: jamais avalia global e racionalmente, massamente

por ações individuais. Dessa forma, o vínculo com o líder fascista é do tipo anaclítico (de dependência infantil).

Dada esta breve conceituação do tema em Adorno, gostaria de seguir em frente e trazer a abordagem do semiótico Roland Barthes sobre o que representam o nazismo e o fascismo como entidades discursivas. Assim, será em seu livro *A aula* (1977), que Barthes apresenta uma diferenciação muito peculiar e clara entre as ideologias nazista e fascista, baseada no conceito de discurso. Segundo o semiótico, o discurso fascista tem como parâmetro a tortura (ou o hipnotizador), no qual o sujeito é levado pela tortura ou hipnose a dizer o que é desejado pelo condutor – seu modelo é a conversão. Dessa forma, o fascismo possui uma estrutura conversiva e persuasiva. Ele obriga ao sujeito a aderir a ele, caso deseje continuar subsistindo. Resta ao submetido replicar a voz do líder. O modo de ser do fascismo transforma o Sujeito individual da massa em um porta-voz de seu próprio discurso e os modelos são as escolas militares e as forças armadas de qualquer tipo, os internatos, os aparatos de tortura e investigação, as igrejas, as famílias machistas nas quais a mulher não tem outro lugar do que o da submissão. A regra é que toda diferença será dirimida pela repressão seguida da conversão. Continuando sua reflexão, Barthes coloca que, por outro lado, o discurso nazista não possui qualquer interesse na enunciação do Sujeito e, em sua conversão. Se o fascismo é um discurso que se estende para fora do grupo, o nazismo é um discurso intragrupo, ou melhor, um discurso centrado em um conceito de raça e opera dentro dele, na exclusão de todos os demais que fora dele se encontram. Assim, o outro, o fora do círculo nazista (racial) é considerado um degenerado e deve ser destruído. O nazismo é eugênico. Ora, é neste caminho que o nazista promove continuamente uma higienização do discurso – sua meta é a eliminação de toda a diferença discursiva possível – o que resultou, durante a Segunda Grande Guerra, nas câmeras de extermínio. Assim, na diferença do fascismo que é um sistema de conversão, o submetido no nazismo deve ser eliminado. A regra aqui é que toda diferença resulta na eliminação eugênica

do diverso. Somente deve existir a mesmidade e todos devem formar uma unidade.

Alcançar definições palpáveis e inteligíveis dos modos de ser das ideologias fascista e nazista atualmente é uma das tarefas vitais, pois permite nos movimentarmos no cenário brasileiro atual e encararmos a sua complexidade, como no meu exemplo citado das posições de professores universitários acerca das quotas raciais.

No seguimento da psicanálise, da teoria crítica e da psicanálise, chegamos em Umberto Eco (2020), semiótico que sugere que existem diferenças estruturais entre o nazismo e o fascismo que são percebidas do ponto de vista das ideias (ideologia). Tais diferenças descrevem uma “desconjura ordenada, ou seja, uma confusão estruturada”. A reflexão sobre o tema, conduz o Semiótico a uma tese: enquanto o nazismo é monolítico – ateísta e pagão – ele não permite nenhuma permutação; por outro lado os aspectos multifacetados do fascismo o conduzem a uma difusão fragmentária da ideologia o que o incita a uma permanente permutação.

Assim, ainda que ambas as ideologias sejam totalitárias e autoritárias, o fascismo apresentaria uma versão de um totalitarismo *fuzzy*, no qual se sobressai os aspectos de ser impreciso, desfocado e deslocado. De acordo com Eco, o fascismo se estrutura como uma estrutura em puzzle (mosaico composto de partes que se encaixam nem sempre adequadamente) na qual temos uma colagem de diferentes ideias políticas e filosóficas que se apresentam como um mosaico de contradições. Mas em sua versatilidade plástica e caótica, o fascismo é capaz de importar procedimentos e processos particulares do nazismo, os reescrevendo e os executando sempre de modo diversamente estruturado e, muitas vezes, contraditórios. Será dessa forma que, no campo da Ideologia, uma ideologia *fuzzy* como o fascismo, indica a formação uma ideologia formada por peças de ideias independentes, contraditórias e que podem se combinar em jogos de linguagem ideológicos (em um jogo de puzzles),

mutáveis e, novamente, contraditórios, nos quais temos alguns ou vários componentes presentes no puzzle.

Com isso, o semiótico nos coloca que, no Século XX, tivemos somente um nazismo e todas as demais derivações, mesmo que incorporem aspectos do nazismo, são consideradas por ele como ideologias fascistas. Ora, isso implica que temos versões de fascismos que são adaptáveis e maleáveis. É nesse ponto, na mutabilidade, diversidade, aleatoriedade e possibilidade de existência contraditória, é que reside o mecanismo do jogo de linguagem (Wittgenstein) presente nas componentes eidéticas do fascismo. Elas são formas de jogos de linguagem que se organizam por semelhanças de família (Wittgenstein): «Um jogo pode ser ou não competitivo, pode envolver uma ou mais pessoas, pode exigir alguma habilidade particular ou nenhuma, pode envolver dinheiro ou não» (ECO, 2020, p. 40). Em uma linguagem freudiana diríamos, por cadeias associativas, nas quais massivamente tenhamos movimentos de deslocamento, distorção, condensação e figurabilidade, como apresentado por Freud para o funcionamento do inconsciente no Capítulo VI da Interpretação dos sonhos.

É nesse sentido que temos diferentes tipos e modos de fascismos, os quais se que se apresentam no campo histórico, social, religioso, político, econômico etc., os quais podem ser entendidos e estruturados como jogos que se organizam a partir de modos diferentes e com peças (ideias) nem sempre as mesmas. E podemos ilustrar de forma formal esta permutação dos jogos de linguagem fascistas, tomando como parâmetros grupos individuais de ideias que formam matrizes ideológicas.

Suponhamos que venhamos a encontrar quatro grupos de puzzles ideológicos, nominados aqui por grupo 1, grupo 2, grupo 3 e grupo 4, cada qual formado por três ideias. Por exemplo, no grupo 1 teríamos as ideias «abc», no grupo 2, as ideias «bcd» e, no grupo 3, «cde», enquanto, finalmente, no grupo 4, teríamos as ideias «def».

Esta organização dos jogos de linguagem por Eco nos faz constatar que o grupo 1 possui um ou dois elementos (ideias) em comum aos grupos 2 e 3, mas o grupo 1 não possui

nenhum elemento eidético em comum com o grupo 4. Mas o curioso é que a formação do grupo 4 é dado a partir das permutações, que foram desenvolvidas nas passagens entre os grupos de 1 a 3. Aqui reside uma conexão entre a ideia de permutação nos jogos de linguagem e o conceito de deslocamento em Freud.

A proposta aqui estruturada sugere que cada um dos grupos de 1 a 4 poderiam representar agrupamentos político-ideológicos com semelhanças e diferenças entre eles – utilizando aqui o conceito de: «semelhanças de família», os quais estariam, sempre de modo diferenciados e variados, presentes e sujeitos individuais. Isso significa que podemos tomar cada grupo como um indivíduo ou mesmo uma pequena célula de indivíduos, como por exemplo, um agrupamento familiar nuclear.

Tendo organizada esta estrutura semiótica de permutação (deslocamento e condensação), Eco vai se aproximar do trabalho anteriormente por Reich, e principalmente Adorno. É assim que, a partir do pensamento de Adorno e Eco, podemos organizar uma matriz de quatorze estruturas ideológicas que formam a grande matriz (nebulosa) do pensamento-ideologia fascistas quais formam unidades dinâmicos que compõe jogos de linguagem intercambiáveis, mutáveis, finitos e precários. Estas quatorze estruturas foram desenvolvidas a partir das características delineadas por Adorno que configuram a personalidade autoritária. São elas: o culto da tradição; a recusa da modernidade; o irracionalismo que se manifesta pela exaltação ação pela ação; a ideia de que todo e qualquer desacordo comporta em uma traição; um exacerbado racismo xenofóbico; um profundo e insidioso ressentimento que faz apelo à um classe média frustrada verticalmente; uma tenaz obsessão pela conspiração que tem os ares de uma paranoia e se mescla com uma permanente teoria da conspiração; a sistemática necessidade da eleição de inimigos (fortes & fracos); um exaltado antipacifismo que venera a guerra e a cultura as armas e a sua utilização efetiva; uma renitente crença no elitismo de um Eu imaginário, acompanhado do desprezo pelos fracos, dos oprimidos, os tomando como classes sub-humanas; o culto

ao individualismo e a meritocracia, associada à ideia de que cada um é um herói; uma ativa e pública atitude sexista, resultado da inveja do pênis, a qual se afirma como machismo e homofobia; a prevalência de pensamentos populistas; a formação de léxicos hostis e pobres (sem conteúdo real) que formam uma propaganda geral e que são repetidos pelos indivíduos de forma tenaz e chocante.

Dados essas quatorze estruturas, gostaria de pedir ao leitor a autorização de pensá-las em relação a alguns pontos fragmentários de nossas vivências coletivas nos três últimos anos, de 2019 até agora. Irei apresentar frases de duas personagens do governo que apresentam um ideário fascista, figurados no Presidente Jair Messias Bolsonaro e seu ministro de economia, Paulo Guedes.

O Presidente Jair Messias Bolsonaro, enquanto figura pública e líder do movimento bolsonarista, possui uma longa e histórica lista de frases de cunho fascista que poderiam ser elencadas. Entretanto, irei me concentrar em quatro pontos, três frases e um comportamento de Estado. A primeira é a famosa, reiteradamente repetida, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, a qual traduz a expressão alemã utilizada por Adolf Hitler, “Deutschland über alles”, que tem a tradução em português: “Alemanha acima de tudo”. Na frase de Bolsonaro, ele acrescenta: “Deus acima de todos”, isto para enfatizar um laço religioso. A segunda, inicialmente se dá em 2013, quando deputado federal, Bolsonaro disse à deputada federal Maria do Rosário, em plena Câmara, a seguinte frase: “Jamais iria estuprar você, porque você não merece”. No mesmo momento, o então deputado federal, empurrou a deputada e ameaçou lhe dar uma bofetada. No ano seguinte, em 2014, ele repetiu a ofensa à deputada, dessa vez, em discurso no plenário da Câmara do Deputados. Pela ofensa, o candidato foi condenado pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal a pagar indenização de R\$ 10 mil à Maria do Rosário. Finalmente uma terceira, realizada no final do mês de abril de 2020, quando o Presidente foi questionado no cercadinho por um repórter o que ele tinha a dizer sobre o recorde diário de mortes notificadas naquele dia.

Ao que o presidente respondeu: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Em quarto lugar, é notório conhecimento público, inclusive indicado pelo relatório da CPI da Pandemia, a Presidência da República, na figura de seu Presidente e Ministros, realizaram todos os esforços ao seu alcance para que não houvesse campanha de vacinação pública no Brasil e se adotasse a tese anticientífica da imunidade de rebanho.

No que diz respeito a primeira frase, lembrando o colocado por adorno sobre Hitler, que substitui o amor pelo outro pelo amor generalizado e abstrato colocado na Alemanha. Bolsonaro segue seus passos colocando o Brasil acima de todos, ou seja, em um conjunto topológico, no qual somente ele subsiste e, para além dele, estariam todos os demais povos, nações e pessoas. De acordo com Eco, temos aqui a importação de um expediente do pensamento nazista importado para dentro do Bolsonarismo, com o acréscimo de um referendo religioso, pois diz que Deus está acima de todos. Além da frase de Bolsonaro, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, apresentar uma contradição lógica entre a primeira e a segunda oração ela possui a finalidade de mostrar superioridade e jogar sobre todos os sujeitos fora de sua descrição topológica, a força opressiva de um discurso que deixa subentendida a possibilidade da guerra, como foi flertado no caso Venezuela, o qual não prosperou quando o governo e militares se deram conta da falta de potência armada do Brasil frente a Venezuela.

O caso colocado na segunda frase, “Jamais iria estuprar você, porque você não merece”, dita a deputada federal Maria do Rosário, apresenta o resultado da “atitude ativa e pública sexista, resultado da inveja do pênis, na qual se afirma como machismo”, elemento muito característico e usual de uma mentalidade fascista. Já na terceira frase, “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre», em um modo de tratamento público diante das perdas das famílias diante da pandemia, mostra, ao mesmo tempo, o afastamento do amor e solidariedade da ação efetiva, como «uma renitente crença no elitismo de um Eu imaginário, acompanhado do desprezo

pelos fracos, dos oprimidos, os tomando como classes sub humanas”. Além do mais, ao dizer que se chama Messias (o escolhido), realiza, na forma de uma denegação, apresenta o próprio “culto ao individualismo e a meritocracia, associada à ideia de que cada um é um herói”.

Gostaria de apresentar duas verbalizações de Paulo Guedes, Ministro da economia do Governo de Jair Bolsonaro. A primeira frase famosa, que o notorizou foi dita no dia 02 de janeiro de 2020, Guedes disse, em coletiva do Seminário de Abertura de 2020: “O câmbio não está nervoso, (o câmbio) mudou. Não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada. Pera aí. Vai passear em Foz do Iguaçu, vai passear ali no Nordeste, está cheio de praia bonita. Vai para Cachoeiro do Itapemirim, vai conhecer onde o Roberto Carlos nasceu, vai passear o Brasil, vai conhecer o Brasil. Está cheio de coisa bonita para ver”. A segunda que escolhemos, foi proferida no dia 21 de janeiro de 2020, Guedes disse: “As pessoas destroem o meio ambiente porque precisam comer. Você não tem um meio ambiente limpo porque as soluções não são simples. São complexas”.

A primeira verbalização de Guedes, a qual virou Meme na internet apresenta a clara expressão do ressentimento vertical da elite frustrada de ter de dividir os privilégios e lugares de traslado e turismo com as classes inferiores, tipificadas na “empregada doméstica”. A revolta ressentida da classe média e alta brasileiras com o fato de que, tanto o ENEM como o sistema de cotas raciais, permitiram que os “pobres” ingressassem na universidade foi um dos motores para a consolidação e aceite das ideias fascistas se instalem de modo geral na mentalidade brasileira e produzirem a ascensão do bolsonarismo, como uma forma de neofascismo. Já a segunda frase, “As pessoas destroem o meio ambiente porque precisam comer. Você não tem um meio ambiente limpo porque as soluções não são simples. São complexas”, mostra um aspecto interessante do tipo de propaganda ou modo de transmitir ideias publicamente, utilizados pelo neofascistas

bolsonaristas. Ela utiliza a famosa técnica do “salame”, descrita por Adorno, no texto, *Aspectos do novo radicalismo de direita* (2020), na qual você toma uma discussão ou tema, recorta um pedaço e o modifica, principalmente enxertando nele pedaços que não faziam parte dele ou que você pretende transmitir e o utiliza como propaganda ou afirmação. No caso, substitui-se os sujeitos da frase e se produz justificativas outras que as testadas e aprovadas. Diga-se de passagem, o mesmo método foi utilizado para combater o inexistente “Kit Gay” e promover o “Kit anti-COVID”, duas peças falsas, uma com apelo a uma pauta moral e sexista de costumes, outra para contornar a inação diante da pandemia e outros aspectos ainda obscuros.

Muitos de nós se perguntam como foi que a sociedade brasileira, considerada como cordial, alegre e sem conflitos, chegou ao ponto de ver aflorar de forma massiva manifestações fascistas nos últimos tempos?

Talvez a resposta esteja dentro de cada um de nós, à sua vez. O ideário fascista, entendido a partir da nebulosa formada por ideias, como o mostrado, pode estar presente e inconsciente em qualquer um de nós, provavelmente pela nossa formação subjetiva em uma sociedade tradicionalmente machista, autoritária e escravocrata.

Se tomarmos o que aprendemos com Freud e explorado de forma magistral por Adorno e Eco, na perspectiva de *puzzles* que compõe um ideário na forma de uma nebulosa, talvez possamos ver que em determinados momentos de nossa vida somos tomados por moções inconscientes que nos tomam e nos colocam na possibilidade, uns mais do que outros, de desempenharmos comportamentos fascistas.

Mas sabemos que núcleos de ideias em uma sociedade podem permanecer por longo tempo adormecidas e serem soterradas por uma avalanche de outras ideias que as restrinjam e as sobreponham. Mas como repositório elas ali permanecem no sujeito individual e, em momentos oportunos, em determinadas conjunturas, podem adquirir novamente a força expressiva para se materializar publicamente. Neste momento Marx é um de nossos guias, isto no 18 Brumário,

pois nele Marx nos diz que em momentos de crises, ao invés dos sujeitos dar um passo à frente, e revolucionar as coisas e o mundo, eles tendem a apelar às efígies do passado que os assombram e os oprimem. Esse passado recalcado, de nossos familiares, de nosso grande Outro, como diz Lacan, reside em cada um de nós e, como Sujeitos em uma sociedade fragmentada e multifacetada, somos pressionados por ele.

No caso da emergência e força do pensamento fascista em nosso meio, estimado pelos estudiosos como ao redor de quinze por cento da população, talvez seja importante pensarmos nas condições históricas e subjetivas que constituem o cenário no qual ela se torna possível.

O exemplo inicial que referi da lei de quotas se constitui em um dos direitos relativos à cidadania. Dentre outras coisas, existem dois aspectos fundamentais nele. O primeiro refere-se a uma estratégia de Estado, visando dirimir a diferença social, na abertura de oportunidades para as populações economicamente se socialmente prejudicadas pela desigualdade social e econômica em nosso país. Mas existe um outro aspecto dele, que é o de reconhecer e saldar, ao menos parcialmente uma dívida histórica com a escravidão e com o genocídio das populações indígenas.

Nesse sentido, na linha da perspectiva de um direito à cidadania, gostaria de trazer algumas observações que me foram construídas por um de nós, o cientista social, Rudá Ricci acerca do estatuto da cidadania que foi profundamente afetado pela ação do ideário fascista, a partir das eleições de 2019.

O conceito de cidadania foi fixado pelo cientista americano Thomas Humphrey Marshall (1893-1981), por volta da década de 1940, no qual ele sugere, com base na história da Europa, que o conceito de cidadania incorpora três direitos: o direito civil que vem a partir da Revolução Francesa, o qual define que todos os homens e mulheres são iguais formalmente, e que, portanto, possuem o direito a ir e vir, a expressar as suas ideias e opiniões. Este direito irá gerar o direito político, que é o segundo da série de três, que se constitui no direito de cada um deles de influir no cenário da arena pública e nas políticas

públicas, inclusive por intermédio das eleições. Ou seja, pode escolher um representante ou mesmo ser escolhido como tal. Ora, o direito político, adquirido pelas massas gera a possibilidade da inscrição de políticas sociais que produzem a inclusão social no corpo da política pública. Agora, o terceiro e último direito para o Marshall é o direito social, compreendendo o direito à saúde, à educação etc. Enfim, esta é a estrutura da cidadania desenhada pelo pensador americano.

Entretanto, há toda uma discussão no final do Século XX, que sugere um quarto conjunto de direitos que foram designados como direitos difusos, não descrito por Marshall, que correspondem a direitos não personalizáveis, como por exemplo, o direito ecológico, o direito a natureza, direito à cultura, mas principalmente, o direito a participar da gestão pública, isto independente do voto.

Jaime Pinsky (2003), indica que há uma divisão histórica desse conceito de cidadania, isto entre as concepções gregas, romanas, enquanto estes últimos priorizavam o direito civil e individual, os gregos situavam-se nos direitos coletivos. No caso do Brasil, principalmente José Murilo de Carvalho (2021), historiador notável e controverso, sugere que no Brasil, a história da constituição da cidadania ela é diferente do caso Europeu e Americano. No caso brasileiro, a constituição da cidadania não nasce pelo direito civil, mas sim pelo direito social, ou seja, pelo Estado autoritário do Estado Novo de Vargas. Neste caso, o Estado brasileiro, dirigido por forças corporativas e de direita, inscreve os direitos sociais no campo da sociedade, em garantia ao direito civil. Por outro lado, e em função disso, o direito político estará circunscrito a apenas ao ato de votar, isto porque o Estado e as forças de elite, tão solidamente constituídas, irão criar uma sociedade dual na qual, aquele que elege não possui qualquer poder sobre as decisões do poder público, as quais ficam sob a guarda e ação exclusiva dos cargos eletivos. Dessa forma é que os eleitos são transplantados para um patamar superior no qual lhes é permitido decidir tudo entre eles. Dessa forma, os eleitores são deixados à margem das decisões, restando-lhes somente a influência do voto.

Sob esse aspecto, temos uma interessante relação com o conceito de transformismo, pensado pelo filósofo italiano, Antonio Gramsci. Em seu estudo crítico, *Chiaromonte* (2021) nos apresenta o conceito gramsciano. Segundo ele, “o transformismo é a expressão (muitas vezes, negativa) de um fato que continua a ser político: ou seja, da hegemonia que conseguiram conquistar e exercer, no terreno concreto dos acontecimentos da política *risorgimentale*, e mesmo depois, os grupos “moderados” e até conservadores”. O fenômeno do transformismo mostra que nos processos interativos, muitos sujeitos deslocam-se de posições conservadoras para posições social, cultural, ética e politicamente mais abertas, inovadoras e flexíveis. Mas, quando crises na sociedade emergem, eles progressivamente retornam às posições conservadoras, reacionárias, ou ainda fascistas, que habitavam o centro do núcleo familiar de sua formação juvenil. Aconteceu na Itália, entre o 1890 e o início dos anos 1900 e resultou no fascismo italiano do Duce. Aconteceu no Brasil, entre o final dos anos 1990 e fechou seu ciclo com a crise que se instaurou nos movimentos de jovens “nas ruas”, como descreveu o cientista político, Rudá Ricci, em livro homônimo. O conceito de transformismo de Gramsci atualiza a antecipação das elites dos direitos sociais, quando se percebe que há possibilidade de um real confronto a partir do sentimento de injustiça, que habita na base da sociedade. Em resposta, ele desencadeia um movimento de manutenção da hegemonia dos grupos moderados e/ou conservadores do campo político. Isso explicaria igualmente os movimentos realizados entre o pensamento de elite e a direita conservadora na era Vargas, por exemplo. Já no campo da literatura, temos uma brilhante representação do transformismo no romance, *O leopardo* (1958), de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, na qual, o príncipe Fabrício de Salina ou Don Fabrício diz ao seu colega: “Tudo deve mudar para que tudo fique como está”, ou seja, façamos a revolução, antes que o povo a faça. Nesse sentido é que as movimentações sociais, políticas, culturais e éticas foram desenvolvidas, primeiramente nas ruas, seguindo pela operação lava-jato, seguida do impeachment, a prisão do ex-presidente,

José Inácio Lula da Silva e, finalmente, a campanha que elegeu o representante do fascismo brasileiro, Jair Messias Bolsonaro.

Dados estes aspectos constituintes, talvez possamos pensar que não existe uma cidadania pura no Brasil, mesmo com a inscrição desses direitos colocados no início de nosso texto, especialmente o direito de cidadania colocado na lei de quotas, pois eles não foram o resultado de uma mudança estrutural da política brasileira. Esse é um dos motivos, pelos quais eles puderam tão rapidamente ser desconstruídos, no decurso de três anos de controle governamental e político pela ideologia fascista que assumiu, via o voto, o controle do estado brasileiro. Existe, dessa forma, uma coluna vertebral da política e da elite no Brasil, na qual temos um conceito cultural de casta que, no máximo o Estado acelera a dádiva dos direitos sociais, mas ele não consegue superar a estrutura de tomada de decisão pública que sempre fica à mercê da elite e dos eletivos, os quais se situam no degrau superior da política e da sociedade brasileira.

Ao nos perguntarmos sobre a atual crise da cidadania e da democracia que atravessa o todo da sociedade brasileira na atualidade, face à emergência e recrudescimento da ideologia neofascista, não somente pelo governo eleito em 2019, mas igualmente por uma base social que compactua, de forma *fuzzy* e fragmentária, como vimos, e que progressivamente se descola de sua liderança e se torna autônoma, podemos refletir, a partir da conjunção dos pensamentos de Freud, Adorno e Eco, sobre o panorama psicossocial no qual vivemos e sobre a paisagem pela qual temos de reaprender a nos movimentar, se quisermos nos encaminhar rumo ao reestabelecimento da democracia e da garantia dos direitos civis.

De fato, estamos longe de vivermos em uma sociedade que prima pelo esclarecimento, seja ele o de Kant ou na forma como ele foi repensado por Adorno e Horkheimer (1985). Os cientistas políticos estimam que a base bolsonarista compreende uma base flutuante de cerca de quinze a vinte por cento da população brasileira. Dessa base, se estima que dez por cento dela seja de fascistas convictos, os quais, durante o processo

de redemocratização do Brasil e, em função da Constituição cidadã, teve a sua voz expressiva silenciada, e que agora encontrou o momento fértil para a sua expressão.

Se, entretanto, esta pode ser considerada uma hipótese fraca e provisória, ela permite entender muitos dos eventos espontâneos que vem sendo dramatizados por sujeitos isolados, seja em manifestações fascistas de chamamento ao ódio e à agressão, bem como atos efetivos de agressão ao outro, como, por exemplo, o assassinato do cidadão João Alberto Silveira Freitas, por seguranças do Carrefour, na cidade de Porto Alegre, RS, em 19 de novembro de 2020 (G1: 2020). Se considerarmos que o uso da força agressiva sobre os cidadãos é uma marca da ideologia fascista, ela tem sido liberada nos sujeitos individuais, via a chancela das práticas discursivas dos integrantes do governo atual e pelos setores que compactuam com ideias presentes na nebulosa fascista.

Finamente, caberia nos perguntarmos acerca do papel que pode desempenhar a psicanálise neste contexto. Ora, a psicanálise de Freud e Lacan defendem a democracia e o esclarecimento, mesmo que venham a colocar restrições à esperança de que o obscurantismo possa ser erradicado na alma do sujeito humano. Não somos simplesmente seres racionais. Nós humanos, demasiado humanos (parafrazeando o filósofo Nietzsche), somos a conjunção dialética entre paixão (pulsões) e razão (esclarecimento) e, do lado das paixões, temos tanto as amorosas, como as agressivas e temos de aprender a viver com elas. Haveria, pois, uma pulsão nazista ou fascista? Reich nos diria que essa pergunta teria de ser respondida pelo estudo de uma psicopatologia, na qual o caminho do sujeito humano por uma dessas vias, deveria ser entendido como um supremo adoecimento de sua infeliz alma.

O valor que existe nesta observação poderia nos ajudar na direção de sondarmos aqueles elementos na sociedade, na cultura, na educação etc. que nos conduziria a uma atitude preventiva, mas talvez paliativa e sempre provisória. Entretanto, seguindo aqui uma observação do psicanalista Jacques Lacan (1966), que disse que «por nossa condição de sujeito, somos

sempre responsáveis», entendemos que a psicanálise pode, juntos com as demais ciências do homem, colaborar para a reconstrução responsável da democracia e do estatuto da cidadania que nos aguarda, a partir das próximas eleições. Certamente que se trata da projeção de uma tarefa do porvir, muito na esteira da esperança que nos deixou, saudosos brasileiros que nos antecederam, como Leonel Brizola, Darci Ribeiro e Paulo Freire, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, Theodor W. (2015). **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo. UNESP.

_____. (2020). **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo. UNESP.

Barthes, Roland. (1980). *A Aula*. São Paulo. Cultrix.

CARVALHO, José Murilo de. (2021) **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. São Paulo. Civilização Brasileira.

CHIAROMONTE, Gerardo. (2021). Transformismo – verbete crítico-filosófico. In: Gramsci e Brasil. Acessado em 18 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.acesa.com/gramsci/?id=661&page=visualizar>.

ECO, Umberto. (2020). **O fascismo eterno**. São Paulo. Record.

FREIRE, Paulo. (2019). **Pedagogia do oprimido**. São Paulo. Paz e Terra.

_____. (2020). **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra.

FREUD, Sigmund. (2020). **A psicologia das massas do fascismo**. In: *Cultura, Sociedade, Religião. O mal-estar na cultura e outros ensaios*. Belo Horizonte. Autêntica.

G1. (2020). **Homem negro é espancado até a morte em supermercado do grupo Carrefour em Porto Alegre**. Acessado em 18 de novembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espocado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>.

KANT, Immanuel. (1972). **O que é esclarecimento**. In: *Os pensadores*. São Paulo. Abril Cultural.

MARSHALL, Thomas Humphrey (1981). ***Right to Welfare and Other Essays***. EUA. Heinemann Educational Publishers.

MARX, Karl. (1973). **O 18º Brumário de Luís Bonaparte**. In: Os pensadores. São Paulo. Abril Cultural.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanez. (2003). **História da cidadania**. São Paulo. Editora Contexto.

REICH, Wilhelm; SCHIMDT, Vera. (1975). **Elementos para uma pedagogia anti-autoritária**. Rio de Janeiro. Publicações Escorpião.

REICH, Wilhelm. (1972). **Psicologia das massas do fascismo**. São Paulo. Martins Fontes.

REICH, Wilhelm. (2013). **Crianças do futuro**. Curitiba. Centro Reichiano

RICCI, Rudá; ARLEY, Patrick. (2014). **Nas ruas: a outro política que emergiu em junho de 2013**. Belo Horizonte. Editora Letramento.

RIBEIRO, Darcy. (2015). **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. São Paulo. Editora Global.

Senado Federal. (2021). **Relatório da CPI da Pandemia**. Acessado em 18 de novembro de 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1wyq0Lwe0a6mLRz1a4xKqdpjarlWTDXPj/view>.

SENNETT, Richard. (2012). **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Rio de Janeiro. Edições BestBolso.

.....

**EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br**



O FASCISMO
 NA TE
 NA PORTA
 NÃO ATENDA!
 REVOLUÇÃO
 NA

ISBN 978-65-5754-146-3



9 786557 541463